

Her Soul for Revenge

Harley Laroux

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Her Soul for Revenge

Harley Laroux

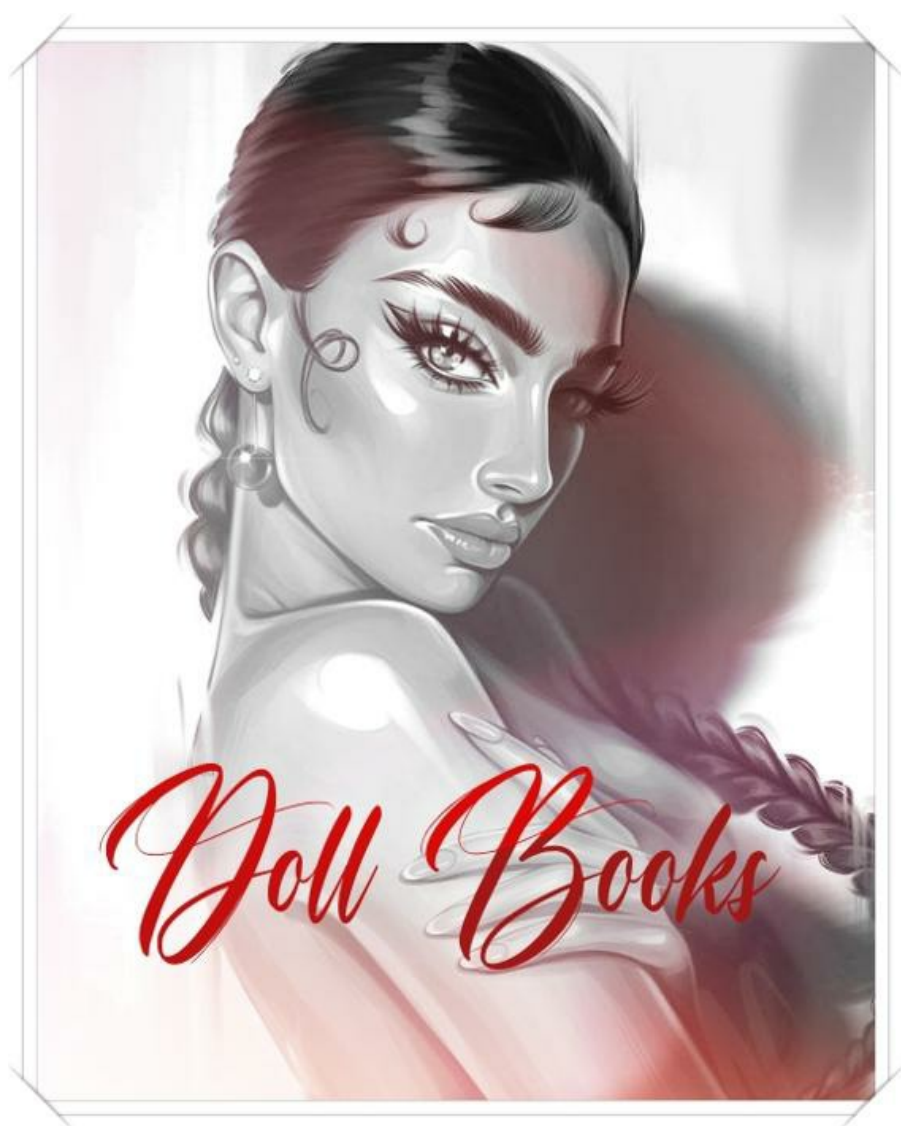
TRILOGIA
ALMAS
LIVRO DOIS

SUA ALMA POR VINGANÇA

HARLEY LAROUX




editora
CABANA VERMELHA



AVISO

A tradução foi efetuada pelo grupo Doll Books Traduções (DB), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição.

objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo DB poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstando-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo DB de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

AVISO DE CONTEÚDO

Alguns conteúdos deste livro podem provocar ou perturbar alguns leitores.

A descrição do leitor é aconselhada.

Este livro contém uso de drogas, perda/morte de familiares, cenas de trauma, ansiedade, TEPT, menções de suicídio e violência doméstica e representações de kink/edgeplay — difíceis.

Este livro não se destina a menores de idade legal. As atividades descritas neste livro são perigosas e não pretendem representar expectativas realistas de sexo, BDSM ou atividades relacionadas a fetiche.

As dobras/fetiches dentro deste livro:

Jogo de facas, tiroteio, modificação corporal incluindo piercing e escarificação, linguagem depreciativa/jogo de degradação, flagelação,

sangue, jogo público, voyeurismo, bondage, jogo primal.

Juniper

Depois que um culto tentou me sacrificar ao seu Deus perverso, eu fugi, fazendo o que fosse necessário para sobreviver. Até que um demônio me ofereceu um acordo: dê a ele minha alma e ele me ajudará a reivindicar a vingança que procuro.

Sangue será derramado, e os monstros dos quais eu fugi logo estarão fugindo de mim. Mas condenar minha alma foi apenas o começo - é meu coração que o demônio quer em seguida.

Zane

Eu tenho caçado almas há séculos, mas ela é o prêmio final - cruel e feroz, com uma alma quebrada tão escura quanto a minha. Eu pensei que reivindicá-la seria um jogo simples, mas Juniper está longe de ser simples. Eu escolhi segui-la em um caminho encharcado com o sangue de seus inimigos, mas é o nosso sangue que pode ser derramado em seguida. À medida que um antigo Deus desperta de seu sono, nenhum de nós pode sobreviver.

Her Soul for Revenge é o livro 2 da trilogia Souls. Embora todos os livros estejam interligados, eles são independentes e podem ser lidos em qualquer ordem.

Nota de conteúdo

Este livro contém cenas sexuais, conteúdo de kink/fetiche, elementos de terror, uso de drogas, cenas de trauma, ansiedade e PTSD, e representações de kink/edgeplay "duro". Um CW completo pode ser encontrado no frontmatter do livro.

DEDICATÓRIA

Para todos aqueles que já se sentiram perdidos na escuridão.



1

Vovô costumava me dizer para nunca responder se eu ouvisse meu nome ser chamado da floresta. Não importava se soava como minha mãe chamando, ou meu irmão, ou mesmo meu melhor amigo. Ele enfiou isso na minha cabeça desde que eu era uma garotinha, mal crescida o suficiente para andar pelo quintal, muito menos pela floresta.

— Se a floresta chamar seu nome, não responda. Corra.

Ele nunca explicou o porquê. Ele não precisava. A regra ficou comigo na minha adolescência. Toda vez que eu andava de bicicleta pela estrada sinuosa, as árvores zunindo dos dois lados, eu ouvia os galhos estalando e as agulhas dos pinheiros farfalhando. Às vezes, eu imaginava que meu nome foi chamado e eu andava mais rápido, meu coração acelerado até chegar à escola e estar em segurança atrás da cerca de ferro que cercava o campus.

Papai alegou que era tudo besteira. — Não há nada nesta floresta que você não possa matar, — disse ele. — Não se esqueça disso, Juniper. Você apenas mantém seu juízo sobre você. Não vá vagando depois de escurecer.

Não importa quem você fosse, se você morasse em Abelaum, você tinha uma forte crença sobre a floresta. Sobre quando você deve sair, quando deve caminhar, quando deve

trancar as portas. Todo mundo diria de forma um pouco diferente, mas a crença geral era a mesma: a floresta não era segura.

A ameaça, qualquer que fosse, nunca foi colocada em palavras. Havia

uma sensação geral de desconforto em relação aos pinheiros; o tipo de coisa que fazia as pessoas evitarem certas trilhas e certas estradas. As pessoas mais velhas faziam pequenos encantos com galhos, barbantes e espinhas de peixe e os penduravam do lado de fora de casa ou nas bordas do quintal. O vovô os mantinha nos postes da cerca, ao redor do campo onde seus cavalos pastavam, bem na beira das árvores.

Mas chegou um ano em que uma das éguas desapareceu.

Ele as manteve no estábulo à noite depois disso.

Aos quinze anos, percebi que as histórias supersticiosas só

serviam

para

assustar

crianças

pequenas.

Do

estacionamento de trailers onde morávamos, era um passeio de bicicleta de seis quilômetros até a escola, se eu pegasse a estrada. Mas era apenas uma milha e meia se eu cortasse a floresta. Comecei a pegar o atalho quando tinha quatorze anos, coorendo o mais rápido que podia por entre as árvores.

Eu não tinha medo da floresta. Mas algo parecia errado em ficar muito tempo sob as árvores, como se quanto mais tempo eu ficasse na presença deles, mais irritados eles ficariam por me ter lá. Passei rapidamente e não me demorei. Não adianta abusar da minha sorte.

Mesmo com o atalho para a escola, eu geralmente chegava atrasada, especialmente quando mamãe estava brigando com o namorado a noite toda, e eu não conseguia abafar a gritaria o

suficiente para dormir.

Meu café da manhã foi uma bebida energética que peguei na parte de trás da geladeira, que bebi do lado de fora da sala de aula enquanto esperava o sinal tocar para o almoço. Eu tinha perdido os três primeiros períodos completamente, e eu não estava prestes a entrar na aula do Sr. Thorne no meio e ser repreendida com mais uma palestra

sobre atrasos.

O sinal tocou, e eu me enfiar na alcova perto das fontes de água enquanto a multidão de estudantes inundava as passarelas. Finalmente, avistei o rabo de cavalo castanho alto de Victoria balançando para longe e corri pela multidão para alcançá-la.

— Garota, você está atrasada de novo? — Os olhos de Victoria se arregalaram quando ela olhou para mim. — Eu juro, o Sr. Thorne vai acabar ligando para sua mãe de novo.

Dei de ombros. — Como se ela pegasse o telefone. Acho que a linha dela foi desconectada. — Eu cutuquei seu braço ansiosamente. — Entendeeee? Você entendeu?

— Shhh. — Ela rapidamente olhou ao redor, então enfiou a mão em sua bolsa enquanto caminhávamos para a área de almoço. Mantendo as mãos abaixadas, ela ergueu um saco plástico ziplock alto o suficiente para eu ver um pequeno quadrado de papel alumínio dobrado dentro.

Eu sorri, e ela sorriu largamente enquanto cantava: —

Quase hora de uma pequena viagem com Lucy!

Os bancos espalhados pelo gramado estavam quase totalmente ocupados. O sol estava brilhando, algumas nuvens brancas e inchadas vagando preguiçosamente pelo céu azul,

clima excepcionalmente agradável para outubro. Abrimos caminho entre as mesas enquanto Victoria discutia consigo mesma sobre se deveríamos ou não sair do campus para tomar um café gelado. Mas outra conversa chamou minha atenção em vez de seu dilema da cafeína.

— Há toda uma rede de túneis de minas aqui, cara. Pelo que sabemos, eles estão bem debaixo dos nossos pés. Ninguém sabe o quão fundo eles vão. — Risos nervosos se seguiram, e eu vi o irmão gêmeo de Victoria, Jeremiah, prendendo a atenção dos dois novos alunos transferidos. — Mas foi aí que tudo deu errado – eles perfuraram a antiga mina de prata muito fundo. Eles atingiram um sistema de rio subterrâneo e toda a mina inundou. Os desmoronamentos prenderam a maioria dos trabalhadores lá dentro.

— Puta merda, — uma das meninas murmurou. Ela tinha um pedaço de comida pausado a meio caminho de sua boca, muito distraída com

a história de Jeremiah para continuar comendo. Típico Jeremias; como se ele já não tivesse recebido bastante atenção no time de futebol, ele também tinha que assustar as novas garotas com lendas locais.

— Então eles ainda estão lá embaixo? — a outra garota disse. — Tipo, eles não os tiraram?

— Apenas três saíram vivos, — disse Jeremiah sombriamente. — Eles sobreviveram por duas semanas comendo os cadáveres de seus amigos.

— Ewww! — as duas garotas gritaram, e eu me preparei para dar um bom susto em Jeremiah quando cheguei atrás dele. Ele se inclinou para frente, baixando a voz para causar

efeito, e Victoria olhou para mim e revirou os olhos.

— Mas os mineiros atribuíram sua sobrevivência a *outra coisa*, — ele murmurou, e seu público ficou parado com ansiedade nervosa. — A lenda diz que enquanto a mina estava sendo escavada, algo muito antigo e poderoso acordou. Alguns dizem que é um monstro. Mas os mineiros disseram que era um Deus, um Deus que lhes concedeu misericórdia, em troca de...

— Você não pararia com as histórias assustadoras da fogueira? — Agarrei os ombros de Jeremiah, quase o fazendo derramar seu refrigerante e recebendo alguns olhares infelizes de sua platéia. Victoria sentou-se no banco oposto, deu às duas garotas um de seus sorrisos característicos, e as duas rapidamente saíram correndo.

Ninguém fodia com Victoria - ou com Jeremiah, para esse assunto. Seu pai, Kent Hadleigh, era um grande doador que tinha uma ala inteira da escola dedicada a ele por sua generosidade, então Victoria e Jeremiah podiam fazer o que bem entendessem.

Eu não sabia por que eles queriam ser meus amigos, especialmente porque fazer amigos não era meu forte. A maioria das pessoas me considerava uma vadia, ou porque me irritaram em algum momento, ou falaram com alguém que me irritava. Ser conhecida como uma vadia e ter uma reputação de festeira eram realmente as duas únicas coisas que eu e Victoria tínhamos em comum.

Mas ela sempre tinha um caso com um traficante, independentemente do que eu estivesse tentando conseguir, e

sua família era muito generosa com o dinheiro. A mãe dela tinha me levado para comprar roupas novas no ano passado, quando percebeu que eu ainda estava usando sapatos furados.

— Droga, você realmente tinha que ser tão empata foda?

— Jeremiah gemeu pesadamente. — Eu ia pegar os números delas!

— Oh não, Jeremiah pode perder alguma boceta, — disse Victoria, sua voz pingando com tristeza fingida enquanto ela pegava o espelho e reaplicava o brilho labial. — Que tragédia.

— Ela fez uma pausa, seus olhos focando além de mim, por cima do meu ombro. — Ah, Deus. Estranho às doze horas.

— Ei pessoal.

Eu mudei. Everly Hadleigh estava atrás de mim, seus longos cabelos loiros formando uma juba rala ao redor de seu rosto. Ela geralmente passava o tempo com os garotos da arte e estava usando uma bata preta longa e folgada com tinta branca salpicada na saia. Suas mãos estavam cruzadas atrás das costas, e sua voz era tão suave que eu mal podia ouvi-la sobre as outras conversas acontecendo ao nosso redor.

Victoria estalou os lábios, olhando ao redor. — Você *ouviu* alguma coisa, Juniper? Ou está apenas ventando aqui?

Eu ri, mas não me senti bem com isso. Não tive problemas com Everly. Ela era estranha como o inferno, e muito suave para ser minha amiga, mas Victoria a *odiava*. Eu sabia por quê, é claro. Todos sabiam por quê.

— Posso pegar emprestado algum dinheiro? — Everly disse, sua voz suavizando ainda mais. — Meredith esqueceu de me dar o dinheiro do almoço esta manhã.

— Mamãe tem muito em seu prato, sabe? — Victoria disse, remexendo em sua bolsa. — Seu foco tende a ser em seus filhos, afinal.

Eu estremeci. A Sra. Hadleigh – Meredith – não era a mãe de Everly. Quando alguém tão ilustre como Kent tinha um caso com sua própria secretária, os rumores se espalhavam.

Quando uma criança resultou desse caso, só piorou. As pessoas diziam que a mãe de Everly não era estável, e era por isso que Everly morava com Kent e Meredith.

Mas sua mãe ainda trabalhava na Sociedade Histórica com Kent. Nunca fez sentido para mim, mas eu não era de julgar as situações familiares estranhas de ninguém. Não era como se a minha fosse melhor.

— Por favor? — Everly puxou o cabelo sobre o ombro, os dedos puxando o vestido. — Vou pegar algo na máquina de venda automática.

— Ugh, tudo *bem*, — Victoria gemeu, puxando uma nota de cinco dólares de sua carteira. Ela o estendeu, mas quando Everly estava prestes a pegá-la, ela pegou de volta. Everly suspirou, seus ombros caindo.

— Vou fazer sua lição de matemática, — disse ela. — Por uma semana.

Victoria sorriu, colocando a mão sobre o coração antes de finalmente entregar o dinheiro. — Ah, Ev, que gentileza sua oferecer! — Seu sorriso desapareceu no momento em que Everly se virou. — A propósito, Jerry, vou usar o carro mais tarde.

Jeremiah olhou para ela enquanto eu tirava batatas fritas de seu prato. — Uh, não, eu e Brendon vamos ao Hyper Bowl.

— Então Brendon pode buscá-lo. — Vitória deu de ombros.

— De jeito nenhum, você usou o carro da última vez! Peça para a mamãe te dar uma carona!

— Jerry, estou usando o carro e vou usá-lo com seu corpo no portamalas ou sem.

Apesar de uma discussão que durou o resto da hora do almoço, pegamos o carro naquela tarde sem precisar matar Jeremiah no processo.

— Onde você disse a sua mãe que estava indo? — Victoria disse, abaixando a música apenas o suficiente para falar. Eu a deixei escolher o lugar onde iríamos tomar ácido esta noite, e ela estava nos levando para o norte ao longo da baía, onde as árvores eram densas e as casas eram poucas e distantes entre si. Achei que ficar em um hotel ou na casa de um amigo teria sido melhor para nossa primeira viagem, mas ela insistiu que estar ao ar livre seria mais “mágico”.

— Minha mãe vai ficar de ressaca pelo menos até amanhã,
— eu disse. — Ela não notaria se eu saísse por uma semana.
— Por sorte. — Victoria fez beicinho. — Minha mãe microgerencia *tudo*. Eu disse a ela que passaríamos a noite na casa de Kim.

Victoria puxou o BMW X5 do asfalto, dirigindo por uma estrada de terra estreita e esburacada. O chão estava verde-claro com musgo, com samambaias agrupadas em torno de troncos caídos e raízes maciças. Ela estacionou, abaixou as

janelas e abriu o teto solar, desligando o motor. Os sons da floresta eram tudo o que restava: o vento nas árvores, os pássaros cantando, o gemido dos galhos acima.

— Aqui, — ela disse. — Isto é perfeito.

Eu não tinha certeza de quando o ácido fez efeito. Entre o momento em que coloquei a aba na minha língua e o momento em que as cores ao meu redor começaram a deslizar em um amálgama bizarro, o tempo havia perdido seu significado. —

You Are a Memory — de Message to Bears estava tocando no meu telefone, e eu jurava que a música tinha durado para sempre. Por horas e horas.

Saímos do carro e, ao esticar os braços para o céu, tive certeza de que poderia tocar as nuvens. Eu podia sentir cada pequeno estalo da casca seca sob meus dedos enquanto subia em uma árvore caída. O ar estava tão fresco – fresco, como refrigerante excessivamente carbonatado – e a sensação me fez rir. Então eu continuei rindo, porque eu não conseguia parar, e tudo que eu olhava só tornava mais engraçado.

— Você está sentindo isso? — Victoria soava como uma fita de gravação tocando muito devagar, e isso me fez rir mais.

Eu balancei a cabeça e ri, ri e acenei com a cabeça, e ela começou a rir também.

O tempo não parava de mudar. Eu podia medi-lo em passos, em respirações. Podia medi-lo naquelas ondas bizarras que subiam no meu peito, apertadas como uma faixa, mas me enchendo como ar sob as asas de um pássaro. O ácido poderia vir em ondas, mas essas ondas eram minutos? Horas?

Eternidades?

O sol estava baixo e eu estava deitada na grama, observando o caleidoscópio de árvores no céu contra o céu rosa pálido. Tudo estava ondulando, escorrendo e mudando.

O rosto de Victoria apareceu acima de mim. Ela parecia estranha, mas *tudo* parecia muito estranho.

— Juniper, devemos dar um passeio.

Eu balancei minha cabeça. Eu esperava que ela pudesse ver também: as cores, o redemoinho, como tudo estava *respirando*. Ela estendeu a mão, e eu tive um pensamento engraçado de que sua mão e sua cabeça não estavam conectadas.

— Vamos andar. Vamos. Eu quero te mostrar algo.

Eu queria ficar ali na grama até que ela crescesse sobre mim, até que eu me tornasse como o pinheiro caído coberto de líquens e pequenas manchas de musgo. Mas Victoria estava me puxando para cima, então eu peguei sua mão e caminhei com ela, mais fundo na floresta.

O sol havia se posto. A luz estava cinzenta e as nuvens enchiam o céu. Olhei para o meu relógio, pela primeira vez em muito tempo, mas os números não faziam sentido. Eram apenas marcas digitais em uma tela, nebulosas e estranhamente tridimensionais, como se eu pudesse acariciar meus dedos ao longo das bordas delas. Baixei o pulso apressadamente e, no momento em que o fiz, vi para onde Victoria estava me levando.

— Nós não deveríamos estar aqui, — eu disse enquanto as velhas torres da catedral de St. Thaddeus assomavam à frente, elevando-se entre as árvores. Sóbria, eu nunca teria medo

deste lugar. As lendas que o cercavam eram apenas isso: velhas histórias inventadas. A pintura havia desbotado de seu exterior há muito tempo, deixando a madeira escura e manchada com a umidade. Líquens e fungos cresceram das velhas tábuas. Sob as três torres que adornavam sua frente, um enorme vitral mostrava uma mulher parada à beira-mar, com a mão estendida, segurando uma adaga.

Este lugar tinha uma história, como tudo em Abelaum.

Era perto de White Pine, o poço profundo da mina onde os socorristas foram capazes de trazer os únicos sobreviventes do desmoronamento

da mina de volta à luz do dia. Foi dito que os três mineiros resgatados pararam aqui e dedicaram a catedral ao Deus que eles alegaram ter poupado suas vidas nas entranhas profundas, escuras e inundadas.

O Profundo, eles o chamavam. De vez em quando, você ainda ouvia os velhos murmurarem sobre isso. Mas para a nossa geração, era apenas uma história assustadora. Como o Pé Grande, ou o Demônio de Jersey.

História e mito entrelaçados nesta cidade, totalmente inseparáveis um do outro.

A velha igreja deveria estar morta, como ossos esbranquiçados, mas o ar ao redor dela ondulava como o calor do teto de um carro no verão. Parei abruptamente, puxando a mão de Victoria, e ela me encarou com os olhos arregalados.

— Por que não? — ela disse. — Você já esteve lá antes, Juni, nós duas estivemos. — Ela deu de ombros. — É a mesma velha igreja.

— Não... não agora, — eu disse, e tentei puxar minha mão

de seu aperto, mas ou eu estava mais fraca do que pensava ou ela estava segurando com força. — Não quando estamos viajando. Vamos voltar. Eu quero voltar para as árvores.

Vitória balançou a cabeça. — Apenas um pouco. Por favor? Eu só quero passar por isso.

Algo parecia tão inexplicavelmente *errado*. Eu podia sentir o cheiro de fumaça, como uma fogueira. À medida que a escuridão ao nosso redor se aprofundava e nos aproximávamos da catedral, pude ver um brilho dentro da janela encardida. Os grilos deveriam estar cantando, mas a floresta estava tão silenciosa.

Mas Victoria era minha melhor amiga.

As portas da frente da catedral não estavam trancadas com correntes como de costume. Quando Victoria e eu estivemos lá antes, para beber ou fumar ou fazer o que nossos pequenos corações rebeldes desejassem, tivemos que entrar pela porta dos fundos. Mas a corrente se foi, e logo antes de Victoria abrir as portas, eu sabia que não estávamos sozinhas.

Alguém estava lá dentro. Alguém estava esperando.

Pela primeira vez na minha vida, atrás de mim, da floresta, ouvi um

sussurro.

Ouvi a floresta chamar meu nome.

Eu gostaria de poder esquecer as coisas de que me lembro.

Eu gostaria que os pesadelos parassem.

Eu gostaria de poder apagar aquela noite.

Naquela noite, quando algo chamou meu nome, descobri
por que deveria ter corrido.

O telhado da igreja havia desmoronado anos atrás, formando um buraco que jorrava o luar sobre a pilha de escombros abaixo. Mas os bancos ainda estavam em seus lugares, em fileiras bem arrumadas, esperando que os fiéis os enchessem.

Quando Victoria abriu as portas, percebi que os bancos estavam cheios.

Duas dúzias de pares de olhos se voltaram para nos ver entrar. Duas dúzias de rostos familiares se levantaram enquanto entrávamos. Olhei para eles em total confusão, com os olhos arregalados, convencida de que o ácido estava me fazendo ver as coisas erradas. Eles estavam todos vestindo túnicas brancas, e enquanto eu passava, fileira por fileira, eles colocaram máscaras em forma de caveiras de veado sobre suas cabeças.

O Sr. Thorne estava lá, assim como minha professora de história, a Sra. Malcolm. Mike, que trabalhava no posto de gasolina. Aquela velhinha esquisita, a Sra. Kathy, que morava perto da universidade. Uma enorme fogueira havia sido construída no centro da igreja, e Victoria me guiou ao redor dela. Eu senti como se estivesse presa em um passeio bizarro de parque de diversões, observando as esquisitices ao meu redor com um fascínio desapegado.

Até que contornamos a fogueira e ficamos na frente do púlpito.

Kent Hadleigh estava diante de nós, vestido de branco,

mãos cruzadas na frente dele. Meredith ficou de lado, e Jeremiah ao lado dela. A mulher que estava ao lado de Kent era familiar, mas eu não conseguia lembrar o nome dela.

Até que, nas sombras atrás do púlpito, avistei Everly.

A mulher ao lado de Kent não era outra senão Heidi Laverne — a recepcionista de Kent, sua amante, a mãe de Everly.

Eu fiz uma careta. Victoria soltou minha mão e foi ficar ao lado de sua mãe e Jeremiah. Ela sorriu para mim, mas o ácido em meu cérebro distorceu sua expressão em algo sinistro. Eu podia medir o tempo agora em batidas de coração. *Bate, bate.*

Cada pulsação no meu peito doía. Cada batida tentava empurrar adrenalina em meus membros. Metade do meu cérebro estava convencido de que tudo isso era uma alucinação. Isso não era real. Esta foi apenas mais uma onda.

Mas a outra metade do meu cérebro tinha certeza de que algo estava muito, *muito* errado.

Eu tive que sair. Eu tinha que sair *agora*.

Mas me virei para descobrir que as portas da igreja haviam sido fechadas e os congregados, com suas máscaras e mantos brancos, haviam se aproximado. Enfrentei uma barreira de figuras mascaradas, as órbitas escuras de seus olhos me encarando friamente.

Do lado de fora, as nuvens se acumulando soltaram o primeiro estrondo do trovão.

— Nós estávamos esperando por você, Juniper, — Kent disse. Eu me virei para ele, lentamente. Victoria havia recebido uma túnica branca na qual ela estava deslizando os braços. Eu

balancei minha cabeça enquanto seu rosto desaparecia atrás de uma máscara como as outras.

Que porra foi essa? O que diabos estava acontecendo? Eu estava alucinando tudo isso?

Comecei a recuar rapidamente, tropeçando em detritos no chão. Mas não fui muito longe. Kent acenou com a cabeça e, de repente, meus dois braços foram agarrados, agarrados com força por figuras mascaradas que me forçaram a voltar para o púlpito. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas eu odiava estranhos me tocando. Eu me debati contra eles, puxando para trás, cavando em meus calcanhares. Por que todos estavam apenas olhando?

— Solte! — Eu empurrei contra eles, suas máscaras parecendo muito reais por trás do véu de psicodélicos. Era como se eles nem me ouvissem. Eles me forçaram a levantar antes de Kent, e me colocaram de joelhos.

No momento em que meus joelhos bateram nas tábuas de madeira sujas, foi como se a realidade me desse um tapa na cara. Isso era real. Puta merda, isso era tudo *real*.

— Não se preocupe, minha querida. Tudo está acontecendo como deveria ser. — A voz de Kent estava calma, quase reconfortante. Ele sorriu para mim e tocou levemente minha bochecha com seus dedos frios. Eu me afastei, puxando os braços que ainda me seguravam no lugar.

— Que porra é essa? — Eu gritei, minha voz tremendo. —

Me deixar ir. Diga-lhes para me deixarem ir.

Kent balançou a cabeça, como se eu fosse uma criança fazendo um pedido ridiculamente irracional. — Deus chamou

você, minha querida. Ele esperou por você por muito tempo.

Eu ri, mas não era engraçado. Nada disso era engraçado.

Meu coração parecia um punho batendo contra o interior das minhas costelas, tentando escapar de sua prisão de ossos. —

Pare, — eu disse. — Pare com isso. Isso não é engraçado. Isso não é *engraçado*.

Kent se virou, levantou uma máscara do púlpito atrás dele e a colocou sobre sua cabeça. Ele se tornou outro crânio de olhos vazios, e a mulher de preto olhou para mim, examinando-me cuidadosamente.

— Qual é o seu nome? — ela disse.

— Juníper Kynes! — Eu lutei, ofegante. — E eu conheço você! Você é Heidi Laverne! Eu conheço todos vocês! — Eu gritei com eles, esperando que isso os chocasse. Eu não sabia o que eles estavam fazendo, mas eu sabia seus nomes, seus rostos. Eu poderia contar a alguém. Eu poderia chamá-los de culpados.

Mas culpados de quê?

Heidi assentiu lentamente. — Ela é a que Ele procura.

Chama o nome dela.

— Chama o nome dela. — A congregação inteira murmurou em uníssono atrás de mim.

Minha mente estava em espiral. Havia padrões bizarros nas paredes, geometria infinita em loop nas tábuas do piso, nos poros e sardas no rosto de Heidi. Ela deu um passo para trás, e de dentro das dobras de seu vestido preto, ela puxou uma faca e entregou a Kent.

Era como se uma parte do meu cérebro estivesse

desligada. Uma parte de mim, a parte que ainda tinha lógica, viu o que estava por vir e apertou um botão, me desligando.

Ele desligou a parte que queria gritar.

Ele desligou minha luta frenética, para que eu não desperdiçasse minha energia.

Fiquei imóvel e em silêncio, e apenas lágrimas quentes escorriam pelo meu rosto.

— Irmãos e irmãs! — A voz de Kent ressoou pelo espaço, ecoando entre as vigas. — Por muito tempo Deus nos abençoou com Sua misericórdia e paciência, por muito tempo Ele esperou esta noite! Esta noite, começamos a cumprir o juramento de nossos ancestrais. Esta noite começa uma nova era na terra.

Esta noite, o primeiro sacrifício vai para o Deep One.

— Amém, — a congregação disse em uníssono, e um profundo estremecimento de repulsa foi direto ao meu núcleo.

Eu só podia olhar para a faca, sua lâmina pegando a luz do fogo enquanto Kent a girava lentamente em suas mãos e se ajoelhava diante de mim.

— Sr. Hadleigh. — Minha voz era um sussurro trêmulo. —

Por favor.

— Você conhece a história, Juniper? — ele disse, sua voz tão leve e feliz como se estivesse falando com uma criancinha.

— Há muito tempo, três homens foram resgatados da trágica inundação das minas. Somente três. Os únicos sobreviventes entre

dezenas.

— Já ouvi a história. — Eu estava chorando, olhando para a lâmina. Saber que algo terrível ia acontecer, e eu não podia fazer nada para detê-lo, deixou meus membros dormentes de

pavor. — Meu avô costumava me contar, porque o bisavô dele estava lá embaixo...

— E seu bisavô *sobreviveu*, — disse Kent. Com um movimento suave, ele cortou minha camiseta.

A humilhação correu através de mim, insuportavelmente quente na minha pele, mas doentiamente fria no meu estômago. Eu me contorci contra as mãos que me seguravam enquanto elas puxavam a camisa arruinada de mim, implorando baixinho: — Por favor, por favor, não, por favor...

— Seu ancestral foi poupado. A misericórdia de Deus deve ser paga, — Kent disse com uma voz firme.

E então ele começou a cortar minha pele.

Minha mente ficou preta. Apenas a voz de Kent Hadleigh permeou o vazio em que eu caí.

— Sua alma foi prometida ao Profundo, minha querida.

Seis gerações se passaram, e o juramento deve ser cumprido.

Três vidas poupadas, três almas dadas.

A congregação ecoou: — Três vidas poupadas, três almas dadas.

Eu estava gritando, minha voz rouca, — Não, *não*, é apenas uma história, é tudo apenas uma história, não é real!

Não é real! Não há Deus nas minas. Não é real!

Por que eles estavam fazendo isso? Por quê? Os adultos não deveriam acreditar nas histórias; disseram-lhes para assustar as criancinhas. Adolescentes contavam suas próprias variações assustadoras enquanto bebiam cerveja barata em lugares escuros. Não era real.

Os cortes queimaram, queimando minha pele como se a

faca estivesse em brasa. Meu próprio sangue estava espalhado pelo

meu peito, e a visão me deixou tão tonta que eu caí cada vez mais fundo naquele vazio escuro protetor.

A próxima coisa que eu estava *realmente* ciente era ser carregada pela chuva. Estava muito frio na minha pele, lavando riachos de sangue dos cortes no meu peito. O que eles fizeram comigo? O que diabos eles tinham *feito*?

Eles iriam me matar?

Fui jogada na lama. Tentei rastejar, tentei me mover, mas talvez eles tivessem me drogado de novo porque meus músculos não se mexiam. Minhas mãos estavam presas, cerradas como garras, apertadas e doloridas. Houve um som como madeira estilhaçada em meio à chuva torrencial. Os mantos brancos me cercavam, e eu estendi a mão para eles, agarrando meus dedos enlameados no pano, esperando, *implorando* por ajuda.

Não houve ajuda. Eu tinha quinze anos, e eles me observavam em silêncio. Dezenas deles.

Ninguém me ajudaria.

Ninguém se importou.

— Vitória! — Gritei o nome dela para as massas sem rosto.

— Victoria, me ajude!

Mas ela não ajudou. Ela não se importou. Ela me trouxe aqui.

— Envie-a para Deus.

Arrastado pela lama, a estrutura de madeira de uma mina aberta e escura surgiu à minha frente. Eu agarrei suas mãos; Lutei contra eles com toda a força que me restava.



Não havia nada que eu pudesse fazer.

Eles me empurraram para o escuro.

2

Três anos depois

Existem lugares na Terra que são amaldiçoados até suas raízes. Lugares que guardam dor, que provaram sangue e não se cansam. Lugares onde a escuridão cresce, e mesmo à luz do dia, eles ficam sob uma sombra.

Esses lugares parecem muito com o lar, e acho que é por isso que os demônios são atraídos por eles. Para não dizer que o inferno é um lugar miserável e desagradável. Ao contrário, o Inferno é infinitamente fascinante, mesmo para um imortal. É

vasto, muito mais vasto do que a Terra. Ele contém escuridão, dor e, em alguns lugares, miséria e agonia além das palavras.

Mas o Inferno é habitado por aqueles que existem há séculos, há milênios. Ele viu guerras, revoltas, o crescimento e a destruição de cidades, de culturas. Está cheio de magia e memórias.

Abelaum, como o Inferno, foi construído sobre uma base de magia e memórias. Foi bonito; atraía mentes curiosas e as enredava, como uma aranha tecendo sua teia. Alguns humanos ficaram lá para sempre; outros saíram rapidamente.

Mas Abelaum tinha algo que nem mesmo o Inferno tinha: Abelaum

tinha um Deus.

Deuses e demônios nunca se deram bem. Nós tomamos o inferno de volta deles, e eles acabaram na Terra, fracos e adormecidos. Mas sempre, inevitavelmente, pequenos humanos curiosos levavam as coisas longe demais. Mãos humanas curiosas cavaram e mentes humanas curiosas despertaram algo.

Humanos e Deuses eram uma combinação ruim. Dê conhecimento à um humano, e ele pensa que é sábio. Dê uma magia humana, e ele pensa que é forte. Dê uma religião humana, e ele pensará que está certo.

Os demônios estavam melhor evitando os deuses, apesar da intriga que uma cidade como Abelaum mantinha. No entanto, lá estava eu em Abelaum, de volta depois de vários anos fora. Eu sempre voltava, e continuaria voltando, enquanto Leon estivesse lá.

Nós, demônios, não levamos nossos laços de ânimo leve.

Quando um dos nossos foi convocado e mantido em cativeiro por algum miserável mago humano, não o abandonamos simplesmente. Leon e eu juramos nossos laços um com o outro séculos atrás, e esse vínculo nunca se rompeu. Nunca seria.

Podemos não ter sido amantes como antes, mas relacionamentos que duraram centenas de anos tiveram que fluir e refluir como as marés.

— Isso dói pra caralho, — Leon sussurrou, mostrando seus dentes afiados enquanto eu limpava as queimaduras em seus ombros. Eu não sabia por que seu invocador o puniu

dessa vez. Leon era volátil, e eu não podia culpá-lo por isso. Ele sempre teve azar, e ser convocado e mantido em cativeiro por aquela família miserável - os Hadleighs - foi apenas o mais recente em sua série de circunstâncias terríveis.

— Você não precisa limpá-lo, — ele resmungou. — Não importa.

— Importa. — Eu empurrei sua cabeça de volta para baixo quando ele tentou levantá-la para se levantar. Até seu cabelo loiro estava queimado. Seu invocador empunhava a brutalidade como uma arma, usando a dor para forçar a obediência. — Eu sei que você vai se curar, Leon, mas você não pode fingir que este corpo físico não precisa ser cuidado. Você vai se curar mais rápido se estiver limpo.

— Fodido Kent, — ele murmurou. — Eu juro que vou matá-lo. Eu juro.

Kent Hadleigh — um homem a quem Deus deu conhecimento, magia e religião. Uma tríplice perigosa, levando a um homem que se julgava intocável.

— O que foi dessa vez? — Joguei fora o trapo ensanguentado. Voltei a Abelaum com tanta frequência que consegui uma casa aqui, e foi útil mesmo fora de dar a Leon um lugar para se recuperar. Os humanos eram muito mais propensos a confiar em você se você tivesse uma casa, um carro, a ilusão de dinheiro e grandeza. Como caçador de almas, ganhar a confiança dos humanos fazia parte do meu trabalho.

— A menina, — disse Leon. — Eles a soltaram hoje. Três anos depois, e Kent ainda está furioso por ela ter escapado.

Disse-me para encontrá-la... foda-se. Foda-se suas ordens. Ela

pode correr por tudo que eu me importo. Ele pode quebrar todos os ossos do meu corpo, mas isso não vai trazê-la de volta.

— Ele riu amargamente.

A garota. Eu conhecia a história, apenas porque Leon havia me contado: como Kent fez sua filha atrair a garota para a floresta, como ele e seus seguidores se reuniram na velha igreja, como eles cortaram a garota antes de jogarem ela para dentro da mina.

Seu primeiro sacrifício ao seu Deus perverso.

Mas a garota escapou e correu, e nem mesmo Leon conseguiu pegá-la.

Como diabos uma garota mortal de quinze anos conseguiu escapar de Leon, eu provavelmente nunca saberia. Como ela suportou sua fuga pela floresta – sangrando, perdida e drogada

– não fazia sentido.

— Por que eles a trancaram? — Eu disse. — A última vez que ouvi, a polícia estava em todo o caso dela.

— Ela tentou matar Victoria Hadleigh. — Leon recostou a cabeça no sofá, fechando os olhos dourados. — Kent tem a polícia sob seu controle. Malditos humanos. Tão fácil de corromper. — Ele suspirou. — Eles trancaram a menina em algum hospital, a chamaram de

delirante. Eu não acho que ela estava muito chateada com isso. Mantive-a segura nos últimos três anos. Mas agora... ela está sozinha. — Sua voz estava ficando mais suave, mais fraca enquanto o sono tomava conta.

Demônios não dormiam com frequência, mas quando dormimos, era porque era desesperadamente necessário. — O

Deus tem o cheiro dela. Vai continuar caçando ela. Ela está em um inferno de um passeio selvagem lá fora. — Ele bocejou. —

Vou descansar meus olhos. Só por um minuto. Só um minuto...

Ele estava frio.

De lugares amaldiçoados vêm humanos amaldiçoados.

Fiquei fascinado com eles: humanos que foram quebrados e sobreviveram; humanos que acabaram de dar *errado*. Eu gostava de caçar esquisitices, almas com uma história pesada e cicatrizes mais pesadas. Eles lutaram mais duro, e isso tornava ainda mais doce quando eles finalmente se tornaram meus.

Essa garota, aquela que escapou do culto de Kent Hadleigh – ela era uma esquisitice, certamente. Mas se ser excluída da sociedade não a matasse, então os monstros que a caçavam certamente o fariam. Eu podia sentir o cheiro deles à espreita nas árvores – os Eldbeasts. Eles seriam atraídos pela magia que permanecia ao redor dela, famintos por um sabor.

Ela provavelmente nem sobreviveria à noite.

Como Leon estava descansando, eu vaguei. Havia muita energia no ar, um formigamento na parte de trás da minha cabeça que me avisou que as coisas estavam mudando. A fronteira entre a Terra, o Inferno e todos os numerosos outros reinos parecia tênue. Essa fronteira aumentou e diminuiu como a lua, e alguns pensaram que acabaria por desaparecer completamente, mergulhando a realidade no caos.

Eu não sabia se acreditava em tudo isso, mas acreditava que havia outros demônios em Abelaum, demônios que não estavam aqui apenas alguns dias atrás. Foi o cheiro deles que

eu segui curiosamente durante a noite.

Isso me levou a uma velha lanchonete à beira da água, com seu letreiro de neon piscando anunciando que eles estavam abertos 24 horas por dia, 7 dias por semana. Acendi um baseado no estacionamento, tentando dar uma boa olhada lá dentro pelas janelas. Três demônios estavam sentados dentro, todos separados um do outro. Dois eu reconheci como caçadores de almas, então eu só podia imaginar que o terceiro era o mesmo. Eles sabiam que eu estava lá, me lançando olhares cautelosos pela janela enquanto bebiam seus cafés e cutucavam pratos de comida que não tinham interesse em comer.

Por que diabos eles estavam aqui?

Enquanto eu fumava, o vento mudou. O cheiro de gambá e herbáceo de maconha foi levado para longe de mim, substituído por um cheiro forte de ferro e podridão. Virei-me para as árvores, olhando para as sombras. Nas profundezas da escuridão, um uivo perfurou a noite; o tipo de grito animal miserável que soava quase humano. Dei uma longa tragada, exalando lentamente. Primeiro os demônios, e agora as bestas... todos reunidos aqui.

Entrei e os outros demônios rapidamente baixaram a cabeça. Eu estava aqui há tempo suficiente para ter feito um nome para mim mesmo, e eu tinha levado almas suficientes para ganhar uma reputação de caçador com a qual não se brinca. Esses demônios eram jovens, inexperientes. Ansiosos por sua primeira alma, talvez, mas de quem?

Fui até o balcão, batendo nele para chamar a atenção do

garçom nervoso. Seus olhos estavam arregalados, seus dedos se contraindo. Ele não sabia que os convidados reunidos em seu restaurante eram todos criaturas sobrenaturais, mas seu instinto primitivo sabia e estaria avisando-o do perigo.

— Café, sem creme, — eu disse, e vi sua mão tremer enquanto ele enchia uma caneca do bule de café. — Noite lenta?

Ele encolheu os ombros. — Noite estranha. Algo não está certo sobre isso. — Ele olhou para fora das janelas enquanto me entregava o copo. — Você ouviu aqueles uivos lá fora?

Normalmente não temos lobos por aqui.

— Não eram lobos, — eu disse. Eu podia ouvir alguém correndo lá fora, distante, mas se aproximando. Noite ruim para sair para correr. — Certifique-se de não caminhar até o seu carro sozinho.

— O que diabos isso quer dizer? — ele disse. De repente, seus olhos se arregalaram ainda mais, olhando para trás de mim. — Que porra é essa?

Os pés correndo estavam se aproximando, mais perto...

A porta se abriu, os sinos pendurados em sua maçaneta soando de forma irregular. Virei-me lentamente, sentindo a tensão subindo no ar. Lá dentro, estava uma jovem de cabelos castanhos compridos e bagunçados. Ela era alta e esguia, usando uma mochila e botas enlameadas. Todas as suas roupas estavam manchadas de lama — lama... e sangue.

Ela congelou, examinando o quarto. Todos os olhos estavam fixos nela, e três pares deles estavam famintos. Seu cheiro era inebriante, doce com magia persistente. Mas o

sangue nela não era dela. Eu conhecia o cheiro dele imediatamente.

Era o sangue das feras. Ela estava lutando contra os Eldbeasts.

— Ei! — o garçom chamou bruscamente. — Oi te conheço!

Juníper Kynes! Você... você deveria estar presa! Você tentou matar aquela garota!

Ela respirou fundo e limpou uma mancha de sangue do rosto com a manga. Ela atravessou a sala de jantar, indo em direção ao canto onde ficavam os banheiros. O garçom provavelmente não a ouviu murmurar, mas eu ouvi.

— Ela tentou me matar primeiro.

Ela se trancou no banheiro. Cada demônio no lugar estava tenso, sua ânsia por ela era palpável. Eu ri baixinho, tomando um gole do café fumegante. Jovens caçadores de almas como esses sempre estavam desesperados por presas fáceis, ansiosos para fazer um acordo com alguém que não precisavam convencer de que magia e monstros eram reais.

Essa garota já sabia. Ela tinha visto o pior de tudo. Mas isso não a tornaria fácil, não. Longe disso.

— Eu deveria chamar a polícia, — disse o garçom, olhando cautelosamente para o banheiro. O som de água corrente de dentro foi interrompido e a porta se abriu novamente. Juniper marchou para

fora, seus olhos arregalados piscando ao redor da sala. Ela se movia como um animal assustado prestes a correr. Como um lobo... um pequeno lobo, deixado sem matilha, sozinho e caçado.

Ela realmente era fascinante.

Ela veio até o balcão, me olhando. — Eu preciso de comida.

O garçom balançou a cabeça. — Não. Não, você tem que sair. — Ele estava alcançando lentamente o telefone.

Ela sacou uma pistola e apontou para o garçom. Com a outra mão, ela puxou uma faca da bainha na coxa e apontou a lâmina para mim. Eu levantei minhas mãos inocentemente.

— Não faça nada engraçado, — ela sussurrou, sua voz tremendo. — Apenas me dê um pouco de comida. Eu não me importo com o quê. Basta colocar um pouco de comida em um saco. Agora.

O garçom assentiu, seu rosto branco como um lençol enquanto ele desaparecia de volta à cozinha. Juniper manteve a faca apontada para mim, lançando olhares nervosos em minha direção e para os demônios sentados atrás de mim. Ela não poderia saber o que éramos, é claro. Todos usávamos nossos disfarces humanos em público.

— Você sabe que ele vai chamar a polícia enquanto estiver lá atrás, — eu disse. Ela pulou ao som da minha voz, sua respiração acelerando quando ela olhou rapidamente entre mim e a porta que levava de volta para a cozinha.

— Puta merda. — Ela escalou o balcão e alcançou debaixo dele, apressadamente recolhendo sacos de biscoitos e pequenos pacotes de bolachas de ostras que ela enfiou em sua bolsa. Ela saltou de volta, bem quando um grito veio da cozinha, e saiu correndo pela porta.

— Os policiais estão a caminho! — O garçom saiu da cozinha. O cozinheiro estava atrás dele, um homem enorme

com uma frigideira empunhada nas mãos como um taco de beisebol. Aquela mulher cruel tinha realmente colocado algum medo neles.

Eu gostei daquilo.

Com suas presas em movimento, os demônios também estavam se movendo, todos eles saindo pela porta. Suspirei e engoli o resto do café. Eu não estava interessado... ou pelo menos... eu *não* deveria. Mas

com tantos outros caçadores atrás dela, e aquele olhar desesperado e cruel em seus olhos quando ela brandiu a faca para mim, eu não pude deixar de me sentir intrigado.

Saí do restaurante mais rápido do que deveria. Para os olhos confusos do garçom, teria parecido como se eu simplesmente tivesse desaparecido, deixando uma caneca vazia para trás. Os caçadores estavam do lado de fora, indo em direção à estrada, rindo entre si e apostando quem alcançaria a mulher primeiro. Eu cheguei na frente deles.

Eles pararam abruptamente, seus disfarces humanos instantaneamente escorregando. Três pares de olhos dourados me observaram cautelosamente, garras estendidas, e a caçadora que eu não conhecia mostrou os dentes. Eu sorri.

— Não rosne para mim, querida, é rude, — eu disse, e o caçador ao lado dela deu-lhe uma forte cutucada nas costelas.

— Todo esse barulho por uma pequena mulher mortal, hein?

— Você sabe que ela vai estar desesperada por um acordo.

— Amiria foi quem falou. Eu sabia que ela era uma nova caçadora de almas, mas ainda não tinha feito sua primeira barganha. Ela estava faminta por isso; Eu podia ver isso em

seus olhos. — Mas nós estávamos aqui primeiro, Zane. Deixe um novato conseguir uma alma pelo menos uma vez.

Eu inclinei minha cabeça, dando um passo em direção a eles. Com apenas um passo meu, todos eles recuaram. Eu ri do nervosismo deles. — Eu não acho que vou. Há muitas almas por aí, calouros, confie em mim. Encontre alguém egoísta, alguém ganancioso, alguém ansioso pelas riquezas da vida sem se importar com a vida após a morte. Isso é um negócio fácil.

Mas este...

Deixei meu corpo mudar. Minhas veias ficaram pretas, como trilhas de tinta sob minha pele, enquanto meus dentes ficavam mais afiados. Juntei energia ao meu redor, condensando-a, criando uma mortalha de escuridão. Era mesquinho, talvez, mas era um aviso. Deixou-os saber quanto poder eu tinha à minha disposição: o suficiente para destruir todos eles, aqui e agora, se eles ousassem tentar discutir comigo.

— Esta é minha.

Juniper cobriu muito terreno no tempo que levei para dispersar os outros demônios. Eu a vi ao longo da estrada sinuosa, sua pistola ainda na mão. Ela estava andando no meio da estrada, a cabeça balançando de um lado para o outro.

A floresta havia crescido até a beira do asfalto, e grossos arbustos de amoreira formavam uma parede de espinhos emaranhados de ambos os lados. As árvores assomavam altas e, sob seus galhos, monstros espreitavam nas sombras.

Eu podia ouvi-los correndo por entre as árvores.

A mulher também os ouviu.

Ela se virou, sua arma apontada. O cheiro amargo de medo a cercava enquanto a adrenalina a percorria. Meu coração disparou, aquele odor pungente de terror. Ela enfrentou a escuridão, os olhos arregalados. O fedor de podridão estava no ar, ficando mais forte à medida que a fera sob as árvores se aproximava.

Ele fugiu no momento em que me aproximei. Um Eldbeast sozinho não me enfrentaria.

— Você precisa atirar na cabeça. É realmente a única maneira de matá-los.

Ela quase pulou para fora de sua pele ao som da minha voz. Ela apontou a arma para mim, segurando a pequena pistola com as duas mãos, os braços estendidos tremendo. —

Quem diabos é você? — ela disse, então, ela estreitou os olhos.

— Você... você estava na lanchonete. Você me seguiu.

— Você tem algumas coisas seguindo você, lobinha, e todas elas desejam muito mais danos a você do que eu. —

Olhei para as árvores. Mais bestas estavam invadindo nossa posição, suas silhuetas correndo pela escuridão. Eles tinham membros longos e ossudos e corpos vis e curvados. Eles pareciam aranhas enquanto se moviam. — Você precisa ficar dentro de casa. Se for viajar à noite, use um veículo.

Ela não abaixou a arma, mas a curiosidade começou a rastejar sobre o

medo em seu rosto. — Essas coisas... você sabe o que são?

— Anciões, — eu disse. Meus olhos dourados estavam escondidos atrás de castanhos e eu tinha embainhado minhas

garras. Eu apareceria como apenas um humano normal para ela, pelo menos por enquanto. Não adianta assustá-la ainda mais. — Eles são monstros mais velhos, de quando o mundo era jovem. Mas a magia pode tirá-los de seu sono. Magia... e Deuses.

Seu rosto parecia ferido. Ela engatilhou a arma. — Você é um deles, não é? Um dos Libiri?

Eu balancei minha cabeça. — Não, eu não faço parte do pequeno culto de Kent Hadleigh. Não tenho interesse em sacrificá-lo a um Deus antigo. Isso seria um desperdício de sua alma. — Eu olhei para ela, pegando um vislumbre de suas cicatrizes no decote de sua camisa. Eram marcas rituais, cortadas em sua carne enquanto ela era oferecida em sacrifício.

— E que alma linda e danificada é.

Ela começou a recuar. — O que diabos você é então? O

que você quer?

— Por enquanto, não quero nada. — Deixei meus olhos mudarem, e seu corpo inteiro ficou tenso. Deixei minhas garras saírem e meus dentes se afiaram. Ela quase tropeçou ao recuar, mal mantendo os pés. — Mas um dia, lobinha, eu posso querer tudo.

Ela disparou a arma.

A bala atingiu meu ombro. Parecia nada mais do que um beliscão. Olhei para o ferimento com curiosidade, enfiando o dedo para desenterrar a bala. Ela assistiu, horrorizada, quando eu deixei cair o pedaço de metal ensanguentado no chão.

— oh, oh, tão paqueradora. — Eu ri. — Faça isso de novo, Juniper, e eu acho que você quer jogar.

— Que *porra* é você? — Ela iria fugir a qualquer momento.

Ela estava balançando a cabeça, seu cérebro incapaz de processar o que estava vendo.

— Você vai me ver de novo, — eu disse. — Sobreviva alguns anos,

Juniper, lute por sua vida. Eu gosto de lutadores.

Eles são melhores presas. Sobreviva, e da próxima vez que você me ver, talvez eu tenha uma oferta para você.

— Eu não quero suas ofertas, — disse ela. — Fique longe de mim!

Eu ri. — Você diz isso agora. Mas à medida que os anos passam e o perigo continua chegando, você pode mudar de ideia. Ou talvez não. — Dei de ombros. — A escolha é sempre sua. Mas eu *vou* te ver de novo. Agora, entre. Afaste-se das árvores. Espere até de manhã para viajar. Juniper Kynes... —

Cruzei o espaço entre nós em um segundo. Fiquei de pé sobre ela, seus olhos arregalados desafiadores e aterrorizados enquanto olhavam para cima, e sorri com a boca cheia de dentes afiados. — Corra.

Ela correu, correndo pela estrada. O Eld continuaria a segui-la, mas eu os seguraria, pelo menos por esta noite.

Também poderia dar à pequena loba uma chance de lutar.

Ela tinha mais maldade nela do que eu pensava. Tanto fogo, para um humano tão queimado. Eu tinha caçado almas suficientes para ser exigente, então eu poderia caçar por meus caprichos ao invés de necessidade.

Ela seria uma caça fascinante, de fato.



você começa a questionar sua própria mente. Você desmonta suas memórias, pouco a pouco, desvendando-as até que estejam desarticuladas e manchadas, rearranjadas, a cada segundo duvidoso. A história que eu contei tantas vezes – para os socorristas, para a polícia, para minha mãe, meu irmão, repetidas vezes com crescente desespero – foi tecida em minha mente, costurando quem eu era naquela época... e quem quer que eu fosse me tornar agora.

A maioria das pessoas tem fantasiado sobre o perigo: como escapariam, como lutariam, como seriam espertos demais para serem feridos. Mas essas fantasias não são nada comparadas ao momento em que acontecem. Às vezes, você pode ver o perigo chegando até você como um trem de carga, e tudo o que você pode fazer é ficar parado. Tudo o que você pode fazer é deixá-lo ultrapassar você.

Às vezes, não há corrida, não há luta. Às vezes, coisas ruins acontecem.

A merda ruim muda você. Você não pode olhar para o mundo da mesma forma. Você percebe que boas maneiras, moral, cultura, sociedade, amigos e família são todos falsos.

São ideias às quais nos apegamos, para tornar a existência suportável. Quando isso é arrancado – a falsa mentira otimista

– a única coisa que resta é a sobrevivência.

A sobrevivência é confusa. Sobrevivência não tem moral ou bondade. A sobrevivência não é preto e branco, bem contra o mal. A sobrevivência é em tons de vermelho; é sangue colhido e sangue perdido.

Minha sobrevivência era uma arma, licor era meu sustento e sexo violento era meu analgésico.

O bar sujo era a coisa mais próxima de um clube que eu poderia encontrar naquela noite. Placas de néon penduradas nas paredes de madeira nua, placas antigas estavam pregadas no teto e mesas de sinuca ocupavam a maior parte do espaço.

Eu não tinha visto uma cidade por quilômetros na estrada, mas devia haver uma por perto porque o bar estava lotado.

Já era tarde, e a banda de tributo a Misfits tocando no palco estava quase bêbada demais para continuar cantando.

Eu me destaquei, cerca de uma década mais jovem do que a maioria das pessoas lá. Mas eu tinha uma arma no meu quadril e eu poderia chicotear suas bundas na piscina, então ninguém mexeu comigo. Ganhar aquelas apostas nos meus jogos era a única maneira de eu ter dinheiro para abastecer de manhã, então eu estava jogando um pouco dissimulada para que isso acontecesse.

Mentir, roubar, fugir. Sobreviver. A sobrevivência não se importava com a moral.

Eu alinhei minha tacada, o taco de sinuca empoleirado no

meu dedo. Alguém pressionou contra minha bunda, sua respiração quente na parte de trás do meu pescoço. Uma mão áspera deslizou pelo meu braço para descansar dedos grossos e sujos contra meu pulso.

— Terceiro jogo seguido, garota, — disse ele. Era o cara com quem eu estava jogando na última hora, Will. Cara grande, lavrador, careca e barba aparada. — Você sabe que eu não gosto de dar meu dinheiro para uma trapaceira.

Tentei me endireitar; seu corpo inclinado sobre o meu não permitia. Suspirei pesadamente e disse: — Eu não sou trapaceira, Will. Você é apenas um mau perdedor.

Ele me puxou para cima, segurando minha jaqueta jeans com força enquanto me forçava a encará-lo e me pressionava de volta contra a mesa. Seus amigos riram, e enquanto meus olhos examinavam o bar, eu vi pessoas olhando, mas nem uma única pessoa se levantando.

Novidade. Eu não encontraria ajuda aqui.

— Não tente pegar aquela arma, vadia, — ele disse, seu hálito cheirando a bebida e tabaco de mascar quando ele notou minha mão se aproximando da pistola. — Isso pode ser bom e fácil, entende? Você pode ficar com todo esse dinheiro, mas vai ganhá-lo. Inferno, meus amigos e eu adoraríamos que você *ganhasse* um pouco de todos nós. — Ainda segurando minha jaqueta, ele pressionou os dedos contra meus lábios, com força, forçando-os em minha boca.

Idiota. Ele realmente achava que eu não iria morder?

Ele puxou a mão para trás com um ganido, e eu cuspi seu sangue nas tábuas do chão enquanto sorria para ele. Mas a

mão que eu mordeu voltou com uma vingança, seus dedos nus batendo com força contra minha bochecha e me mandando para o chão.

Perfeito.

— Puta, puta! — ele bufou, enxugando os dedos ensanguentados em sua jaqueta. — Eu vou te ensinar a me morder porra -

Saquei a arma, mirei e puxei o gatilho.

A parte de trás de sua cabeça se abriu como uma melancia, e o caos irrompeu ao nosso redor.

Seus amigos vieram atrás de mim, as pessoas correram para a porta e a banda bêbada continuou tocando como se alguém não tivesse acabado de ser assassinado na frente deles.

Mas Will foi apenas o primeiro a cair. Um taco de sinuca balançou na minha cabeça, e eu atirei novamente, acertando minha marca no ombro antes de meu segundo tiro acertar entre os olhos. Desviei de um soco de outro, dei uma joelhada nas bolas dele, e quando ele se dobrou na minha frente, minha bala encontrou seu alvo na parte de trás de seu crânio.

Não importava quem morreu. Não importava quanto sangue fosse derramado. Havia apenas uma coisa em minha mente: sobreviver, de qualquer maneira fodida que eu precisasse.

Uma briga de bar tinha um jeito de inspirar os outros. Eu estava cercada por caos, garrafas quebradas, tiros, gritos e xingamentos. A oportunidade perfeita para fazer uma fuga rápida. Vasculhei os bolsos dos homens que havia abatido, encontrei outra nota de cem dólares e uma de vinte, e as enfiei

nos bolsos antes de abraçar a parede para seguir em direção à porta.

Eu quase alcancei a saída quando fui empurrada com força por trás – forte o suficiente para tirar o ar dos meus pulmões e me mandar para o chão. Tentei rastejar para longe, mas uma mão agarrou meu tornozelo e me arrastou de volta.

— Você acha que vai sair dessa tão fácil, sua merda...

A voz engasgou em gritos frenéticos, e a mão que estava segurando meu tornozelo de repente se soltou - apenas para cair ao lado da minha cabeça, cortada, vazando sangue pelas tábuas manchadas do

piso.

O que... que porra é essa?

Eu mudei. O homem que me agarrou estava segurando seu braço, gritando com o toco que permanecia onde sua mão estivera, mas seus gritos foram interrompidos com um gorgolejo. Sua garganta estava cortada, vazando sangue em sua camisa branca. Eu olhei, de olhos arregalados, quando ele caiu no chão, e o homem responsável deu-lhe uma pequena cutucada com o pé.

— Bem, isso é um pouco confuso, — disse ele. Ele era alto, de ombros largos, a frente de sua jaqueta manchada de vermelho escuro e seu capuz puxado para cima. Olhos castanhos cor de mel, estranhamente brilhantes, me espiaram por baixo do capuz. Havia mordidas de cobra em seu lábio inferior, os anéis de prata brilhando na luz e uma barra em sua sobrancelha. Sua garganta, e eu assumi o resto dele, estava tatuada. Ele distraidamente coçou os dedos ensanguentados na bochecha, antes de estendê-los para me ajudar a levantar.

— Você está bem?

Aqueles olhos eram familiares. Isso puxou alguma memória antiga em mim, algo nebuloso e quase esquecido. Eu o conheci antes?

Não importava. Eu pulei, ignorando sua mão, e corri para fora da porta. Eu não tive tempo para trocar palavras com um assassino quente como o inferno. Não senhor. Era hora de *ir, porra*.

O ar lá fora estava enevoado de poeira, enquanto os clientes do bar saíam do estacionamento de terra em alta velocidade, seus caminhões rasgando a estrada longa e escura.

Corri para o meu jipe, abri a porta e liguei o motor, bombeando o gás para fazê-la andar. Coloquei minha pistola no banco e, quando coloquei o jipe em marcha à ré, olhei para trás na porta... e vi o dono do bar sair furioso, uma espingarda nas mãos.

Porra. *Foda-se*.

Pisei no acelerador, os pneus enormes do jipe ganhando tração na terra e saindo pela estrada. O bar estava no meio do nada, mas isso significava que havia um caminho longo e reto pela frente, onde eu poderia empurrar a velha o mais rápido que ela pudesse aguentar.

As árvores se fecharam enquanto eu dirigia, ciprestes e pinheiros

fechando a estrada sob seus galhos. O canto das cigarras enchia a noite e, sem postes de luz ao longo da velha estrada, apenas meus faróis amarelos iluminavam o caminho.

Coloquei uma milha entre mim e o bar, depois três, depois cinco. Só então meu coração parou de bater freneticamente.

A única estação de rádio que passou tocava Delta blues, e deixei tocar suavemente enquanto dirigia com as janelas abaixadas, o ar frio no rosto. Eu planejava dirigir durante a noite; Eu tentaria fazer isso até o meio-dia de amanhã antes de parar. Algumas pessoas buscavam exercícios para aliviar o estresse, mas eu buscava a exaustão. Se eu pudesse me cansar total e completamente, meu cérebro estaria cansado demais para sonhar.

Cansado demais para os pesadelos.

O solavanco de algo batendo na lateral do jipe bateu minha cabeça contra a porta e me jogou para fora da estrada.

Pisei no freio, conseguindo parar o veículo antes de bater em uma árvore. Eu bati minha cabeça com força suficiente para sangrar, e minha visão estava girando quando eu alcancei o banco de trás, tateando debaixo do cobertor até meus dedos tocarem o cano frio e liso da minha espingarda SPAS-12.

Algo me dizia que a pistola 9mm não serviria para isso.

Saltei do jipe, deixando os faróis acesos para ter um pouco de visibilidade no escuro. O rádio ainda estava tocando, o dedilhar lento e triste do blues soando estranho na escuridão sob as árvores. Procurei nas sombras, resistindo à vontade de limpar o sangue que escorria lentamente pelo meu rosto. Havia muitos ruídos naquelas árvores. Tudo estalava e gemia, o canto das cigarras formando um coro com os grilos e o pio de uma coruja.

Talvez o que me atingiu tivesse sido apenas um cervo. Eu estava dirigindo rápido e não prestando atenção. Pode ser...

A floresta ficou totalmente silenciosa. Restava apenas o

ranger das árvores. O vento mudou, e com ele veio o cheiro de morte, pungente e azedo no ar frio.

Eu preparei a arma, enquanto uma forma enorme e disforme se lançava em minha direção no escuro.

O Eld parecia diferente em todos os lugares que eu ia. Em Abelaum, eles pareciam lobos mutantes bizarros. Em Nova York, eles eram como enormes ratos inchados. Aqui... aqui eles pareciam malditos crocodilos.

A criatura pisou nos feixes de meus faróis, sua grande boca aberta, alinhada com dentes podres. O cheiro era avassalador, como carne deixada ao sol no calor do verão. Seu corpo era comprido, coberto de escamas grossas, mas curvado, como se quisesse andar ereto. Suas patas dianteiras eram muito longas – ossos nus e carne escamosa e mofada. Suas patas traseiras eram grossas, musculosas; a coisa provavelmente poderia pular mais rápido do que eu poderia atirar.

Eu tive que atirar primeiro.

O tiro disparou, zumbindo em meus ouvidos, e a fera pulou em mim exatamente como eu esperava. Ele deu um grunhido profundo e gutural quando deslizou por mim, quase me acertando quando me joguei para trás. Atirei novamente, a bala atingindo o monstro no ombro. Eu desperdiçaria toda a minha munição afundando balas no corpo da fera; Eu precisava bater na cabeça.

Corri, tentando manter alguma distância entre nós. Eu pensei que estava correndo para a estrada, mas eu me virei e me encontrei correndo mais fundo nas árvores. O Eldbeast

estava bem nos meus calcanhares.

Levantei minha arma quando me virei, mas não tive tempo suficiente para mirar. Puxei o gatilho, e a besta sacudiu quando a bala atingiu o alvo, abrindo um enorme buraco na lateral e espalhando sangue. Ele bateu em mim e me prendeu no chão enquanto rugia, suas mandíbulas estalando a centímetros do meu rosto.

Eu tive que usar a arma para segurá-la, pressionando-a contra a garganta do monstro enquanto tentava levantar minhas pernas para chutar. Eu o subestimei; esses Elds eram maiores do que os que eu havia encontrado antes. Seu hálito nocivo flutuou ao redor do meu rosto, saliva pútrida cinzenta pingando de sua língua longa e preta. Meus braços estavam começando a tremer. Eu não poderia manter isso. Eu apenas -

eu apenas tive que -

Consegui levantar minha perna e chutei minha bota o mais forte que pude contra o lado ferido. Ele tropeçou para longe, dando um grito

agudo tão alto que perfurou meus tímpanos. Eu me levantei, mas a fera já estava avançando para mim novamente.

Eu atirei.



4

A explosão estilhaçou a cabeça da fera. Ele caiu e se enrolou como um inseto, se contorcendo violentamente antes de ficar quieto. Eu exalei pesadamente, recuperando o fôlego enquanto observava seu corpo se dissolver em lama e vermes.

Todos eles morreram iguais, esses animais; tudo, exceto seus crânios, apodreceu em segundos.

Enfrentá-los costumava me encher de pânico frio. Isso costumava fazer meu coração bater tão forte que doía. Mas eu vinha lutando contra o Eld há anos. Uma vez eu pensei que eles eram exclusivos de Abelaum, mas não, os Elds estavam por toda parte.

Eles foram atraídos por mim como moscas pelo mel, mas não me assustavam mais. Havia monstros piores lá fora, muito piores.

— Você pode se cuidar. Que fofo.

Eu me virei, arma em punho. Eu não sabia o que esperar, mas certamente não estava esperando *por ele*. Aquele assassino gostoso do bar. Suas roupas estavam ainda mais manchadas de sangue do que antes, e havia um sorriso sujo em seu rosto quando ele saiu das sombras – o tipo “Eu vou comer você viva e rir enquanto eu faço isso.”

Eu fiz uma careta. — Claro que eu posso. Eu também me cuidei no

bar, se você não tivesse interrompido.

Ele ergueu as mãos inocentemente. Até as palmas das mãos estavam tatuadas, com pentagramas elaborados e runas estranhas. — Eu não duvidei de você. Eu só queria um pouco de problema para mim.

Eu bufei, mas não guardei a arma. Eu sabia melhor do que isso. — Bem, você entendeu, não é? Você parece terrivelmente calmo para um homem que acabou de matar alguém. Você faz isso com frequência?

Ele encolheu os ombros. — Não com frequência suficiente para perder aquela sensação divertida e formigante por dentro.

Você também não parece ser uma estranha para matar.

Olhei para a bagunça de ossos fragmentados, lama e minhocas que restaram do Eldbeast. Os Elds não eram de conhecimento geral. As únicas pessoas que sabiam que eram reais eram aquelas que tiveram a infelicidade de tê-los encontrado. E se você os encontrou, raramente viveu para falar sobre isso.

Olhei para ele com ceticismo. — Você está familiarizado com essas coisas?

— Eu os vi por aí, — disse ele. — Sabe, se você levar um desses crânios para ser examinado, eles vão te dizer que é apenas um crocodilo velho normal?

Eu balancei a cabeça. Em desespero, coletei o crânio de um Eld que uma vez matei e levei-o a um veterinário local para ser examinado. Se eu pudesse provar que os monstros existiam, então talvez as pessoas comessem a acreditar em

mim sobre todo o resto também. Mas não tive essa sorte. O

veterinário me disse que não era nada mais do que um crânio de lobo altamente decomposto.

— Parece que você precisa de um cigarro. — Ele estendeu um baseado fino enrolado à mão, mas foi esperto em não dar um passo em minha direção. Eu realmente precisava de algo.

Meu zumbido de álcool tinha passado, e minha mente estava correndo. Esse cara era um esquisito, e eu não entendia como diabos ele acabou aqui na floresta. Mas ele tecnicamente me salvou lá no bar, mesmo que eu nunca admitisse. Eu não vi nenhuma arma nele, pelo

menos não de relance, e apenas um tiro da minha arma o destruiria. Acho que não havia mal nenhum em fumar um cigarro com ele.

Eu balancei a cabeça. — Vamos sair daqui pelo menos.

Meu Jeep está lá atrás.

— O bayou está à frente, — disse ele. — Curta caminhada.

É uma bela vista com o luar e tudo.

Eu olhei para ele, ajustando minha arma. — Tentando me tirar no escuro sozinho, menino bonito?

Ele ergueu as mãos inocentemente. — Ei, você é a única com a arma. Tenho certeza que você tem a vantagem.

Eu apertei meus lábios em pensamento. — Mostre o caminho então. Mas não tente merda nenhuma. Eu vou explodir sua cabeça também.

— Serei casto como um santo, — disse ele, apertando as mãos em uma oração simulada enquanto eu o seguia. Revirei os olhos. Típico. Um mentiroso quente. Que choque.

Levou apenas alguns minutos para chegar à água. As

árvores se abriram e o rio pantanoso se estendia diante de nós, brilhando com o luar prateado. Sentou-se perto das raízes de um cipreste e recostou-se no tronco, puxou um isqueiro e acendeu.

— Qual o seu nome? — ele disse, enquanto o odor herbáceo da maconha flutuava ao nosso redor.

— Qual é o seu? — Eu não gostava de dar informações pessoais, mesmo tão longe de casa. Não importa o quão longe eu fosse, meu passado me seguiria. Eu temia falar meu nome apenas para ver o reconhecimento nos olhos de alguém.

Juniper, a garota que desapareceu? Achei que você estava presa. Achei que você estava louca. Viu algum monstro ultimamente? Você não tentou matar...

— Zane, — ele disse, passando sobre o baseado. Dei uma tragada longa e lenta, saboreando o gosto. Fazia muito tempo desde que eu tinha uma boa erva. — E você não precisa me dizer, se você não quiser. Eu entendo a necessidade de anonimato.

— Você é local? — Eu disse, tossindo um pouco enquanto o passava de volta. Ele balançou sua cabeça.

— Não. — Ele deixou a fumaça cair em cascata de seus lábios, ao redor de seu rosto. Provavelmente era apenas a erva falando, mas caramba, ele parecia bem. Aqueles olhos castanhos mel, tão estranhamente familiares, pareciam brilhar com manchas douradas. Ele passou o baseado de volta e olhou para a água. Ele tinha um maxilar forte e havia mais tatuagens sob seu cabelo ondulado.

— De onde você é então?

— Aqui e alí. Em toda parte. Inferno, originalmente.

Eu balancei minha cabeça, mas não pude conter um sorriso para o bastardo espertinho. — Oh sim? Por que você foi embora? Não aguentou o calor?

Ele encolheu os ombros. — Todos os monstros estão aqui na Terra. Achei que me juntaria a eles. E você? De onde você é?

Eu hesitei. — Washington.

— Lindo lugar. Eu tenho um amigo lá. Ele é muito parecido com você, na verdade.

A erva estava deixando minha cabeça agradavelmente nebulosa, a dor usual derretendo dos meus músculos. Foi o mais próximo que eu senti de relaxar em muito tempo. — Como eu? Como é isso?

— Ele passou por merda, — disse ele. — Isso o deixou amargo. Nervoso. Um pouco assassino. — Ele encolheu os ombros. — Mas caramba, toda essa raiva faz dele uma boa foda.

Eu ri. Eu não pude evitar. — Não há realmente nada como uma foda de ódio, não é?

— Não, realmente não existe.

Ficamos sentados por um tempo, compartilhando o silêncio e o que restava do baseado. Entre o luar na água, os grilos cantando no mato, e o alto, eu estava me sentindo muito bem. Tão bom que comecei a deixar meus olhos vagarem sobre aquele corpo lindo como o inferno sentado ao meu lado. Ele manteve sua palavra; ele não estava pegando a mão. Mas quando olhei, pude ver a protuberância em seu jeans. E porra era uma *protuberância*.

— Você realmente não vai fazer um movimento, não é? —

Eu disse.

Ele olhou para mim. Na luz estranha, entre a lua prateada e a cereja vermelha no baseado, eu poderia jurar que seus olhos eram de ouro derretido, como o sol antes de se pôr.

— Por que? — Aquele sorriso imundo estava de volta em seu rosto. — Você está apenas esperando que eu tire vantagem de você?

Revirei os olhos e passei a língua pelos lábios. — Por que você não descobre?

Ele mudou. Eu estava sentada no chão, de pernas cruzadas, e ele se moveu de modo que ficou agachado ao meu lado. Ele era alto o suficiente para que ele ainda pudesse olhar para mim assim. — Palavras perigosas, de uma mulher com uma arma.

Eu sorri, peguei a arma e aponte para sua cabeça. —

Assustado?

Oh, aquele sorriso era *perverso*.

Ele agarrou meu tornozelo e me puxou. Eu me encontrei deitada de costas embaixo dele, enquanto sua mão segurava meu braço com a arma e a outra segurava minha garganta, com pressão suficiente para me manter no lugar. Ele se inclinou para perto, seus lábios a centímetros dos meus. Seu cheiro era inebriante, como maconha e uísque, como açúcar mascavo e fumaça.

Abaixo da barra de prata em sua sobancelha, notei uma pequena tatuagem da cruz de São Pedro. Seu olhar queimou sobre mim até que se estabeleceu, ardendo, em meus olhos. —

Você

está

realmente

preparada

para

enfrentar

consequências do que acabou de dizer?

— Por favor, não me machuque, senhor, — eu disse, um sorriso nos lábios apesar do aperto de sua mão. — Sou apenas uma garota inocente.

Ele riu, no fundo de seu peito. — Oh, você é tudo menos inocente. E machucar você é exatamente o que eu vou fazer.

É estranho ser assombrada por sonhos de dor e morte, apenas para acordar e buscar desesperadamente as mesmas coisas. Chame isso de torção, fetiche, seja o que for – eu não conseguia escapar do desejo de pegar as coisas que me machucaram e torná-las minhas, controlá-las, *usá-las*. Talvez algum dia isso os tornasse menos assustadores. Talvez um dia isso fizesse com que os pesadelos parassem.

Monstros eram reais e Deuses eram maus, então o mundo já estava indo para o inferno, independentemente das minhas estranhas excitações sexuais.

Sua boca pressionou a minha e meus lábios se abriram para ele, bebendo seu gosto como se fosse a primeira dose de uísque em uma noite fria. Ele apertou minha garganta enquanto me beijava, suas unhas cavando em minha pele, muito mais afiadas do que eu esperava. Sua língua se moveu contra a minha, e eu podia sentir o metal liso e arredondado de um piercing na língua - não um, mas *dois* - e deu um gemido suave quando ele mordeu meu lábio. Sem fôlego, nossas bocas se separaram, mas só para que ele pudesse sussurrar: — Ah, você realmente achou que eu seria tão gentil?

Ele se abaixou, sua mão ainda apertada em volta da

minha garganta enquanto puxava meu jeans, abrindo os botões. Ele esfregou a palma da mão grosseiramente sobre minha calcinha, apertando sua mão em volta do meu pescoço enquanto ele rosnava, — Eu sinto aquela mancha molhada lá embaixo, garota. Que putinha doente. Você realmente queria ser aproveitada no meio da floresta por um estranho? Uma putinha tão foda até você ter um pau em sua mente.

Se ele tivesse dito isso para mim no bar, eu o teria esbofeteado. Mas ser degradada quando ele deslizou a mão na minha calcinha, seus dedos encontrando a umidade encharcando o pano, era apenas mais uma coisa bizarra que eu poderia adicionar à minha lista de fodidas

excitações. Ele esfregou os dedos sobre meu clitóris, minhas pernas se contraindo enquanto a estimulação sacudia meus nervos.

Quando ele pressionou dois dedos dentro de mim, escorregadio com a minha excitação, eu engasguei bruscamente e sufoquei o gemido que tentou escapar. Ele pressionou sua testa na minha, então eu não pude evitar seus olhos ou a visão daquele sorriso perverso, bombeando seus dedos em mim enquanto dizia: — Não feche seus olhos agora, garota. Você está tentando segurar esses sons fofos de mim?

Hum?

Eu não entendia como diabos ele sabia que eu estava me segurando, mas quando seus dedos se curvaram dentro de mim, qualquer tentativa de me silenciar foi inútil. Ele pressionou

contra

aquele

ponto

profundo

que

instantaneamente apertou meu abdômen, minhas pernas apertando juntas com a estimulação. Ele deslizou os joelhos

para fora, usando as pernas para espalhar as minhas e *mantê* -

las abertas. Ele nem tinha tirado meu jeans dos meus tornozelos e ele já tinha me encharcado minha calcinha, prestes a gozar em seus dedos.

Os sons que ele estava forçando para fora de mim eram patéticos, e eles estavam aumentando de volume. Quanto mais alto eu falava, mais ele começava a rir, e mais eu começava a pensar que seus dentes pareciam muito mais afiados do que antes. Mas estava escuro, cada nervo em mim estava latejando, e porque eu tentei tanto me segurar, meu orgasmo só me atingiu mais forte quando veio.

Por um momento, esqueci como respirar. Ele não parou de bombear os dedos em mim, ele não parou de massagear a palma da mão contra o meu clitóris inchado ou enrolar os dedos para atingir esse ponto. Eu não conseguia me conter; Eu jorrei sobre sua mão. Deus, o jeito que

ele riu de mim, me provocando por quebrar como se eu tivesse uma escolha, era muito quente. Ele retirou os dedos para chupar os dedos limpos em sua boca.

— Porra, você tem um gosto bom, — ele murmurou. Ele pressionou os dedos pelos meus lábios, sobre a minha língua, para que eu pudesse sentir meu gosto em sua pele. Eu gemi quando ele empurrou seus dedos profundamente em minha boca, longe o suficiente para que meus olhos comessem a lacrimejar e eu tentei não engasgar com a profundidade.

— Muito para você ainda? — Eu engasguei e ele puxou os dedos para trás para bater na minha bochecha – uma picada que instantaneamente me fez sorrir. — Diga-me para parar se for.

Se eu quisesse que ele parasse, eu teria batido na cabeça dele com a arma, mas parar era a última coisa em minha mente.

Eu estava prestes a falar, prestes a desafiá-lo, mas era como se ele sentisse isso chegando. Ele me virou de bruços, montou em mim e pressionou seus quadris contra minha bunda nua enquanto arranhava minhas costas com as unhas.

Deus, mesmo através de seu jeans, eu poderia dizer que ele era grosso, e eu poderia jurar que o homem tinha garras pelos arranhões que ele deixou para trás.

— Eu vou acabar com essa porra de boceta. — Ele trouxe sua voz perto do meu ouvido, e agarrou minha bunda com força. Tentei olhar para ele, mas ele forçou minha cabeça contra a terra.

— Eu já ouvi isso antes, — eu disse sem fôlego. — Vou ver se você pode realmente seguir adiante.

Como se ele não tivesse acabado de me fazer molhar minha calcinha esguichando. Como se eu não estivesse ainda tonta do orgasmo.

— Ah, é assim? — Ele riu, baixo e escuro. — Se eu não seguir adiante, sinta-se à vontade para atirar na minha cabeça, porque, francamente, eu mereço se você se levantar com essa sua boca puta ainda capaz de falar.

Ouvi o movimento de seu cinto, o som de seu zíper deslizando para baixo. Com uma mão mantendo minha nuca presa, ele usou a outra

para puxar meus quadris para cima, forçando minhas costas a arquear antes de pressionar aquele

pau grosso dentro de mim.

Eu gritei, e mordi meu pulso enrolado abaixo da minha cabeça no trecho dele entrando em mim. *Porra*, seu tamanho não era normal. Mesmo escorregadia como eu estava, tão excitada que mal conseguia pensar direito, ele era quase grande demais para caber. Cada centímetro me esticava; cada centímetro doeu.

— Ah... porra... — Minha voz quebrou com as palavras, e ele se aproximou para agarrar meu rosto enquanto pressionava totalmente dentro de mim.

— Vai implorar por misericórdia? — ele rosnou, apertando minhas bochechas.

Eu teria agarrado sua mão se seu aperto não fosse tão forte. Mas tudo o que consegui dizer foi: — Não.

Todo o preâmbulo se foi agora. Ele bateu em mim e eu apertei em torno dele, pulsando no fio da faca entre dor e prazer. A mão que ele usou para segurar meu rosto agora forçou minha boca a abrir, e dois dedos pressionaram minha língua. Sua mão oposta deslizou sob mim, provocando meu clitóris enquanto seu pau me punia, outro orgasmo crescendo incontrolavelmente. Meus gritos aumentaram em tom; todo esforço que eu fazia para ficar quieta só piorava — melhorava

— eu não sabia mais.

Ele mordeu meu ombro, forte o suficiente para rasgar a pele. A dor aguda e pungente me fez gemer, e estremeci quando sua língua se moveu avidamente sobre a mordida. Minhas pernas estavam tremendo, minhas respirações profundas não eram suficientes. Seu pau latejava dentro de mim, um rosnado

animalesco subindo nele com cada impulso. O pensamento dele gozando dentro de mim, me enchendo, me excitava demais. Puxando pra caramba, eu queria o esperma dessa aberração pingando de mim pelo resto da noite.

Seu pau brutal e seus dedos no meu clitóris me fizeram contorcer na sujeira. Ele estava perto, porque ele soltou meu rosto para puxar meus quadris com as duas mãos, fodendo em mim com urgência. Com minha cabeça não mais contida, eu olhei de volta para ele bem

quando gozei, bem quando seu pau pulsava dentro de mim.

Eu queria ver o rosto dele. Eu queria ver o prazer nisso.

Eu queria ver como ele parecia enquanto me fodia.

O que eu vi em vez disso foi que seus olhos castanhos mel eram ouro derretido. Havia fileiras de dentes afiados entre seus lábios perfurados e separados. Havia grossas veias negras em suas mãos e pescoço. Os ângulos de seu rosto estavam afiados, seus músculos inchados. Garras afiadas e escuras cavaram em meus quadris, riachos de sangue escorrendo de onde estavam afundados em mim.

— Porra -

Eu vi o que ele era e ainda gozei em seu pau. Eu ainda estremei incontrolavelmente quando ele se derramou dentro de mim, me agarrando com mais força enquanto atingia seu próprio pico. Mas no momento em que seu aperto afrouxou, eu me chutei para fora dele e me arrastei para trás, tentando recuperar o fôlego enquanto pegava a espingarda e apontava.

Eu me lembrei dele. Eu sabia onde o tinha visto antes.

Ele se ajoelhou no chão, com a cabeça inclinada para trás,

um sorriso cheio de dentes afiados e malvados no rosto. Seu pau... porra, não é de admirar que tenha parecido tão antinatural. *Tudo* nele não era natural, mas seu pau era grosso e sulcado, inchado nas laterais e embaixo, a cabeça ligeiramente inclinada e vermelho cereja. Eu balancei minha cabeça, engatilhando a arma enquanto ele abria os olhos e me fixava com aquele olhar.

— Lembra de mim agora, lobinha?

O medo frio subiu em mim. A noite em que fugi de Abelaum permaneceu em minha memória apenas em pedaços.

Eu tinha entrado em um restaurante. Apontei a arma que tinha roubado do trailer da mamãe para o pobre garçom, porque estava com tanta fome e não tinha dinheiro, e não sabia o que diabos fazer. Eu tinha sido seguida naquela noite, o Eld espreitando pela floresta ao meu lado. Eu não sabia o que eles eram na época.

Ele me disse. Este homem, este... *monstro*. Ele me disse o que eram.

— Ah, o que? Eu te assusto? — Ele abriu a boca e estendeu a língua. Eu estava certo sobre os piercings, mas era mais do que isso: sua língua estava bifurcada e cada lado estava perfurado. — Eu realmente odeio esse disfarce. É um incômodo pra caralho. Mas se eu não usasse, todos vocês humanos estariam fugindo de mim, gritando. — Ele fez uma pausa. — Ah, espere... eu gosto quando você corre e grita.

Eu não conseguia puxar meu jeans para cima e mirar ao mesmo tempo, então me sentei nua no chão e não abaixei minha arma. — Diga-me o que você é, agora, ou vou explodir

sua cabeça.

— Você não pode me matar com essa coisa. Você deveria saber disso da última vez.

Da última vez, eu tinha visto minha bala entrar em seu corpo e isso nem o fez recuar. Eu o vi desenterrar como se não pudesse sentir dor. Mas não baixeí minha arma. — Eu posso muito bem tentar. Esta arma é muito maior do que a última.

Ele me encarou, aquele sorriso de comedor de merda em seu rosto. — Faz alguns anos desde a última vez que você me viu. Certamente, você fez sua pesquisa. Acho que você *sabe* o que eu sou.

Eu engoli em seco. Tentei não pensar nisso. Tentei não lembrar. Mas ele não foi o primeiro de sua espécie que encontrei. Aqueles olhos dourados, os dentes afiados, as garras...

Na noite em que o Libiri tentou me matar, na noite em que rastejei para fora da escuridão da mina e fugi pela floresta, um ser como ele me perseguiu na escuridão. Implacável, impiedoso, eu sabia que Kent Hadleigh tinha enviado atrás de mim para me levar de volta.

Teria me arrastado de volta para a mina se tivesse me pegado. Isso teria me jogado de volta no escuro.

Claro que eu tinha feito minha pesquisa. Eu vasculhei sites antigos, fóruns bloqueados, livros empoeirados e esquecidos no fundo de bibliotecas. Eu tinha acumulado aquelas raras joias de conhecimento entre os escombros da conspiração e boatos, tentando entender esse mundo fodido em que eu vivia.

— Demônio, — eu disse, cuspiendo a palavra. — Você não é o primeiro que eu conheço. Esse é o *amigo* em Washington que você mencionou, hm? Você também serve Kent Hadleigh?

— Eu lhe disse da última vez: trabalho para mim, para mim e para mim, — disse ele. Ele se levantou, e eu me levantei também, tentando puxar meu jeans e mirar simultaneamente.

— Juniper Kynes, — ele falou lentamente. — A garota que escapou. O sacrifício que... não era. Uma alma que escapou de um Deus. — Ele riu. Ele estava andando em minha direção, e seu rosto estava mudando. O ouro derretido em seus olhos esfriou para um marrom mel. As grossas veias negras de sua garganta desapareceram, seus dentes se encurtaram e perderam a nitidez. Suas garras desapareceram. Eu estava recuando, tentando não tropeçar em raízes retorcidas e galhos caídos.

Mas ele deu um passo adiante; até suas tatuagens estavam desaparecendo. Seus olhos estavam se arregalando.

Ele era apenas um garoto da porta ao lado, bonito e inocente, de olhos arregalados e doce. Mas seu sorriso era imundo, não importa o que ele fizesse. — Fiquei de olho em você desde aquela noite. Esse rosto parece familiar? Talvez você já tenha visto isso na multidão, em um clube, na beira da estrada. Mas você provavelmente nem percebeu, não é?

Ele estava me perseguindo. Todo esse tempo, nos últimos três anos, ele estava me seguindo. Era horrível que um monstro como aquele pudesse se misturar tão perfeitamente, mas é claro que ele podia. Os predadores tiveram que se camuflar para se aproximar de suas presas.

Demônios se disfarçavam para fazer as pessoas se sentirem seguras, eles se tornavam atraentes para nos atrair –

apenas para que pudessem nos manipular, suas presas, para desistir de tudo. Corpo e alma.

— Eu não pensei muito em você quando te vi pela primeira vez, Juniper. Francamente, não pensei que você sobreviveria tanto tempo. Mas eu disse que nos encontraríamos novamente.

Você realmente é um pequeno espécime mortal fascinante.

Você deveria ter morrido tantas vezes, e ainda assim... você apenas...
continua...

indo.

Impressionante.

Muito

impressionante.

Eu tropecei, mas minhas costas bateram no tronco de uma árvore e eu me apertei lá. Não havia mais para onde ir.

Eu não podia correr. Ele me pegaria.

Eu não podia esconder. Ele me cheiraria.

Eu poderia atirar, mas isso não o mataria.

Ele se aproximou e inclinou uma mão contra a árvore acima da minha cabeça. O cano da minha arma estava pressionado contra seu peito, e ele não dava a mínima.

— O que diabos você quer? — Eu disse. Eu deveria ter atirado nele ali mesmo, mas algo me impediu de fazer isso, algo que eu não entendia completamente e definitivamente não conseguia explicar.

— Você.

Essa simples palavra parecia que um bloco de gelo tinha caído no meu estômago. Ele se inclinou e, novamente, eu poderia ter puxado o gatilho. Eu deveria ter. Talvez alguma curiosidade bizarra me impedisse de fazer isso, mas não era

medo.

A coisa era, se ele quisesse me matar, ele já teria feito isso.

Ele se inclinou e sussurrou em meu ouvido: — Eu deixei minhas intenções claras. Agora é sua vez. Quando você estiver cansada de correr, venha me encontrar. Até lá, fique viva, lobinha. Eu quero jogar com você de novo.

Passei a noite em silêncio, o rádio desligado, as janelas abertas. Minha raiva estava crescendo, lentamente, a pressão aumentando até estourar. Minha boceta doía, meu clitóris latejava com êxtase persistente. Eu bati meu punho contra o volante. — *Putá merda!*

Eu tinha feito muita merda arriscada nos últimos anos, mas esta noite levou o bolo. Eu tinha ficado tão insensível ao perigo e aos riscos, às

vezes os mais óbvios passavam por cima da minha cabeça: como foder um estranho no meio da floresta à noite. A maioria das pessoas recusaria; Eu implorei por isso.

Eu nem tinha mencionado uma maldita camisinha, embora eu sempre tivesse algumas guardadas no meu porta-luvas, só para garantir. Passei muitas noites longas em bares e clubes para não vir preparada, não que isso tivesse me feito bem esta noite. Quando cheguei à próxima cidade, parei na primeira farmácia 24 horas que encontrei e peguei um pacote de pílulas do dia seguinte. A última coisa que eu precisava era engravidar de algum bebê demoníaco, se isso fosse possível.

Ele estava me seguindo. Ele me seguiu por todo esse caminho desde Abelaum. Quantos lugares eu o encontrei, mesmo sem saber? Quantas vezes nossos olhos se

encontraram? Quantas vezes ele tinha chegado perto e eu não sabia?

Deveria ter sido aterrorizante, e ainda assim, ele não me assustou. Não do jeito que eu esperava.

Foi apenas à luz do dia, quando cheguei à próxima cidade e finalmente reduzi a velocidade do jipe, que notei um pequeno pedaço de papel branco enfiado no meu painel. Parei no próximo posto de gasolina e, enquanto estava bombeando, peguei

o

papel

e

encontrei

palavras

rabiscadas

desordenadamente nele. *Para negócios ou lazer. Quando estiver pronta para fazer um acordo, me ligue.*

Um número de telefone estava rabiscado abaixo dele.

Um acordo com um demônio. Um acordo para qualquer coisa que eu quisesse, em troca de tudo o que me restava. Eu deveria ter jogado fora aquele pedaço de papel. Eu deveria ter esquecido tudo sobre ele e continuado correndo. Correndo, como sempre fiz.

Mas guardei o papel. Enfieí-o na carteira e, quando as noites ficaram mais escuras e eu estava bêbada e sozinha, pensei nisso. Pensei no que valeria a pena negociar com um demônio.

Pensei em seu gosto, seu cheiro, sua língua, muito mais do que deveria.

Pensei em vingança e pensei em casa – o lugar para onde jurei nunca mais voltar.

Mas eu voltaria. Muito antes do que eu pensava.



5

O quarto do hospital parecia estagnado, preso em um loop dos mesmos sons suaves: o bipe constante do meu monitor cardíaco, a chuva batendo na janela, o arrastar dos sapatos das enfermeiras enquanto elas andavam pelo corredor. Eles raramente vinham me checar mais. Eles foram rápidos e silenciosos quando o fizeram. Eles me deram pílulas para parar os pesadelos, pílulas para me ajudar a lembrar o que realmente aconteceu comigo.

Mas os pesadelos não pararam e minhas memórias não mudaram.

Se eu pudesse falar com a polícia novamente, eles acreditariam em mim. Eles tinham que. Se eu pudesse falar com outro médico, eles perceberiam que eu não estava imaginando isso.

Eu empurrei minha cabeça em direção à porta, mas não era uma enfermeira que tinha acabado de entrar.

Era Marcus, suas mãos enfiadas nos bolsos de seu casaco, hesitando antes

de se aproximar.

— Ei, irmão. — Minha voz soou tão fraca. Eu precisava de água. Eu precisava de água na última

hora, mas ninguém respondeu quando apertei o botão de chamada.

— Ei. — Ele veio até o lado da cama, seus olhos vagando ao redor como se ele não soubesse para onde olhar. Ele sempre foi um bom garoto: quieto, estudioso.

Nada como eu. Quando mamãe gritou, ele não gritou de volta. Havia uma cadeira atrás dele, mas ele não se sentou.

— Estou surpresa que mamãe tenha deixado você vir. — Tentei sorrir, para aliviar a declaração, mas ainda parecia tão pesada quanto um tijolo. Mamãe não estava aqui, não desde o primeiro dia em que acordei. Não desde que eu ouvi sua conversa com o médico no corredor, e a ouvi dizer desesperadamente: — Bem, como diabos eu vou pagar isso? Apenas tê-la aqui está me deixando em dívida, agora devo mantê-la medicada?

— Mamãe não sabe. — Ele olhou para trás em direção à porta. Ele tinha apenas treze anos; ele provavelmente andou de bicicleta aqui. — Você está se sentindo melhor?

— Chegando lá. — Fiz uma careta para os IVs no meu braço. — Eu estaria muito melhor sem todas essas malditas agulhas.

Ele estava arrastando os pés enquanto tirava a mão do bolso, entregando um saco do tamanho de um lanche de Hot Cheetos. Agarrei-o como se ele tivesse me trazido uma barra de ouro puro. — Nathan disse que eles não a deixariam comer Hot Cheetos quando seu

apêndice foi retirado, e eu sei o quanto você ama essas coisas...

— Caramba, sim! — Eu rasguei o saco, jogando vários dos salgadinhos picantes na minha boca. — Oh meu Deus. Você é um salva-vidas.

Ele sorriu com força, finalmente se sentando, empoleirado bem na beirada do assento. — Então, uh...

você está... quero dizer... — Ele engoliu em seco. — Você está se sentindo bem para voltar para casa?

— Eu tenho que falar com a polícia de novo, — eu disse. — Eles pensaram que eu imaginei por causa do ácido, mas não era o ácido. — Eu balancei

minha cabeça. — Eu sei o que aconteceu. Eu me lembro disso, de tudo. — Eu balancei a cabeça rapidamente, mesmo que falar sobre isso fizesse meu peito apertar. O monitor cardíaco começou a apitar mais rapidamente. — Eles vão acreditar em mim desta vez. Eles vão.

Marcus estava mordendo o lábio. Ele não estava olhando para mim. Meu coração afundou. — Você... você acredita em mim... não é?

Seu pé batia ansiosamente no chão. — Eu não sei, Juni. É... você sabe... todo mundo diz...

— Quem é todo mundo? — Eu agarrei. — Quem diabos é todo mundo, e por que você acredita neles em vez de mim?

Ele parecia ferido. Ele se atrapalhou por um momento e pegou seu telefone. Quando ele ergueu a tela para mim, um vídeo do noticiário local estava passando.

O monitor cardíaco acelerou ainda mais. Era Victoria, falando ao microfone colocado na frente de seu rosto.

— Ela acabou de fugir para a floresta, — disse ela.

Seus olhos estavam arregalados, inocentemente confusos. Sua maquiagem estava impecável. Ela estava vestindo um maldito blazer. — Nós só queríamos experimentar, sabe? Achei que seria tranquilo, mas ela começou a agir como se as coisas a estivessem perseguindo. Ela estava gritando comigo para ficar longe dela, dizendo que eu estava tentando matá-la.

Então ela começou a se cortar, foi — Deus. — Ela engasgou, cobrindo a boca com a mão. Falso. Malditas lágrimas falsas. — Foi tão horrível. Eu só quero que ela fique bem.

Eu apertei minha mandíbula quando o vídeo terminou. Marcus ainda não estava olhando para mim.

— Eu não fiz isso comigo mesma, Marcus, — eu disse suavemente. — Por favor. Por favor acredite em mim. Eu não. — Ele se levantou, seu telefone enfiado de volta no bolso. Ele andou rápido, a cabeça baixa, de volta para a porta. — Marcos, por favor! Não... não vá embora!

Ele parou. A luz fluorescente acima da minha cama estava piscando, emitindo um zumbido irritante de eletricidade. Marcus suspirou pesadamente. — É tarde demais, Juni.

Eu balancei minha cabeça. — Não... Do que você está falando? Não é

tarde demais, eu...

A luz se apagou. Olhei para ela, totalmente confusa enquanto observava o brilho fraco e persistente da lâmpada fluorescente atrás de sua fina cobertura de plástico. A sala estava silenciosa. Silenciosa demais.

Meu monitor cardíaco parou.

Olhei para sua tela em branco, vazia. Além do monitor, a chuva não caía mais contra a janela. Em vez disso, a condensação crescia rapidamente no vidro. A água escorria, acumulando-se ao longo do parapeito, começando a vazar para o chão.

Eu podia sentir o cheiro da água do mar. Mofo.

Sujeira molhada. Olhei de volta para Marcus, e ele não estava mais de costas para mim. Ele estava olhando diretamente para mim, e seus olhos estavam brancos...

sua mandíbula estava frouxa. Eu gritei quando olhei para baixo e percebi que grossos tentáculos cinza estavam enrolando suas pernas, ao redor de seu peito, engolindo-o...

— Não! — Tentei arrancar os IVs dos meus braços.

Tentei me levantar da cama para ajudá-lo, mas estava amarrada. Meus braços, minhas pernas. Eu não conseguia alcançá-lo. — Marcus, corra!

— É tarde demais, Juni. — A voz nem saiu de sua própria boca. Ecoou ao meu redor enquanto os tentáculos empurravam em sua boca aberta, em seus olhos. — É tarde demais.

Acordei, ofegante, o suor gelando minha pele. Era pouco

antes do amanhecer, o céu aberto estava colorido de amarelo pálido e azul frio. Minhas costas doíam por ter dormido no jipe, mas eu estava tensa demais para me esticar. Meu coração estava batendo freneticamente. Eu estava congelando.

Liguei o motor e liguei o aquecedor, inclinando minha cabeça contra o volante. Eu tinha dormido cedo na noite anterior, em vez de adiar o máximo possível, como eu costumava fazer. Mas eu estava com fome e o dinheiro que sobrava cobria minha gasolina, mas não comida. Dormir parecia ser a única boa maneira de matar a fome, mas significava que eu tinha mais horas para sonhar.

Deus, eu odiava os sonhos.

Minha fome estava de volta com uma vingança também.

Meu estômago parecia que estava tentando se consumir, mas depois daquele pesadelo, o pensamento de comida era nauseante. Seria melhor se eu comesse a dirigir. Talvez depois de algumas horas, meu estômago se acalmasse.

Olhei para o meu telefone, sentado no banco do passageiro. Uma notificação de texto me cumprimentou na tela e eu a peguei com uma carranca. Provavelmente alguma mensagem de spam estúpida...

Era mamãe.

Minha boca ficou seca. Eu honestamente pensei que ela tinha perdido meu número há muito tempo. Ela nunca mandou mensagem. Ela nunca ligou. Eu poderia ter morrido anos atrás, e ela não saberia ou se importaria. Acho que, na cabeça dela, eu morri na noite em que sumi na floresta.

Parte de mim nem queria ler o texto dela. Parte de mim só queria ignorá-lo.

Parte de mim realmente, desesperadamente, esperava que talvez minha própria mãe ainda se importasse comigo.

Desbloqueei a tela e li.

Não sei mais se esse é o seu número.

Marcus está morto.

Se você se importa.

O funeral é domingo. Não cause nenhum maldito problema se você aparecer.

Acho que desmaiei, ali na beira da estrada, olhando para os vastos campos ao meu redor, mas sem vê-los. Acho que esqueci como respirar. Meus pulmões se fecharam e minha mente esvaziou, e tudo que eu podia ver era meu irmãozinho, parado ali impotente, me dizendo que era tarde demais enquanto aqueles tentáculos o envolviam.

Não. Não.

Meus dedos dormentes de pavor, olhei para as notícias locais de Abelaum e o vi estampado nas manchetes.

— Promissor capitão de futebol da Universidade de Abelaum encontrado morto.

— Assassinato no Campus da Universidade Abelaum, investigação em andamento.

— Nenhum suspeito em esfaqueamento brutal no campus.

O grito de raiva que saiu de mim parecia ter sido fisicamente arrancado do meu peito. Os soluços que se seguiram tiraram o ar dos meus pulmões. Eles me sufocaram.

Eles não foram suficientes para liberar a raiva impotente dentro de mim. Bati no volante com o punho até meus dedos

doerem, até que hematomas roxos começaram a brotar na minha pele.

Sem suspeitos. Nenhum maldito suspeito. Essa merda absoluta. Meu irmão foi esfaqueado várias vezes, no meio de um prédio da universidade, e eles ousaram dizer que não tinham suspeitos.

A polícia não precisava suspeitar porque eles *sabiam*.

Marcus sempre foi bom; ele nunca teve problemas ou entrou em situações perigosas como eu. Mas ele era meu irmão, e quando o Deus exigia sangue, Ele receberia sangue.

Os Hadleighs estavam por trás disso. Eu *sabia* que eram eles.

Todos esses anos que eu estive correndo, eu pensei que tinha sido mais esperta que eles. Eles nunca me encontrariam, eles nunca me rastrearão. Enquanto eu continuasse me movendo, enquanto eu me deitasse, enquanto eu não dissesse meu nome a ninguém, eu sobreviveria.

Mas agora... agora eu tinha sobrevivido, e Marcus tinha morrido em meu lugar.

A polícia desistiria dessa investigação no momento em que pudesse. Eles já estavam no bolso de trás de Kent Hadleigh. Eu sabia como foi; Eu tinha passado por isso. Eu contei a eles minha história de novo e de novo, até que tudo estava misturado na minha cabeça, e eles me disseram que nunca aconteceu.

Eles me disseram que a igreja nunca aconteceu; não havia mantos brancos e máscaras de caveira. Eles me disseram que a mina nunca aconteceu; o poço tinha sido tapado por décadas.

Eles me disseram que não havia monstros no escuro e nenhum demônio me perseguindo; eram só as drogas, e eu tinha um problema, e precisava de ajuda.

Mas eles estavam errados. Tinha sido real. Eu tinha as cicatrizes para provar isso.

Deveria ter sido eu. Enquanto eu cravava as unhas nas palmas das mãos, soluços rasgando meu peito, aquele pensamento afundou suas garras cruéis profundamente em minha cabeça: deveria ter sido eu. Era para ser eu.

Não precisei voltar, mas foi nessa direção que comecei a dirigir. Marcus estava morto, e eu não queria ver minha mãe.

Eu não queria chorar em um funeral ou ver o rosto de cera do meu irmão em um caixão.

Eu não queria voltar para Abelaum para lamentar. Eu queria voltar a fazer o que todo mundo se recusava a fazer. As acusações não ajudaram. As autoridades não ajudaram. Eu estive correndo por anos pensando que tinha fugido, mas Deus encontra uma maneira de tomar o que Ele quer independentemente.

Levou meu irmão. O Deus, os Hadleighs, todos os seus pequenos seguidores doentes — eles operavam sem medo. Eles mataram sem hesitação. Eles se escondiam à vista de todos porque achavam que ninguém ousaria desafiá-los. Afinal, eles tinham um Deus ao seu lado. Quem ousaria desafiar um Deus?

Eu. Eu posso. Eu o havia desafiado antes, e faria de novo.

Não haveria justiça a menos que eu mesmo a tomasse.



Era outro mundo em Abelaum.

A névoa permaneceu nas ruas por mais tempo do que deveria, rebelando-se contra o sol e bloqueando seu calor. Os prédios de tijolos pingavam de umidade, o musgo se arrastava pelas calçadas e se agarrava às casas. A baía estava quieta, sua superfície como vidro, uma imagem espelhada das árvores que a cercavam lançada em sua superfície.

Do lado de fora, Abelaum parecia um lugar seguro e tranquilo para se viver. Mas por trás da fachada de cafés modernos e microcervejarias, havia um desconforto que fazia as pessoas correrem para dentro depois de escurecer. Rumores de caminhantes desaparecidos foram repassados durante o brunch. Alunos do ensino fundamental trocaram lendas locais como cartas de Pokémon.

As árvores também eram estranhas. Era a maneira como suas raízes retorcidas se enrolavam para fora da terra, como se estivessem tentando escapar. Eu sabia o que se escondia sob aquelas árvores. Eu conhecia o perigo que esperava pelo pôr do sol, que se escondia nas sombras. Mas o perigo não esperava apenas na escuridão. Também andava à luz do dia, em ternos italianos caros, com um sorriso encantador e uma família imaculada, sempre acima de qualquer suspeita.

Esta cidade estava cheia de monstros.

Choveu forte durante o funeral. O trovão que reverberava no céu e os relâmpagos nas nuvens pareciam que Deus estava rindo: rindo do meu

medo, minha dor, minha luta inútil. Como um gato brincando com um rato. Esta foi talvez a maior piada de todas: não importa o quão longe eu tenha corrido, ainda me fez voltar aqui.

Mantive distância do funeral. Eu escalei a cerca de ferro que guardava o cemitério de Westchurch, mas fiquei embaixo das árvores, o capuz da minha capa de chuva preta puxado para baixo sobre minha cabeça. De lá, eu podia olhar para as fileiras de cadeiras de plástico abrigadas sob dosséis brancos, com vista para o buraco retangular aberto na grama.

As lágrimas que queriam vir estavam trancadas lá dentro, atrás de uma parede de fúria tão espessa que nem mesmo a dor conseguia escapar.

Eu assisti enquanto eles fechavam o caixão e baixavam Marcus. De longe, seu rosto parecia normal. Como se estivesse dormindo. Fazia anos desde que eu o tinha visto pessoalmente.

Eu só tinha visto suas fotos no Facebook, suas fotos do baile, seu sorriso largo quando foi promovido a capitão de futebol. Eu deveria saber o perigo que ele corria. Jeremiah Hadleigh estava no time com ele. Eu tinha visto suas fotos de grupo juntos. Eu tinha visto eles marcando uns aos outros em posts do Facebook.

Eu deveria saber. Eu deveria tê-lo avisado.

Mas ele não teria acreditado em mim.

Minha mãe estava lá, sentada na primeira fila, seus longos

cabelos castanhos com mechas grisalhas. Ela estava mais magra do que eu me lembrava, curvada em seu assento, silenciosa e imóvel enquanto olhava para o caixão. Ela tinha feito a mesma coisa quando papai saiu: apenas se sentou na mesa da cozinha e olhou, olhou como se qualquer vida que estivesse dentro dela tivesse desaparecido.

Acho que quando você perde alguém, uma pequena parte de você vai com ele e nunca mais volta.

Mas para onde Marcus tinha ido – sem vida, sem amor, sem paz poderia esperar por ele lá.

Quase todas as crianças em Abelaum conheciam as lendas, mas eu sabia que eram *verdadeiras*. Um Deus na mina fez um acordo com três homens: eles poderiam viver, mas em seis gerações, eles teriam que

pagar a misericórdia de Deus.

Três vidas poupadas devem um dia ser três almas dadas.

Os sobreviventes sobreviveram. Eles tinham suas famílias.

Tiveram filhos, netos, bisnetos. Abelaum havia sido construído naquela velha mina, então metade da cidade podia traçar sua ascendência até seus trabalhadores. A história dos sobreviventes tornou-se mito. Mas sempre, nas sombras, aqueles que eram devotados ao Deep One continuaram seu trabalho. Eles reuniram novos adoradores, observaram e esperaram. Eles esperaram pelo dia em que os sacrifícios poderiam ser dados.

E agora, aqui estávamos nós: a sexta geração. Os cordeiros sacrificados.

Quando os enlutados se levantaram de suas cadeiras e começaram a se dispersar, minha mãe ficou sozinha ao lado do

túmulo. Ela enterrou o rosto nas mãos, e meu estômago revirou quando alguém veio ao seu lado. Alto e magro, com cabelo prateado liso e um terno preto justo, Kent Hadleigh colocou o braço em volta dos ombros dela e a deixou chorar em seu peito.

Eu estava armada e estava confiante de que poderia fazer o tiro. Minha mão não tremia quando mirei em sua cabeça, meu dedo não hesitaria em puxar o gatilho. Não terminaria, mas seria um bom começo.

Meus dedos roçaram a pistola, amarrada ao meu lado, acariciando sua superfície fria. Deus, a satisfação que eu sentiria ao ver seu sangue e miolos borrifados no chão. Eu não podia olhar para ele e não vê-lo como ele estava naquela noite: vestido de branco, colocando uma máscara de caveira de veado na cabeça, impiedoso com meus gritos.

Eu deveria ser o sacrifício, mas quando eles não podiam me ter, eles levaram Marcus.

Baixei a mão. Deixei a arma sozinha. Matar Kent agora começaria uma guerra para a qual não estava preparada. Pelo menos ainda não.

Por volta da meia-noite, as nuvens começaram a clarear. O

céu frio e estrelado olhava para o pequeno cemitério, a grama úmida,

a névoa subindo das árvores. Eu odiava funerais: os soluços, a cerimônia, as palavras vazias proferidas pelos pregadores, os discursos engasgados. Mas na noite tranquila, observando o túmulo do meu irmão de longe, senti que poderia realmente dizer adeus.

Afinal, Marcus sempre fora calado. Doeui pensar que eu não sabia se ele tinha permanecido assim. Mas quando criança, ele sempre foi cuidadoso com suas palavras. Ele nunca foi rápido para se irritar. Ele ficou pensativo; o tipo de garoto que arrancaria dentes-de-leão e os daria para mim no meu aniversário. Sempre acreditei que viver com mamãe o quebraria, suportando sua raiva e sua tristeza. Achei que ele seria pego nesse mesmo ciclo de dor.

Eu nunca saberia se ele estava feliz. Eu nunca saberia se ele continuava gentil. Parte de mim esperava que ele não tivesse mudado, e talvez isso fosse egoísta da minha parte. As pessoas nunca ficaram como você as encontrou. Ao longo de minutos, horas, meses, anos – as pessoas que você conheceu tornam-se estranhas e você tem que encontrá-las novamente.

Era estranho honestamente; a dor que eu sentia era baseada nas lembranças de uma pessoa que eu não conhecia mais. Ele e eu só tínhamos um passado.

Eles levaram tudo. A família Hadleigh, e o culto que eles comandavam, não precisavam me matar para tirar minha vida.

Eu era uma mulher morta andando. O que restou? Uma mãe que me odiava, sem futuro, sem lar, sem esperança. Apenas uma fúria tão profunda, escura e ardente que poderia rivalizar com um Deus.

Eu estava ficando cansada, mas não queria dormir. Eu planejava ficar debaixo das árvores a noite toda, e de manhã, talvez eu tivesse alguma aparência de direção novamente. Eu nunca tive um plano na vida, porque os planos não podiam explicar Deuses e monstros. Mas agora, eu senti que precisava

de um. Eu precisava de algo sólido, algo para agarrar, algo para iluminar a escuridão.

A escuridão estava se fechando por tanto tempo que eu nem conseguia mais enxergar.

A névoa havia se espalhado pela grama, envolvendo o túmulo de Marcus. Era tarde da noite e as ruas estavam vazias. Provavelmente era seguro para mim descer e sentar com ele por um tempo, mas

parecia muito íntimo. Eu não merecia estar tão perto dele.

Então, perto do túmulo, algo se moveu.

Fiquei totalmente imóvel, cada músculo tenso. Arrepios subiram pelas minhas costas enquanto eu observava uma figura escura se mover pelo gramado. Cabelos loiros... pele tatuada... olhos dourados.

O pânico explodiu através de mim. Meus membros se contraíram e cada nervo formigava, exigindo que eu corresse.

Meus pulmões pareciam estar sendo espremidos entre mãos frias e ásperas. Eu não ousei me mexer. Se eu respirasse muito forte, ele ouviria.

O que diabos o demônio de estimação de Kent Hadleigh estava fazendo aqui?

Mantive cada respiração tão lenta e medida quanto possível, apesar do meu instinto inicial de segurá-la. Eu descansei minha mão contra minha arma, mesmo sabendo que uma bala não o mataria. Minha mente estava correndo: correr... esconder... lutar... ou esperar.

Esperei, mantendo-me ainda nas sombras. Ele me veria se olhasse na minha direção. A paranóia selvagem que Kent o

enviou atrás de mim fez meu coração bater dolorosamente, mas Kent não podia saber que eu estava de volta a Abelaum; nem minha mãe sabia.

O demônio vagou, olhando para os túmulos enquanto passava por eles, antes de chegar à terra recém-revolvida que era o local de descanso de Marcus. A raiva fez minha pele queimar quando ele parou e leu a lápide... e começou a cavar a cova.

Mordi a língua em um esforço para não gritar. Minhas unhas se agarraram firmemente à árvore atrás de mim, como se eu pudesse me ancorar ali. Se eu corresse para ele, se eu tentasse lutar com ele, ele faria um trabalho rápido e descuidado comigo. Fantasias de atirar nele, de conseguir matá-lo, abundavam em minha mente, mas eram apenas isso –

fantasias.

Eu tinha que ser paciente. Agora, mais do que nunca, eu tinha que esperar meu tempo.

O demônio continuou cavando, seus olhos como faróis na noite. Ouvi aquelas garras perversas arranhando a madeira quando ele alcançou o caixão, e eu tive que me forçar a não desviar o olhar quando o demônio puxou meu irmão de seu túmulo e o puxou por cima do ombro.

— Acorde, acorde, — disse ele, e se arrastou para fora do buraco para despejar Marcus frouxamente na grama. —

Apenas me dê um minuto aqui, amigo. Não posso deixar sua mãe saber que o túmulo de seu filho foi profanado.

Deus, isso me deixou doente. Eu o mataria por isso, eu explodiria a porra da cabeça dele. Mas mesmo em minha fúria,

eu sabia que o demônio era apenas uma ferramenta. Kent Hadleigh ordenou a ele.

Mas por que roubar seu corpo?

O demônio puxou Marcus por cima do ombro, como se ele não fosse nada mais do que um saco de carne para ser jogado ao redor. Meu estômago revirou, e a raiva queimou na minha garganta, mas eu tive que calá-la. Eu tinha que ficar quieta, eu tinha que esperar e assistir. Só quando o demônio se foi, há muito tempo fora da minha vista, eu me permiti bater meu punho cerrado contra o tronco da árvore, sufocando os gritos que queriam sair com ele.

Os Hadleighs haviam selado seu destino quando falharam em me matar. Eles bateram o primeiro prego em seu próprio caixão quando mataram Marcus. Eles martelaram o segundo quando roubaram seu corpo.

Eu ia matar todos eles. Não importa o que custasse. Não importa o que eu tive que desistir.

Não importa quais acordos tivessem que ser feitos.



Eu estava caçando almas por mais de cinco séculos.

Era um trabalho lucrativo, e tinha um jeito de se tornar mais fácil quanto mais tempo você fazia. Traga uma alma de volta ao Inferno, e você ganha poder. Traga duas almas de volta ao Inferno, seu poder dobra. E assim por diante.

Colete almas suficientes e o Inferno começará a lhe proporcionar certos luxos: dinheiro humano, especificamente.

Tornou-se muito mais fácil convencer os humanos a confiar em mim quando eu podia impressioná-los com coisas caras.

Mas as melhores caçadas não eram fáceis. Eu não queria que fossem; Acolhi a emoção de um desafio. Talvez fosse por isso que eu me tornei tão atraído pelas esquisitices, os esquisitos, as pequenas aberrações assassinas. Talvez fosse por isso que eu ansiava mais por suas almas.

Caro fodido Lúcifer, eu amava um assassino.

Humano ou demônio, não importava: um ser com sangue nas mãos e um sorriso no rosto fazia isso por mim. Pequenos mortais malvados raramente eram uma ameaça para *mim* ; mas caramba, eles eram fofos, e suas almas tinham um peso único que eu adorava.

Eu gostava de coisas *fofas*. Eu gostava de esmagá-los e

quebrá-los e ver o que seria de todos os pedacinhos irregulares.

Talvez minha definição de “fofo” fosse um pouco diferente.

Juniper Kynes, por exemplo. Adorável. Assassina. Viciosa.

E obrigada a ser minha.

Eu a estava caçando há quatro anos. Eu não me chamaria de *obcecado* – isso soava confuso. *Intrigado* era mais preciso.

Determinado, talvez. Afinal, havia um ponto em cada caçada em que cabia à presa fazer seu movimento. Eu não podia simplesmente levar sua alma; ela tinha que dar de bom grado.

Eu esperei anos para que minha pequena loba parasse de correr. Eu sabia que ela iria. Ela não poderia resistir para sempre.

Um lobo precisa de uma matilha. Um lobo não pode caçar sozinho.

Tudo o que ela tinha que fazer era me mandar uma mensagem de texto com quatro palavras simples: eu quero conversar.

Sorri quando vi a mensagem aparecer no meu celular.

Negócios ou prazer? Eu sou um demônio ocupado, sem tempo para conversa fiada.

Foda-se. Eu ri alto e esperei. Ela não faria um segundo disso fácil, e era disso que eu gostava: um desafio. Eu queria lutar por isso.

Então, eu quero fazer um acordo.

Foi uma coisa boa eu estar sozinho, porque meu disfarce humano instantaneamente caiu. Eu não conseguia esconder minhas garras quando estava tão ansioso para colocá-las nela.

Nomeie a hora e o lugar.

Joanie's Bar, em Blackhook, perto da costa. Venha tarde.

Suponho que ela se sentiu segura na pequena cidade que escolheu. Ficava a quilômetros de Abelaum, abraçando a costa fria, algumas ruas de casas e vários comércios antigos, metade dos prédios abandonados. Barcos de pesca se alinhavam na pequena marina, e o Joanie's Bar ficava acima disso.

Eu estava muito ansioso, e cheguei lá antes dela. Era um lugar minúsculo, as paredes forradas de fotos de pescadores com suas capturas. Peguei uma mesa no canto de trás, onde eu poderia

inspecionar o lugar, observando enquanto os humanos se misturavam no bar e bebiam cervejas silenciosamente em suas cabines. Eles me deram alguns olhares estranhos, mas sem problemas. O instinto lhes disse para manter distância.

Blackhook estava a quase duas horas de Abelaum, mas ainda não estava isento da influência do Deus. A essência contaminada do Deep One ainda podia ser sentida aqui, pungente no ar, como um odor sempre presente de mofo e peixe podre. Quem morava aqui provavelmente nem percebeu.

Mas a podridão de Abelaum havia se espalhado, como a podridão sempre faz.

Especialmente agora que Kent e seu Libiri conseguiram oferecer seu primeiro sacrifício.

Toda Abelaum estava falando sobre isso: o triste destino do irmão de Juniper. Eu poderia assumir que o assassinato dele foi o que a trouxe de volta aqui, mas eu estava curioso

para saber o que ela queria. Uma nova vida, talvez, em algum lugar longe de Abelaum. Talvez ela quisesse dinheiro. Talvez ela quisesse Kent Hadleigh morto, o que eu certamente não me importaria de fazer, embora fosse complicado. Havia uma razão para Leon ainda não o ter matado.

As melhores caçadas eram difíceis, mas os melhores negócios eram simples. Afinal, uma vez feito um acordo, a ideia era passar rapidamente para o próximo. Eu tinha lugares para estar e almas para coletar, humanos para foder, prazer para ser tido. Embora eu não pudesse deixar de imaginar como seria ficar com ela por um tempo, para extrair alguns benefícios extras do negócio para mim.

Ela era uma foda muito boa. Bonita e perigosa. Uma anomalia nascida de sangue e dor, terror e sacrifício. Um humano que, contra todas as probabilidades, desprezou Deus e o destino, e emergiu, ensanguentado e quebrado, para ser transformado em algo novo.

Minha própria pequena loba, uma fera em forma humana.

Um pedaço fragmentado do destino.

Eu a senti muito antes de ela chegar às portas. Seu cheiro era absolutamente irresistível. Como madressilvas florescendo pela manhã, como terra depois da chuva, como agulhas de pinheiro

esmagadas sob os pés. Selvagem e revigorante, uma vez que entrou em seu nariz, não havia como sacudi-lo.

Quando ela entrou no bar, foi como ver uma tempestade passar sobre as montanhas.

Ela usava jeans rasgados, botas de caminhada tão gastas que os cadarços estavam desgastados e um moletom preto com

Thrasher estampado na frente. Seu cabelo castanho longo e selvagem estava preso em um rabo de cavalo, revelando o corte inferior raspado na lateral de sua cabeça. E seu rosto... porra.

O coração da tempestade estava naqueles olhos escuros e pingava em seus lábios cheios e tingidos de licor. Sua pele estava bronzeada pelo sol, e uma cicatriz fina e pálida – como o corte da lâmina de uma faca – percorria sua mandíbula.

Ela estava parada na porta, balançando um pouco, sem se preocupar em limpar a névoa de chuva de seu rosto.

Ela estava bêbada. Eu não podia culpá-la.

Ela me viu enquanto seus olhos varriam o bar, e um relâmpago brilhou em sua tempestade. Houve um momento de medo, de indecisão, mas ela não voltou atrás. Ela também não veio até mim imediatamente. Em vez disso, ela foi até o bar, onde abraçou a mulher mais velha que servia as bebidas e, amigavelmente, agarrou os ombros de alguns pescadores grisalhos curvados sobre suas bebidas.

Ela estava cercada de amigos aqui, e queria que eu soubesse disso.

Eu me inclinei para trás, sorrindo na minha cadeira. Que fofo! Ela pensou que um bar cheio de humanos realmente teria uma chance de me parar. Ela teve sorte que eu não queria machucá-la; pelo menos não de maneiras que seu coração escuro e retorcido não desejava.

Depois de uma breve conversa com o barman, ela veio até mim. Seus olhos estavam cautelosos, mas seu andar era confiante, e ela se acomodou na cadeira à minha frente.

— Você se lembrou de como eu pareço dessa vez, — eu disse. — Eu me sinto tão especial.

— Não, — ela disse categoricamente. Sua voz era profunda e um

pouco rouca. Mas eu sabia como soava quando suavizava com prazer, quando aumentava com dor. — Sempre tento me lembrar de coisas úteis. Espero não estar errada em supor que você será útil.

— Espero que eu não esteja errado em supor o mesmo de você. — Acenei para o barman, que estava nos observando como um maldito falcão, e levantei dois dedos para beber. Ela olhou para mim quando ela começou a derramar.

— Essa é Joanie, — Juniper disse. Ela cruzou os braços, os ombros rígidos. — Ela e sua esposa são donas deste lugar há vinte anos. A maioria das pessoas aqui não hesitaria em atirar em você se você tentar alguma coisa.

Eu sorri. — Eu sei. Você veio aqui quando deixou Abelaum pela primeira vez. Joanie lhe deu um emprego e um lugar para ficar por um tempo. Você ficou até que o Eld a localizou aqui.

Meu sorriso se alargou quando sua mandíbula se apertou com raiva. — Quando eles começaram a invadir este lugar todas as noites, você decidiu ir embora.

Ela engoliu em seco, seus olhos presos em mim. — Por que diabos você me seguiu todo esse tempo? O que me torna tão especial para você?

— Um bom caçador rastreia sua presa, — eu disse, — e espera o momento certo para pegar seu prêmio. — Sorri quando Joanie trouxe duas cervejas, batendo a minha com um pouco mais de força do que o necessário. Enquanto ela se afastava, eu disse: — O que diabos você disse a ela, afinal? Eu

sou um ex traidor horrível, um primo desagradável?

— Meu negócio é meu negócio, — disse ela. — Eles não se importam com quem você é. Tudo o que importa é que eu saia daqui viva.

— E você vai. Que desperdício se eu apenas *matasse* você depois de todos esses anos. Eu acho que você poderia dizer que eu me apeguei. — Inclinei-me sobre a mesa, sem perder a forma como ela ficou tensa quando me aproximei. — Mas você veio aqui para discutir um acordo, então deixe-me dizer a primeira coisa sobre acordos: eles *machucam*. Eles deveriam.

Mas lidar comigo? Doem ainda mais.

Seus olhos se estreitaram. — Porquê?

— Porque eu quero. Acontece que gosto de fazer os humanos sofrerem pelo que querem. E quando um humano está pronto para fazer um acordo comigo, é *muito* o que eles querem.

Ela bufou. — Tente trabalhar em uma masmorra BDSM.

Parece o que você está procurando.

— Ah, eu já fiz. Eles acharam meus métodos um pouco...

extremos. Mas eu só atendo ao que os masoquistas querem.

Quem sou eu para dizer a alguém, não, não vou costurar sua boca e fazer você gritar, depois de me *implorar* para fazer exatamente isso?

A expressão dela não mudou. — Você fala demais.

Desculpe estourar sua bolha, mas a dor não me assusta.

— Você não deveria me dizer coisas assim, Juniper. — Eu mantive meu sorriso reservado, mas eu estava formigando. Não havia nada mais excitante do que um humano desafiador, nada

mais doce do que uma mortal que fingia não ter medo. —

Parece muito um desafio.

— Eu não estou interessada em seus jogos. Eu quero fazer um acordo, Zane. Quais são seus termos?

— Diga-me você, lobinha. — Eu acenei minha mão. —

Diga-me o desejo do seu coração, e eu posso fazer isso acontecer.

Ela estreitou os olhos, em silêncio por um momento.

Depois, — quero destruir o Libiri.

Ah. Nós vamos. Eu não esperava... isso. — Destruir ...

certo. Você quer dizer matar Kent Hadleigh?

— Eu quero matar Kent. Eu quero matar Jeremiah, Victoria e Meredith. Eu quero a família deles varrida da face da Terra, e então, eu quero o mesmo para seus seguidores. Quero seus mais leais

abatidos. Quero que qualquer um que já os apoiou passe o resto de suas vidas miseráveis tremendo de medo de que eu possa encontrá-los. — Ela se inclinou para trás, cruzando os braços. — E eu quero fazer isso sozinha, com minhas próprias mãos. Eu só preciso de apoio.

— Isso é... extenso. — E demorado. *Muito* demorado.

Tempo que eu poderia gastar começando minha próxima caçada.

Ela colocou um sorriso arrogante em seu rosto. — Você está dizendo que não pode fazer isso?

— Estou *dizendo* que o que você quer vai ser um monte de problemas. Destruir o Libiri significaria erradicar metade da cidade de Abelaum.

Ela deu de ombros. — Não tenho problema com isso. Vou

simplificar: vamos lançar uma bomba nuclear em todo o lugar.

Fácil.

Eu ri. — Embora eu admire que sua ideia de simplicidade seja eu lhe dando acesso a bombas nucleares, temo que de fato haja limitações no que posso fazer por você. Hoje em dia, não posso simplesmente varrer uma cidade da face da Terra. O

Conselho do Inferno teria um ataque se eu aceitasse um acordo como esse. Você não prefere ter um novo começo? Uma casa em algum lugar distante, dinheiro para o que seu coração desejar... uma nova vida?

— Não há *vida nova* para mim. Eles mataram meu irmão.

— Ela assentiu lentamente e, embora piscasse rapidamente, lágrimas brotaram de seus olhos. — Não há um novo começo a partir disso. Se você não cavar a podridão, ela só continuará se espalhando. A única coisa que meu coração deseja é vingança.

— Suas mãos estavam cerradas em punhos sobre a mesa. Sua voz baixou. — Eu não me importo com o que você quer de mim.

Minha alma, meu sofrimento... não importa o que custe. Você diz que seus negócios doem. Bem, o meu também. E não tenho medo. Você tem?

Esta mulher. Essa maldita *mulher*.

— Ah, Juniper. — Eu balancei minha cabeça. — Você não sabe o que está pedindo.

A chuva caía forte, batendo forte no velho telhado do bar.

Era tarde, e os únicos que permaneceram no bar foram a própria garçonete, alguns bêbados e nós. Juniper fechou os olhos por um momento, seus lábios pressionados em uma linha fina e dura. Ela queria um acordo difícil, então ela

conseguiria um. Se eu seria responsável por ajudá-la a decretar sua vingança, eu ia exigir mais do que sua alma.

Bati meus dedos na mesa, e quando ela abriu os olhos para olhar para mim novamente, sua expressão não traiu medo.

— Eu não me importo com o que você quer, — ela disse novamente.
— Eu vou te dar minha alma. Vou me condenar por isso. Me torture. Foda-me. Me machuque. Não importa. Eu quero todos eles mortos.

Pensar em fazer todos os três com ela tornou muito difícil manter meu disfarce humano. Eu me mexi no meu assento, reajustando meu pau rígido no meu jeans. — Sua alma é apenas o pagamento inicial. É um preço alto para uma tarefa pesada.

Ela tinha uma boa cara de pôquer. Qualquer emoção era enterrada tão rapidamente que era como se nunca tivesse estado lá para começar. — Me teste. Qual é o seu preço?

Bebi minha cerveja, lentamente, saboreando-a por um momento. O álcool humano não fez nada para a minha espécie, mas o sabor era bastante agradável. — Sua alma é o começo,

— eu disse. — Seu corpo também será meu. Seu prazer, sua dor – e sua submissão. *Meu*. Em troca, ajudarei a realizar essa vingança que você procura.

Parecia um preço adequado para a tarefa. Afinal, se eu fosse amarrado a ela para realizar seus desejos, eu iria me certificar de que eu me divertia. Ela ficou em silêncio por um momento, sua mente girando. Eu era boa em ler humanos, discernir suas emoções, determinar se eu estava forçando

demais ou não o suficiente. Mas ela era complicada. Ela escondeu tudo com tanto cuidado.

Finalmente, ela disse suavemente: — Eu não vou me submeter.

— Então temo que não tenhamos um acordo.

Um trovão ressoou do lado de fora, sacudindo as garrafas de licor atrás do bar. Juniper sibilou, virando o rosto com fúria.

Mas ela não se levantou. Ela não fugiu. Com os olhos fixos na chuva que escorria pelas janelas da frente do bar, ela disse suavemente: — Não posso. Eu *não posso*.

— *Não posso* é um pouco diferente de *não vou*, não é? —

Eu sorri.

— Tudo o que sei é como lutar. — Ela olhou para cima, e por trás da raiva em seus olhos, havia desespero. Que engraçado descobrir que uma pequena palavra era seu ponto de discórdia. Mas eu não era tão exigente.

— Então lute comigo, — eu disse. — Lute para o conteúdo do seu coração, e saiba que você vai perder, todas as vezes.

Saiba que não importa o quanto você lute, você é minha no final. — Seus olhos piscaram em meu rosto, procurando por uma armadilha. — E se você não pode suportar, implore por misericórdia. Nós, demônios, podemos ser cruéis, mas até nós entendemos o conceito de misericórdias necessárias.

Ela zombou, seu desespero desaparecendo e o orgulho tomando seu lugar. — Eu não *imploro*.

— Sob minhas garras, você vai, — eu disse. — Se você *pedir* misericórdia, eu a concederei. Se você pode concordar com meus termos, você terá o que deseja. Vamos matar os

Hadleighs. Vamos destruir o Libiri. Qualquer coisa que eles tentarem realizar, nós destruiremos. — Engoli o resto da minha cerveja. — Eu não tinha um acordo assim desde a Idade Média.

Eu costumava conseguir pechinchas para guerras e assassinatos de reis. Isso é honestamente um pouco nostálgico.

Ela apertou a mandíbula com tanta força que eu pude ver o azul pálido de uma veia na lateral de seu rosto. Ela não gostou das minhas lembranças carinhosas, mas eu não me importei. Ganhar acesso para

jogar com ela como eu quisesse valeu a pena o tempo que levaria para concluir este acordo.

— É uma grande decisão, — eu disse, enquanto ela olhava pensativa.
— Seu corpo e alma por vingança. Eu quero *tudo*, Juniper. Não se engane, para um acordo como este, eu vou possuir você de todas as maneiras possíveis. Você diz que não tem medo da dor... — Inclinei-me para mais perto e observei sua forma inteira se contrair novamente, seu corpo se preparando para lutar. — Mas acho que você esqueceu como sentir isso.

Estendi a mão, roçando meu dedo levemente contra a linha quase invisível de uma cicatriz que espreitava por baixo do decote de sua camisa. Sua pele era tão macia para uma mulher tão dura. Ela segurou meu olhar sem vacilar.

— Eles machucaram você uma vez, — eu disse suavemente. — Então você decidiu que nunca mais sentiria dor, não é? Se você não pode senti-lo, então você não vai temê-lo.

Ela sorriu lentamente. — Quase. Mas não exatamente.

Eles me machucaram uma vez, então decidi que a dor não pode me machucar mais. Eu decidi que a dor é muito boa. A dor me faz continuar. Às vezes a dor é a única coisa que me lembra que estou viva.

— Então acho que nos daremos muito bem, Juniper Kynes. — Eu me levantei, e ela se encolheu com o raspar da minha cadeira no chão de madeira. — Vá para casa. Durma fora de seu licor e pense sobre isso. Se você quer o acordo, vá para a floresta amanhã à noite, o mais fundo que puder. Vou te encontrar.

Ela olhou para mim com os olhos arregalados, que rapidamente se estreitaram em suspeita. — A floresta... por quê?

Eu sorri. — Porque lá, ninguém pode ouvir você gritar.



Fiquei na mesa depois que ele saiu, tomando minha cerveja. Eu já estava bêbada como o inferno; foi a única maneira que consegui criar coragem para encontrá-lo aqui. O

uísque que eu bebi mais cedo colidiu com a cerveja no meu estômago, e eu me inclinei pesadamente sobre a mesa, a cabeça baixa, tentando não vomitar.

O que diabos eu tinha feito? Eu pensei que ele iria acabar com isso. Eu pensei que ele iria abocanhar minha alma no momento em que eu a oferecia. Eu vim aqui pronta para forçar meu caminho para a bravura, mas ele me disse para ficar sóbria e *pensar*.

Não havia nada em que pensar. Eu sabia o que precisava fazer. Não havia mais nada para mim, nada além disso: um acordo para condenar minha alma miserável, um acordo que me colocaria sob a mercê de um monstro.

Eu pulei com o toque de uma mão nas minhas costas.

Mas era apenas Joanie, seus longos cabelos castanhos amarrados para trás, com um copo de água na mão calejada.

— Você parece uma merda, — disse ela, em sua maneira usual, direta, sem tempo para gentilezas. — Você andou bebendo demais.

Dei de ombros. — Demais? Demais para quê? Pela porra da minha saúde?

Ela estreitou os olhos. — Não fique esperta comigo agora.

Eu ainda vou bater na sua bunda.

Eu acreditei nela. Peguei a água, bebendo o máximo que pude suportar. Ela se inclinou contra a mesa enquanto me observava. — Eu ouvi sobre seu irmão. Sinto muito, Juniper.

Palavras como essa deveriam ser um conforto. Em vez disso, parecia uma agulha sendo lenta e meticulosamente perfurada em meu coração. Eu balancei a cabeça lentamente, e engoli o resto da água. — É o que é.

Ela balançou a cabeça. — Não faça isso consigo mesma agora. Eu sei que você está sofrendo. — Ela se sentou na minha frente, as mãos cruzadas sobre a mesa. — Faz muito tempo, Juniper. Você sabe que sempre pode nos ligar. Se você precisar de um lugar, Alice e eu ficaremos mais do que felizes...

— Eu estou bem, — eu disse rapidamente. — Eu tenho um lugar.

Ela assentiu, mas não parecia acreditar em mim. Ela conhecia minha história, ou pelo menos ela sabia do jeito que as notícias tinham contado, do jeito que as fofocas a tinham emoldurado. No momento em que fui liberada do hospital aos dezoito anos, aprendi melhor do que tentar fazer alguém acreditar em mim.

— Esse, uh... *amigo* seu lhe deu algum problema? — ela disse.

Eu balancei minha cabeça. — Não. Mas eu vou ser um problema para ele.

Ela riu, me dando um tapinha no ombro enquanto se levantava. — Essa é minha garota. Você dá a eles o inferno, Juniper. Não se preocupe em correr para qualquer lugar. Ainda tenho toda a limpeza para fazer. Apenas me avise quando você estiver saindo e eu destrancarei a porta.

Ela voltou a limpar o bar, e eu bebi o resto da minha cerveja. Eu daria a ele o inferno, tudo bem. O inferno era apenas o começo.

Papai foi embora quando eu tinha dez anos, mas acho que ele e mamãe se separaram muito antes disso. Eu não tinha lembranças dele morando no trailer conosco. Em vez disso, os dias que eu conseguia me lembrar de passar com ele eram na casinha de pedra na floresta.

Não era realmente uma casa, mas eu a chamava assim quando criança.

Era uma cabana de caçador, construída de pedra. Ficava em meio acre de terra que papai dizia pertencer à família desde a fundação de Abelaum. Isolada e tranquila, dava para um riacho e era cercada pela floresta por todos os lados.

Ele ia lá alguns fins de semana do ano para caçar e pescar, e ele normalmente tentava trazer eu e Marcus com ele.

Papai me ensinou a usar uma arma. Ele me ensinou a caçar, a limpar um peixe e a abater um veado. Ele me ensinou a não ter medo do escuro, porque não havia nada lá fora que eu não pudesse aprender a me proteger.

Eu tinha onze anos quando ele morreu. Foi o primeiro funeral a que fui. Marcus chorou, e mamãe ficou tão silenciosa.

Mas eu senti como se alguém tivesse feito um buraco no meu

peito. Era um grande vazio dolorido, irreparavelmente cru. A dor nunca foi embora, apenas ficou entorpecida.

Papai me deixou a cabana e o terreno onde ela estava.

Uma das coisas que fiz questão de fazer antes de fugir de Washington foi garantir que o lugar fosse assinado em meu nome. Acho que papai esperava que eu o vendesse e fosse para a faculdade, mas em vez disso eu me agarrei a ele. Foi minha última âncora para casa, minha última ligação com ele.

Tive sorte de ter o jipe, porque a estreita estrada de terra em direção à cabana estava há tanto tempo sem uso que estava quase totalmente coberta de mato. A cabine em si estava muito mais degradada do que eu me lembrava. A janela da frente foi quebrada e pichações espalhadas pelas paredes. Lá dentro, os ratos tinham comido as almofadas do sofá e feito buracos na cama do sótão. Por sorte, o poço não tinha secado, mas a torneira cuspiu e ficou marrom por alguns minutos quando a liguei.

Eu tinha ficado em lugares piores. A cabana estava uma bagunça, mas guardava lembranças. Aqui havia fogos quentes e os abraços de papai. Aqui havia amores e histórias de fantasmas, pescando no rio, correndo pelo quintal com Marcus.

Aqui meu pai colocou um rifle em minhas mãos e disse: —

Juni, não deixe suas mãos tremerem. Se um urso está caindo sobre você,

you don't have time to think. You stay calm.

You breathe deep. And you pull that damn cat.

Peguei um pouco de madeira ao redor do quintal e acendi o fogo. Eu não tinha ideia de como conseguiria dormir, mesmo tão exausta quanto estava. Milhares de pensamentos giravam

na turva sopa alcoólica em minha cabeça: negócios demoníacos, o preço de uma alma, o custo da vingança.

A vingança estava chegando há muito tempo.

Levou quase quarenta e oito horas para os grupos de busca me encontrarem depois que eu rastejei para fora da mina e corri às cegas para a floresta. Eu estava desidratada e quase lúcida quando finalmente fui encontrada, amarrada a uma maca e levado para a traseira de uma ambulância.

Quando me deixaram sair do hospital, com um frasco de comprimidos e a recomendação de um terapeuta para que eu fosse — observada com cuidado, — voltei para a escola com uma faca de cozinha na mochila, fui direto para Victoria Hadleigh no meio do segundo período, e tentei cortar sua garganta.

Ela tentou me matar. Parecia certo eu retribuir o favor.

Muito do que aconteceu depois que a polícia me encontrou foi um borrão, manchado como tinta. Eu não estava dormindo, eu mal estava comendo. Eu estava duvidando de tudo que eu tinha visto, tudo que eu tinha ouvido. Eu sentei lá e os médicos tão *calma* e *pacientemente* me disseram que eu estava delirando. Eu tinha a polícia rindo de mim. Eu tinha amigos e familiares virando as costas para mim. O tempo todo eu ficava acordada à noite, com medo de fechar os olhos porque sabia que os pesadelos iriam se aproximar, com medo de sair de casa porque ainda podia ouvir aquela voz me chamando.

Foram meses de processos judiciais, reuniões com advogados, reuniões com psiquiatras. Avaliações, testes. Minha mãe me dizendo o quão sortuda eu era e que os Hadleighs

estavam sendo tão *compreensivos*. Então, finalmente, o resultado. Enviada para um hospital com portas trancadas e corredores silenciosos. Mais comprimidos. Assistida 24/7.

Pelo menos lá, eu não tive que suportar minha mãe olhando para mim

como se eu fosse um rato que se arrastou para dentro de sua casa. Pelo menos a floresta estava do outro lado de uma grande parede de tijolos, e embora eu às vezes ouvisse uivos à noite, não havia mais arranhar do lado de fora da minha janela. Pelo menos lá, consegui sobreviver até os dezoito anos, e me disseram que eu estava — reabilitada.

Mas, três anos no hospital me deram uma falsa sensação de segurança. Os Eldbeasts não conseguiram me alcançar lá.

Só depois que saí percebi o quanto eles eram persistentes.

Onde quer que eu fosse, não importa o quão longe eu fugisse de Abelaum, eles vinham. Tive que aprender suas fraquezas, suas vulnerabilidades, onde atirar, esfaquear, esmagar. Aprendi que a escuridão nunca era segura, mas a luz do dia geralmente era. Aprendi a vasculhar a miríade de lendas e mitos para encontrar pepitas de verdade – verdade que eu poderia usar para me proteger, verdade que eu poderia usar para entender o que havia acontecido.

Não importa para onde eu corresse, não importa o quão longe eu fosse, Deus sabia. Agarrou-se a mim como uma mancha que eu não conseguia lavar. Veio a mim em sonhos.

Agarrando tentáculos. Escuridão sem fim. Visões de coisas impossíveis, de um mundo distorcido além da realidade.

Deus possuía o Libiri, e o Libiri possuía Abelaum. Como raízes de fungos, espalhando-se por toda parte, sufocando tudo

o que encontravam, assim também era seu alcance. Eles recrutaram em sussurros, em cutucadas. Capturavam mentes curiosas e tranquilizavam as temerosas. *O Profundo está assistindo. O Profundo é misericordioso. O Profundo vai subir.*

Complete os sacrifícios. Liberte o Deus. Sirva com lealdade enquanto a humanidade cai sob o domínio de uma antiga divindade.

Marcus foi apenas o primeiro. Mais dois sacrifícios deveriam seguir. Mais duas tragédias. Eu não os deixaria vencer. Eu não iria deixá-los fazer essas visões distorcidas que eu vi em meus pesadelos uma realidade.

Eles tentaram e falharam em me fazer sua vítima. O que restava de mim era o que eles fizeram de mim: uma sombra de sua maldade, um eco de dor, uma tempestade de sua própria criação.

Uma tempestade que os destruiria, mesmo que isso significasse me destruir no processo.



9

Corri pela escuridão, os pulmões queimando, as pernas doendo. As feridas irregulares no meu peito ainda estavam sangrando, cobertas de lama. Galhos e pedras cortavam meus pés descalços, galhos chicoteavam meu rosto. Eu não sabia onde estava ou para onde estava indo. A floresta era interminável, a escuridão tão potente que eu não conseguia ver mais do que alguns metros à minha frente.

Eu tinha rastejado para fora da mina. Eu arranquei as unhas tentando agarrar as paredes lamacentas e escorregadias do poço. Eu machuquei minha garganta pedindo ajuda.

Isso não era um pesadelo. Isso era muito real.

Eu parei, meus pés ardendo tropeçando quando parei. A escuridão estava cheia de formas vagas, minha mente aterrorizada criando fantasmas das sombras.

Mas ali, à minha frente, um par de olhos dourados brilhava no escuro.

Eu estava enraizada no lugar, meus membros congelados de medo. Eu não sabia o que era, mas sabia que não era humano.

Eu ainda estava sendo caçada.

Fazia muito tempo desde a última vez que eu pus os pés na floresta de

Abelaum. O cheiro rico do barro úmido estava tingido de mofo, o cheiro forte dos pinheiros provocando um aperto no meu peito que tornava difícil respirar. Fiquei na beira das árvores, olhando para as sombras, e tudo que eu queria fazer era correr na outra direção. O impulso tomou conta de todo o meu cérebro, um grito frenético que não consegui bloquear, cada membro formigando com a sensação de perigo.

Esperei, ouvindo o vento sussurrar através dos galhos das árvores altas. Escutei a voz que me chamaria. Eu esperei pelo calafrio na minha espinha que me disse quando seus olhos estavam em mim. O Deep One estava preso no subsolo, mas sua influência ia muito além disso: uma rede de raízes que crescia cada vez mais longe, ávidas de fome.

Pelo menos por esta noite, a floresta estava quieta.

Eu estava completamente sóbria. Esta noite, eu fecharia o acordo. Eu sabia agora que não era apenas sobre minha alma.

Sexo, poder, dominação - esse demônio estava jogando algum jogo sadomasoquista onde eu era tanto o prêmio quanto o peão. Se era isso que o demônio queria, se era isso que garantiria sua ajuda, que assim fosse.

Me enojava que eu me sentisse atraída por ele. Ele não era algo que eu deveria ter gostado; ele era algo que eu deveria ter temido. Mas eu podia lembrar tão vividamente como ele se sentiu dentro de mim, como ele *provou*. Meu corpo traiçoeiro ansiava pela dor que experimentei com ele, a requintada agonia

de ser tomada por um monstro.

Com uma respiração profunda, entrei na sombra das árvores. Meu coração batia contra minhas costelas, doendo a cada passo que eu dava. Esse sentimento era sufocante, mas não era apenas medo. Foi emoção. Foi uma emoção bizarra.

Era uma antecipação errática.

Era fome e luxúria e – estranhamente – esperança.

Eu lutei por anos para sobreviver. Eu aprendi como me transformar em uma arma. Mas logo, eu teria uma nova arma.

Eu teria o poder de rivalizar com meus inimigos.

O demônio não me deu instruções específicas. Quanto mais eu andava, meus sentidos em alerta máximo para o menor som incomum, mais minha inquietação crescia. Cada passo era uma luta interna, uma batalha contra minha própria mente. A escuridão não era segura, e eu tinha passado anos sabendo que uma vez que o sol se pusesse, eu seria caçada.

Mas esta caça foi um pouco diferente. Desta vez, eu precisava ser pega.

A chuva abafou todo o som por trás de uma névoa de ruído branco. Eu mantive minha pistola pronta, porque apesar do demônio à espreita em meus calcanhares, havia outros monstros ansiosos para me ter também. Além disso, se por acaso eu atirasse em Zane se ele se aproximasse de mim muito de repente... isso seria bom para ele. Eu tinha visto aquela alegria selvagem em seus olhos quando ele falava sobre dor e sofrimento.

Dois fodidos doentes que gostavam de dor - um mortal, um imortal. Que maldito par seríamos.

Houve um farfalhar de folhas no alto, e quase disparei um tiro quando um pássaro bateu as asas contra as agulhas de pinheiro, espalhando grossas gotas de água. Amaldiçoei baixinho, limpando o excesso de água do meu rosto. Movi a lanterna sobre os arbustos grossos próximos, mas o feixe não conseguia penetrar o suficiente na escuridão.

Um calafrio percorreu minha espinha. Eu não estava sozinha.

— Pobre lobinha. Nervosa?

Eu me virei, arma apontada. A escuridão vazia me cumprimentou, e cerrei os dentes enquanto desejava que meu coração acelerado se acalmasse. — Não brinque comigo, — eu murmurei.

Risos ecoaram pelas árvores. Veio ao meu redor, mas a voz que se seguiu soou como se tivesse sido dita bem no meu ouvido: — Oh, Juniper, brincar com você é *exatamente* o que vou fazer. Acabei de ganhar um novo animal de estimação; seria um *desperdício* não brincar com ele.

Eu não virei. Ele não estaria lá de qualquer maneira.

Baixei a arma, forçando-me a colocá-la de volta no coldre, apesar do desejo dos meus dedos trêmulos de puxar o gatilho.

Mais risadas se seguiram e, com o canto do olho, vi olhos de fogo brilharem para a vida no escuro.

— Não me diga que a pequena loba não vai morder?

Virei a cabeça, lentamente. Zane estava entre as árvores, seu corpo emitindo calor suficiente para que o vapor subisse de sua pele na chuva. Ele tinha uma mão encostada no cedro ao lado dele, e quando ele deu um passo em minha direção, ele

cortou suas garras através da madeira e deixou cortes profundos na casca. Eu me mantive firme enquanto ele subitamente aumentava sua velocidade, movendo-se tão rápido que parecia desaparecer por uma fração de segundo. Quando ele reapareceu, ele estava de pé sobre mim, uma grande mão em volta da minha garganta, garras cavando minha pele.

— Você está pronta, Juniper? Por um acordo selado com sangue?

Eu balancei a cabeça rigidamente, tentando, mas falhando em não olhar para seus dentes tão perto do meu rosto. Eram presas cruéis, projetadas para rasgar carne. A mandíbula de um predador. Forcei meus olhos de volta para encontrar os dele e disse: — Os termos primeiro. Diga-me os termos.

Eu sabia que demônios podiam distorcer as palavras de alguém. Os acordos com eles eram arriscados, porque eles fariam qualquer coisa para encontrar brechas para cumprir sua parte do acordo. De repente me ocorreu que eu deveria ter vindo mais preparada. Eu deveria ter escrito isso. Se eu pudesse pagar um advogado, teria feito com que eles elaborassem estes termos para mim. Se tal advogado existisse, não pensaria que eu tinha perdido a cabeça.

Mas em vez disso, era apenas eu, minhas palavras incertas e o demônio sorrindo para mim.

— Tudo bem, — disse ele, não me dando nem um centímetro de espaço para respirar. Ele estava selvagem hoje à noite, seus últimos esforços em fingir ser humano caíram. Ele olhou para mim com fome, com desejo raivoso. — Ofereço minha ajuda, de todas as maneiras que posso, para destruir o

culto de Libiri. Ofereço-me para não acabar com sua vida mortal por minhas próprias mãos. Ofereço-me para não lhe causar dano além do dano que você deseja.

Eu considerei cada palavra. Tentei encontrar qualquer brecha possível para ele escapar, mas minha mente estava preocupada com o cheiro dele, tão perigosamente perto. Como eu poderia pensar claramente com a mão dele em volta da minha garganta, ou com seu corpo pressionado contra o meu?

— Parte do acordo é que você não vai me matar? Sério?

— É uma formalidade, — ele disse suavemente. — Um que você deveria apreciar.

— E não me causando dano, exceto o que eu quero? Que diabo é isso?

Ele sorriu, todos os dentes afiados. — Você sabe exatamente o que é isso. Pense nisso como uma palavra de segurança integrada. Eu não vou te machucar, se você não quiser.

Eu estava pensando demais, mas não pude evitar. Eu estava prestes a assinar minha *alma*. Não havia volta disso.

Meu coração trovejou, como se quisesse estourar de minhas costelas e correr: fuja desta floresta, desta cidade, deste Estado. Corra e corra, como eu vinha fazendo há anos.

Mas isso nunca terminaria se tudo que eu pudesse fazer fosse correr.

— E em troca? — Zane arregalou os olhos. — O que você oferece, lobinha?

— Minha alma, — eu disse. Então, arreganhando os dentes para a maldade disso, eu disse: — E meu corpo, para

usar como quiser, a menos que você me cause danos... além do que eu quero.

Suas garras apertaram, e eu forcei o gemido que queria sair de mim de volta pela minha garganta. — Você também gostaria de incluir uma oferta para não me matar?

— Não. Essa não é uma promessa que farei.

Ele estalou, balançando a cabeça. — Ah, perigoso. Nunca saberei se você tentará me matar quando eu menos suspeitar.

— Ele estremeceu dramaticamente. — Que emoção.

Tentei não olhar para baixo, mas era difícil evitar a visão da

protuberância em seu jeans, especialmente quando estava pressionado contra mim. — Você é um fodido doente.

— Isso é o que mantém as coisas divertidas: sacanagem doentia. Apenas espere até chegar ao inferno. Construimos cidades inteiras em torno da maximização de tudo que está doente e fodido. — Ele riu, e eu tive a sensação de que estava perdendo uma piada. Provavelmente porque eu nunca tinha visto o Inferno.

Eu nunca tinha visto *seu* Inferno. Eu tinha visto um inferno só meu.

— Então... — Ele se aproximou, seus lábios a poucos centímetros da minha pele. — Você está pronta para sangrar por mim?

Antecipação roeu meu estômago, e minhas mãos teriam tremido se eu não as tivesse cerrado em punhos. Minhas emoções

eram

um

nó

emaranhado,

apertando

incontrolavelmente. Eu lutei com tudo que eu tinha para manter minha alma, e agora... agora eu a estava entregando,

como mera moeda a ser trocada.

Eu enfrentei coisas piores. Eu não podia recuar agora. —

Como vamos fazer isso?

— As barganhas demoníacas são seladas com sangue, —

ele disse, e sua mão se afastou da minha garganta. Eu respirei profundamente, lentamente. — Você é uma lobinha corajosa.

Eu me pergunto se você vai chorar quando sangrar.

— Você gostaria disso, não é? — Eu zombei. Estendi a mão até onde eu mantinha minha faca enfiada em uma bainha amarrada à minha coxa e a puxei para fora. . — Onde eu -

— Guarde seu brinquedinho, — disse ele, sua voz se aprofundando como quando cheguei, para reverberar ao meu redor, aparentemente sem direção. Ele deu um passo para trás, ergueu uma mão em forma de garra, e o ar se transformou entre seus dedos, como o calor sobre a estrada no verão. De dentro do vago brilho, a forma de uma lâmina apareceu, fina e iridescente, lisa como vidro. Pisquei rapidamente, certa de que meus olhos estavam me enganando.

Ele sorriu para o choque no meu rosto. — O que? Nunca vi uma lâmina formada de éter antes?

— Eu nem sei o que diabos é isso.

— É a mesma coisa que eu influencio quando faço isso...

— Uma sensação pressionada contra minhas costas, como dedos tocando minha pele apesar de ninguém me tocar. Os dedos fantasmas percorreram meu pescoço e emaranharam em meu cabelo, a sensação tão real que eu me afastei e alcancei a parte de trás da minha cabeça.

— Alguns chamam isso de quinto elemento, — disse ele. —

É preciso prática para formar algo sólido com ele. Prática, vários séculos, e algumas dezenas de almas reivindicadas para o Inferno. É um talento, realmente.

Deus, ele tinha um ego também. Considerando a faca em sua mão, tentei não revirar os olhos. — E agora? Você me cortou e terminamos?

Ele deu um passo à frente – e eu dei um para trás, automaticamente, instintivamente. Ele parou, os olhos se estreitaram e estendeu a lâmina para mim. Ele bateu na ponta afiada abaixo do meu queixo, a superfície fria como gelo, formigando levemente na minha pele. Brilhava com uma luz pálida e inata, mesmo na escuridão sob as árvores.

— Vou levar meu tempo com você, Juniper.

Essa simples frase enviou um arrepio por todo o meu corpo.

— Você teve sua alma oferecida antes, para outro, — disse ele, olhando para o meu peito como se pudesse ver as cicatrizes lá através da minha camisa. — Foi uma oferta involuntária, mas o método não é muito diferente, quer se ofereça a um deus ou a um demônio. Você foi marcado com Seu nome, seu sangue foi derramado por Ele. Mas já que você não estava disposta, Deus teria que tê-lo em Suas garras para

reivindicá-la. Aqui, esta noite, você está disposta. Seus olhos encontraram os meus, e aquela fome viciosa neles queimou em mim. — Você vai derramar seu sangue por mim. Você vai marcar *meu* nome em sua carne. E será feito.

— Eu tenho que fazer isso sozinha? — Tentei não ficar olhando para a lâmina, brilhando na minha garganta. Eu

odiava a maneira como meu estômago se contorcia ao vê-lo, eu odiava o pânico subindo em meu estômago. Minha mente gritou com as memórias de outra faca, em outro tempo.

— Você está assustada? — Sua voz suavizou, quase com ternura. Que diabos ele se importava se eu estava com medo?

— Eu não estou assustada. — Eu engoli em seco. — Não é medo.

Não *era* medo, não. Era meu estômago apertado, meus pulmões frios, minhas mãos trêmulas e minha cabeça leve. Foi uma batalha que lutei em silêncio, uma guerra contra minha própria mente. Eu não podia recuar agora, eu tinha que encarar isso.

— Você não quer o controle? — Zane deu um passo para trás e virou a lâmina para que o cabo ficasse virado para mim.

Ele me observou com curiosidade, como se eu tivesse apresentado um quebra-cabeça que ele não conseguia decifrar.

— Não é necessário que seja feito por sua própria mão.

— Então você faz isso, — eu disse rapidamente. — Não posso. Minha mente não me deixa, isso... — Eu tive que fazer uma pausa. Minha voz não podia tremer. Agora não. Junte-se.

— Más memórias.

— Mm, eu vejo. — Ele começou a andar devagar, virando a faca. Ele o pegava pela lâmina, depois pelo cabo, repetidamente. — Posso fazer isso por você, se desejar. Mas você pode suportar me deixar?

Meus olhos se fixaram na lâmina, mas eu não estava realmente vendo. Em vez disso, vi meu próprio sangue. Ouvi meus próprios gritos de dor. Vi as velhas vigas da igreja ao meu

redor. Eu podia sentir o cheiro do fogo e da poeira. Eu ainda podia sentir o frio desrespeito de todos aqueles que assistiram em silêncio

enquanto eu sofria.

Minha cabeça estava girando. Cravei minhas unhas na palma da mão em um esforço para não desmaiar. De repente, seu calor se aproximou das minhas costas, sua respiração no meu pescoço.

— Você veio aqui de boa vontade, Juniper, — ele disse. —

Mas memórias involuntárias são tudo o que você pode pensar.

Ele estava certo. Eu estava em espiral, e eu não conseguia me puxar para fora. Eu apertei meus olhos fechados, mas isso não ajudou. Apeitei tudo o mais forte que pude, concentrando-me em cada músculo, lembrando-me de onde estava. Aperte bem, segure. Relaxe um músculo de cada vez.

Mas eu não podia fugir das memórias. Eu não podia esconder. Eu não conseguia apagar a visão daquela faca cortando minha pele, meu sangue escorrendo...

Uma garra traçou ao longo da minha nuca, acariciando minha espinha. Isso me sacudiu de volta à realidade com tanta força que eu engasguei, meus olhos se abriram. Eu podia ouvir o vento nas árvores novamente, e o som da chuva caindo ao meu redor. As gotas estavam abençoadamente frias na minha pele corada.

— Permita-me ajudá-la a derrotar seu primeiro inimigo, lobinha.



— Você sente arrependimento quando essas memórias a prendem

Eu balancei a cabeça. Eu estava com tanto frio, minha respiração estava formando nuvens de condensação enquanto eu exalava. Zane estava atrás de mim ainda, sua presença quente nas minhas costas, e alguma parte tola de mim desejava se inclinar contra ele. Perder-me para as memórias estava esgotando, como se toda a minha energia estivesse sendo esgotada naqueles batimentos cardíacos duros e dolorosos.

— Eu gostaria de correr, — eu disse. — Eu gostaria de ter lutado mais. Deus, eu... — Eu me parei. Eu precisei. Eu sabia melhor do que isso, eu sabia melhor do que derramar minhas entranhas. Um demônio como ele usaria isso contra mim, então mordi minha língua. — Claro que me arrependo.

Ele deu a volta e ficou na minha frente. A lâmina desapareceu de sua mão, dissolvendo-se no ar e, por um momento, fiquei apavorada que ele tivesse mudado de ideia.

Ele ia me rejeitar, ele ia recusar o acordo, e o que diabos eu faria então?

Em vez disso, ele perguntou: — Será que você ficaria mais

tranquila se você corresse dessa vez? Se você lutasse? Você se sentiria melhor se eu aceitasse sua oferta voluntária à força?

Se você correr agora, e eu te pegar... — Ele estendeu a mão, e eu me preparei. Suas garras traçaram levemente sobre minha garganta, seguindo as linhas de minhas veias latejantes. — Vai ser exatamente o que você quer.

Não fazia sentido *querer* ser dominada, *desejar* ser levada à força. Mas eu sabia o que ele queria dizer. Eu procurei sexo áspero e perverso o suficiente para entender. Eu encontrei conforto em ser dominada, desde que eu tivesse escolhido ser.

Eu poderia arrancar o horror em minhas memórias e reimaginá-lo, torná-lo meu.

Talvez meu cérebro estivesse ainda mais quebrado do que eu queria admitir. Mas às vezes a sobrevivência era fodida, às vezes era bagunçada e quebrada. Este mundo estava cheio de coisas estranhas, cheio de dor, medo e maldade. Eu aprendi a tomar essas coisas como minhas.

— Você quer que eu lute com você, — eu disse. — Mas você sabe que

vai vencer.

— Assim como você. Você sabe como este jogo vai ser.

Você conhece as apostas. Você sabe como isso vai acabar. Mas agora, você está emaranhada em nós do passado. Você está lutando contra suas memórias muito mais do que lutará comigo.

Era como se ele *quisesse que* eu me sentisse segura. Como se ele quisesse encontrar uma maneira de tornar isso confortável para mim. Mas isso não fazia sentido.

— Você não está tentando me fazer uma gentileza, — eu

disse. — Isso é para seu próprio ganho.

— Minhas razões importam? Nós dois estamos aqui porque queremos estar. — Suas pupilas incharam quando ele olhou para mim: a cor dourada de seus olhos era apenas um anel fino em torno de um vazio preto. — Desistir de sua alma é uma forma de destruição. Rasgando-se para que algo novo possa surgir disso. Isso é o que você escolheu fazer. Gosto muito de destruição, Juniper. Quando você pertence a mim, eu posso destruir você de novo e de novo. Destrua a dor... o medo... o arrependimento.

Como eu poderia matar o que não podia sangrar, o que eu não podia entender? Eu não encarei minhas memórias; Eu as enterrei.

Eu sorri amargamente. — Você não pode me consertar, você sabe.

Ele balançou a cabeça enquanto voltava para as sombras das árvores. — Te consertar? Ah, lobinha, não tenho vontade de consertar você. Eu só quero ver todas as suas arestas quebradas brilharem. Eu quero sentir o quão afiada você é. —

Ele estava envolto na escuridão agora: tudo que eu podia ver dele eram seus olhos e seus dentes afiados e sorridentes.

Lentamente, tirei minha faca da bainha. Eu não confiava nele; a ideia era absolutamente ridícula. No entanto, eu ainda estava aqui. Eu ainda estava oferecendo minha alma. Havia confiança nisso? — Eu não posso fingir lutar. Se você me disser para lutar com você, eu vou.

— Espero que sim. Eu quero ver meu pequeno lobo morder.

Eu estava sozinha há anos. Nem uma vez, em todo esse tempo, alguém

estendeu a mão para o meu eu desastroso e quebrado e disse: — Este é meu. Este é o que eu quero. — Eu só servia para deuses e monstros, e sempre fugia deles.

Mas esse monstro era algo diferente. Algo estranho. Este eu não podia escapar, porque eu não queria.

Então eu corri.

Correr abriu as comportas e o pânico tomou conta.

Agarrou cada centímetro de mim. Ele pegou meus músculos e os apertou, como dedos cruéis cavando em mim, dolorosos e inabaláveis. Ele colocou uma bigorna em meus pulmões, então cada respiração era muito superficial e o ar não era suficiente. Minha cabeça estava fria; fria e leve como um balão prestes a estourar.

O pânico é uma coisa estranha, quando você o sente por tanto tempo. Nunca parece normal; parece *familiar*. Torna-se um amigo desagradável, que eu queria deixar para trás, mas também estava alarmado com a ausência. Não sentir pânico teria sido suspeito. Isso significaria que eu baixaria muito minha guarda, me deixaria ficar muito confortável.

O pânico me manteve segura. O pânico me deixou com raiva. O pânico me manteve lutando.

Não era nem mesmo Zane que eu temia. Não foi o acordo que eu pedi que me encheu de terror assim. Foram ganchos na minha carne me arrastando de volta através dos anos, de volta a um lugar quando eu não tinha poder nem escolha...

Eu estava tremendo de exaustão quando agarrei a

parede lamacenta do poço novamente, soluçando enquanto tentava me levantar. Mas meus braços tremiam tão violentamente que eu escorreguei de volta.

Para baixo no escuro.

Eu não estava sozinha aqui. Não deveria haver vida, nenhum som, nenhum movimento... mas eu podia ouvir sua respiração áspera, seus rosnados. Suas formas desajeitadas se moviam no escuro, me circulando. Agarrei meus braços ao redor do meu peito sangrando, tremendo violentamente, sussurrando para mim mesmo: — Não. Não não não...

Havia olhos brancos em cabeças esqueléticas, línguas negras e presas afiadas que pingavam saliva cinza e pútrida ao me ver. E nas sombras mais profundas havia criaturas tão pálidas quanto a própria lua, a pele tão translúcida que as membranas vermelhas latejantes de suas entranhas eram visíveis através dela.

Aquela voz horrível estava chamando meu nome.

Me chamando mais fundo no escuro.

Eu fiz uma pausa. Eu pressionei minhas costas contra o tronco grosso de uma árvore e apertei meu punho contra a casca áspera até minha pele queimar. Isso não era o mesmo, eu tinha que me lembrar disso. Eu estava aqui por escolha. Era como se meu cérebro tivesse sido partido ao meio; uma metade lutando pela realidade, a outra lutando para me arrastar de volta às memórias.

Eu queria isso. Eu *precisava* disso. Eu continuei correndo.

Estava muito escuro para ver. As silhuetas das árvores se estendiam à minha frente, infinitas em todas as direções. Não havia trilha, nenhum caminho a seguir. As samambaias chicoteavam minhas pernas enquanto eu corria, galhos arranhavam meu rosto. Eu não sabia para onde estava indo.

A chuva caiu mais forte e eu parei novamente, recuperando o fôlego enquanto procurava nas sombras. Eu estava fugindo de algo que poderia me rastrear pelo cheiro, poderia facilmente superar minha velocidade e podia ouvir meu batimento cardíaco. Não havia esconderijo. Não havia como *escapar*.

Eu não tinha que escapar, eu tinha que me lembrar disso.

Estava tudo bem ser pega desta vez.

A adrenalina não conseguia diferenciar entre isso e o verdadeiro perigo. Eu queria um acordo com um demônio, e não tinha ideia se podia confiar nele. Cada palavra sua poderia ser uma mentira. Talvez eu fosse morrer naquela floresta.

Talvez esses fossem os últimos suspiros que eu daria.

Mas a melhor parte de mim sabia que isso não era verdade. De alguma forma, apesar de todo o medo, apesar das memórias invasivas, eu sabia que Zane não ia me matar. Ele ia me pegar. Ele ia me machucar. Ele ia me fazer dele.

De alguma forma, isso me excitou.

Se eu fosse honesta com as partes mais sombrias de mim mesma, isso até me excitava.

Eu escalei um pinheiro caído e deslizei para baixo do pequeno cume além dele, me agachando perto da terra com as raízes salientes cavando minhas costas enquanto eu respirava

lenta e profundamente. Pense sempre um passo à frente. Não perca o foco. Esteja preparado para matar. O demônio queria que eu lutasse com ele, então eu lutaria com ele. Ele queria me reivindicar, mas eu não ia facilitar para ele.

Barulho.

Eu congelo. Respire lentamente, conte até dez. Expire lentamente, conte até dez. Olho para cima.

Olhos dourados olharam para mim com um sorriso largo e afiado. — Olá, lobinha.

Eu cortei com a faca enquanto me jogava de lado para evitá-lo. A lâmina fez contato, mas não havia tempo para me deleitar com satisfação. Eu recuperei o equilíbrio, meio correndo e meio deslizando pela encosta íngreme, minhas botas pegando em trepadeiras e raízes enquanto eu descia. Havia um barranco por perto em algum lugar. Eu tinha visto enquanto caminhava. Mas estava quase escuro como breu e, na minha pressa, perdi a noção de onde estava exatamente.

Encontrei a ravina de cara.

Caí com força na lama, o ar saiu dos meus pulmões. Eu rolei de costas, ofegante, a água fluindo ao meu redor. Eu tinha que me levantar, eu tinha que continuar correndo. A voz profunda de Zane riu de cima de mim, seus passos esmagando enquanto ele andava fora da minha vista.

— Ah, lobinha. Pense antes de correr. Não entre em pânico agora.

Eu me empurrei. Mas quando olhei por cima da borda, ele não estava lá. Eu me virei, examinando a floresta do lado oposto da ravina. Nada. Eu segurei minha faca, pronta, minha

cabeça leve com o coquetel de produtos químicos inundando minha corrente sanguínea.

Uma mão agarrou minha garganta por trás, a outra agarrou meu pulso com a lâmina. Eu joguei minha cabeça para trás e bati em seu rosto, mas eu posso muito bem ter batido meu crânio contra uma parede de tijolos. O impacto me atordoou e, por um momento, minha visão mudou, a floresta ao meu redor desaparecendo.

O longo e escuro túnel da mina. Luz cinza. Água pingando em cima. Tentáculos se enrolando em minha direção no escuro –

— Ei, ei, acorde, porra.

Ele deu um tapa na minha bochecha, me tirando dos pesadelos que esperavam ansiosamente no limite da minha consciência. Ele me soltou com um empurrão, e eu me agarrei na parede da ravina, virando-me para encará-lo. — Não deixe Isto te ultrapassar. Ele reivindicará cada momento de vulnerabilidade que você tiver, se você permitir. Levará seu prazer, sua dor, sua *vida*. Não deixe.

Pisquei rapidamente, faça em punho, ou o mais pronto que pude, considerando que me senti como se tivesse acabado de acordar. — Como... como você sabe disso?

Ele se contorceu, como se resistisse ao desejo de me agarrar novamente. Em vez disso, ele andou de um lado para o outro, os dedos abrindo e fechando em seus lados. — Vamos apenas dizer que deuses e demônios não se dão bem. — Ele arreganhou os dentes, um rosnado subindo em sua garganta quando ele disse cruelmente, — Não é permitido distrair você

de mim, Juniper. Os deuses são ciumentos, mas eu também.

Só tenho permissão para atormentá-la.

Ele pulou, e eu cortei. Da boca à bochecha, logo abaixo do olho, o sangue brotou e começou a pingar. Eu me afastei lentamente quando ele levantou a mão e tocou o corte, então olhei curiosamente para seus dedos ensanguentados.

— Parece que a pequena loba *pode* morder. — Ele riu. —

Bom. Muito *bom*, Juniper. Porra. Você me deixou duro.

Eu não deveria ter olhado para baixo. Eu não deveria estar curiosa. Eu não deveria ter ficado tão quente com a visão de seu pau rígido pressionando contra suas calças, traindo seu tamanho não natural e aterrorizante. Algo exigente enrolado em minha barriga; uma cobra

com presas pingando de luxúria.

Eu não deveria ter sentido desejo por ele. Ele não. Não um monstro.

Eu corri para longe. Eu não tinha ideia de quão perto ele estava, eu não tinha tempo para pensar. Usei uma pedra que se projetava da terra para me lançar para cima, aterrissando com força contra o lado da ravina e subindo. Não olhe para trás, não pare. Apenas corra, corra.

Ele tinha chegado na minha frente. Eu bati nele com tanta força que me derrubou de bunda, mas desta vez ele não me deu a oportunidade de me levantar novamente. Ele me prendeu enquanto eu me debatia loucamente com a faca, tentando cortá-lo em qualquer lugar que pudesse. Ele riu quando pegou minhas mãos, pressionando-as na terra e moendo seus quadris contra os meus. Seu pau pressionado contra mim, duro e grosso, separado de mim apenas por finas camadas de roupa.

O calor em mim estava se espalhando, estabelecendo-se traiçoeiramente entre minhas pernas enquanto Zane sorria, o sangue de seu lábio cortado correndo em sua boca e manchando seus dentes afiados de vermelho.

— E agora, Juniper? Devo deixar você correr um pouco mais? — Ele usou o joelho para prender meu pulso e, com a mão livre, agarrou meu rosto e apertou. — Abra, pequena loba.

Prove o sangue que você tirou.

Alguna parte louca de mim obedeceu, abrindo minha boca para seus dedos ensanguentados. Era afiado como ferro, mas bizarramente doce, e fez um arrepio percorrer todo o meu corpo.

— Mais, — eu sussurrei, e ele ergueu uma sobrancelha, mudando ligeiramente. A ligeira mudança era tudo que eu precisava. — Mais! — Eu puxei minha mão livre, mergulhando a faca na direção dele. Ele nem tentou me esquivar. Ele deixou a lâmina cortar sua camisa até o peito, abrindo uma nova linha vermelha em sua carne tatuada.

Mas eu ainda estava presa, e era muito fácil para ele recuperar o controle do meu braço.

— Ah, porra, sim. — Ele gemeu entre os dentes cerrados e segurou meu braço parado enquanto lambia o sangue da minha faca. — Essa é a minha garota.

Eu me esforcei tanto contra ele que todos os músculos doíam. — Eu não sou sua! — Eu mordi cada palavra como uma maldição, tentando empurrar meus quadris para derrubá-lo.

Ele me soltou, saltando para trás de mim com uma velocidade não natural, mas não foi porque eu ganhei minha luta.

Ele queria brincar comigo um pouco mais.

Ele tirou a camisa rasgada e a jogou no chão da floresta, revirando os ombros. Seu peito era uma tela de arte tatuada, o detalhe das peças em preto e branco surpreendentes. As linhas e sombras, os rostos incrivelmente realistas, eram hipnotizantes – ainda mais com o sangue dele espalhado sobre eles.

Ele abriu os braços, sorrindo. — Mais, lobinha? Você quer mais? Então venha buscar. Me machuque.

Fui até ele com tudo que me restava. Como se minha vida dependesse disso. Como se eu pudesse realmente ganhar. Mas como correr em um sonho, cada movimento meu era muito lento. Ele se esquivou ao meu redor como se meus ataques não fossem nada mais do que brincadeira de criança. Ele pulou para o lado, depois para trás, e riu enquanto me empurrava pelas costas e me fazia cair de joelhos.

— Vamos, lobinha. Morda mais forte.

Minha mente estava correndo, mas não com medo. Esta foi uma liberação de cada terror reprimido dentro de mim. Na maioria dos dias, eu me forçava a silenciar meus próprios gritos, a conter o desejo de lutar e os impulsos selvagens de correr. Mas não esta noite. Esta noite, eu me libertei. Aquelas memórias amarradas que me seguravam com tanta força foram afrouxadas.

Ele queria que eu mordesse mais forte? Então eu morderia mais forte.

Eu balancei a faca quando ele se aproximou de mim novamente, e a lâmina afundou profundamente em seu lado.

Um pequeno estremecimento de dor cintilou em seu rosto, e eu engasguei, recuando, chocada por um momento que ele me deixou *esfaqueá* -lo.

— Agora, há uma boa mordida. Porra, *sim*.

Eu tinha sido uma tola em pensar que o machucaria. Ele me agarrou,

meu cabelo amarrado em sua mão, e me forçou a ficar de joelhos enquanto ele puxava a lâmina de sua carne. Ele gemeu ao olhar para ela, mas não foi de dor; foi com prazer. Ele segurou a lâmina até meus lábios, olhos dourados brilhando no escuro, e sussurrou: — Vá em frente. Prove sua obra.

Eu realmente estava doente para querer isso. Eu estava doente de sentir o calor agitar dentro de mim com isso, de olhar para a ferida que eu o deixei e me sentir excitada como o inferno. Corri minha língua ao longo do metal enquanto ele observava, e o músculo em seu braço saltou quando lambi meus lábios e olhei para ele.

— Qual o sabor disso? — ele disse.

— Como a sua dor, — eu disse. — E é muito bom.

— Porra, essa é a minha garota.

Ele me puxou de lado, e eu tive que me segurar com as mãos na lama. Seu aperto afrouxou, mas apenas para que ele pudesse pressionar sua bota entre minhas omoplatas antes que eu pudesse ficar de pé. Mais forte - mais forte - ele me esmagou contra a terra. Ele se ajoelhou ao meu lado, sua bota ainda nas minhas costas, sorrindo, enquanto eu olhava para ele com minha bochecha na lama.

— Você lutou muito, lobinha, — ele disse. O corte em seu rosto já estava cicatrizando. Pouco mais que uma fina linha

vermelha permanecia em seu lugar agora. A ferida em seu lado logo seguiria. — Agora é minha vez de fazer você sangrar.



No momento em que ela soube que a luta acabou, a tensão saiu dela. Ela suspirou embaixo de mim, a chuva pegando em seus cílios como joias brilhantes enquanto ela olhava para mim. Não em submissão, não, de jeito nenhum.

Seus olhos escuros estavam duros de orgulho, totalmente sem medo, mas estavam calmos. O silêncio depois da tempestade, a expiração suave enquanto o caos passava.

Eu cacei centenas de humanos ao longo dos séculos, apenas para ficar muitas vezes desapontado quando eles não conseguiram enfrentar meus desafios. Guerreiros, assassinos, criminosos, assassinos de todas as esferas da vida - eu os caçava pelo desafio, porque não queria presas que desistiam quando ainda havia uma luta a ser travada.

Eu queria aquelas almas que saíam da cama e iam à guerra contra o mundo, aqueles humanos que se enfureciam contra a futilidade de suas pequenas e insignificantes vidas.

Essas eram as almas que eu traria para o Inferno, essas eram as almas que eu reivindicaria.

Juniper era tudo isso. Eu me senti elétrico quando me ajoelhei sobre ela, e eu não conseguia me lembrar da última vez que eu tinha experimentado tanta adrenalina fora do

próprio Inferno. Ela era cruel, corajosa, uma coisinha selvagem.

E por alguma razão, quando eu vi a dor em suas memórias subir à superfície, tudo que eu queria fazer era tirá-la.

Isso não fazia parte do acordo. Um ciúme cruel tomou conta de mim quando percebi que o Deus ainda tinha eus tentáculos enrolados em sua mente. A alma dela era minha —

minha. Nada mais, nenhuma outra criatura, podia atormentar o que era meu.

Eu nunca fui de ciúmes, mas tornaria reivindicar ela ainda mais satisfatório.

A ferida no meu lado doeu enquanto cicatrizava. Eu queria retardar sua cura apenas para sentir a emoção um pouco mais.

Quando ela me esfaqueou, porra, eu quase gozei ali mesmo. Eu não

queria parar, realmente não queria, mas se havia uma coisa que eu aprendi sobre essa humana cruel, era que ela se esgotaria antes de desistir. Então eu tive que chamar o fim, e ver o alívio em seu rosto despertou uma sensação estranha no meu peito.

Eu acariciei meus dedos sobre seu rosto por um momento, maravilhando-me com a suavidade de sua pele, fresca com a chuva, antes de me inclinar para perto dela e cutucar a faca contra sua mandíbula.

— Última chance, — eu rosnei. — Você ainda quer isso?

Ela não desviou o olhar. Sua pele se contraiu com o toque da lâmina, mas ela disse: — Temos um acordo, Zane. Faça isso. Leve-me.

Palavras perigosas para uma criatura tão frágil. Eu queria que ela gritasse, eu queria que ela *implorasse*. Ela poderia manejar a faca tão bem, mas ela poderia pegá-la em troca? Ela poderia sangrar tão lindamente quanto lutava?

Joguei a faca fora. Teria feito o trabalho muito bem, e talvez fosse apenas eu sendo um maldito esnobe. Mas querer que minha própria lâmina existisse, reunindo os trêmulos e cintilantes fiapos de éter para construir algo belo e mortal, era muito mais satisfatório para mim do que empunhar um pedaço de metal batido.

Eu montei em suas costas, cortando a lâmina afiada através de sua jaqueta da gola até a bainha. Ela engasgou quando a chuva atingiu sua carne nua, e arrepios a percorreram. Seus quadris pressionados para cima enquanto ela se contorcia. Eu gemi, enrolei uma mão em seu cabelo longo e molhado e disse: — Continue movendo seus quadris assim e veja o que acontece. Você vai ter esse pau batendo na sua boceta.

Ela estava ofegante enquanto eu puxava seu cabelo, e novamente, desta vez com propósito, ela arqueou as costas e enterrou sua bunda entre minhas pernas. — Não me ameace com diversão, — ela murmurou, e eu quase perdi a cabeça.

Eu puxei as ruínas de suas roupas, deixando apenas seu sutiã preto. Eu a virei de costas e olhei para as cicatrizes gravadas em sua pele. Linhas e símbolos, runas em uma língua morta há muito tempo: uma devoção a um Deus antigo. Ela tentou cobri-los com tatuagens, mas eram impossíveis de esconder. Seu rosto endureceu quando ela percebeu que eu

estava olhando para eles.

— Eles são feios pra caralho, — disse ela. Sua voz era áspera, como se fosse um esforço para pronunciar as palavras.

Eu arrastei minhas garras para baixo em seu peito, fazendo-a arquear e assobiar.

— Cada centímetro de você é uma provocação, — eu disse, trazendo meu rosto para perto de seus seios. Corri minha língua ao longo de uma de suas cicatrizes, seguindo a linha em seu peito, saboreando cada centímetro daquela bela carne.

Eu podia ver em seus olhos quando sua mente vagava, quando essas memórias tiravam a realidade dela, quando roubavam segundos preciosos de sua vida mortal. Era um desperdício, e irritante, e se eu pudesse consumir a dor daquelas velhas feridas, eu o faria.

Eu cortei a lâmina através de seu sutiã, e o tecido apertado estalou para trás, deixando-a nua na chuva fria, seus mamilos duros. Eles estavam tatuados, como o resto dela, cada um adornado com uma Flor da Vida. Peguei a ponta da faca e provoqueei contra seu mamilo, e depois o outro, antes de fechar minha boca sobre um deles. Ela engasgou bruscamente quando minha língua provocou o broto inchado, sacudindo-o e chupando antes de dar um pequeno beliscão com meus dentes.

O outro seio recebeu o mesmo tratamento, e ela começou a se contorcer, estremecendo debaixo de mim.

Eu me movi mais para baixo, abri os botões de suas calças e os puxei de suas pernas. Mas eu tinha uma surpresa esperando por mim embaixo – ela não estava usando calcinha.

Olhei para ela com um sorriso, traçando minhas garras ao

longo de sua coxa. — Sem calcinha, hein? Você está *tentando* me fazer te foder?

Levantei-me, puxando-a comigo, uma mão em seu cabelo, a outra segurando a faca. Eu a trouxe de joelhos e a segurei diante de mim enquanto ela olhava para mim com total desafio em seu lindo rosto. Eu nunca conheci um mortal tão demoníaca. Evitar brincar com ela tão rudemente quanto eu quisesse era pura tortura, mas combinava perfeitamente com o meu masoquismo, me superando toda vez que eu tinha que moderar minha força.

— Eu realmente não tenho que tentar, tenho? — ela disse.

— Eu não acho que você tem muito controle sobre essa coisa em suas calças, não é?

Eu ri. — Sério? Você acha que eu não tenho isso sob controle? — Tracei a faca levemente ao longo de sua clavícula.

— Se eu não tivesse o controle, você não estaria ainda falando.

Se eu não tivesse o controle, essa sua boca estaria ocupada com outras coisas.

Ela riu também, mas a dela era afiada com algo como medo, selvagem com algo como êxtase. — Assim diz o demônio.

Toda conversa e nada...

— É aqui que eu vou marcar você, — eu disse, batendo a faca contra seu peito e observando com satisfação o sorriso derreter de seu rosto. — Aqui, logo abaixo desse rostinho lindo, pra ninguém olhar pra esse corpo sem saber a quem ele pertence. Vai doer, Juniper. Eu sorri quando sua garganta ficou tensa com um gole. — Não desmaie em mim.

Eu cortei em sua pele. Ela se encolheu, mas não gemeu,

seus olhos se fecharam enquanto o medo a invadia em ondas, o cheiro amargamente doce no ar.

— Fique comigo, Juniper. Repita minhas palavras de volta para mim. Lembre-se de onde você está.

A dor em suas memórias a engoliria se eu deixasse, e eu não ia perdê-la nem por um maldito segundo. Reivindicar uma alma era sagrado; mesmo quando estava imundo, mesmo quando estava ensanguentado. Eu a queria nisso, de todo o coração. Eu não a tinha caçado por todos esses anos para tê-la perdido em sua mente no ponto culminante.

Eu queria seu medo, sua dor desesperada, seu desejo odioso. Eu podia ver em seus olhos: a luta contra querer isso, a confusão e nojo que ela se viu desejando mais. Ela sofreu por sua própria luxúria. Ela se deixou cair em total corrupção em meio a uma torrente de prazer e dor.

Um sacrifício voluntário, para mim e apenas para mim.

Uma oferenda, tão antiga e primitiva quanto a própria Terra.

Sangue e carne, luxúria e necessidade. Os Libiri a trataram como um cordeiro a ser abatido, mas ela era uma loba, e um lobo não abaixaria a cabeça se não estivesse disposto.

Ela abriu os olhos. Ela segurou meu braço que agarrou seu cabelo, queixo para cima, mandíbula apertada. — Não pare. Eu quero isso. Eu preciso disso.

— Repita para mim, lobinha. Seja corajosa agora. Eu, Juniper Kynes, ofereço minha alma...

— Eu, Juniper Kynes, ofereço minha alma...

— Pelos termos do acordo acordado entre nós.

— Pelos termos... — Ela assobiou quando a faca afiou

mais para baixo. — Pelos termos do acordo acordado entre nós.

Era minha própria marca que eu estava dando a ela, meu próprio nome. Todos os demônios tinham dois nomes: aquele pelo qual nos chamávamos e aquele que chamava nossos próprios seres. O nome pelo qual podíamos ser convocados e aprisionados era também o nome pelo qual reivindicamos nossas almas oferecidas. Reivindicar uma alma era confiar a parte mais vulnerável de nós mesmos a outra.

— Eu aceito este acordo por minha própria vontade.

— Eu aceito – eu... foda-se — Seus olhos se fecharam novamente quando um riacho de sangue correu dos cortes.

Eu fui cuidadoso, cortando apenas tão profundamente quanto eu precisava para cicatrizar. — Eu aceito este acordo de minha própria vontade.

Eu sorri. Só mais uma linha. O calor cresceu em meu peito, como cordas quentes puxando minhas costelas. Seu cheiro era mais forte, sua mente mais aberta. Quando estendi meu ser, com um empurrão sutil para lhe dar a sensação de mãos gentis acariciando suas costas, foi muito mais fácil do que antes.

Ela estava ligada a mim, irrevogavelmente.

Eu dei a ela as palavras finais, puxando a faca entre seus seios como eu fiz, e ela repetiu de volta: — Com este sangue que eu derramo,

minha alma é sua, para sempre, além da minha vida terrena, para ser reivindicada por nenhum outro, guardada. E possuída somente por você.

Reivindicar uma alma era nada menos que puro êxtase. As palavras não importavam, era o sangue e a vontade que faziam

isso. O momento final, quando a marca estava completa, roubou o ar dos meus pulmões. Ela engasgou, suas unhas cavando em meu braço. Uma ligação como essa poderia curar feridas, poderia despertar alguém à beira da morte.

Dois seres unidos em um, duas forças da vida entrelaçadas. Ela enviou arrepios pelos meus braços e arrepios nas minhas costas, e meu pau latejou até que eu realmente não consegui aguentar mais um segundo.

Puxei meu cós para baixo e limpei a ponta da faca ensanguentada em meu eixo rígido, estremecendo com o toque singularmente frio da lâmina. Ela me observou, olhos arregalados, respirando profundamente, sua excitação doce e pungente no ar. Agarrei meu pau e rosnei: — Agora você vai usar essa sua boca imunda para me mostrar o quanto você está arrependida por me *esfaquear*.

— Você acha que eu vou pedir desculpas? — ela disse. A perda de sangue e a adrenalina desvanecendo a deixaram atordoada, mas eu podia sentir o cheiro da dopamina inundando seu sistema.

— Eu não acho que você vai dizer uma maldita palavra, —

eu rosnei. — Porque sua língua estará muito ocupada agradando meu pau em desculpas.

Seus olhos piscaram para o meu pau, agarrado na minha mão. Sempre me agradou ver um mortal hesitar em sua circunferência. Não foi construído para entrar em um corpo humano, mas entraria – não importa se ela sangrasse, não importa se ela gritasse, ela derreteria nele.

— Você pode pegar? — Eu disse suavemente, enquanto

seu olhar se voltava para o meu rosto. Ela estava tremendo, o tipo de tremores sutis que vinham sobre ela em pequenas ondas. Os humanos eram frágeis, e cruel como ela era, eu não estava tentando arruinar meu pequeno animal de estimação já.

Ela segurou meu olhar, a chuva escorrendo por seu rosto quando ela

disse: — Claro que posso.

— Então abra, Juniper.

Seus lábios se separaram para mim enquanto eu pressionava meu pau contra eles. Eu mal cabia em sua boca, o aperto sozinho me fazendo gemer enquanto eu ia mais fundo, e sua garganta convulsionava ao meu redor com uma mordada mal reprimida. Sua língua acariciou meu eixo, acariciando as cristas perto da minha cabeça. Eu a segurei firme pelos cabelos, seus olhos lacrimejando enquanto ela lutava para me levar goela abaixo.

Eu tinha sido lento no início, para facilitar a ela, mas eu tive o suficiente dessa merda suave. Eu fodi em sua boca rudemente, forte e rápido. Ela agarrou meu braço em busca de algo para agarrar, suas unhas cavando na minha pele. Cada aperto de sua garganta me estimulou, sua língua me acariciando, ansiosa por mim, me provando como se ela não pudesse ter o suficiente. Eu não pude evitar seus dentes já que sua boca estava apertada, mas eu era um otário para a dor. Ela olhou para mim, as lágrimas se misturando com a chuva, os lábios abraçados ao meu redor.

— Deus, você fica sexy quando está arrependida.

Sua boca estava tão cheia que ela mal conseguiu sorrir.

Mas ela fez, e sua língua se enrolou em volta de mim enquanto

eu fodia sua garganta. Ela se sentiu tão apertada, tão *quente*, e me pegou bem. Minhas bolas apertaram e meu abdômen ficou tenso, o êxtase disparando através de mim enquanto eu pulsava em sua boca e descia por sua garganta. Ela se agarrou a mim, incapaz de engolir enquanto eu bombeava nela, meu esperma derramando sobre seus lábios. Ela engasgou quando eu deixei sua boca, desesperadamente tentando recuperar o fôlego enquanto minha semente escorria por seu queixo e eu a levantei.

— Sua boca teve seu castigo. Agora é a vez dessa boceta apertada.

Eu a pressionei no tronco de um pinheiro próximo, batendo a palma da minha mão contra sua bunda, primeiro uma bochecha e depois a outra. Ela ofegou bruscamente, então assobiou quando a casca áspera da árvore formigou contra seus seios nus. Eu tive o cuidado de garantir que os cortes recentes em seu peito não esfregassem enquanto eu segurava seus pulsos com uma mão acima de sua cabeça e alcançava entre suas pernas com a outra.

— Como você ainda está duro? — Ela ficou boquiaberta para mim em descrença quando meu pau rígido pressionou contra sua bunda. Deslizei meus dedos entre as dobras escorregadias de seus lábios, molhados com sua excitação, seu clitóris quente e inchado com a necessidade. Eu embainhei minhas garras, massageando-a rudemente até que suas pernas começaram a tremer.

— Contanto que você esteja molhada para mim, eu estou duro, — eu disse, meus dentes roçando sua orelha enquanto

seus olhos reviravam. Sua boca se abriu em um grito silencioso enquanto eu pressionava dois dedos dentro dela, suas paredes pulsando ao redor deles enquanto eu a abria. Ela moveu seus quadris comigo, arqueando para trás para me dar um ângulo mais profundo dentro dela.

Mas ela ia conseguir muito mais do que apenas dois dedos.

Retirei minha mão e agarrei seus quadris, apertando meu pau dentro dela. Ela choramingou com cada centímetro, ofegando desesperadamente. Sua boceta me agarrou com força enquanto eu pressionava todo o caminho para dentro - antes de retirar completamente e mergulhar novamente. Ela gritou, o som sufocado com necessidade frenética. Eu puxei seus quadris para trás, fodendo-a sem piedade até que seus joelhos dobraram, e eu tive que passar um braço em volta dela para mantê-la de pé. Eu alcancei entre suas pernas e esfreguei seu clitóris, sorrindo enquanto ela balançava da cabeça aos pés e ficava mole em meus braços, o prazer a estilhaçando.

— É demais para você? Hum? — Ela conseguiu balançar a cabeça, a coisinha desafiadora.

— Por favor... — ela gemeu. — Gozando... faça-me gozar...

Havia urgência em seus gritos. Seu clitóris estava quente sob meus dedos, seus músculos me apertando quando ela alcançou a borda.

— Você vai... me fazer... gozar... porra...

— A quem você pertence, Juniper? — Eu assobieie, agarrando sua garganta enquanto eu continuava trabalhando em seu clitóris. — Diga meu nome. Diga-me quem é o dono

dessa porra.

— Zane... — Sua voz quebrou quando ela gritou meu nome, e assim

fez o resto dela. Ela convulsionou, sua respiração engatou quando eu a levei ao seu pico, estremeçando violentamente em meus braços.



12

Eu estava nua, sangrando, coberta de lama e encharcada até os ossos. Meu rosto estava coberto de esperma e minhas pernas também. Eu estava tremendo quando Zane me virou para encará-lo, agarrou meu queixo e sussurrou: — Minha.

Todo minha, desde agora até a eternidade.

Essas palavras pareciam um cobertor quente envolvendo meu corpo exausto. Eu me forcei ao limite dos meus limites, me senti totalmente *arruinada*. Foi tão bom que eu queria chorar, mas não havia nenhuma maneira de eu mostrar a ele lágrimas assim. Era hora de recuperar meu orgulho e ser forte novamente, mas eu tinha certeza que se tentasse andar, eu desmaiaria.

Também não seria um momento elegante de desmaiar em uma espreguiçadeira. Eu cairia de bruços na lama e *realmente* faria uma bagunça.

Eu tive que me reagrupar. Caminhei de volta para fora da floresta. Ir para casa. Dorme. Eu precisava desesperadamente dormir.

Eu poderia dormir depois disso? Depois do que eu tinha feito...

Eu vendi minha alma. Eu tinha feito um acordo com um

demônio. Eu o deixei fazer coisas comigo que eu nunca pensei que confiaria em alguém para fazer – nunca. Eu o deixei trazer memórias que me aterrorizavam, eu o deixei me machucar de maneiras pelas quais eu deveria tê-lo matado.

Mas eu o deixei. Eu confiei nele para fazer isso.

— Fique comigo, Juniper, — Zane disse, enquanto minha visão se ajustava. Seu corpo estava pressionado perto o suficiente para me manter aquecida, e eu queria me aninhar nele. Eu queria absorver seu calor e me enrolar perto dele. Seu braço estava em volta de mim, e a maior parte do meu peso estava descansando contra ele.

Eu tive que reunir forças para me segurar. Isso me fez parecer tão tão *fraca*.

Tentei empurrá-lo. *Tentei*. Mas mais uma vez, a resiliência que encontrei foi semelhante a uma parede de tijolos. — Solte.

Estou... estou indo para casa. Está feito.

— Se eu deixar você ir, você vai entrar em colapso.

— Foda-se, eu estou... eu estou *bem*. Deixe me *ir*.

Ele fez, e meus joelhos dobraram. Eu me segurei em minhas mãos, mas minha cabeça pendeu, atordoada e grogue.

Eu estava apenas vagamente ciente de suas botas na lama ao meu lado.

— Sabe, Juniper, eu valorizo minhas posses. Permitir que você deite na lama não é realmente cuidar e manter os humanos agora, é?

— Cale-se. — Respirações profundas lentas. Isso era tudo que eu precisava. Apenas respirações profundas e lentas, e eu me levantaria.
— Está feito, apenas... apenas...

— Apenas deixá-la sozinha na floresta? — Ele bufou. —

Apenas deixe meu novo animal de estimação humano se defender depois que eu a fodi até a exaustão? — Ele se agachou ao meu lado, e sua mão puxou meu cabelo, então eu tive que olhar para ele sorrindo para mim. — Acho que não, Juniper. Vou te levar para casa.

Meu corpo decidiu desistir antes que minha mente o fizesse. Eu estava muito cansada, muito sobrecarregada. Não ajudou que eu mal tivesse comido ou dormido desde o funeral.

Eu estava acostumada a me esforçar, mas eu tinha ido longe demais desta vez.

Enquanto minha visão turvava, eu esperava que meu rosto batesse na lama. Em vez disso, eu o senti me agarrando, me segurando, me *levantando*. Eu queria lutar contra ele – eu estava *bem*, caramba! Mas uma vez que minha cabeça caiu contra seu peito, eu não consegui nem reunir forças para dizer uma palavra, muito menos lutar. Nem mesmo a chuva no meu rosto conseguia me manter acordada.



13

Minha cabeça estava zumbindo, e minha pele formigava em todos os lugares em que seu corpo flácido me tocava. Eu queria continuar, eu não queria parar. Mas eu poderia ter ido até que isso a matasse, e matá-la não era o que eu desejava.

Ela era minha. Finalmente, depois de todos esses anos seguindo-a, esperando, observando. *Minha*. Meu novo bichinho, meu brinquedo quebrado; e não colecionava brinquedos para consertá-los. Não, brinquedos quebrados eram os mais interessantes. Eles eram afiados e perigosos, como cacos de vidro quebrado que eu não pude resistir a correr meus dedos até sangrar.

Eu estaria me lembrando dela me esfaqueando por um tempo: a maldade em seu rosto, a primalidade desenfreada quando ela balançou a faca para mim. Porra, me deu arrepios.

Meu pau ainda estava duro, e eu estava doendo para enterrá-lo naquela boceta quente e sensível novamente no segundo que pudesse.

Os humanos sempre foram tão *apertados*, coitadinhos.

Eles não foram construídos para paus demoníacos, mas eram adaptáveis, elásticos. Um pouco de pressão e eles levariam tudo.

Mas como eu disse a ela antes que ela desmaiasse, cuidar dela tinha que vir primeiro. Eu era um monstro, mas não era um *desperdício*. Eu precisava dela forte para poder brincar com ela novamente.

Ela estava usando um pequeno barraco nas montanhas como abrigo. Eu a segui até lá na noite anterior e fiquei vigiando, para garantir que nenhum Eldbeast aparecesse e arruinasse minha barganha antes mesmo de acontecer. Mas eu não a levaria de volta para aquele lugar: cheirava a mijo e merda de rato. Aquele não era lugar para um humano.

Não há lugar para a minha humana. A sensação de sua alma ligada ao meu ser ainda era nova e pesada, familiar, mas estranha. Cada alma se sentia um pouco diferente: algumas quentes, algumas frias, pesadas ou leves, macias ou afiadas. A dela era ardente, perigosamente quente quanto mais eu puxava em direção a ela. Amarrar uma alma à minha significava que o universo puxava todas as pequenas cordas ao nosso redor, cada vez mais apertadas, tecendo nossos fios mais perto até que fossem inseparáveis. Às vezes parecia confuso, emaranhado. A dela parecia uma pressão constante, como se sua alma estivesse sempre puxando em outra direção.

Ela era uma lutadora até a alma. Eu gostei daquilo.

Ela estava encharcada quando cheguei em casa, mas nem mesmo a chuva fria a fez se mexer. Ela estava com sono, com poucas calorias, desidratada. Considerando que ela era tão habilidosa na sobrevivência, ela era uma merda absoluta em realmente cuidar de si mesma.

Com sua alma ligada à minha, seu corpo poderia se curar

um pouco mais rápido que o normal. Os cortes em seu peito já haviam começado a se unir e o sangramento havia parado. Mas sua cura rápida também estava contribuindo para sua exaustão, já que seu corpo trabalhava mais e mais rápido do que foi construído.

Ela ficaria nocauteada por um tempo, então eu queria deixá-la

confortável.

Minha casa tinha vários quartos, nenhum dos quais eu usava para dormir. As camas neles apenas mantinham as aparências, porque quem diabos não colocou uma cama em sua casa? A única coisa para que eu a usei foi foder, mas por que foder em uma cama quando havia literalmente em todos os outros *lugares*? Foder a cama era sem imaginação, mas eu discordo.

Decidi colocá-la na suíte master, dar-lhe algo bom para acordar.

Mas ela estava ensanguentada e coberta de lama. Não parecia certo deitá-la em lençóis limpos assim. Eu a coloquei na banheira primeiro e liguei a água quente. Ela se mexeu, mas só um pouco, seus olhos estremecendo quando a água a tocou. Porra, ela realmente estava exausta. Eu pensei que ela acordaria e lavaria ela mesma, mas não tive sorte.

Porra. Não era meu estilo mexer com humanos inconscientes; era contra meus princípios. Não havia diversão se eles nem sabiam o que estava acontecendo, e se esgueirar para obter um pouco de prazer era patético. Mas não era sobre isso. Eu não ia colocá-la na cama enlameada. Havia muito risco de esses cortes serem infectados, e perder um humano

para a infecção era um erro amador.

Eu a enxaguei, usando o chuveiro removível para tirar a lama de sua pele e de seu cabelo. Fui devagar, porque perturbar o sono dela parecia rude neste momento. Enquanto eu corria a água sobre o corpo dela, eu pude observar cada pequeno detalhe da arte pintada em sua pele. A cabeça de um lobo cinza estava orgulhosamente centrada em seu peito, cercada por galhos de pinheiro, como se estivesse espiando da floresta. Havia flores brancas entre os galhos, um toque de suavidade que eu não esperava.

Eles cobriam suas velhas cicatrizes, mas não conseguiam escondê-las inteiramente. Quem quer que as tenha infligido a ela - Kent Hadleigh, eu só podia supor - tinha sido brutalmente imprudente com sua lâmina. Eles foram ásperos, criando cicatrizes irregulares. Ela provavelmente estava lutando contra eles, se debatendo, fazendo com que a faca escorregasse.

Isso me deixou instantaneamente, irracionalmente furioso.

Eu tive que fazer uma pausa para forçar minha raiva cegante a se

acalmar. Apenas o pensamento de alguém segurando ela para baixo, machucando-a contra sua vontade, levando seu sofrimento quando eles não tinham o direito de fazê-lo...

Porra Lúcifer, isso me enfureceu. Não é de admirar que sua reação inicial ao ver a faca tenha sido de tanto terror. Eu não estava acostumado a experimentar uma reação tão visceral a isso; A Terra estava repleta de coisas violentas, cruéis e injustas, e eu mal pisquei um olho para elas. Mas quando se tratava dela, quando se tratava de *meu* pequeno lobo, era diferente. Eu tinha cuidado com a faca, para que as cicatrizes

que eu dei a ela fossem finas, trabalhando dentro das linhas da arte que ela já tinha.

Elas não foram feitas para estragar sua carne, foram feitas para honrá-la. A visão do meu sigilo gravado em sua pele deixou meu pau duro novamente, uma combinação perigosa com minha raiva. Eu ia acabar quebrando alguma coisa se não tomasse cuidado. Eu precisava ir correr. Eu precisava recuperar o fôlego *dela*.

Por que diabos ela me deixou tão ferido?

Eu a enxuguei e a deitei na cama. Ela se mexeu quando sua cabeça pousou no travesseiro, mas ela apenas exalou suavemente e virou de lado, segurando os cobertores perto do queixo. Sua pele era tão macia, era como seda sob meus dedos.

E quando passei minha mão sobre seu ombro, arrepios brotaram em sua pele. Sentei-me, descansando na cadeira de pelúcia dobrada no canto abaixo da janela.

Eu queria continuar a tocá-la. Eu queria explorar cada centímetro, tomar meu tempo, seguir as linhas de cada cicatriz e contar as sardas em suas costas. Eu ansiava por sentir aquela pele macia, quente e mortal sob minhas mãos.

Mas eu estava tentando ser bom, estava tentando ser *educado*. O autocontrole era um exercício torturantemente difícil.

Seus lábios se moveram com palavras silenciosas em seu sono, e minhas garras afundaram no tecido da cadeira. Aqueles lábios imundos ao redor do meu pau, famintos e ansiosos – eu mordi meus dedos com força suficiente para me fazer sangrar.

Meu pau estava doendo, lutando contra os limites do meu

jeans. *Sem tocar, Zane.*

Eu a deixei sozinha, levei suas roupas para baixo e as coloquei na máquina de lavar – pelo menos as peças que ainda eram usáveis. Eu teria preferido que ela ficasse nua, mas ela não aceitaria isso.

Eu tinha que colocar minha cabeça no lugar antes que ela acordasse.



14

A próxima coisa que eu sabia, eu estava abrindo meus olhos em um quarto desconhecido, em uma cama desconhecida.

Fiquei ali e pisquei em total confusão por vários minutos.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que dormi – ou fiquei inconsciente – e não acordei suando frio de pesadelos.

Eu não tinha sonhado, pelo menos não que eu pudesse me lembrar. Meu corpo estava dolorido, todos os músculos doloridos, e havia uma picada persistente no meu peito.

A *picada*. Foi isso que me trouxe de volta: eu tinha feito o impensável. Eu vendi minha alma para um demônio, em troca de assassinato em massa. Eu ia matar Kent Hadleigh e seu culto, e eu tinha um demônio para me ajudar a fazer isso.

Um louco sádico de um demônio que riu quando foi esfaqueado e deu orgasmos como um serial killer assassinando sua última vítima - duro, rápido e brutal, com uma alegria violenta e apaixonada.

Sentei-me lentamente, deixando as cobertas caírem do meu peito. Eu estava chocantemente limpa, meu cabelo ainda um pouco úmido. Eu não conseguia me lembrar de tomar banho, então isso significava...

Isso significava que o demônio que tinha me perseguido pela floresta tinha me *banhado*?

O pensamento me fez instantaneamente contorcer. Era difícil acreditar que ele se deu ao trabalho de me limpar. Ele ainda teve tempo para me colocar na cama e me enfiar debaixo das cobertas. Parecia bom demais, *carinhoso demais*. A bondade parecia uma armadilha, e isso me deixou instantaneamente desconfiada.

Eu não precisava ser cuidada; Eu deixei isso claro para ele na floresta. Ele me ignorou, é claro, mas se ele tivesse me deixado sozinha como eu disse, eu teria me saído bem sozinha.

Alguns minutos descansando meus olhos, e eu teria sido mais do que capaz de caminhar para casa.

Suspirei pesadamente, estremecendo enquanto tentava passar a mão pelo meu cabelo emaranhado. Eu estava mentindo para mim mesma. Meu orgulho estava me repreendendo por isso, mas eu precisava da ajuda de Zane lá na floresta. Eu não teria feito isso em segurança sem ele.

O quarto em que eu estava era espaçoso, com algumas cadeiras almofadadas, uma televisão e um grande baú escuro ao pé da cama. Pedras cinzentas adornavam o banheiro do outro lado da sala, e as cortinas estavam fechadas nas janelas do chão ao teto à minha esquerda. Eu não podia ouvir nenhuma chuva, mas a luz que se derramava era pálida e silenciosa.

Onde diabos estava minha arma?

Saí da cama, o piso de madeira frio sob meus pés. Entrei no banheiro, o grande espelho sobre a pia de bronze me dando

uma visão completa do meu corpo nu. Era um corpo coberto de cicatrizes, queimaduras e arte; um corpo que eu frequentemente odiava e raramente amava. Depois que o Libiri me cortou, as feridas esfarrapadas tinham inchado e cicatrizado antes de se curarem lentamente em cicatrizes pálidas. Eu não tinha sido capaz de olhar no espelho e vê-las, um lembrete constante do horror, da dor e da agonia que veio depois. A agonia de não ser acreditada, de ser tratada como uma criança problemática fazendo acusações selvagens.

Eu eventualmente as cobri com tatuagens. Pelo menos assim, eu poderia olhar no espelho e ver a arte que eu havia escolhido.

Mas havia novas cicatrizes agora, cicatrizes que se curaram milagrosamente entre a noite anterior e esta manhã.

As linhas eram finas, não irregulares e rasgadas como as outras. Eu não entendia as marcas, mas elas eram simples, centradas na cabeça do lobo que eu tatuei no meu peito. As novas cicatrizes não tinham desfigurado a arte em nada. Eles fluíram com isso.

Eu fiz uma careta, traçando meus dedos ao longo das linhas pálidas desconhecidas. Eu deixaria um demônio levar uma faca à minha pele. Eu não tinha certeza de como fui capaz de suportar, como tive coragem de me ajoelhar ali e aceitar.

Mas eu tinha feito isso, e isso trouxe uma onda de alívio caindo sobre mim. Eu enfrentei a coisa que eu temia. Eu revivi um dos meus maiores terrores e...

Eu estava bem. Eu estava viva.

Não senti a mesma náusea ao ver essas cicatrizes que

senti quando olhei para as antigas. Eu as escolhi, não muito diferente das minhas tatuagens. Eram estranhas, mas eram minhas.

Joguei água fria no rosto antes de procurar no quarto minhas roupas e armas. Mas não havia nada no quarto que me pertencesse, e não havia roupas em nenhuma das gavetas.

Amaldiçoando, peguei o lençol branco da cama e o enrolei em volta de mim, colocando-o para que eu pudesse me mover com as mãos livres antes de abrir a porta do quarto.

O corredor se estendia para a esquerda e, do patamar, eu tinha uma visão do andar de baixo por cima do corrimão de madeira. A luz cinzenta filtrava-se através das grandes janelas acima da porta de entrada abaixo, dando-me uma visão de um pátio de terra e árvores distantes. Desci as escadas e me encontrei em um corredor que se ramificava na cozinha à esquerda e na sala de estar à frente. Entrei na cozinha, encontrei-a vazia e peguei a maior faca do bloco na bancada.

Eu não ia andar desarmada por uma casa estranha.

A sala era espaçosa, com um sofá em forma de L no meio do espaço. O

tapete estava limpo e macio sob meus dedos. A parede oposta era de vidro, com vista para o cais que se estendia até o lago, descendo os degraus dos fundos. Era lindo, o tipo de vista que as pessoas sonhavam em ter.

Certamente esta não era a casa *de Zane*. Os demônios tinham casas? Eles *precisavam* delas?

Algo se moveu atrás de mim, refletido no vidro sobre meu ombro. Não me mexi, mas apertei a faca com mais força. A forma

grande

e

escura

moveu-se

silenciosamente,

aproximando-se... mais perto...

Eu me virei, batendo a faca para baixo. A lâmina era afiada e afundou profundamente, até o punho no peito nu e tatuado na minha frente.

Ah... *merda*. ..

Zane estalou, olhando para a faca, então lentamente de volta para mim enquanto eu dei um passo para trás, e depois outro.

— Juniper, oh, *Juniper*. — Ele suspirou, agarrou a faca e a arrancou de sua carne. O sangue escorria ao longo da lâmina, mas a ferida que deixou para trás não sangrou. Ele acenou com a faca para mim, sorrindo com força. — A hora da brincadeira acabou, lobinha. Isso doeu, você sabe.

— Não se aproxime de mim, — eu disse, minhas costas quase pressionadas contra o vidro. — Você me assustou.

Seus olhos se arregalaram incisivamente. — Sim, isso é o que nós demônios fazemos. Nós nos esgueiramos e assustamos.

— Então você vai continuar sendo esfaqueado.

Ele revirou os olhos. Ele estava usando uma calça jogger na altura dos quadris, a faixa preta de sua cueca quase invisível acima deles. Seu

peito ondulava com músculos, cada centímetro de pele coberto de tinta. Imagens de homens e mulheres presos em grilhões e cordas, suspensos, amordaçados — era praticamente pornográfico, e não apenas por causa da arte.

A facada nem era mais visível.

— Mm, você tem que se lembrar de algo sobre me

ameaçar. — Ele se aproximou. Eu não tinha para onde correr; Eu só podia levantar meu queixo desafiadoramente, encarando-o enquanto ele acariciava a lâmina ao longo da minha bochecha. — A dor me excita. Ameaças me excitam.

Então parece que você está flertando comigo. — Ele sorriu. —

Seja boa, a menos que sua intenção seja me fazer tratá-la como se você fosse muito, muito ruim.

Eu engoli em seco. Minha boceta parecia pensar que suas palavras eram boas o suficiente para ficar toda quente e apertada. Apertei minhas coxas juntas, mas seu sorriso se alargou. Porra, ele podia me *cheirar*. Eu não conseguia nem esconder minha própria excitação irracional dele.

Eu queria minha faca de volta. Eu posso ter dado minha alma a ele, mas estar perto dele, desarmada, era enervante. —

Onde estão minhas roupas?

— Elas estão na secadora. Elas devem estar secas em breve.

Eu estreitei meus olhos. — Você... *lavou* minhas roupas?

Você lava a roupa?

— Infelizmente, a sociedade humana determina que eu seja obrigado a vestir este corpo carnudo, — disse ele. — Então sim, eu lavo roupa. Você acha que os demônios magicamente ficam limpos?

Abri a boca várias vezes, sem palavras. — Eu não sei porra nenhuma sobre demônios. Eu pensei que todos vocês só... —

Eu balancei minhas mãos ao redor. — Desapareciam no ar ou algo assim quando você não está perseguindo humanos pela floresta.

Ele riu, balançando a cabeça enquanto se virava e carregava a faca de

volta para a cozinha. Eu o segui, porque não sabia mais o que fazer. — Não, lobinha, nós não simplesmente desaparecemos. Se estivermos na Terra, permaneceremos em nossa forma física a maior parte do tempo. Flutuar ao redor da Terra apenas como energia espiritual é uma ideia terrível. Vai confundir todos vocês.

Eu não tinha certeza do que ele queria dizer, mas não questionei. Ele colocou a faca na pia e se recostou no balcão, as veias em seus braços musculosos criando linhas dignas de babar sob sua pele enquanto batia suas garras contra os armários.

Digno de babar? Oh Deus, meu cérebro realmente foi para lá?

O demônio sorriu, como se pudesse ler meus pensamentos ridículos. — Está com fome?

Sim, eu estava, em mais de um sentido da palavra. — O

que importa para você?

— Eu tenho interesse em mantê-la viva, — disse ele. —

Deixe-me contar um pequeno *fato divertido*, Juniper.

Barganhas de almas são supervisionadas pelo Conselho do Inferno. Pense neles como nosso governo. Agora, era uma vez, um absoluto idiota de um demônio decidiu convencer um bar inteiro de humanos bêbados a dar-lhe suas almas. Ele então massacrou *todos* eles, então ele não teria que se preocupar em cumprir sua parte de seus negócios. O conselho não vê com muito carinho o método de barganha e assassinato de caça às almas. Eles puseram um fim nisso. Então eu não estou

tentando fazer você morrer de algo tão bobo como fome, porque eu estou realmente tentando evitar a atenção do conselho.

Agora, você está com fome?

Pensei em dizer a ele que não morreria de fome depois de apenas um dia... mas *estava* com fome. Eu balancei a cabeça.

— Ah, *bom*. Olhe para você, admitindo que tem necessidades. Bravo.

— Ele deu uma palmada sarcástica de suas mãos e pegou uma chave do balcão, balançando-a no ar.

— Vamos então.

— Eu não tenho roupas, idiota, — eu disse enquanto ele passava por mim em direção à porta da frente. O toque de seu braço contra meu ombro nu enviou um pequeno arrepio nas minhas costas e um formigamento direto para o meu núcleo.

Porra, o demônio era uma armadilha mortal ambulante com isca de boa aparência. — E você está mal vestido também!

— Isso é um problema? — Ele se virou, uma mão na maçaneta da porta da frente. Isso me pegou desprevenida, e meus olhos imediatamente desceram – até a protuberância absurda em suas calças. Eu rapidamente desviei o olhar, mandíbula apertada, meus braços cruzados sobre o lençol que eu tinha enrolado em volta de mim. — Mm, isso é o que eu pensei.

Eu realmente não planejava entrar no Acura NSX laranja brilhante que o demônio tinha estacionado no quintal, mas os tremores de fome começaram. Eu seria inútil em breve se não consumisse algumas calorias. Eu deslizei para o banco do passageiro, relutantemente notando o quão confortável o couro

era quando me acomodei. Zane continuou olhando para mim, um sorriso arrogante em seu rosto enquanto ligava o motor.

— O que? — Eu finalmente falei, quando ele não parava de olhar.

— Você gosta do carro. — Ele nem mesmo colocou isso como uma pergunta.

— Por que um demônio tem um carro? — Eu disse. — Ou uma casa?

Ele saiu do quintal, em uma estrada estreita sombreada por árvores de bordo. O motor rugiu, os pneus cantaram, e o carro decolou pela estrada sinuosa, a força de sua velocidade fazendo meu estômago revirar e me pressionando de volta ao assento.

— Por que eu não compraria um carro? — ele disse, levantando a voz sobre o som do motor. — Eu posso correr mais rápido que qualquer humano, mas não posso correr em público. O conselho teria um ataque se eu me exibisse assim.

— Ele se recostou no banco, uma mão no volante. — Eu tenho que me exhibir de outras maneiras.

Comecei a reconhecer as estradas enquanto dirigíamos.

Estávamos um pouco ao norte de Abelaum, seguindo a estrada para o sul ao longo da baía. Eu não ia admitir, mas o carro era impressionante. E caro.

— Você tem um emprego ou algo assim? — Eu disse, tentando não olhar para ele para não escorregar e olhar *para baixo* novamente.

— Eu caço almas.

— O inferno te paga por isso? Você comprou a casa e o carro de alguma forma.

— Inferno fornece, — disse ele simplesmente. — Para aqueles que fornecem em troca. Caçadores de almas são tratados generosamente pelo conselho.

Tudo isso estava soando um pouco demais como algo saído de um romance de fantasia. Caçadores de almas, conselhos no Inferno, o fato de que o próprio Inferno era real.

Eu fiquei em silêncio, e Zane aumentou o rádio, tocando —

Twisted— pela MISSIO através do sistema de som do carro. Ele acenou com a cabeça junto com a música, tendo um tempo fantástico enquanto eu olhava no assento ao lado dele.

Ele estava jogando bem, mas eu não ia esquecer que ele era um monstro; um monstro com o qual fiz um acordo para um propósito, e um único propósito: acabar com os Hadleighs e seu culto.

Mas talvez eu conseguisse mais algumas boas fudas com isso, como um bônus. Por mais que eu quisesse, eu não podia negar. Eu estava tão atraída por ele que tive arrepios só de olhar para ele. O pensamento de seu pau fez minha boceta começar a fazer malabarismos de seu próprio livre arbítrio.

Ele finalmente diminuiu a velocidade enquanto dirigíamos para o centro de Abelaum. Passamos pelo campus universitário, os altos prédios de pedra parcialmente escondidos atrás das árvores. Eu pensei que poderia ir lá, uma vez. Antes de minha realidade ser destruída, antes de perceber que a universidade era apenas mais uma armadilha que os Libiri usavam para atrair novos seguidores.

Passamos pelos bares, boutiques e cafés, finalmente

parando no estacionamento do Dick's Drive-in.

Eu hesitei quando ele saiu. — Estou usando uma porra de um *lençol*, Zane!

Mas ele continuou andando, sem camisa, em direção à janela de pedidos. Eu rosnei furiosamente, bati meu punho contra o painel com força suficiente para doer – e o segui.

Fazia séculos que eu não comia um bom hambúrguer, essa era a única desculpa que eu tinha.

Felizmente, o lençol que eu usava estava completamente ofuscado por Zane andando até a janela, sem camisa. Acho que a mulher que anotou nosso pedido nem percebeu que eu estava lá, continuando a encará-lo enquanto eu dizia o que queria. Eu não podia culpá-la.

De volta ao carro, o cheiro da comida me fez cavar a sacola como um animal faminto. Eu tinha terminado meu primeiro hambúrguer antes de notar Zane me observando, um sorriso satisfeito no rosto.

— O que? — Eu disse, com molho borrado no meu rosto e alface derramada no lençol.

— Apenas admirando meu animal de estimação, — disse ele. — Achei que você poderia ser teimosa e não comer.

— Eu não sou sua porra de animal de estimação, — eu murmurei.

— Mm, e ainda me lembro claramente de você me dizendo que eu era seu *dono* na outra noite. — Deus, ele era insuportável. Aquele sorriso arrogante estúpido. Ele parecia tão *satisfeito* consigo mesmo.

Ele estava comendo a atenção que eu estava dando a ele,

então eu a tirei. Comecei no meu segundo hambúrguer, recusando-me a olhar em sua direção enquanto ele cantarolava ao som do aparelho de som. Ele não havia pedido comida alguma, apenas um refrigerante grande que ele bebeu enquanto balançava a cabeça.

— Qual é o nosso primeiro local de ataque, lobinha? — ele disse, enquanto eu terminava meu segundo hambúrguer e me recostava no banco, detestavelmente cheia, mas perfeitamente saciada. — Onde vamos machucar seus inimigos primeiro?

Eu tive que pensar por um momento. Eu não tinha planejado tão

longe. Além de vender minha alma e ter um demônio do meu lado, eu não tinha certeza do que fazer a seguir. Raiva e tristeza ainda estavam nublando meus pensamentos, então era difícil contemplar a melhor forma de ir atrás dos Hadleighs quando...

Quando Marcus ainda não tinha sido enterrado com segurança.

— O corpo do meu irmão foi roubado de seu túmulo, — eu disse. — Na noite de seu funeral, alguém veio e o roubou. Eu assisti isso acontecer. — Eu me virei para ele. — Kent Hadleigh tem um demônio que trabalha para ele. Foi ele que levou o corpo do meu irmão. Preciso descobrir onde está o corpo dele e recuperá-lo.

Zane assentiu. — Eu conheço aquele demônio. Vou perguntar a ele sobre isso.

— Mate-o depois que você terminar de falar com ele.

Precisamos tirá-lo do caminho para que Kent não tenha sua proteção.

Zane riu e ligou o motor do carro novamente. — Desculpe, mas eu não vou fazer isso.

Meus olhos se arregalaram quando eu olhei para ele, meu coração batendo forte. — Fizemos um acordo. Você concordou em me ajudar a matar...

— Eu concordei em ajudá-la a destruir o Libiri, — ele disse. Ele não manteve os olhos na estrada enquanto dirigia.

Em vez disso, olhou pela janela, como se fosse apenas um passageiro vendo o mundo passar. Era enervante como o inferno. — Leon não causou nenhum dano a você, nem causará. Ele não é um deles.

Meu coração estava martelando contra minhas costelas em fúria. Isso era exatamente o que eu temia: o demônio torcendo as palavras para sair de sua barganha.

— Nenhum dano? — Eu rosnei. — Nenhum maldito mal?

Ele estava lá na noite em que me jogaram no escuro! Ele me perseguiu, ele me perseguiu por horas! Ele teria me arrastado de volta se me pegasse, e teria me jogado lá de novo para *morrer!*

Eu apoiei minhas mãos contra o painel para parar de tremer. Os hambúrgueres estavam ameaçando subir, meu estômago revirando.

— Juniper, me escute.

Eu apertei meus olhos fechados. Respirações profundas, respirações profundas. Dez segundos dentro, dez segundos fora.

— Conheço Leon há muito tempo...

— Pare de dizer o nome dele, — eu assobieei. Eu queria me

enrolar em uma bola. Eu queria gritar. Eu odiava me sentir tão irracional, odiava não conseguir acalmar esse pânico. — Eu o quero *morto*. Vou fazer isso sozinha -

— Não, você não vai.

Eu abri meus olhos, olhando para ele do outro lado do banco. Eu queria estrangulá-lo. Eu queria esfaqueá-lo novamente. Como ele ousa fazer isso comigo? Como ele ousa pegar *tudo o* que me resta e depois *recusar*. ..

— Leon odeia os Hadleighs tanto quanto você, Juniper, —

ele disse, e sua voz soou estranha, quase... triste. Mas isso não podia ser. — Eu sei, eu ouvi a história. Kent Hadleigh o mandou atrás de você assim que você escapou da mina. Mas ele não conseguiu te encontrar. Ele não conseguiu te pegar e pagou caro por isso. Ele não teve escolha.

— Ele é um monstro doente e sádico.

— A família Hadleigh o manteve escravizado por quase cem anos. Imagine suportar Kent Hadleigh *todos os dias*, por anos e anos. Imagine-o tendo o poder de machucá-lo, de quebrá-lo magicamente de novo e de novo. Nenhuma esperança de fuga, nenhuma esperança de morte. Leon mataria aquela família em um piscar de olhos se pudesse.

Eu não podia negar desta vez; seu tom era triste, até *dolorido*. Eu não entendi.

— Por que você se importa com ele? — Eu agarrei. — O

que ele importa para você?

— Estamos ligados. — Eu fiz uma careta em confusão, e ele mostrou sua língua bifurcada, apontando para as duas barras de metal perfuradas em sua carne. — *Ligado*, Juniper.

Marcamos um ao outro. Nós éramos amigos... irmãos...

amantes... — Ele acenou com a mão. — Fodida semântica. Não há uma palavra humana para isso. Você vai ter que acreditar em mim quando eu disser que ele não é seu inimigo, por mais que você possa odiá-lo. Você não vai matá-lo. Nem eu.

Eu estava com muita raiva para pensar logicamente, muito furiosa para respirar fundo que eu precisava desesperadamente. No momento em que voltamos para casa, saí do carro, batendo a porta atrás de mim.

Zane me pegou antes que eu pudesse entrar.

A escuridão me cercava, como se alguém tivesse apagado o sol. Amarras fantasmas enroladas em meus tornozelos, me enraizando no lugar. Com o canto do meu olho, Zane apareceu atrás de mim, uma figura escura com olhos estreitos brilhantes olhando para mim.

— Você é um mentiroso filho da puta! — Eu disse, punhos cerrados ao meu lado. Eu me recusei a me virar e encará-lo. —

Você vai voltar atrás no seu acordo—

— Eu não vou voltar atrás na merda. — Seus dentes se juntaram perto do meu ouvido, e o som enviou um choque de medo através de mim. — Vamos reiterar algumas pequenas regras, Juniper Kynes. Você não me comanda. Temos um acordo, uma *parceria*. Por mais que possa enojar você que você se vendeu a um monstro, você está comigo por sua própria vontade. Agora pare de prender a respiração, você vai desmaiar.

Eu suguei uma respiração lenta e amarga. A escuridão se iluminou, como a neblina afugentada pela aurora. As amarras

que cercavam meus tornozelos desapareceram. Sua mão alcançou minha garganta, e suas garras acariciaram levemente ao longo da minha mandíbula. Estremeci com o toque, a frieza de suas garras chocando em comparação com o calor de sua pele.

— O que acontece quando vamos atrás de Kent e Leon está em nosso caminho? — Eu disse firmemente. Seus dedos se apertaram também, segurando minha mandíbula como se quisesse exigir minha atenção.

— Ele não vai. Leon fará tudo ao seu alcance para não proteger os Hadleighs. Você pode odiá-lo o quanto quiser, Juniper. Muitos seres

odeiam aquele bastardo assassino. — Ele me soltou, e eu me virei para ele, de braços cruzados. Sem sua escuridão sobrenatural e voz profunda dramática, ele era apenas um menino bonito com garras, dentes afiados e olhos estranhos. Eu fiz uma careta.

— Você terminou com a teatralidade? — Eu disse. Seus olhos se arregalaram com o desafio.

— *Minha* teatralidade? E a sua, lobinha? Você terminou de fazer birra?

Eu mantive minha boca fechada, palavras raivosas presas atrás dos meus dentes cerrados. Minha frequência cardíaca estava diminuindo, descendo do pânico entorpecente. *LEON*.

Eu nunca tinha conhecido o nome do demônio antes. Um nome tirava um pouco do terror, como um fantasma trazido à luz do sol.

— Eu vou pegar a informação que você precisa, — Zane disse, esfregando a mão sobre a cabeça com um suspiro

pesado. — Vou descobrir onde está o corpo do seu irmão.



Quando conheci Leon, ele estava assombrando um cemitério na França, guardando zelosamente o túmulo do humano morto que ele uma vez amou. Ele se apaixonou por um mortal cuja alma ele nunca reivindicou, e a morte os separou para sempre. Ele não tinha sido capaz de suportar.

Parecia ridículo agora, considerando que nos séculos desde então, ele desenvolveu o hábito de matar qualquer humano que o esfregasse um pouco errado. Mas ele era um romântico de coração. Nas raras ocasiões em que gostava de alguém, sua devoção era forte — *obsessiva*, até.

Era tolice amar um humano. Os humanos eram frágeis e não viam a lealdade como a nossa espécie. Um vínculo entre demônios raramente se quebrava, mas os humanos se jogavam fora pelas coisas mais mesquinhas. Eu disse isso a Leon. Eu disse a ele que ele precisava desapegar de suas emoções furiosas. Ele precisava enterrar sua dor. Mas Leon era todo raiva – ele era todo sentimentos descontroladamente balançando.

Eu sabia melhor. Caçar almas me levou a centenas de humanos ao longo dos séculos. Alguns eu senti afeição, mas da maneira como se sente afeição por um objeto sentimental – era

especial, certamente, mas no final das contas descartável.

Juniper estava desafiando essa perspectiva.

Ela era apenas uma alma, um empreendimento fascinante, um animal de estimação prazeroso. Exceto, ela era *tão difícil*. Ela se enfureceu comigo, seu cortisol disparando tão alto que até *me deixou* no limite. Eu raciocinei que era bastante normal: sua alma tinha acabado de se ligar à minha, então aquelas coisas poderosas que ela sentia poderiam me afetar também.

Mas era mais do que isso. Foi mais do que apenas um toque de emoção compartilhada.

Eu não *queria* que ela ficasse com raiva. Eu odiava suas acusações de que eu estava tentando sair do nosso acordo, como se eu a estivesse enganando em algo. Eu mantive meus acordos. Eu sempre tive.

Eu a culpava por sua raiva? Claro que não. Mas me frustrou sem fim que eu não pudesse convencê-la a desistir disso. Era difícil pensar nela como um passatempo divertido quando aquele olhar de pânico em seus olhos – pânico absoluto e de partir o coração – me fez sentir como se uma pedra enorme estivesse pressionando meu peito.

Eu sempre procurei os quebrados. Nunca me incomodou as terríveis circunstâncias das quais tantas almas danificadas vieram. Assim era a vida: violenta, injusta, cruel. Tudo o que se podia fazer era encontrar prazer onde pudesse, agarrar-se às indulgências e saborear cada gota

de prazer que pudesse sugar da medula da existência.

Encontrei Leon no campus da universidade, guardando um prédio isolado com fita adesiva amarela.

— O que é tudo isso? — Eu puxei a fita curiosamente com meu dedo.
— Cheira a sangue. Sangue e magia.

— Afaste-se disso, sim? — Ele olhou para mim do pé da escada, os braços cruzados. — Você está fazendo parecer que eu não estou fazendo meu trabalho. Aquele garoto, Marcus, morreu lá. Eles não conseguem tirar as manchas de sangue das pedras.

— E o que é isso? — Eu belisquei sua camisa apertada. O

PNW Security Services foi costurado na frente. — Brincando de segurança, não é? Você já pegou algum aluno travesso e bisbilhoteiro?

— Apenas uma, — ele murmurou, endireitando sua camisa irritado. — Ainda estou descobrindo como puni-la por isso.

Eu ri, acendendo um baseado. — Bem, se você precisar de ajuda para pensar em algo, eu terei prazer em ajudá-lo a pensar em algumas maneiras de fazê-la gritar.

O campus estava quieto naquela tarde. Os alunos passavam apressados entre as aulas, e grupos deles se espalhavam pelo gramado enquanto estudavam. Leon olhou para qualquer um que ousasse chegar muito perto com desgosto inegável.

Ser convocado e mantido à força, como ele fez por tanto tempo, mudará um demônio de maneiras desagradáveis. Tive a sorte de nunca ter experimentado. Depois de alguns séculos coletando almas e aumentando meu poder, um mago precisaria

ser realmente poderoso para conseguir me convocar, se eles pudessem colocar as mãos em meu nome.

— Eu deveria dizer para você não fumar aqui, — disse ele.

— Anotado. Quando você pode sair? Eu quero sair para algum lugar. Faz séculos desde que Kent deixou você sair.

— Esta noite. — Ele fez uma pausa, dando um olhar longo e pesado para um par de alunos que pararam na frente do prédio para tirar uma foto com seus telefones. Um olhar dele e seus rostos caíram, correndo

para longe. — Há um festival na cidade. Kent quer que eu fique de olho nas coisas.

— Porquê? — Eu gemi. Eu me deitei nos degraus de pedra atrás dele, simplesmente porque isso o incomodava, e incomodar Leon era muito mais divertido do que deveria ter sido. — Esse é um uso tão dolorosamente mundano para um demônio. Ele nunca lhe dá nada interessante para fazer?

— Pelo menos dessa forma, ele nem sempre está me observando, porra. Zane. — Ele me lançou um olhar extremamente perturbado. — Eu deveria dizer para você não se deitar nisso.

— Bom trabalho, estrela de ouro, que demônio muito bom você é – Ei, ei, uau! — Eu pulei no momento em que ele levantou o pé para esmagá-lo no meu rosto. — Seja legal, seja legal, filho da puta. Estou me levantando. — Dei uma longa tragada no baseado, exalei em seu rosto e me esquivei antes que ele pudesse me machucar. Ele parecia pronto para quebrar meu pescoço – foi encantador, realmente.

— Vejo você hoje à noite, então! — Joguei o baseado por cima do ombro enquanto me afastava, ganhando alguns

olhares de nojo de alguns alunos que passavam. Fiz questão de estalar os dentes para eles para mantê-los em movimento. —

Aquele pequeno pub na Main Street! Rosa e Tomilho. Te encontro lá.

As ruas estavam lotadas naquela noite, e o bar ainda mais. Humanos bêbados batiam contra as mesas, paredes e uns contra os outros; seu volume ficando cada vez mais alto enquanto todos tentavam ser ouvidos uns sobre os outros. Era um tipo especial de caos, ver humanos embriagados se reunirem. Como cachorrinhos soltos para fazer o que bem entendem.

Leon não olhou para eles com tanto carinho.

— O próximo humano que esbarrar em mim vai ter sua espinha separada de seu corpo fodido, — ele estalou. Ele estava de costas para a parede, seus olhos examinando rapidamente a multidão. As cervejas que havíamos comprado não fariam nada quando se tratava de ficar bêbado. Mas, como acontece com a maioria das coisas comestíveis encontradas na Terra, nós as consumimos porque o sabor era interessante, não porque tinham um efeito.

— Calma, garoto. — Eu balancei minha cabeça, relaxando na minha cadeira. — É tudo parte da diversão. Humanos desajeitados e intoxicados... copos de suas bebidas frias e fermentadas... você, olhando além da minha cabeça como se eu não existisse.

Ele estalou seu olhar de volta para mim. — Fiquei distraído.

— Isso foi mais do que apenas distração, — eu disse, olhando por cima do meu ombro. Não era difícil determinar onde seu olhar estava. Tudo o que eu tinha que fazer era encontrar a mulher olhando para ele, que rapidamente desviou o olhar no momento em que notou que eu a observava. Ela era pequena demais para suas roupas, seus pés com botas balançando em seu banquinho, seus olhos ampliados por seus óculos grossos. Ela não conseguia manter o olhar longe por muito tempo. Continuava se arrastando para trás, a curiosidade irresistível exigindo que ela olhasse novamente.

Mas ela não era apenas uma humana curiosa e aleatória.

Ela estava sentada em uma mesa com Victoria Hadleigh.

Eu levantei uma sobrancelha na direção de Leon. — A mulher Hadleigh vai ser um problema?

Ele balançou sua cabeça. — Ela não se importa. Ela não está constantemente beijando a bunda de Kent, ao contrário de Jeremiah. Ela não dá a mínima para o que eu faço.

— E a outra mulher que você está olhando?

— Ela é uma aluna nova na universidade. Raelynn Lawson. Incômoda. Curiosa demais. Não consegue tirar o nariz de lugares a que não pertence.

— Eu estou supondo que ela tem na bunda dos Hadleighs?

— Infelizmente, — ele murmurou. — Não é inteiramente culpa dela. Victoria e Jeremiah decidiram que ela é o brinquedo da semana. Eles a têm esbanjado com atenção. — Seus olhos se estreitaram. — É estranho. Eu não sei o que diabos eles querem dela.

— Você se importa? — Eu ri, mas o som morreu com a expressão que vislumbrei brevemente em seu rosto. — Puta merda, você se *importa*. — Olhei para trás novamente. Pequena mulher humana, inquieta, não conseguia parar de olhar em sua direção. — Oh não.

— Não comece, — ele gemeu. — Eu *não me* importo. É

apenas... estranho. Uma curiosidade.

— É assim que começa, Leon, — eu disse. — Um dia você *não se importa*, e no outro você está obcecado. Se ela está envolvida com os Hadleighs, ela não é boa para você. — Ele grunhiu, minhas palavras ricocheteando em seu crânio grosso como bolas de pingue-pongue. — Porra, nós precisamos tirar você de Abelaum. Longe de Kent. Isso já dura muito.

Ele passou a mão pelo cabelo, deixando-o ainda mais bagunçado do que antes. — O homem é insuportável. Sua família... também insuportável. Eu quero matá-los. Isso é pedir muito? Uma pequena oportunidade para arrancar seus membros lenta e meticulosamente, começando pelos dedos das mãos e dos pés.

— Eu deveria trazer isso ao conselho novamente. Manter um demônio em cativeiro por mais de cem anos não é normal.

Em algum momento eles têm que intervir. — Eu fiz uma pausa.

Por mais que eu quisesse ter uma conversa casual, ainda havia um propósito que eu tinha para procurá-lo.

Havia poucas coisas que eu senti a necessidade de esconder de Leon, mas isso... isso pode ser uma dessas coisas.

Ele não tinha exatamente bons sentimentos sobre Juniper. Não era pessoal da parte dele – ela era apenas uma memória ruim.

Mas parecia uma merda de dizer, se eu admitisse que tinha feito uma barganha com a mulher que escapou de sua captura todos aqueles anos atrás.

Ela deveria estar morta, e ele pagou caro por sua sobrevivência.

— Por que Kent deixou você sair de qualquer maneira? —

Eu disse. — Por que o súbito serviço de guarda?

— O Libiri fez um sacrifício. — Ele ainda estava olhando para trás de mim, completamente apaixonado. — O garoto...

Marcus. Era ele. O Libiri o ofereceu ao deus e me fez jogar seu cadáver na mina. Então a merda está se agitando. Kent quer que eu tenha certeza de que o Eld não se torne um incômodo.

Se os corpos começarem a se acumular, isso tornará as coisas mais difíceis para ele. Porra, se isso é tudo que ele precisa que eu faça, o que é um pequeno dever de guarda? É fácil o suficiente. E ele me deixa em paz, na maioria das vezes.

Joguei seu cadáver na mina. Oh, Juniper ia *adorar* isso.

Isso ia ser uma maldita dor na bunda.

Eu preferiria ter ouvido que estava no fundo do oceano.

Isso seria mais fácil do que descer para a mina.

— Parece que as coisas estão finalmente indo do jeito de Kent então, — eu disse. — Eu acho que isso é sorte para você.

— Pode ser. O velho tem agido um pouco estranho.

— Como assim?

— Ele está nervoso. Estressado. — Ele bateu os dedos contra o braço, olhando em pensamento. — Ele ainda é volátil, mas ele me deixou escapar com algumas coisas que eu não esperava que ele fizesse.

— Talvez ele esteja finalmente se aquecendo para sua personalidade encantadora.

Leon bufou. — Ah com certeza. Ele só levou algumas décadas. Não, algo está acontecendo. O assassinato de Marcus recebendo tanta atenção pode deixá-lo nervoso. — Ele engoliu o resto de sua cerveja, largando o copo pesadamente. — Chega sobre o velho bastardo. E você? Caçando de novo?

— Eu tenho um novo alvo, — eu disse. — Estou chegando perto de terminar. — Uma mentira absoluta: essa barganha e todas as suas dificuldades estavam longe de terminar, mas era embaraçoso dizer isso. Fez parecer que eu não sabia o que estava fazendo, como se eu fosse um novato fazendo negócios desesperados e difíceis.

Ele sorriu. — Uma difícil, hein?

— Ela vai ser divertida... se ela não me matar primeiro.

— E você me repreende por ficar minimamente interessado em um humano. — Ele balançou sua cabeça. — Aqui você está tentando fazer barganhas com humanos que podem *matá* -lo.

— Gosto de coisas que podem me matar. Eu gosto de coisas que *tentam* me matar. Você, por exemplo.

Ele zombou. — Eu nunca tentei te matar.

— Besteira, você tentou me matar! Várias vezes!

— Você está sendo dramático. *Consensualmente*, chegar *perto* de matá-lo não conta.

— Posso listar todas as vezes que você tentou me matar, começando pela França...

— Isso também não conta. Eu matava qualquer coisa que chegasse perto de mim naquela época. Você acabou de cometer

o erro de chegar perto de mim.

Revirei os olhos e levantei um segundo dedo. — O

incidente em Toronto.

— Isso foi culpa sua.

Um terceiro dedo. — Nova Iorque. Fora daquele clube.

Ele fez uma pausa. — Isso... eu não estava *realmente* tentando. — Eu levantei uma sobrancelha, e ele deu de ombros. — Se eu estivesse realmente tentando, você estaria morto.

— Eu não. Você não pode me matar.

Ele se levantou da mesa. — Preciso de um baseado se vou continuar com essa discussão.

Eu me juntei a ele. — Eu tenho três. Lá fora,vamos.

Seus olhos se demoraram na mulher quando passamos por ela. E o tolo disse que era apenas uma curiosidade. Eu conhecia Leon há muito tempo para confundir aquele olhar com *apenas um curiosidade*.

Eu só esperava que quando tudo isso estivesse feito, ele pudesse perseguir qualquer curiosidade que quisesse. Juniper e eu estávamos alinhados nisso, pelo menos – nós dois veríamos com prazer os Hadleighs morrerem.



16

Havia algo no ar frio e na maconha que imediatamente me fez sentir à vontade. A erva que os humanos cultivavam na Terra não era nada em comparação com as plantas do Inferno –

elas cheiravam semelhante, apesar de seus efeitos serem mínimos. Mas havia algo profundamente nostálgico nisso.

Fumar me lembrou de olhar para o Mar Negro do Inferno dos penhascos de ônix bem acima, descansando o dia inteiro.

Isso foi antes de eu começar a caçar almas a sério; uma vez que eu peguei isso, passei a maior parte do meu tempo na Terra procurando meu próximo alvo.

— Voltou para casa recentemente? — Leon disse, como se fosse

uma

deixa.

Ele

ansiava

pelo

Inferno

tão

desesperadamente que o consumia. Ele passou tantos anos isolado de tudo que fazia a vida de um demônio valer a pena. A liberdade do Inferno, o prazer de suas cidades, a beleza de seu deserto – eu mesmo senti falta disso, mas poderia voltar quando quisesse. Leon não tinha essa escolha.

— Faz um tempo, — eu disse. — Provavelmente cerca de uma década desde a última vez que voltei.

— Milímetros. — Ele deu uma longa tragada no baseado e passou de volta para mim, seus olhos correndo atrás de mim

enquanto ele exalava. — Bem, bem, bem. Temos ouvidos curiosos tentando ouvir.

Eu joguei minha cabeça para trás. Raelynn, a pequena mulher de dentro do bar, estava parada na esquina do lado de fora, fazendo um péssimo trabalho ao fingir que não estava interessada no que estávamos fazendo. Eu ri, balançando a cabeça.

— Vamos nos divertir um pouco com ela? — disse Leon. A fome em sua voz era inconfundível: reconheci a luxúria em seu tom. Não foi nem dirigido a mim, e eu ainda fiquei com um pouco de frio. Leon sempre foi um companheiro cruel, um dos poucos que eu tive que poderia desafiar meu limite para a dor.

Já havíamos compartilhado antes: homens, mulheres, outros demônios. Mas esta noite, minha mente estava em outro lugar.

Foram apenas algumas horas, mas eu continuava me perguntando o que Juniper estava fazendo.

— Assuma a liderança, — eu disse. — Ela é toda sua. —

Leon sorriu, e eu limpei minha garganta. — Esconda os dentes, garoto. Você está parecendo um pouco afiado. — Um *pouco* era um eufemismo: todos os dentes em sua boca ficaram afiados no momento em que ele a notou.

Porra, ele estava *mal*.

Ele se acalmou antes de chamá-la, e ela respondeu rápido demais para esconder o quão atentamente ela estava ouvindo.

— Será mais fácil para você escutar nossa conversa se você se aproximar, — eu disse quando ela se aproximou de nós, seus olhos

arregalados correndo entre nós. Era instintivo

que os humanos fossem cautelosos conosco, mesmo que não soubessem por quê. Mas a autopreservação desta parecia quebrada: ela estava um pouco ansiosa demais para seu próprio bem.

— Esse é Zane, — Leon acenou para mim em introdução.

Ela me olhou com cuidado, como se tivesse encontrado algo novo para estudar e quisesse absorver cada detalhe.

— Irmãos? — ela disse.

— Eu não acho que a maioria das pessoas fode seus irmãos. — Leon riu, balançando a cabeça.

Não era como se eu pudesse deixar passar uma oportunidade de tentar tornar a situação embaraçosa. Sendo o ala incrível que eu era, eu disse rapidamente: — Alguns fazem.

Irmãos com benefícios.

Eu podia *sentir* a exasperação espinhosa de Leon no ar. —

É desaprovado.

— Como se você desse a mínima para o que é desaprovado. — Devolvi-lhe o baseado. O tempo todo Raelynn ficou lá ao nosso lado, fumando sua caneta vape de cheiro doce e olhando para Leon com um pouco de atenção.

Leon ia ter um problema com esta. Ele estava se exercitando apenas olhando para ela, aproximando-se dela antes de dizer: — Por que você veio aqui, Rae?

— Fumar. — Ela era uma mentirosa terrível, tão terrível que me fez rir.

Leon insistiu. — Não não não. *Por* que você veio *aqui*?

A pobre garota estava se contorcendo sob seu olhar. Se ela estava envolvida com o Libiri, ela certamente não era muito boa

nisso: ela estava prestes a encharcar a calcinha só de Leon olhando para ela por muito tempo.

— Fiquei curiosa, — disse ela. — Sobre você. Eu estava curiosa.

— A curiosidade é perigosa, — eu disse. — Ouvi dizer que mata bocetas... Essa é a frase?

Leon revirou os olhos antes de jogar fora o que restava de seu baseado. — Perto o suficiente. Diga-lhe uma coisa, querida.

Eu vou tornar este jogo um pouco mais fácil para você, um pouco mais seguro. Porque eu gosto deste jogo. Eu gosto de jogar com você.

Eu estava prestes a jogar na terceira roda para esses dois, mas não me importei. Eu tinha uma queda por ser um voyeur de qualquer maneira - apenas assistir significava negar a mim mesmo, e a negação era um prazer tanto quanto uma tortura.

Ficando duro, suportando a tensão, deixando-me ficar cada vez mais excitado até *doer*. .. sim, eu gostava dessa merda. Então eu deixei Leon assumir a liderança. Eu o ouvi sussurrar promessas sujas para ela até que ela estava tremendo. Ele a colocou contra a parede e deslizou a mão por sua calça jeans.

O primeiro som suave de prazer dela me deixou duro pra caralho – e me fez pensar em Juniper.

Eu me aproximei da entrada do beco para ficar de vigia.

Raelynn estava choramingando e se contorcendo contra Leon, braços em volta do pescoço, joelhos fracos. Meu pau estava pressionado com tanta força contra o cós do meu jeans que eu cavei minhas garras na palma da minha mão para me controlar.

Eu não queria nada mais do que voltar para casa e foder Juniper sem sentido. Seu corpo era meu para quebrar com prazer e dor, meu para usar como eu quisesse. Uma mulher como ela estava tão ferida que era uma maravilha que ela não entrasse em combustão espontânea. Ela ansiava por uma distração, uma liberação. Ela pode ter me odiado, mas ela não odiava como eu poderia fazê-la sentir.

Ela não podia se permitir relaxar... mas eu podia fazê-la.

Eu tinha visto quando eu a peguei na floresta, quando eu disse a ela que a luta havia acabado. Dar-me o controle a aliviou, mesmo que apenas por alguns minutos, da necessidade desesperada de lutar. Eu ficaria feliz em dar a ela esse alívio novamente.

Só para me machucar um pouco mais, continuei assistindo enquanto Raelynn tremia, o cheiro doce de sua excitação à beira de me deixar

selvagem. Eu inalei profundamente, apertando minhas mãos atrás das costas porque eu não conseguia esconder minhas garras.

Eu ia *destruir* Juniper quando chegasse em casa. Se ela queria informações, ela iria gritar por isso.

Raelynn estava perdendo o controle, e Leon cobriu sua boca para abafar seus gemidos. Porra, ele parecia bom assim: mãos apertadas ao redor do rosto dela, seu corpo tenso, mandíbula apertada enquanto ele a levava até o pico...

O que posso dizer, eu era apenas um filho da puta com tesão que desejava que cada dia fosse uma orgia. Sempre precisei de mais: mais estímulo, mais prazer, mais dor.

Leon teve que segurá-la enquanto ela gozava em seus

dedos, sua mão pressionada firmemente em sua boca, seus olhos se fechando. Ele ergueu os dedos enquanto ela se recostava na parede, recuperando o fôlego, e a visão da excitação brilhante em sua mão me fez crescer água na boca.

— Isso foi lindo, — eu disse, deslizando meu braço ao redor de seus ombros enquanto ele chupava um dedo limpo.

Ele ofereceu o outro dedo para mim, e eu levei tempo suficiente lambendo minha língua ao redor dele para fazer sua respiração travar.

— Sempre o dedo médio, — eu murmurei.

Ele sorriu. — Para você? Sempre. — Ele estava tão duro quanto eu, e eu sabia que ele estava doendo para enterrar seu pênis nela. Mas isso entregaria sua verdadeira natureza.

Poderíamos esconder a maioria de nossas características demoníacas com um pouco de esforço, mas tentar fazer nossos paus parecerem em qualquer lugar perto de humanos era praticamente impossível. Ele recuou enquanto ela abotoava a calça jeans com dedos trêmulos. — Obrigado por jogar. Vejo você no campus, boneca.

Nós vagamos pela Main Street, desviando de grupos cambaleantes de humanos bêbados antes de nos virarmos em direção ao lago. Havia fogueiras acesas ao longo da costa e ficamos nas sombras perto das árvores, observando de longe.

— Você está fodido por ela, — eu disse, enquanto ele olhava para sua

mão como se seu gozo tivesse alterado permanentemente sua pele. Ele balançou sua cabeça.

— Ela é apenas um brinquedo.

— Hum, certo. Pelo menos faça um acordo por sua alma.

Faça valer o seu tempo.

Ele franziu a testa. — É um pouco difícil honrar uma barganha quando Kent me pegou pelas bolas.

Nós dois sentimos o cheiro ao mesmo tempo: o vento mudou, e o fedor de carne podre invadiu meu nariz, doentiamente doce e enjoativo. Eu bufei de desgosto, e Leon olhou para trás nas árvores.

— Porra Eld, — ele murmurou. — Fodendo humanos também, fazendo fila aqui como um maldito bufê de carne. —

Seus olhos estavam brilhantes, um brilho de ouro ultrapassando a cor verde pálida que ele normalmente se escondia atrás. Ele flexionou suas garras, alongando os dentes.

— Quer minha ajuda? — Eu disse. Ele balançou sua cabeça.

— Não, eu preciso desabafar um pouco. — Ele estalou o pescoço em prontidão e me deu um último olhar antes de desaparecer nas árvores. — Até a próxima.

Ele desapareceu, e era hora de eu também. Eu esperava que Juniper estivesse acordada quando eu voltasse para casa, porque eu precisava desabafar também.



Já passava da meia-noite quando voltei para casa e todas as luzes estavam apagadas. Isso me decepcionou muito mais do que deveria perceber que Juniper provavelmente estava dormindo – por que diabos os humanos precisam de tanto sono, afinal? Não deveria importar. Eu poderia ter voltado para a cidade e encontrado qualquer número de humanos excitados e desesperados ansiosos para brincar.

Mas eu não queria *nenhum* humano. Eu a queria. Eu queria sua submissão viciosa. Eu queria sua luxúria desesperada. Eu queria ver aquela luz ardente e furiosa em seus olhos enquanto o prazer a fazia em pedaços.

Eu não fui idiota o suficiente para entrar lá e acordá-la.

Seria uma longa noite de merda.

Senti o cheiro de algo estranho e não percebi até chegar à porta da frente o que era exatamente: era um pacote de paus de canela e ramos de sálvia, amarrados e fumegando em uma tigela do lado de fora da porta da frente. Também estava espalhado ao longo do parapeito da janela e nos degraus que levavam à varanda.

O cheiro dessas ervas poderia deter o Eld. Não era infalível, mas era um método antigo e melhor do que nada.

A porta também estava trancada, o que me pegou desprevenido. Eu nunca tranquei a porta; Eu não tinha motivos para isso. E como nunca fiz, não trouxe nenhuma chave.

Não que isso importasse. Fechaduras simples eram ridiculamente fáceis de abrir. Um pequeno empurrão da minha mente e o ferrolho estalou de volta, e eu abri a porta para entrar no corredor...

Senti o cheiro de seu medo no mesmo momento em que a vi agachada na porta da cozinha, sua pistola apontada para minha cabeça.

Olhei para ela com indiferença, sorrindo enquanto ela suspirava de alívio. — Esperando outra pessoa, lobinha? — Ela se levantou, esfregando a nuca cansada, uma carranca fixa em seu rosto.

— Eu ouvi as feras uivando lá fora assim que o sol começou a se pôr, — disse ela. — Eu não ia apenas sentar aqui e esperar que eles não tentassem entrar.

Ela não tinha dormido nada. Ela estava sentada aqui no escuro, com sua arma, esperando que monstros arrombassem sua porta. Isso trouxe aquele aperto de volta ao meu peito, o mesmo aperto que senti quando a vi entrar em pânico por causa de Leon.

Talvez eu não devesse tê-la deixado sozinha. Talvez fosse cruel...

Não. Não, ela não precisava de mim para ser sua maldita babá. Ela sobreviveu por tanto tempo com uma boa razão, e meu desejo de fazê-la se sentir segura era apenas o meu

próprio orgulho falando.

— Garota esperta, — eu disse, fechando a porta atrás de mim. — Mas você pode relaxar. Eles não estarão tão ansiosos para chegar perto desta casa comigo aqui. Você pode continuar apontando essa arma para mim. Me excita.

Ela zombou. — *O que não te excita?* Algo está seriamente errado com você. — Ela manteve a arma na mão enquanto voltava para a cozinha e pegava uma cerveja na geladeira. Ela deve ter saído e comprado enquanto eu estava fora.

— Dada a minha natureza, estou inclinado a gostar de coisas fodidas. E você está me dizendo que isso não *te* excitaria? Vamos. Acho que essa pistola é uma extensão do seu braço neste momento. — Ela me olhou irritada, mas eu estava me sentindo bem. Foi um alívio voltar a um espaço privado onde eu não tinha que fingir ser humano. Eu poderia deixar meu disfarce ir, relaxar minhas garras e dentes. Fazer-me parecer humano exigia um esforço constante. — Pense nisso, Juniper: você, presa na parede, e eu com aquela arma pressionada dentro de você... — Seus olhos se estreitaram ainda mais, mas não havia como esconder seu cheiro. Bem, bem, bem. Que putinha bizarra. — Isso foi o que eu pensei.

— Eu não concordei, babaca. — Ela colocou a arma no balcão, abriu a cerveja e tomou um gole. Seus olhos estavam vermelhos de exaustão, mas ela compensou seu óbvio cansaço com uma atitude ainda mais forte. — Você falou com ele?

Uma coisinha tão brava, ela nem mesmo disse o nome dele. — Sim. Ele disse que Kent tem estado nervoso ultimamente. Algo o deixa no limite, mas ele não sabe o quê.

Pode valer a pena procurar dentro.

Ela assentiu. — Pode ser. E quanto a Marcus?

— Tenho boas e más notícias. Qual vai ser primeiro?

Ela não parecia divertida. — Más notícias. Acerte-me com isso.

— Ah, bem, as más notícias primeiro arruínam o impacto das boas notícias...

— Apenas *me diga*, Zane.

Suspirei dramaticamente, mas realmente, quanto mais desagradável ela agia, mais eu queria dobrá-la sobre o balcão e foder a maldade de seu corpo. — Ok. A má notícia é que o querido irmão Marcus está em White Pine.

Sua mão apertou a lata de cerveja, fazendo o metal enrugar sob seus dedos. — Puta merda. Aquele bastardo o jogou na mina?

— Sim. É uma pena, mas ele está *tecnicamente* enterrado de novo, — eu disse. — Ele está no subsolo, pelo menos.

Se os olhos dela pudessem ter atirado bolas de fogo em minha direção, eles teriam feito isso. — E qual é a boa notícia, então?

— Oh, certo. Bem, a boa notícia é que descobri onde ele está. — Eu sorri. — Eu te disse, as más notícias primeiro arruínam o impacto.

— Eu te odeio pra caralho. — Era surpreendente o quão rápido aquela mulher podia se mover. Ela pegou uma faca do bloco e a ergueu para atirar em mim – mas eu a peguei pelo pulso antes que ela pudesse lançar seu projétil. Ela rosou para mim furiosamente, se contorcendo, presa entre mim e o

balcão enquanto eu me inclinava sobre ela.

— Não mate o mensageiro, lobinha, — eu disse suavemente. — Vou ter que começar a manter objetos perigosos e pontiagudos fora do seu alcance.

— Não se atreva, porra, — ela retrucou. — Não é como se fosse te matar de qualquer maneira! — Ela se esforçou contra a minha mão, mas toda a sua força não tinha nada sobre a minha. — Você provavelmente iria *gostar*. Você ficaria com tesão se eu te esfaqueasse de novo!

— Você me pegou lá, — eu disse. — Assim como você gosta quando

eu assumo o controle. — Meu sorriso se alargou, assim como seus olhos com fúria ardente. Sua excitação era inegável. Eu podia sentir quando seus quadris se moviam sutilmente contra mim, o espaço entre nós já inexistente.

Minhas horas de saudade dela, só pioradas ao ver Leon com seu pequeno brinquedo humano ansioso, estavam prestes a me levar a uma explosão absoluta.

Eu a queria. Eu a queria *agora*.

Apesar de sua fúria, ela também queria.

Inclinei minha cabeça para baixo, então minha respiração roçou ao longo de seu pescoço. Arrepios arrepiaram sua pele, sua inalação engatando ligeiramente. — Diga-me não, Juniper,

— eu disse. — Continue. Diga-me que você não quer e eu paro, sem hesitação. Sem jogos.

Ela apertou a mandíbula, sua respiração ainda estremecendo enquanto meus lábios traçavam ao longo de sua orelha. Porra, ela cheirava tão bem. Sua pele estava aromática de suor, macia e quente. Eu queria mordê-la. Eu queria provar

seu sangue na minha língua e ouvir a fúria em sua voz se transformar em prazer irresistível.

Beijei lentamente seu pescoço, deixando minha respiração tocá-la tanto quanto meus lábios. Fiz uma pausa em sua clavícula, na curva suave de seu ombro, antes de morder meus dentes ao longo de sua carne. Ela estaria coberta de hematomas pela manhã, em todos os lugares que meus dentes tocavam. Marcado todo como minha.

— Que fofo. Juniper gosta de beijos suaves.

Ela tentou zombar; saiu como um suspiro. — Eu... eu não...

— Não é fofa? Sim você é. Coisinha bonitinha e zangada.

Ela rosnou como se quisesse morder minha cabeça, mas cada pequena mordida a fazia estremecer. O cheiro de sua excitação ficou mais forte, e minha boca começou a salivar. Eu queria deslizar minha mão por suas calças e sentir como ela era lisa, mas ainda mais do que isso, eu queria que ela implorasse por isso.

Eu queria que ela *precisasse*.

— Eu vou soltar seu pulso, — eu disse. — Então é melhor você largar essa faca.

Ela sorriu, me observando com o canto do olho. — Por que? Com medo de que você possa ser pego?

Eu rosnei baixo em minha garganta, um aviso tanto quanto uma promessa. — Se você tentar me esfaquear, eu vou puni-la.

Sua tensão não diminuiu, e seu sorriso não foi embora. No momento em que meu aperto em seu pulso afrouxou, ela fez

exatamente o que eu a avisei para não fazer.

Ela tentou me esfaquear, bem ciente das consequências; talvez até *pelas* consequências.

Se suas intenções fossem ver se eu era mais do que apenas falar, eu ficaria feliz em provar que poderia cumprir minhas ameaças.

Agarrei-a novamente antes que ela pudesse baixar a faca, e ela se contorceu tão rapidamente que escorregou para o chão.

A faca caiu de suas mãos, e antes que ela pudesse pegá-la novamente, eu estava em cima dela, prendendo-a no azulejo em seu estômago.

— Ah, Juniper, Juniper. — Eu sorri. — Que garota má você tem sido. Esfaquear não é legal.

— Como se você quisesse que eu fosse legal, — ela grunhiu as palavras, rosnando furiosamente enquanto se debatia embaixo de mim. Ela estava certa - era exatamente assim

que

eu

gostava

dela.

Justamente

zangada,

orgulhosamente em negação de que cada escolha que ela fez a estava aproximando do que ela queria tão desesperadamente: uma boa foda dura.

Eu prendi seus pulsos firmemente contra suas costas em minha mão, e arrastei minhas garras em seus ombros. Ela assobiou com a picada e seus quadris se ergueram, encaixando-se bem entre minhas pernas e direto contra minhas bolas.

— O que diremos se quisermos que isso pare, Juniper? —

Eu cutuquei, certificando-me de que ela ainda estava entendendo a lógica e não se perdendo na luta. — Diga-me.

Diga-me agora, ou não jogamos.

Ela cerrou os dentes, ofegando por um momento pelo esforço de lutar contra mim. — Misericórdia, — ela finalmente sussurrou.

— Aí está. Agora... — Eu a puxei de pé, as mãos ainda contidas, e a forcei de volta para o balcão para que ela ficasse curvada sobre a borda. — Você diz que algo está errado comigo para o meu gosto, mas — — lentamente, coloquei minha mão sobre sua pistola e observei seus olhos se arregalarem — —

nossos gostos correm na mesma direção. Você é tão fodida quanto eu.

Eu levantei a arma e ejetei o pente antes de checar a câmara em busca de balas restantes. Um movimento rápido do meu dedo e a segurança estava ligada. Armas humanas não eram algo que eu precisasse usar, mas eu gostava de entender o básico dos objetos destrutivos, mesmo que eu não tivesse necessidade deles pessoalmente. Acaricieei o metal ao longo de seu lado, sobre suas costelas e a curva de seu quadril. Cada centímetro dela estava tenso, e ela prendeu a respiração quando a arma se aproximou de sua coxa.

— Eu posso sentir o cheiro dessa boceta doce, Juniper, —

eu disse, sorrindo enquanto seus olhos se fecharam por um momento, apenas para abrir mais do que nunca. Deus, eu adorava vê-la lutar contra isso: sua excitação, seu próprio prazer, o quanto ela queria isso. — Diga-me, você já molhou sua calcinha?

— Descubra, — disse ela. Seu cabelo tinha caído em seu rosto, e suas bochechas estavam coradas. Meu sorriso se

alargou.

— Você gostaria disso, não é? — Ela estremeceu, e seus quadris pressionaram contra mim. Ela estava arqueando as costas, um sutil pedido de estimulação. Apertei meus pulsos com mais força enquanto movia a arma entre suas pernas, provocando o metal frio sobre suas coxas. Suas pernas se apertaram ao redor dele, um tremor passando por ela enquanto ela respirou fundo. — Você deseja que eu te toque, te dê prazer, te faça gozar como se você não tivesse escolha no assunto. Que pena, Juniper. Inclinei-me sobre suas costas, curvando-me contra seu corpo para que ela pudesse sentir o meu peso sobre ela. — Se você quer mais, você vai ter que implorar por isso.

— Eu não... eu não imploro. — Ela se moveu contra a arma, mas o estímulo através de seu jeans não foi suficiente, se sua respiração ofegante frustrada fosse alguma indicação.

— Eu acho que sim, — eu disse, minha voz baixa em seu ouvido. — Olhe para você, no cio como uma cadela.

D *esesperada*, não é? Quanto tempo você pode esperar, hm?

Quanto tempo— – eu movi o cano da arma para frente e para trás, bem onde seu clitóris estava escondido sob suas roupas –

— você pode aguentar, Juniper?

Um pequeno som, o mais leve gemido, escapou de sua boca. Ela estava tremendo, fazendo tudo que podia para fingir que não estava se perdendo na luxúria. — Aí está, — eu provoquei. — É tão bom, não é? Mas não é bom o suficiente. —

Eu soltei seus pulsos para que eu pudesse abrir o botão de sua calça jeans. Suas mãos apertaram com força contra a bancada, e ela engasgou fortemente antes de pressionar os lábios

firmemente juntos novamente. — Vou mantê-la no limite o tempo que for preciso. Até que eu ouça essa palavra passar por seus lábios.

— Qual palavra? — Sua voz quebrou. Pobre e carente coisinha. Ela não podia conter esses gemidos para sempre.

— Por favor, — eu murmurei, empurrando a arma contra ela, rindo enquanto ela se abaixava contra ela. — *Por favor*, —

eu gemi a palavra em seu ouvido, e movi meus quadris em uníssono

com a arma, empurrando-a entre suas pernas. — Por favor... porra, *por favor...*

Ela estava respirando rápido, seu coração batendo forte.

Ela tentou puxar o jeans para baixo, como se isso me tentasse a me mover mais rápido. Isso só me convenceu a fazê-la sofrer mais. Agarrei seu braço antes que ela pudesse puxá-los para baixo, e ela lutou, lutando contra mim.

— Ah, sério, Juniper? — Eu a puxei de volta sob controle –

seus ombros pressionados contra mim, meu braço livre envolvendo seu peito e agarrando sua garganta. Peguei a arma e tracei o cano em sua bochecha. — Devo parar? Diga-me para parar, lobinha.

— Não. — Ela disse isso como uma maldição, como se a enfurecesse.

— Não... não pare... porra...

— Não pare? Oh, você quer dizer continuar tomando meu tempo.

Eu a puxei para o chão, e ela praguejou quando forcei sua cabeça contra o azulejo. Eu mantive seus quadris para cima, sua bunda apoiada contra mim. Ela não levantou a cabeça quando eu puxei seu jeans para baixo, deixando-o em torno de

seus joelhos. Sua calcinha estava úmida, apertada contra sua boceta. Eu cutuquei a arma contra ela, pressionando-a contra a mancha úmida. Por mais que eu gostasse de fazê-la sofrer durante a espera, era uma tortura para mim. Eu queria colocar minha boca nela, eu ansiava pelo gosto dela na minha língua.

— Zane... — ela gemeu meu nome, e foi como se ela tivesse jogado gasolina naquele fogo primitivo que ardia dentro de mim. Era praticamente irresistível, a necessidade de tê-la assumindo cada nervo do meu corpo. Eu cavei minhas garras em seu quadril, rindo do meu próprio braço tremendo.

Porra, ela sabia como chegar até mim. Ela tinha meu pau enrolado em seu dedo.

— Você sabe o que dizer, Juniper. — Eu empurrei sua calcinha para o lado com a arma, lambendo meus lábios ao vê-la. O metal brilhava com sua excitação enquanto eu o acariciava sobre ela, suas coxas tremendo com seu toque frio.

Baixa e sem fôlego, mas cruel, ela disse: — Eu não acho que você pode esperar. Você quer isso... muito...

Meus olhos se arregalaram. Esta mortal pensou que ela poderia resistir mais do que eu? — Esse é um jogo perigoso, Juniper.

Ela abriu as pernas um pouco mais, tão largas quanto seu jeans apertado permitia. — Eu acho... nós dois... nós dois sabemos que os demônios não podem resistir... o que eles querem.

Corri minha língua por sua coxa, sobre a curva flexível de sua bunda antes de mordê-la como um pêssego. Ela gemeu, mas *foda-se*. — Eu quero enterrar meu pau nessa boceta

quente, — eu rosnei. — Mas você vai quebrar antes de mim.

Ela pressionou um pouco mais para trás, bem contra o cano da arma. Eu não estava movendo-o agora, apenas segurando-o para ela, mas isso era tudo o que ela precisava.

Ela arqueou as costas e pressionou com mais força, gemendo quando o cano da pistola escorregou para dentro. Sua boceta abraçou em torno dele, escorregadia e inchada com necessidade. Ela balançou para frente e para trás, fodendo-se na arma. Quando olhei para o rosto dela, deitada no chão, ela sorriu para mim maliciosamente.

— Você gostaria que fosse seu pau, — ela disse, passando a língua sobre aqueles lábios macios e perfeitos. — Mas eu ainda posso ir com minha arma. Não faz diferença para mim.

Ela só *tinha* que adicionar aquele pequeno insulto ali.

Minha mão estalou, agarrando seu rosto e apertando suas bochechas enquanto ela ria. Apertei a arma, profunda e forte.

— Não faz diferença? É assim mesmo? Você acha que eu vou deixar você vir enquanto você continua me desafiando?

— Isso é exatamente o que você vai fazer, — ela engasgou, sem fôlego, tesão escorrendo por suas coxas. — Mesmo que você pare agora, eu vou me trancar lá em cima e me fazer gozar sem você.

Eu me inclinei sobre ela, apertando meu aperto enquanto eu fodia a arma nela. — Você acha que uma fechadura vai me manter fora, porra? Vou arrancar a maldita porta das dobradiças, Juniper. Eu vou te amarrar na cama até que você esteja *chorando* pela liberação.

Seus olhos vibraram, rolando para trás em sua cabeça.

Porra, ela se divertiu com as ameaças; isso só a trouxe mais perto da borda. Eu nem queria parar... eu queria ver aquela boceta gloriosa apertar, eu queria vê-la esguichar. Meu pau estava tão duro que era doloroso, aquele órgão pulsante gritando para eu afundar dentro dela.

— Você não pode resistir. — Ela estava apenas me provocando agora, olhos brilhantes, bochechas coradas de prazer. — Você sabe que quer sentir... ah... você quer sentir o quão molhado está...

Eu juro pela porra de Lúcifer se ela continuasse a falar...

— Oh Deus, — ela gemeu, e eu pude sentir a resistência extra enquanto eu pressionava a arma nela, suas paredes apertando. — Eu vou... eu vou...

Como *diabos* ela ia.

Eu a puxei do chão e a joguei de costas. — Não se atreva a chamar por *Deus*, — eu rosnei. — É o *meu* nome que você vai chorar.

Eu deslizei a arma para longe, e ela deslizou pelo azulejo enquanto eu rasguei meu jeans, praticamente rasgando o tecido. Ela estava rindo – ela quase foi nocauteada, mas ela estava *rindo* pra caralho de mim. Joguei fora seu jeans e rasguei sua calcinha, deixando-a nua.

Eu queria rasgá-la em pedaços.

Eu queria comê-la viva.

Porra, eu queria sentir aquele buraco apertado e molhado esticado ao meu redor.

Eu a prendi pela garganta, pressionando suas pernas para trás até que seus joelhos quase tocassem seus ombros. Mesmo

assim, *ainda*, ela sussurrou com voz rouca: — Eu sabia... sabia que você não podia... resistir.

Entrei nela rudemente, sem piedade. Eu era muito maior que a pistola, e ela gritou quando eu a estiquei, as pernas tremendo. Foda-se tomando meu tempo, foda-se esperando.

Cada grito me estimulava, e quando sua voz começou a tremer em uníssono com seu corpo, foi a *minha* vez de rir. — Pequena vadia arrogante, — eu rosnei, apertando sua garganta.

Seus dedos dos pés descalços se curvaram. Seus olhos rolaram para trás. Apertei os lados de seu pescoço quando ela gozou e observei seu rosto passar do prazer ao puro êxtase. Eu dei a ela exatamente o que ela queria; todas as suas provocações estavam certas. Havia algo nela, na maneira como seu corpo se apertava e pulsava ao meu redor, a maneira como suas unhas arranhavam minhas costas e seus lábios se separavam, que acendeu as partes mais desesperadas de mim.

Eu não pude resistir, porra.

Estremeci quando gozei, bombeando-a completamente, saboreando seus pequenos gemidos enquanto meu pau latejava dentro dela. Ela estava ofegante, tremendo, coxas pegajosas com sua excitação e pingando meu esperma. Eu me levantei, me encostando no balcão enquanto ela se deitava aos meus pés tentando recuperar o fôlego.

— Eu sabia, — disse ela triunfante. — Eu sabia que você não aguentaria tanto quanto eu.

Eu queria quebrar as bancadas de mármore ao meio.

Ela sentou-se lentamente e recostou-se nos armários, ainda rindo, ainda sem fôlego, ainda tão feliz consigo mesma.

— Nós vamos para White Pine amanhã. Estamos pegando Marcus. Ela sorriu para mim. — A menos que você esteja com muito medo.

— Eu não tenho medo de merda, — eu rosnei. Eu gozei com tanta força que minha visão ficou embaçada por um momento, e eu *ainda* queria mais. Eu estava viciado, eu estava obcecado. E ela era tão *presunçosa* sobre isso.

Este foi um problema. Um problema enorme.

Eu me agacho, olhando para seu rosto bonito e presunçoso. — Eu nem comecei a destruir você, garota. Você acha que ganhou esta rodada? Você só me fez desejar quebrar você mais.

Ela sorriu, me tirando do chão. — Eu já destruí você, garoto demônio. O primeiro round vai para mim.



Eu aprendi a viver uma vida solitária. Era mais seguro assim. Mudei-me com frequência e não fiquei muito tempo em nenhum lugar. Não usei meu nome verdadeiro e não confiei em ninguém que conheci. Companheirismo e prazer não eram coisas que eu encontrava com frequência. Eu já não era muito apresentável, então era difícil o suficiente fazer amigos. Mas nos anos desde que deixei Abelaum, aprendi que os relacionamentos eram apenas âncoras que tentariam me amarrar. Me apegar a alguém, ou deixá-los se apegarem a mim, era ridiculamente tolo. Eu era um perigo para qualquer um que me aproximasse; Eu era literalmente uma isca ambulante para monstros amaldiçoados e mágicos.

Relacionamentos eram difíceis, mas sexo era fácil. Era a minha maneira favorita de desabafar, a única coisa que encontrei que poderia me dar um breve alívio da minha preocupação constante e esmagadora. Mas os encontros de uma noite só podiam fazer isso. Sexo bom, sexo que me deixou dolorida e bêbada do orgasmo eram raros.

Pelo menos, era raro... antes.

Zane tinha transformado meu cérebro em mingau cheio de luxúria. Seu cheiro era tão perturbador, e estava em *toda parte*

naquela casa. Eu não conseguia deitar no sofá sem sentir o cheiro dele, e meu corpo inteiro ficava quente e meu estômago se contorcia toda vez que eu o via. Na manhã seguinte, enquanto eu estava tentando preparar o café da manhã para me preparar para a tarefa pesada pela frente, pude sentir o peso de seus olhos em mim enquanto ele me

observava da sala de estar.

Eu não conseguia mais olhar para aquela bancada da mesma maneira. Eu olhei para ele enquanto meus ovos fritavam na panela, meus próprios gemidos patéticos ecoando em meus ouvidos. Porra, ele me deixou desesperada. Ele me forçou a fazer sons que eu nem achava que era capaz. Armas não eram brinquedos, mas Cristo, ele me deixou com tanto tesão que eu me fodi com minha própria arma. Pelo menos ele estava tão desesperado, pelo menos ele cedeu primeiro. A satisfação que senti quando ele...

Apaguei apressadamente o fogão, quase queimando os ovos. Eu xinguei furiosamente, mas ainda os coloquei ao lado da minha torrada. Eu não ia desperdiçar comida perfeitamente comestível.

Eu realmente pensei que, uma vez que nosso acordo fosse feito, Zane seria como um gênio em uma lâmpada e desapareceria até que eu precisasse dele. Tinha sido uma crença escandalosamente ingênua. Agora que estávamos amarrados, nossa barganha selada em sangue e esperma, eu não conseguia me afastar dele.

Eu não acho que eu queria.

Outra coisa que eu aprendi nos anos passados lutando para sobreviver era sempre parecer confiante, mesmo quando eu sabia que estava fodida. Se eu me agarrasse com força suficiente a falsas bravatas, isso poderia me fazer passar mais um dia.

Então, enquanto dirigíamos em direção a White Pine, a luz do sol caindo em raios através das nuvens, meu ânimo estava alto. Minha adrenalina estava bombeando, a antecipação fez meus dedos baterem rapidamente contra a porta. Eu tinha minha pistola amarrada ao meu quadril, minha espingarda nas costas, minha faca no tornozelo e um demônio do meu lado.

Isso não seria como era antes. Eu era mais velha. Mais forte. Eu não estava desamparada.

Nós dirigimos profundamente na floresta. As árvores estavam envoltas em trepadeiras, samambaias agrupadas em torno de suas raízes, criando uma parede de verde vibrante de cada lado. Zane manteve o rádio alto, tocando KennyHoopla enquanto dirigíamos, e eu movi minha cabeça junto com ele.

Tentei pensar apenas no que viria depois que terminássemos. Eu

enterraria Marcus na cabana do papai, no quintal, onde passamos tantos fins de semana brincando juntos quando crianças. Era isolado e tranquilo. Se o demônio de Kent viesse atrás de seu corpo novamente, eu duvidava que ele olhasse para lá.

Mas quando saímos do asfalto para a estreita estrada de terra que serpenteava de volta para as árvores, minha antecipação azedou. Meu estômago deu um nó, e havia um peso no meu peito, dificultando a respiração. A estrada

terminava em um portão de metal com uma placa enferrujada de *Proibido Passar*.

Zane desligou o motor. — Você está bem? — Eu balancei a cabeça. — Não minta, Juniper.

— Estou bem. — Eu mantive minha voz cortada e curta.

Eu abri a porta do carro e a bati atrás de mim, me inclinando contra ela. Eu ficaria bem. Eu poderia passar por isso. Respirei fundo algumas vezes, inalando o ar fresco e fresco, mas enterrado sob o cheiro pungente de pinho havia outra coisa.

Algo doentio e podre.

Foi aqui – *bem aqui* – onde Victoria e eu havíamos usado ácido todos aqueles anos atrás. Eu deitei nesta grama e olhei para os galhos acima. Eu vagava por esses bosques enquanto Victoria me conduzia pela mão.

A Catedral de São Tadeu estava além da cerca, escondida atrás das árvores. Eu não tinha voltado aqui desde então.

Quando os médicos tentaram me convencer a voltar para a igreja para que eu pudesse ver que estava vazia, eu recusei.

Não importava se a igreja não estivesse mais cheia de membros do culto vestidos de branco. Não importava se nenhuma evidência pudesse ser encontrada do que acontecera ali.

Aquela igreja nunca estava vazia. Estava cheia de lembranças, cheia de dor.

— *Zimbro*.

Eu empurrei minha cabeça ao redor, mas Zane ainda não tinha saído do carro. Acho que ele decidiu me dar alguns momentos de espaço. O

vento farfalhava entre as árvores, as folhas secas do outono balançando. Eu fiz uma careta. Se Zane

não tivesse falado, então...

— *Zimbro.*

As nuvens se moveram sobre o sol, me lançando na sombra, e um calafrio subiu pelas minhas costas. Virei-me lentamente, examinando as árvores. A vegetação era tão profunda e brilhante. Cada centímetro de chão estava coberto de flora, e ao meu redor, a floresta parecia respirar. O vento, o canto dos pássaros, o ranger dos galhos...

O aviso do meu avô ecoou na minha cabeça: — *Se você ouvir seu nome ser chamado da floresta, corra.*

O *Profundo* sabia que eu estava aqui.

Eu pulei quando a porta do carro se abriu. Zane colocou as mãos no teto, me observando com expectativa. — Vamos tentar de novo. Você está bem?

Confiança.

Esteja

sempre

confiante.

—

Sim.

Completamente bem. — Ele torceu uma sobrancelha lentamente. — Eu estou *bem*. Vamos, estamos desperdiçando a luz do dia. Vamos subir ao poço.

Eu liderei o caminho, embora cada passo parecesse mais pesado que o anterior. A trilha para a floresta era estreita, mal grande o suficiente para uma pessoa caminhar. Eu carregava apenas minhas armas, mais uma pequena mochila com material de escalada: um arnês, cordas, ganchos. Eu tinha saído da mina sem eles antes, mas não era nada menos que um milagre que eu conseguisse.

Cada fibra do meu ser sentia repulsa por este lugar, cada passo era uma luta contra meu próprio desejo frenético de voltar. Parte de mim

sabia que isso era tolice: Marcus estava

morto. Independentemente de onde seu corpo estivesse, sua vida não voltaria. Mas já estive na mina antes, estive no escuro.

O horror daquele lugar jamais sairia da minha mente, e a ideia de deixar meu próprio irmão lá embaixo era insuportável. Não parecia certo.

Ficou mais frio à medida que mais nuvens se acumulavam no céu, e parecia improvável que fôssemos poupados da chuva por muito mais tempo. Minhas mãos estavam apertadas ao redor das alças da minha mochila, minha mandíbula apertada com tanta força que doía. Partes da trilha estavam cobertas de mato, e eu tive que pisar no meio de arbustos e trepadeiras.

O caminho se bifurcou, e eu parei. Estiquei meus dedos formigando em um esforço para obter algum sentimento de volta neles. À direita, o caminho descia e se alargava em direção à catedral. Subindo, à esquerda...

Fechei meus olhos. Havia um rugido em meus ouvidos como ondas distantes, mas entre o rugido, havia o *silêncio*.

Aquele silêncio terrível e sufocante de estar no subsolo com apenas o gotejamento lento e distante da água.

— Não se perca, lobinha.

Eu abri meus olhos. Zane estava bem atrás de mim, a apenas alguns centímetros de distância. Ele não tinha me tocado, mas havia a sensação de uma mão segurando minha nuca. Em vez de ser ameaçador, era aterrador, quase reconfortante.

O desejo irresistível de sentir seus braços em volta de mim brotou em meu peito. Isso era outra coisa que eu aprendi a prescindir: toque físico, o conforto de um abraço, a intimidade

de segurar a mão de outra pessoa. Ao longo dos últimos anos, as únicas vezes que eu me permiti ficar fisicamente perto de outro foi se pretendíamos foder. O sexo era bastante vulnerável, mas me permitir a intimidade do simples contato físico era muito mais intenso.

Respirei fundo e virei à esquerda na trilha. O último lugar que eu deveria estar procurando conforto era nos braços de um demônio.

As árvores pendiam baixas sobre o caminho, suas raízes enroladas no chão, e eu tive que me mover com cuidado para evitar tropeçar. Quando as gotas de chuva fria começaram a cair, a floresta ficou em silêncio. Como se tivesse respirado e segurado, o ar estava tenso. Fiquei de olho embaixo das árvores, observando cuidadosamente qualquer sinal incomum de movimento. Os Eldbeasts geralmente não saíam durante o dia, mas havia outras coisas que poderiam vir nos caçar.

Algo estalou sob meu pé e eu parei. Esmagado no chão da floresta estava uma bugiganga, feita de galhos unidos em um triângulo com barbante. Eu o peguei, virando os pedaços quebrados na minha mão. Pequenas espinhas de peixe foram entrelaçadas no barbante, e pequenos entalhes foram feitos nos galhos.

— Meu avô costumava fazer isso, — eu disse. — Ele os pendurava na varanda e no celeiro. Disseram que protegeriam os cavalos.

— Eles são tão úteis quanto queimar uma vela para cobrir o cheiro de um cadáver, — disse Zane.

Larguei a bugiganga e continuei me movendo, mas logo

notei mais deles nas árvores. Apenas alguns aqui e ali, no início. Mas logo, havia dezenas, pendurados nos galhos baixos acima, e Zane teve que se abaixar embaixo deles. Eles balançavam na brisa, o som dos galhos batendo uns contra os outros estranhamente assustador na floresta silenciosa.

A trilha achatou e eu parei abruptamente. — Ali, — eu disse. — Aí está.

O poço de White Pine estava à frente. Colocado na encosta, as velhas tábuas que o emolduravam estavam manchadas pelo tempo e queimadas com marcas: runas estranhas, não muito diferentes das cicatrizes no meu peito.

Uma placa desbotada foi martelada no chão ao lado dela, dizendo *Cuidado: Não abra o poço da mina*. A abertura estava fechada com tábuas, mas as tábuas pregadas nela eram claramente mais novas que a moldura: eram pálidas e ásperas, sem ferrugem nos pregos.

Tinha sido aberto recentemente, provavelmente quando jogaram o corpo de Marcus no chão.

Um pavor doentio envolveu suas mãos em volta da minha garganta

enquanto nos aproximávamos. O ar frio escoou de entre as tábuas, gelado o suficiente para trazer arrepios à minha pele. Cheirava a pedras molhadas, como salmoura e mofo do oceano. Zane começou a quebrar as tábuas e, ao fazê-lo, outro cheiro invadiu meu nariz.

Era doentiamente doce, instantaneamente puxando meu reflexo de vômito. O cheiro de carne podre.

Zane olhou para baixo no escuro, seu lábio enrolado. —

Não posso dizer que alguma vez quis estar tão perto de um

Deus. Este lugar é... — Ele bufou. — Bem, francamente, este lugar é vil.

Vil estava colocando isso suavemente.

À medida que a chuva caía mais forte, preparei meu equipamento de escalada. O poço havia sido destruído pela inundação da mina, o caminho para baixo em grande parte erodido. O que restou foi uma encosta curta, íngreme e lamacenta que caiu abruptamente na água abaixo. Eu podia me lembrar de deslizar na lama, tentando encontrar tração, cravando meus dedos na terra, mas ainda escorregando para baixo, para baixo...

Eu balancei minha cabeça. Sem pensamentos, apenas ações. Sem emoções, apenas sobrevivência.

— *Zimbro*.

— O que? — Eu levantei minha cabeça, mas Zane franziu a testa para mim. Eu insisti: — *O quê?*

— Eu não disse nada.

Eu me movi mais rápido. Eu não podia deixar minha coragem ser abalada agora. Amarrei minha corda a uma grande pedra fora do poço e garanti que meu arnês estava seguro. Evitei olhar para o escuro e tentei não pensar em como seria descer de rapel. Prendi minha lanterna na jaqueta, testei a corda uma última vez e disse: — Quando o encontrarmos, você terá que carregá-lo. Eu não sou forte o suficiente.

Zane assentiu, esticando os braços sobre a cabeça. —

Certo. — Ele se inclinou para o poço, olhou para a escuridão com uma

expressão de desgosto resignado. Ele inalou profundamente e disse: — Ah, o doce cheiro de putrefação.

Então ele saltou para baixo, desaparecendo na escuridão.

— Não pense, — eu murmurei. — Só não pense. —

Segurei firme a corda, mantendo-a esticada enquanto recuava em direção ao eixo. Se eu olhasse muito de perto para a velha moldura de madeira, encontraria minhas próprias marcas de pregos na madeira. Se eu pensasse muito sobre isso, ouviria meus próprios gritos ecoando nas árvores.

Minha garganta estava tão apertada, minha língua como algodão seco. Meus pés encontraram a borda e eu estava me equilibrando nela, a escuridão nas minhas costas. A escuridão dos meus pesadelos.

Eu aliviei de volta sobre a borda, e para baixo.

Soltei a corda lentamente enquanto me movia. Apenas um passo de cada vez. A escuridão se fechou rapidamente, minha luz iluminando a encosta suave e lamacenta à minha frente.

Encontrei a queda no final e, com uma respiração lenta e trêmula, desci o restante do caminho de rapel.

Aterrissei em alguns centímetros de água. A maior parte da caverna estava cheia dele. Soltei meu arnês, deixando a corda pendurada ali até que eu voltasse. Zane já havia atravessado a água e estava inspecionando os eixos ramificados que levavam para longe da caverna. Ele não tinha nenhuma saudação alegre e sarcástica para mim, e seu silêncio aumentou meus nervos.

Dei um último puxão na minha corda para me assegurar de que ainda estava segura. Mas, ao fazê-lo, notei algo saindo da parede de terra em que pendia. Eu fiz uma careta enquanto a tirava da lama. Fino... quase translúcido... cor de osso...

Uma unha.

Eu o deixei cair instantaneamente, nauseada. O ar estava pesado, o peso esmagador da terra ao meu redor fazendo meu crânio formigar com claustrofobia. Atravessei a água, levantando minhas armas para mantê-las secas. A água não parecia tão fria quanto eu pensava que seria, mas isso não a tornava

melhor.

Sua

temperatura

morna

parecia

estranhamente sinistra.

— Qual caminho? — Eu disse suavemente. Zane acenou com a cabeça para o eixo que ele estava ao lado, seus olhos se estreitaram enquanto ele olhava para a escuridão. Minha luz iluminou o túnel estreito, mas as sombras ainda estavam espessas além de seu alcance.

— Há marcas de arrasto no chão aqui, — disse ele. — E eu posso sentir o cheiro.

— Cheiro do quê?

— Seu cadáver.

Zane liderou o caminho pelo túnel estreito. O teto era baixo o suficiente para que ele tivesse que se curvar, e até minha cabeça roçava nele enquanto eu andava. Não demorou muito para que eu pudesse sentir o cheiro também: aquela podridão vil, como carne velha deixada ao sol. Continuei olhando para trás, incapaz de me livrar da sensação de estar sendo observada. Estava estranhamente silencioso, exceto pelos nossos passos.

O túnel se abriu em uma caverna baixa. Estalagmites se projetavam do chão, e os restos de uma velha carreta de mina estavam espalhados ao redor. Cogumelos brancos brotavam em

cachos das paredes e brilhavam suavemente quando afastei minha luz deles. O cheiro era horrível, e eu puxei minha camisa para cobrir meu nariz em desespero. Zane parou novamente, farejando o ar, franzindo a testa.

— O que está errado? — Minha voz era apenas um sussurro, mas mesmo isso parecia muito alto.

— Seu corpo está perto. — Zane virou-se lentamente. —

Prepare-se.

Eu puxei a espingarda. Nós rastejamos para frente, nossas botas espirrando nas poças. A caverna se abriu mais, as estalagmites e estalactites como os dentes de alguma besta monstruosa nos prendendo em suas mandíbulas. Enquanto minha luz se movia pela caverna, notei arranhões estranhos nas pedras. Como marcas de garras. Havia mais cogumelos também – no chão, nas paredes, até no teto.

De repente, Zane parou. Virei minha luz para ele, então olhei para além dele.

Tínhamos encontrado Marcus.

Mas algo mais o havia encontrado primeiro.



19

Marcus estava deitado em um cume, no topo de um aglomerado de estalagmites, seu corpo dobrado e quebrado entre os pregos. Ele estava inchado, sua carne manchada de cores não naturais, suas órbitas oculares vazias – limpas. Meu cérebro não conseguia processar o que eu estava vendo. Não conseguia ligar os pontos entre a carne arruinada que vi e o irmão que conheci.

Então estalou, e uma estranha e fria dormência caiu sobre mim como gelo se espalhando por minhas veias.

Alguma coisa tinha arrastado Marcus até lá, e isso – *elas* – ainda estavam lá.

Eles estavam tão imóveis quanto as pedras que os cercavam. Seus

membros eram longos, pálidos como ossos.

Suas cabeças — esqueléticas, com olhos brancos leitosos e galhadas finas e afiadas — caíam de seus longos pescoços. Eles pareciam esticados – tudo fora de proporção, muito longo, muito fino. Suas pernas terminavam em cascos brancos fendidos e seus joelhos estavam *para trás*, como pássaros de pernas compridas. Trapos finos pendiam de seus corpos, mas o tecido parecia perturbadoramente carnal.

Eles não estavam se movendo. Seus braços pendiam

frouxamente ao lado do corpo. Apenas suas cabeças estavam balançando levemente, tão lentamente que se eu não tivesse olhado para eles por tanto tempo, eu não teria notado nada.

Eu me aproximei de Zane, o mais silenciosamente que pude. Ele olhou para mim, e eu murmurei silenciosamente: —

O que são eles?

Ele balançou a cabeça e pressionou o dedo nos lábios.

Mensagem recebida, silenciosa e clara.

Mantendo-se abaixado no chão, Zane rastejou pela caverna. Ele subiu o cume, e eu levantei minha arma e mantive minha mira firmemente na criatura mais próxima a ele. Eles ainda não tinham se movido, exceto pelo sutil balançar de suas cabeças. Zane rastejou pelo cume, seus olhos arregalados e sem piscar, chocantemente brilhantes no escuro. Ele estava bem ao lado de Marcus agora, a apenas um braço de distância da criatura mais próxima. Lentamente, ele estendeu a mão sobre as pedras e levantou Marcus entre eles. A cabeça do meu irmão rolou para trás, um estranho líquido preto pingando de seus lábios roxos e encolhidos.

— *Zimbro.*

Estremeci, mas não me virei. A voz veio de trás de mim, um sussurro ofegante em algum lugar acima da minha cabeça.

Eu tive que ignorá-lo. Apenas ignore, porra. Eu segurei minha mira quando Zane começou a rastejar de volta para baixo.

— *Você voltou para mim.*

Meu aperto na arma aumentou. Eu não podia mais me assegurar de

que era apenas na minha cabeça. Eu estava em *Seu* território agora. Esses túneis escuros e inundados eram o

domínio do Deus. Ele sabia que eu estava aqui. Ele *sabia*.

— *Você me desafiou por tanto tempo.*

Houve um som estranho e suave atrás de mim, como algo viscoso deslizando na água. Exalei lentamente, mal conseguindo suportar outra respiração por causa do fedor. Meu coração estava batendo tão forte que doía, e eu precisava desesperadamente de mais ar. Mas eu não me movi. Zane estava quase de volta, Marcus pendurado no ombro, e as criaturas ainda pareciam totalmente inconscientes. Estávamos tão perto...

— *Você não pode mais correr.*

O som molhado de arrastar estava bem aos meus pés.

Houve pressão contra a minha bota. Lentamente, olhei para baixo.

Tentáculos grossos, cinzas e viscosos estavam se enrolando em meus tornozelos.

Eu gritei, me afastando e tropeçando no chão irregular. Eu balancei a arma descontroladamente, usando-a como um porrete para repelir a criatura que tentava se enrolar ao meu redor. Os tentáculos continuaram vindo, deslizando em minha direção, emergindo das poças rasas, da própria lama.

Encostado na parede, comecei a atirar, quase sem mirar. Eles estavam deslizando pelas minhas pernas, me agarrando, segurando meus braços, cobrindo minha boca enquanto eu tentava morder. Fechei os olhos com força enquanto eles se enrolavam em volta da minha cabeça, lembrando dos meus pesadelos de tentáculos pressionando os globos oculares do meu irmão...

— Zimbrol

Meus olhos se abriram. Zane se agachou sobre mim, uma mão prendendo meus pulsos, a outra apertando minha boca.

Ele apagou minha luz. Apenas os cogumelos levemente brilhantes forneciam iluminação. Seus olhos estavam arregalados, seus dentes à mostra. O corpo de Marcus jazia atrás dele no chão.

Não havia tentáculos. Nenhum mesmo. Havia apenas as criaturas pálidas no cume – e todos eles tinham levantado suas cabeças em nossa direção.

Clique, clique, clique.

Um deles endireitou o pescoço, com um som de juntas estalando. Tentei prender a respiração, minha pele fria de suor.

Eles eram cegos? Eles poderiam nos ver se não nos mudássemos? Segundos se passaram, enquanto as criaturas moviam suas cabeças eretas para frente e para trás, balançando-as como cobras mirando em suas presas.

Então, um deles *falou*.

— Quem rasteja no escuro? — A voz era um sussurro áspero e baixo. Os outros dois estalaram os dentes rapidamente, o som ecoando pela caverna. Zane estava totalmente imóvel, sem respirar, nem mesmo piscando.

Com movimentos bruscos e aquele som horrível de estalo, uma das criaturas desceu correndo do cume. Ele balançou a cabeça naquele pescoço longo e em forma de espinha, estalando os dentes. — Carne doce. Carne tenra e viva. Onde você está?

O cheiro de mofo era tão forte agora que quase superou o

fedor do cadáver. Minha cabeça estava leve — fosse pelo cheiro, pela luta para prender a respiração ou pelo medo, eu não tinha certeza. A criatura se moveu rapidamente, mas com incerteza, dando voltas pela caverna enquanto os outros balançavam no cume acima, tentando nos encontrar no escuro.

De repente, a criatura parou. Seus olhos brancos não piscavam e refletiam o brilho luminescente do cogumelo. Um som, como uma corrente repentina ou uma lufada de vento, atravessou a câmara. A temperatura tinha caído o suficiente para que eu estremecesse.

— O Profundo fala, — a criatura sussurrou, e os outros dois abruptamente pararam de bater os dentes. — Ele quer a carne viva. Onde...

Mudei minha arma. Eu tinha que estar pronta para atirar.

Mas aquele som suave de movimento foi o suficiente. A cabeça da

criatura virou em minha direção e *gritou*.

Zane me colocou de pé, empurrando-me em direção à boca do túnel. Ele agarrou Marcus, carregando-o tão facilmente quanto uma boneca de pano. Eu tropecei no escuro, incapaz de ver sem minha luz enquanto Zane facilmente se adiantava a mim. Eu me atrapalhei para acender a luz novamente enquanto corria; mas meu pé ficou preso em uma pedra e eu caí, caindo com força de lado.

Com o ar para fora de mim, eu rolei de costas. Minha luz brilhou no rosto da criatura pálida, de pé sobre mim.

Disparei a arma, a explosão a derrubou, mas apenas por um segundo. Os outros estavam logo atrás dele, movendo-se rapidamente em minha direção. Mesmo aquele que eu atirei

estremeceu no chão e se ergueu de volta, lama preta grossa pingando de sua cabeça. Meu buraco de bala estava desaparecendo rapidamente, derretendo novamente.

Disparei de novo e de novo, as criaturas absorvendo as balas como se não fossem nada.

Tentei recarregar, mas minhas mãos tremiam e minhas balas caíram no chão, rolando para longe de mim. Corri para eles no escuro enquanto as criaturas me cercavam, seus dentes batendo, suas cabeças balançando. Minha luz balançou sobre eles, e percebi que cogumelos estavam brotando ao redor de seus cascos.

— Carne macia, — um sussurrou, e estalou os dentes. —

O Profundo te chama.

Encontrei uma bala, rodada sob a borda estreita de uma rocha. Eu não conseguia alcançá-la; minha mão não cabia o suficiente. A criatura ficou em cima de mim enquanto eu a agarrava, estendendo uma mão pálida e ossuda que pingava água gelada...

Um rugido sacudiu as paredes da mina, desalojando pedras e poeira. Uma forma se lançou sobre mim, batendo na criatura e jogando-a para trás. Eu me levantei e me afastei, minha luz balançando descontroladamente sobre o caos. Era Zane, prendendo um dos monstros no chão enquanto os outros travavam em suas costas, suas mãos o agarrando com tanta força que hematomas estavam florescendo em sua pele. Ele os rasgou, suas garras rasgando suas barrigas finas e arrancando raízes e lama. Ele arrancou outro de suas

costas, agarrando seu crânio e batendo-o repetidamente contra as pedras até que

a lama respingou nas paredes.

Com um monstro se contorcendo a seus pés, os outros recuaram, guinchando e batendo os dentes enquanto recuavam para a escuridão.

Zane se virou para mim, e eu vi pela primeira vez que o branco de seus olhos tinha ficado completamente preto, sua cor dourada aparecendo como um anel de fogo no céu noturno.

Ele agarrou meu braço e me puxou; mas quando não consegui correr rápido o suficiente, ele me puxou de costas, correndo pelos túneis da caverna a uma velocidade impossível. Eu não lutei com ele, eu não protestei. Eu não me importava se eu tivesse que ser carregada como um bebê – o que fosse necessário para colocar distância entre mim e essas coisas. O

que for preciso para sair deste lugar horrível.

Ele me decepcionou no momento em que emergimos no ar fresco. Eu queria cair de joelhos, só para sentir a grama sob minhas mãos, mas me forcei a ficar de pé. O peso de tudo estava caindo sobre mim, mais forte e mais pesado do que eu poderia ter imaginado. Marcus estava deitado na grama ali perto; Zane foi em frente e o trouxe antes que ele voltasse para mim.

Eu tinha feito tudo isso por um cadáver. Arrisquei minha vida, arrisquei tudo, por carne podre.

Engoli minha vergonha. Engoli as lágrimas que queriam vir, os soluços que queriam explodir de mim. Essas coisas tinham arruinado seu corpo, rasgado, *comido*. Marcus nunca mereceu isso. Ele merecia mais do que isso.

Zane esfregou a mão sobre a cabeça, antes de fazer uma

pausa para examinar os hematomas roxos profundos em sua pele. Sua camisa havia sido rasgada e havia marcas de mordidas irregulares em seu ombro e pescoço. Tentei não olhar, mas a extensão de seus ferimentos só piorava quanto mais eu olhava. Cortes profundos, feridas de mordida, e enquanto ele lentamente abria e fechava a mão, eu podia dizer que seus dedos estavam quebrados.

Ele voltaria para mim. Ele...

Ele me salvou.

Por que diabos ele tinha feito isso? Por que ele se incomodou?

— Devemos nos mudar, — disse ele, sua voz áspera. Seus olhos estavam simplesmente dourados novamente, a escuridão neles se foi.
— Os Gollums não vão parar. Eles vão continuar vindo.

— Gollum? — Olhei de volta para a mina. — Eles... eles sabiam quem eu era. Eles disseram que o Profundo me quer...

— Eles servem a Deus. — Ele mancou até onde Marcus estava e o arrastou para cima, jogando-o por cima do ombro novamente. O movimento o machucou; Eu podia ver isso em seu rosto. — Os deuses são ciumentos. Deuses são possessivos. Só porque Ele colocou seu irmão em seu lugar não significa que Ele ainda não vai querer você. E os Gollums não vão parar agora que estão acordados.— Ele olhou para mim, uma carranca se aprofundando em seu rosto. — Você ouviu Sua voz? Ele falou com você?

Um calafrio subiu pelas minhas costas quando me lembrei dos sussurros... dos tentáculos enrolando nas minhas pernas.

— Eu ouvi. Eu vi.

Ele almadicoou, virando-se para a trilha. Ele não disse mais uma palavra enquanto descíamos a encosta e atravessávamos a floresta. Quando chegamos ao carro, ele colocou Marcus no porta-malas, enrolado nos cobertores que trouxemos. Só quando ele estava no carro, sentado ao meu lado, ele inclinou a cabeça para trás por um momento e soltou um suspiro pesado.

— Isso é foda.

Eu ri - então ri. Não foi nem engraçado, mas eu ri porque não conseguia chorar. Eu estava exausta, toda a adrenalina foi drenada de mim. Eu estava de luto, eu estava horrorizada eu estava confusa. Então eu ri porque se não o fizesse, eu gritaria.

— Sim, realmente... realmente aconteceu. — Eu balancei minha cabeça, ousando olhar para ele. — Você cheira horrível.

— Bem, *sim*, eu tenho suco de cadáver em cima de mim!

— Ele arrancou os trapos que restaram de sua camisa, jogando-a pela janela quando começamos a dirigir. — Tente ter um olfato apurado

em torno dessa merda.

Mantivemos o rádio desligado, apenas dirigindo com o zumbido do motor e a chuva batendo. Eu inclinei minha cabeça contra a janela fria, mas o que eu queria... o que eu realmente queria... era deitar minha cabeça em seu ombro.

Foi tolice. Era fraco. Eu não faria isso, mas Deus, o desejo por isso doía. A distância entre nós nos assentos parecia um milhão de milhas de largura, e fazia tanto tempo desde que eu tinha.. tocado... alguém.

Nem por sexo, nem por prazer. Somente tocado.

Eu roubei um olhar para ele, e seus olhos encontraram os meus. Ele salvou minha vida. Ele se machucou para salvar minha vida, e eu não conseguia entender por quê.

— Eles machucaram você? — ele disse.

— Não. Eles não machucaram. — *Graças a você*, era o que eu deveria ter dito. *Eu te devo minha vida. Obrigada. Você voltou para mim.*

Mas eu não disse isso. Eu não ousei.



Levamos algumas horas para chegar à minha cabine. O

carro não conseguiu subir as partes mais íngremes da estrada, então Zane carregou Marcus, enrolado em cobertores, atrás de mim pela encosta. Meus pés pareciam feitos de chumbo, cada passo me arrastando para baixo. Eu precisava ficar acordada.

Eu precisava encontrar um pouco mais de força.

— Você pode nos deixar aqui, — eu disse quando chegamos à cabana.

— Eu vou enterrá-lo.

Zane franziu a testa enquanto colocava o corpo no chão, olhando para a pequena cabana. — Você ainda tem calor aqui?

— Tem um fogão. Por quê você se importa? — Eu estremei. Por que isso saiu? Palavras duras caíram da minha língua mais fácil do que qualquer outra coisa, caindo para frente sem pensar. Demônio ou não, ele não merecia.

Porra, a última coisa que eu precisava sentir era ainda mais culpa.

— Por favor, — eu disse suavemente. — Apenas... apenas me deixe aqui. Eu preciso ficar sozinha.

Ele continuou olhando ao redor do quintal, sua expressão longe de ser satisfeita. — Tudo bem. Me ligue quando estiver pronta.

Ele se moveu rápido o suficiente para simplesmente desaparecer. Nem mais uma palavra, nem um único protesto.

Estremei quando olhei para o local onde ele esteve, cravando minhas unhas na palma da minha mão. Eu nem tinha agradecido. Eu deveria? Eu era obrigada? A única razão pela qual ele se preocupou em me salvar foi por causa da nossa barganha, foi porque...

Porque...

— Porra. — Bati meu punho contra a lateral da casa enquanto voltava para pegar a velha pá. A cabeça estava enferrujada e o cabo cheio de farpas, mas teria que servir. Eu tinha algumas horas até o anoitecer, mas a escuridão se aproximaria rapidamente graças à cobertura de nuvens. Eu precisava fazer isso antes do pôr do sol, então, apesar da dor em todos os músculos, comecei a cavar.

Havia um tronco velho do outro lado do quintal, uma árvore que havia caído anos atrás durante uma tempestade.

Papai costumava dizer que ia cortar para lenha, mas se tornou um dos lugares favoritos para mim e para Marcus quando éramos crianças. Costumava parecer enorme para mim, e em minhas memórias, ainda era. Uma árvore monstruosa e coberta de musgo que servia de lar para uma família de esquilos e pequenos insetos.

Eu costumava ter que escalar a lateral, imaginando que estava escalando o Monte Everest. Eu chegava ao topo e abaixava a mão para ajudar Marcus a subir, porque ele era muito pequeno para subir sozinho.

Cavei a sepultura dele ali, ao lado do tronco.

As horas passaram e a escuridão aumentou. Meus ombros doíam, minhas costas estavam em nós, mas continuei cavando.

Minhas mãos estavam em carne viva pelo cabo áspero da pá, minhas palmas formaram bolhas que se romperam e sangraram. Mas continuei cavando.

Finalmente, quando estava pronto, puxei o corpo de Marcus pelo pátio. Eu tive que usar o cobertor para arrastá-lo.

Eu não era forte o suficiente para levantá-lo. Ele tinha crescido muito, mas é claro que tinha. A última vez que o vi, ele ainda era apenas um menino. Sua voz mal tinha começado a mudar.

Eu gostaria de poder afastar o cobertor. Eu gostaria de poder ver seu rosto. Mas eu não queria ver o que tinha acontecido com ele. Eu não queria ver que seus olhos se foram e seu corpo começou a apodrecer.

Eu não queria me lembrar dele dessa forma.

Eu queria me lembrar dele correndo pelo quintal com um bastão como espada, os cadarços desamarrados, vestindo sua camisa Tonka Truck vermelha e amarela favorita. Eu queria me lembrar dele de pé em cima do tronco e rindo para os pequenos esquilos quando eles saíam do ninho.

Deixei meus pés balançarem na sepultura, seu corpo ao meu lado. Cheirei, limpei o nariz e espalhei sujeira no rosto.

Minha garganta apertou. Meu peito doeu. Meus olhos ardiam tanto que nenhuma quantidade de piscar poderia fazê-lo parar.

Eu coloquei minha mão sobre o cobertor. — Sinto muito,
— eu sussurrei. A dor piorou. — Eu sinto muito.

Eu abaixei minha cabeça. Eu me deixei chorar. Eu deixei a dor me ultrapassar. Eu deixei a dor me estrangular. Doe, e

nada, *nada* o faria parar.

A torneira não estava funcionando, então não consegui lavar a sujeira das mãos. Eu sempre tinha um estoque de lenços umedecidos, porque estava acostumada a passar longos períodos sem acesso a um banho, então me enxuguei com eles o melhor que pude. Eu só tinha uma lata de feijão sobrando e alguns biscoitos. Eu ainda não tinha conseguido gasolina para o gerador, então o fogão a lenha logo se tornou minha única luz.

Eu queria um banho quente. Eu queria um copo de uísque gelado. Um cobertor, até. Eu queria me esticar em um sofá macio. Eu queria me envolver em lençóis limpos. Deus, eu queria parar de chorar.

Eu não deveria ter ficado na casa do demônio, nem mesmo por alguns dias. Eu passei anos na estrada, dormindo no meu carro, ao ar livre, em quartos de hotel de merda, se eu pudesse pagar. Deixar-me entrar em algo confortável não tinha valido a pena. O conforto não fazia parte da minha vida; simplesmente não era. Eu não precisava disso. Eu nem merecia.

Eu fugiria e deixaria Marcus morrer. Eu não estava aqui para protegê-lo. Eu não tinha sido capaz de proteger seu corpo.

Tudo o que eu podia fazer era garantir que os Hadleighs pagassem por isso. Não importa o quanto doe. Não importa o quão sozinha eu me sentisse. Amanhã eu acordaria e descobriria qual seria o próximo passo. Eu descobriria como machucá-los como eles me machucaram.

Eu me enrolei perto do fogo, já que estava frio demais para

dormir do outro lado do quarto na cama. Não era confortável, mas eu estava muito cansada para me importar.

— *Suba no castelo! Rápido! Estaremos seguros lá em cima!*

Corri pelo pátio, deixando Marcus comendo poeira.

Eu me arrastei para cima do tronco coberto de musgo, nosso — castelo, — meus dedos agarrados à casca áspera até que eu me puxei para cima. Eu levantei meus braços triunfantemente, observando meu irmãozinho tentar subir atrás de mim.

— *É muito alto, Juni! — Ele fez beicinho, ficando para trás com os braços cruzados. — Como vou entrar no castelo?*

— Seu cavaleiro irá ajudá-lo, é claro! — Fiquei de quatro, estendendo um braço para ajudá-lo. Eu o puxei para cima, até que ele foi capaz de subir em cima do tronco e ficar ao meu lado, inspecionando o quintal do nosso poleiro.

Eu coloquei minhas mãos em meus quadris. —

Nossos inimigos nunca vão nos derrotar agora!

Marcus torceu o nariz com ceticismo. — Mas... e quanto... o exército?

— Nenhum exército pode nos alcançar! — Eu chorei. — Estamos muito alto para eles chegarem ao castelo.

— Que tal um dragão? — ele disse, seu rosto sombrio. Esta foi, afinal, uma discussão muito

importante em tempos de guerra. — E se eles tiverem um dragão, Juni?

— Então seu cavaleiro vai matá-lo, — eu disse. Eu puxei meu bastão para fora de onde eu o tinha enfiado no meu cinto, brandindo-o. — Não tema, Príncipe Marcus! Seu cavaleiro não teme exércitos nem dragões!

Ele riu, se jogando no tronco. Sentei-me ao lado dele, mas mantive minha bengala na mão. Um cavaleiro nunca deve ficar sem sua espada de confiança.

— Também não tenho medo de dragões, — disse ele.

— Bom. Lembre-se: estamos seguros enquanto estivermos no castelo. E contanto que você tenha seu cavaleiro para defendê-lo.

Ele riu novamente, chutando os pés para que seus calcanhares batessem contra o tronco. O sol estava começando a se pôr, manchando o céu de rosa e laranja, como sorvete derretido entre as nuvens. Papai nos chamaria para dentro em breve, e sairíamos correndo pelo pátio através das forças inimigas. Assim que chegássemos à casa, um dragão desceria, e eu o derrotaria, e nosso reino estaria seguro.

Afinal, um cavaleiro não temia nada. Um cavaleiro nunca seria derrotado.

— Juni? O que é isso?

Eu olhei para cima. Marcus estava apontando o dedo mindinho pelo quintal, na direção das árvores que desciam para o riacho. O sol estava se pondo, então as

sombras cresciam. Eu estreitei meus olhos. — Eu não vejo nada, Príncipe Marcus. É o dragão?

Ele balançou sua cabeça. Seu rosto parecia estranho. Ele não parecia estar jogando mais. — Não, Juni, olhe.

Ele ainda estava apontando teimosamente para as árvores, e uma sensação de frio percorreu minhas costas. Eu pulei do tronco – sendo o cavaleiro, obviamente eu tinha que ser o único a corajosamente entrar em perigo. Olhei de volta para as árvores, esperando ver um cervo ou talvez um coioote esgueirando-se pelo crepúsculo.

Mas estava tão escuro.

Eu balancei minha cabeça, virando para ele. —

Marcus, eu não vejo—

Marcus se foi. Tudo o que restou foi uma longa e estreita faixa de terra virada para cima na base do tronco, e a sensação de frio na minha espinha voltou.

Olhei para minhas mãos: dedos longos e calejados, sujos e cheios de cicatrizes. Não era uma vara enfiada no meu cinto; era uma arma em minhas mãos. Eu não era mais criança. Este tronco não era nosso castelo seguro. E Marcus...

Marco foi...

Atrás de mim, nas árvores, algo uivou.

Eu acordei, me levantando do chão. O fogo tinha diminuído, e apenas carvões fumegantes permaneceram.

Minhas mãos e pés estavam gelados. Fiquei ali sentado por um momento, respirando devagar, ouvindo. Eu podia ouvir o vento se movendo entre as árvores lá fora, o gemido de seus galhos, o fio distante do riacho.

Eu podia ouvir rosnados.

Eu pulei e peguei minha arma, puxando a cortina sobre a janela. As nuvens haviam se dissipado e o luar prateado iluminava o pátio. Eldbeasts latiam e lutavam entre si, seus corpos curvados e horivelmente esfarrapados enquanto enxameavam o pátio. Havia tantos - muitos. Seis, sete, ainda mais entre as árvores. Eles estavam

todos reunidos do outro lado do pátio, ao redor daquele tronco caído...

Um grito furioso e agonizante saiu de mim no momento em que percebi o que eles tinham feito.

Eles desenterraram Marcus.

Eles o desenterraram.

Eles estavam lutando por seu cadáver, rosnando um para o outro, rosnados ásperos e latidos profundos soando enquanto eles estalavam os dentes um para o outro. A saliva escorria de suas mandíbulas enquanto eles o puxavam, enquanto puxavam seus braços e rasgavam o cobertor em que o envolvi.

Eu não pensei. Eu não conseguia pensar. Minha mente era um deserto estéril de raiva incandescente enquanto eu corria para o quintal.

Disparei descontroladamente, de forma irregular, de novo e de novo. As feras se dispersaram por um momento em confusão, mas rapidamente voltaram. Eles cortaram minha rota de volta para a casa. Seus gritos horríveis encheram o ar

enquanto eles me cercavam, investindo contra mim. Assim que eu atirava em um, outro saltava. O cheiro deles era pesado no ar, doentiamente doce, revirando meu estômago.

— Fique longe dele! — Eu gritei com eles, como se eles pudessem entender, como se houvesse alguma aparência de humanidade por trás daqueles olhos mortos e brancos. Lutei para recarregar, girei a arma para tentar forçá-los a voltar. Um deles avançou, agarrando a coronha com os dentes. Eles agarraram minhas pernas. Eles estavam lutando com a arma para longe —

Eles o arrancaram das minhas mãos e me atacaram.

Suas garras me dilaceraram, rasgando minhas roupas.

Deveria ter doído, mas tudo o que me restava era uma fúria cegante. Eles não podiam levá-lo. De novo não. Eles não conseguiram consumir seu corpo como se fosse mera carne.

Eles não conseguiram tirar meu irmão de mim! Eu ainda tinha minha faca amarrada à minha perna e a puxei para fora, cortando-os. Mas sua carne estava podre, e não importava se eu a esfaqueasse ou

rasgasse. Um enfiou os dentes no meu braço e torceu a cabeça, perfurando-me tão profundamente que a dor finalmente explodiu através da onda de choque e adrenalina.

Eu tentei enrolar minhas pernas para proteger meu estômago. Tentei bater e lutar. Eu gritei com eles e balancei a lâmina em seus olhos. Mas havia muitos. Havia tantos deles em mim que eles estavam lutando uns contra os outros por mim, lutando como eles tinham por causa de Marcus. Quem conseguiria a melhor carne, quem poderia dar uma mordida.

Eu me enrolei, minhas mãos sobre minha cabeça, minhas pernas fechadas. Suas garras rasgaram minhas costas, seus dentes estalaram perto da minha cabeça. Eu estava cercada pelo fedor deles, engasgado com ele, incapaz de respirar.

Eles iam me comer viva.



21

Eu não sabia o que ainda estava fazendo ali, horas depois, sentado no meu carro na beira daquela estrada estreita e sinuosa na base da montanha. Eu deveria estar em casa, dormindo com meus ferimentos. Eu deveria estar em qualquer lugar, menos aqui, com meu carro cheirando a um cadáver em decomposição, incapaz de ir embora.

Por que Juniper queria ficar naquele lugar miserável, afinal? As janelas estavam quebradas e cheirava a mofo e merda de rato. Era isolado, um local privilegiado para as feras encontrá-la. No entanto, ela queria ficar sozinha lá em cima com seu irmão morto pela metade. Ela queria cavar sua sepultura na escuridão invasora sem qualquer

ajuda.

— Puta merda. — Eu rolei minha cabeça para trás, gemendo. Eu precisava ir embora. Eu precisava sair e foder alguém, me lembrar que uma barganha era apenas uma transação

comercial,

mutuamente

benéfica,

mas

completamente impessoal. Neste ponto, — mutuamente benéfico— era um exagero dizer de qualquer maneira.

Mergulhar em minas onde os deuses dormiam, lutar contra Gollums, foder com o culto que praticamente construiu Abelaum – a quantidade de trabalho e perigo à nossa frente era

ultrajante.

Eu deveria ter sido meia-boca nisso. Se Juniper morrer, ela morreu. Eu ainda pegaria a alma dela. Havia muito mais almas lá fora para reivindicar.

Mas deixá-la lá em cima não parecia certo. *Era* por isso que eu ainda estava sentado aqui, era por isso que eu não podia simplesmente engolir isso e ir para casa.

Estava frio lá fora, e de jeito nenhum ela estava quente o suficiente naquele pequeno barraco. Ela provavelmente ainda estava cavando, embora estivesse escuro e ela realmente deveria estar lá dentro. Aquele olhar em seus olhos antes de eu partir tinha sido tão quebrado, tão miseravelmente ferido – isso me assombrava. Eu sabia que a razão pela qual ela me disse para sair era para que ela pudesse chorar sozinha.

Sua tristeza era assunto dela, não meu. Mas o vínculo entre nossos seres ainda me deixou dolorido, me deixou sentindo vazio desde que a deixei. Não havia razão para estar tão apegado, não fazia sentido estar excessivamente envolvido.

— Porra. Porra, foda-se. Porra. — Saí e bati a porta do carro, voltando pela estrada de terra esburacada. Não havia mal nenhum em verificar

se ela havia mudado de ideia sobre ficar aqui. Ela era uma tola se não o tivesse feito. Que sentido fazia estar sozinha de qualquer maneira? Nenhum. Nenhum mesmo. Era simplesmente mais conveniente para ela ficar comigo. Poderíamos planejar as coisas mais facilmente.

Poderíamos fechar esse negócio mais rápido.

E se ela não quisesse vir afinal? Espera. Eu não me importei.

Essa dor no meu peito apertou, e eu cerrei os dentes. Eu só precisava dela de volta em casa; foi o fim. Não fazia sentido ela estar aqui. Não fazia sentido ela sofrer em algum barraco frio e de merda, em vez de ficar comigo.

Fiz uma pausa, farejando o ar. Pinho, terra úmida, um cervo em algum lugar próximo e... sangue.

Eu escutei. Os galhos acima estalavam, os animais corriam pelas samambaias, mas nenhum grilo cantava.

E ao longe... uivando. Latidos. Aqueles gritos miseráveis dos Eldbeasts.

Minhas veias ficaram frias. Não eram apenas as feras que eu ouvia gritando.

Eu corri pela encosta da montanha, alcançando seu quintal em meros minutos. Quando atravessei as árvores ao lado daquela cabana miserável e vi a horda de animais lutando por algo no chão, parecia que alguém havia enfiado uma faca quente no meu peito e torcido.

Nada, *nada* poderia tocar minha pequena loba e viver.

Gritei tão alto que as feras se assustaram, metade delas correndo de volta do prêmio apenas o suficiente para eu vê-la.

Ela estava deitada no chão, sua roupa rasgada em pedaços, seu sangue se acumulando ao redor dela.

Não havia pensamentos coesos em minha mente quando vi isso. Apenas uma sede de sangue feroz que cavou até minha força mais profunda e exigiu que eu a usasse. As feras me atacaram inutilmente enquanto eu as agarrava, esmagando crânios e quebrando ossos, arremessando seus corpos imundos pelo pátio. Juntei energia ao meu redor, condensei-a e

usei-a para empurrá-los para trás, empurrá-los para baixo e depois

estourar suas cabeças com a pressão. Comandei a energia ao meu redor com a mesma facilidade com que respirava, muito mais facilmente do que jamais conseguira antes.

Cada alma que eu reivindiquei aumentou minha força, mas raramente eu flexionei meu poder total. Mas naqueles momentos, que pareciam uma eternidade, eu teria feito qualquer coisa para tirá-los dela. Mesmo enquanto eu os esmaguei, os rasguei, seu sangue rançoso espirrando no meu rosto, eu olhava para ela continuamente, desesperadamente, esperando vê-la se mover, vê-la lutar ou... ou abrir seus olhos.

Eu não deixei uma única besta escapar. Quando eles perceberam que estavam em desvantagem e tentaram correr para as árvores, eu ainda os peguei, esmagando suas cabeças podres em minhas mãos. Finalmente, quando deixei mais um cadáver aos meus pés, o silêncio absoluto caiu enquanto seu corpo rapidamente se decompunha em lama e vermes.

Nenhum permaneceu vivo.

Juniper estava deitada no chão, enrolada de lado, os braços ensanguentados em volta da cabeça. O aperto no meu peito ficou mais pesado. Minhas mãos estavam cobertas de sangue, minhas garras encharcadas com ele. Mas estendi a mão, com cuidado, e coloquei minha mão contra seu lado.

Ela tomou uma respiração lenta e superficial, e o aperto no meu peito explodiu.

Eu a peguei, movendo-me rapidamente. Ela gemeu, seus braços caindo de seu rosto, seu punho batendo fracamente

contra meu peito. As feras haviam rasgado suas costas, mordido seus braços e pernas. O que um humano precisa para curar feridas como esta? Um médico, é claro, mas quem diabos era eu para confiar com ela em Abelaum? O pensamento de alguém tomando ela, tocando-a – foda-se, eu arrancaria suas malditas mãos antes de deixá-las.

Eu a coloco no carro. Eu levantei sua cabeça flácida, limpando sangue e sujeira de sua boca. De alguma forma, ela conseguiu proteger seu estômago, mas seus braços e pernas foram rasgados como resultado.

Seus lábios se moveram e eu congelei. Ela estremeceu, seus dedos se contraindo, seus braços flácidos movendo-se para envolver seu estômago novamente. Seus olhos tremeram, se apertaram... e se abriram.

Ela olhou para mim com total confusão, piscando lentamente. Então ela olhou para baixo, para a minha mão em seu pulso e para dentro do carro, como se não conseguisse descobrir onde estava. Tirei minha mão dela, mas tive que segurar o batente da porta para mantê-la longe dela enquanto ela olhava para mim.

— O que... o que aconteceu... com Marcus?

Eu queria sacudi-la por estar mais preocupada com um cadáver quando ela estava sangrando por todo o meu carro. Eu queria me sacudir por estar tão preocupado com ela, por estar tão sem fôlego de alívio que não consegui responder a ela por um momento.

Quando finalmente consegui dizer algo, foi: — Que diabos você estava fazendo lutando contra tantos Elds sozinha?

Ela tentou se sentar, mas rapidamente estremeceu e desmoronou novamente. — O que... o que diabos... eu deveria fazer? — ela sibilou, fechando os olhos contra a dor. — Eles o desenterraram. Eles... eles estavam comendo ele...

— Eles quase comeram *você*. — Eu tive que parar novamente e me acalmar. Eu ainda estava me equilibrando à beira da raiva. — Você precisa de pontos, Juniper.

— Sem médicos, — ela disse rapidamente, balançando a cabeça. — Por favor. Por favor, nada de médicos.

Ela não confiava neles, e eu não a culpo. Eu não confiava neles para tocá-la também. Bati a porta do carro e entrei no banco do motorista, ligando o motor. Ela estava respirando mais fundo agora, respirando rapidamente, o cheiro de seu medo crescendo.

— Sem médicos. — Ela agarrou meu braço, apertando fracamente. — Não... não me leve para um hospital... eu não posso...

— Eu não vou te levar a um médico, — eu disse rudemente, os pneus derrapando enquanto eu entrava na estrada. — Vou te levar para casa.

Eu não tinha nada em casa que precisasse para cuidar dela, então parei em uma farmácia 24 horas no caminho. Seus olhos estavam fechados e sua cabeça caída, mas sua respiração ainda estava rápida e assustada, mesmo durante o sono. Quanto mais eu olhava para ela, mais apertada minha mão ficava no volante.

Eu nunca deveria tê-la deixado lá em cima. Maldito orgulho dela,

foda-se sua determinação de que ela tinha que

fazer tudo sozinha.

Ela era *minha*, e eu cuidava do que era meu.

O funcionário me deu um olhar longo e cauteloso quando cheguei ao caixa com um braço cheio de várias bandagens e desinfetantes. Eu já tinha deslizado atrás do balcão da farmácia e pego alguns frascos de comprimidos que seriam úteis para um humano ferido. As mãos do balconista se atrapalharam quando ele me atendeu, incapaz de parar de me encarar.

— Você está, uh... tendo uma boa noite? — ele disse. Eu dei um aceno impaciente de minha cabeça. — Você, uh... você tem uma coisinha... em seu rosto.

Olhei para mim mesma no CCTV. Eu estava manchado de sangue da cabeça aos pés. Sorri com força enquanto olhava para o funcionário de olhos arregalados. — É melhor você esquecer que eu estava aqui.

Ele assentiu rapidamente, empurrando minhas coisas em um saco plástico. — Oh sim. Sim. Sem problemas.



Antes de cair na inconsciência, meu último pensamento foi que essa era uma maneira tão estúpida e inútil de morrer.

Eu agi de forma imprudente, deixei a emoção tomar conta de mim. Estranho como a morte iminente pode trazer uma clareza tão repentina. Minha raiva, minha dor, meu desespero -

eles eram inúteis para mim agora. Não importava. Nada disso importava se eu estivesse morta.

Eu flutuei de dor, os sons dos horríveis gritos dos Eldbeasts me cercando. Seus gritos pioraram, tornaram-se uma interminável cacofonia de gritos, uivos, rosnados. E

então...

Então eu ouvi a voz de Zane. Senti seus braços em volta de mim. A dor ficou cada vez pior, mas os uivos desapareceram. Eu estava quente. Foi silencioso. Eu mergulhei mais fundo para escapar da dor.

A morte não poderia machucar tanto, pelo menos... eu esperava desesperadamente que não.

Algo me puxou, pressionando contra a dor terrível no meu lado. Eu fracamente tentei empurrá-lo para longe, embora meus braços parecessem pedras penduradas em meus ombros.

Minha visão era apenas um borrão. Tentar me concentrar em qualquer coisa fez minha cabeça girar.

— Calma, calma. Sou só eu. — Zane novamente. Sua voz profunda era como um fogo quente, um cobertor macio, uma caneca fumegante de cidra. Eu queria afundar nele e me perder nele. Ocorreu-me de repente que ele provavelmente seria muito bom em ler histórias para dormir.

Então me ocorreu que eu tinha perdido muito sangue, e isso estava me deixando louca como o inferno.

Ele me levantou, me segurando apertado e perto de seu peito. Deus, ele era tão quente. Tão, tão quente. Aconcheguei meu rosto em seu peito, embora sua camisa estivesse suja. Não importava que ele cheirasse a sangue - *seu* cheiro ainda estava lá, enterrado por baixo, rico e reconfortante.

Eu queria aquele perfume em uma maldita vela.

Mas mesmo seu calor não conseguia afastar o frio.

Continuei entrando e saindo da escuridão, meus olhos pesados demais para manter abertos. Estremeci e, como se estivesse de muito longe, ouvi-o dizer rapidamente: — O que há de errado?

Por que você está tremendo?

Eu ri um pouco, ou pelo menos tentei. Pode ter soado mais como um soluço grosseiro. Mas ele parecia tão preocupado, tão... tão preocupado. Para mim. Mas por que ele se preocuparia comigo? Se eu morresse, isso apenas o pouparia do problema de ter que cumprir sua parte no acordo; Eu iria para o inferno de qualquer maneira. Consegui abrir os olhos e percebi que estávamos lá dentro, na sala de estar dele. Todas as cortinas estavam fechadas sobre as janelas, as luzes estavam acesas e ele estava me segurando em seus braços.

Eu olhei para ele, franzindo a testa para mim. — Você está uma bagunça, — eu disse suavemente. Eu precisava de água.

Minha garganta estava tão seca que doía. — Você está todo...

você está todo sujo.

Ele balançou sua cabeça. — Você está sem condições para falar. Você parece as sobras de um mercado de carne.

Minha tontura exigiu que eu fechasse os olhos novamente.

Quando consegui abri-los, eu estava deitada no sofá, minha cabeça apoiada em um travesseiro. Zane estava agachado sobre mim, seus olhos se estreitaram em concentração. Houve a picada de uma agulha perfurando minha pele e um puxão quando minha ferida foi costurada.

Olhei para ele em silêncio por um longo tempo. Sua intensa concentração estava focada na ferida aberta no meu braço, minha carne rasgada pelas garras dos Eldbeasts. A dor da agulha não era nada em comparação com todas as outras agonias pelas quais meu corpo estava passando.

— Acho que não sou... não sou muito sexy assim, sou? —

Eu disse, minha voz pouco mais que um coaxar. Seus olhos brilhantes me encararam antes que ele voltasse a amarrar meus pontos. — Você... você me ouviu gritando?

Seu rosto se contraiu, uma expressão que eu não conseguia entender completamente. Ele colocou a agulha de lado e pegou um pano em vez disso, usando o pano úmido para limpar cuidadosamente o sangue e a sujeira no meu braço. —

Sim. Eu ouvi você gritando.

O calor do pano úmido era bom. Suas mãos em mim eram tão boas que eu poderia ter gemido, e nem mesmo de uma

forma sexy. Era só que tudo doía, exceto seus toques gentis. —

Por que... por que você voltou?

— Eu nunca quero ouvir esse som novamente, Juniper. —

Ele agarrou o pano em sua mão, seus dedos lentamente se curvando em um punho ao redor dele. Ele estava balançando a cabeça, sua mandíbula tão apertada que uma veia em sua têmpora estava lentamente ficando preta. — Eu nunca quero ouvir o jeito que você soa quando está com dor assim... quando você está com medo assim... — Ele desviou o olhar de mim, fixando seu olhar ardente na parede oposta. — Eu matei todos eles, Juniper. Cada um. Eu prometo a você agora que nada que ouse tentar machucá-la vai viver. *Nada*. — Sua voz se tornou um grunhido e ele fechou os olhos, respirando lentamente.

Ele estava tão bravo que eu podia sentir seu braço tremendo quando ele voltou a limpar minha pele. Eu não entendia, e isso me assustou novamente. Meu coração começou a bater mais forte, e aquele terrível aperto de ansiedade o apertou.

— Por favor, não tenha medo, — ele disse suavemente. —

Não... apenas... — Ele suspirou pesadamente. — Eu preciso dar banho em você. E levá-la para a cama. E dar-lhe pílulas.

Era como se ele tivesse uma lista mental de como me manter viva. Foi... doce. Foi gentil. Muito gentil. Muito mais gentil do que deveria ter sido. Com um estremecimento, levantei minha cabeça do travesseiro e me apoiei em meu braço. Foi muito mais difícil do que eu esperava que fosse.

Tentar ficar de pé parecia realmente assustador.

Mas eu tinha que fazer isso. Eu tive que tentar. Se eu

estivesse sozinha, tudo isso dependeria de mim, e eu sabia que não deveria confiar em mais ninguém.

— Eu posso fazer isso, — eu disse. — Eu só preciso de uma bebida. Você pode me trazer uma cerveja?

— Estou trazendo água para você. Você precisa de hidratação. Não se levante. — Ele apontou o dedo para mim, parando no meio do caminho para a cozinha. — Eu juro pela porra do Lúcifer, não tente se levantar desse sofá.

Recostei-me nas almofadas. Cristo, apenas sentar me fez perder o fôlego. E eu não ia ouvir um demônio me dizer que eu não podia beber. — Eu mesmo pego! — Eu disse, mas levantar minha voz fez minha cabeça girar, e eu gemi, segurando-a em minhas mãos imundas.

— Você, porra, não vai. — Ele já estava de volta, oferecendo-me um copo d'água e dois frasquinhos de pílulas. —

Você não pode beber álcool com esta receita.

Eu odiava que minhas mãos tremessem quando estendi a mão para pegar os comprimidos e a água. As pílulas foram prescritas para alguém diferente - uma era penicilina, a outra era oxicodona. Meus olhos quase saltaram da minha cabeça.

— Você roubou isso? — Ele deu de ombros, de pé sobre mim como se esperasse que eu corresse para a porta. Como se eu pudesse dar um único passo sem cair de cara. Eu geralmente evitava merdas como oxi; me acostumar com o conforto só piorou quando não estava mais disponível, e eu nunca tive dinheiro para os médicos. Mas Deus, tudo doía.

Coloquei um de cada comprimido na palma da mão e bebi com metade do copo de água. Eu realmente precisava da

hidratação, muito mais do que eu imaginava. Eu bebi o resto quase imediatamente.

— Tudo bem. Vamos te limpar.

Ele nem me deu a opção de andar. Ele me levantou do sofá como se não fosse nada, e eu apoiei minha cabeça em seu peito novamente enquanto ele me carregava escada acima. Seu batimento cardíaco era estranho, às vezes lento e às vezes extremamente rápido, como se o órgão não soubesse exatamente como um demônio deveria operar.

— Você tem um batimento cardíaco estranho, — eu murmurei, e ele riu.

— Demônios não são construídos para a Terra, — disse ele. — Nossa merda é um pouco instável.

Ele me colocou novamente no chão do banheiro, abrindo o chuveiro para que ficasse quente. Eu me senti como uma boneca de pano, todos os meus membros moles, minha força inexistente. Eu sofri ferimentos graves antes, mas isso... isso era o pior.

E nem foi tão ruim quanto poderia ter sido.

— Obrigada.

Ele se virou para mim, abrindo o zíper de sua calça jeans.

— O que é que foi isso?

— Você me ouviu, — eu murmurei. Seu sorriso sarcástico confirmou que eu estava certa. — Eu não sei por que você voltou. Eu não sei por que você... se importa. Se você se importa. Mas eu só...

Ele se agachou na minha frente, os braços apoiados nos joelhos. — Eu cuido do que é meu. — Ele estendeu a mão, suas

garras roçando meu rosto enquanto ele colocava uma mecha selvagem do meu cabelo atrás da minha orelha. — É simples assim. Você não está mais sozinha, Juniper. Enfie isso na sua cabeça dura.

Havia uma sensação estranha no meu peito quando ele se levantou e terminou de se despir. Parecia... quente. Quente e macio, espremendo-se dentro de mim como travesseiros acolchoando meu coração.

— O que você está fazendo? — Eu disse, tentando me distrair da sensação suave não desagradável, mas definitivamente aterrorizante. — Por que você está nu?

— A melhor pergunta é, por que você não *está* nua? — ele disse. — Eu estou imundo, você está mais imunda. Estamos nos limpando.

Eu balancei a cabeça, e tentei tirar minha camisa. Mas na metade da minha cabeça, meus braços pareciam gelatina novamente, e eu não conseguia puxar meu cabelo pelo pescoço, então a roupa estava presa como um saco no meu rosto, meus braços se recusando a puxá-la mais.

— Porra. Porra... estúpido... — A camisa foi puxada das minhas mãos, e Zane a jogou no canto.

— Eu não vou lavá-los desta vez, — disse ele. — Estamos apenas jogando-os fora.

Ele tirou minhas botas, e então meu jeans. Ele foi cuidadoso,

diminuindo a velocidade toda vez que eu assobiava de dor. Ele tinha me despidido antes, mas isso parecia diferente.

Não era sexual, e ainda assim parecia tão íntimo. Quando ele me levantou novamente e me carregou para dentro do grande

chuveiro, eu não queria que ele me colocasse no chão.

A sensação de sua pele nua na minha – não no meio da foda, mas apenas *tocando* – quase me levou às lágrimas.

— Consegues levantar? — ele disse. A água estava tão quente, lavando correntes de sangue e sujeira pelo ralo.

Eu balancei a cabeça lentamente. — Se você me deixar me apoiar em você, eu posso.

Eu odiava receber ajuda quase tanto quanto odiava pedir.

Eu me meti nessa confusão com minhas próprias ações imprudentes, e senti que a ajuda não era merecida. Eu fodi tudo, eu merecia a dor. Talvez isso me fizesse lembrar de ser mais cautelosa da próxima vez.

Mas eu estava tão cansada. Eu estava cansada e em carne viva, como um caranguejo arrancado de sua casca. Eu me inclinei pesadamente contra ele enquanto ele me colocava lentamente em meus pés, minhas pernas tremendo até que eu consegui travar meus joelhos. Eu deitei minha bochecha contra seu ombro, meus olhos apenas entreabertos, a água quente batendo nas minhas costas doloridas.

— Tem sangue em seu cabelo, — disse ele. Ele estava segurando meus braços para me firmar, e mesmo no vapor do chuveiro, sua pele ainda estava extraordinariamente quente.

Meus olhos estavam totalmente fechados agora. Eu estava cansada demais para mantê-los abertos. — Eu deveria apenas raspar. Está imundo.

— Pela as bolas de Lúcifer, pare de ser uma porra de um mártir. Senta.

Ele me colocou no chão. O chuveiro era grande o

suficiente para ele se ajoelhar atrás de mim enquanto eu me sentava de pernas cruzadas no azulejo, mal conseguindo me manter acordada. Ele molhou meu cabelo comprido, inclinando minha cabeça na água corrente. Ele apertou um bocado de xampu em sua mão e começou a

massageá-lo no meu cabelo.

Eu mordi meu lábio. Deus, foi incrível. Suas garras arranharam levemente meu couro cabeludo, massageando o sabonete pelo meu cabelo, trabalhando a espuma até as pontas. Ele tomou seu tempo, movendo-se lentamente, meu corpo ficando mais relaxado a cada minuto que passava.

— Não adormeça em mim agora, — disse ele. — Eu tenho que lavar você.

Fechei os olhos enquanto ele me jogava no jato do chuveiro. Sujeira, sangue e lama foram acariciados para fora do meu cabelo, suas mãos gentis enquanto esfregavam todo o meu couro cabeludo. O calor acalmou a dor em meus músculos, e a oxi estava finalmente entrando em ação.

— Estou com sono, — eu murmurei, minha cabeça caindo enquanto ele espremia a água do meu cabelo. Eu queria ficar acordado, mas meu corpo tinha outros planos. Eu nem sabia se conseguiria ir para a cama.

— Eu sei. Estamos quase terminando.

Ele se levantou por alguns minutos. Eu só podia imaginar que ele estava se lavando, mas eu não conseguia ficar acordada para isso. Estava quase adormecida quando a água desligando me acordou novamente. Tudo era um borrão muito sonolento, analgésicos e exaustão se recusando a permitir que eu abrisse meus olhos enquanto uma toalha estava enrolada em meu

corpo e em meu cabelo.

Ele me deitou nua na cama e puxou os cobertores limpos sobre mim. Suas mãos roçaram meu ombro enquanto ele me cobria, e eu ansiava por mais daquele pequeno toque. O

pensamento de arranhões nas costas e uma história de ninar soou muito bom para o meu cérebro ridículo e privado de sono.

Ele disse algo sobre bandagens, mas eu estava cansada demais para prestar atenção. Eu estava dormindo em segundos.



23

O sol brilhou no dia seguinte, em um céu azul-frio. Zane foi comigo de volta à montanha, me carregando nas costas durante a maior parte do caminho. Meu orgulho me disse que eu deveria ter mancando meu caminho até a encosta, mas talvez por uma vez – apenas uma vez – eu pudesse deixar meu orgulho de lado e aceitar a ajuda.

Levaríamos horas para chegar à cabana se eu estivesse andando. O Eld realmente fez um número comigo; meu corpo doía como se alguém tivesse me batido com martelos. Quanto mais nos aproximávamos do quintal, mais minha náusea crescia. Eu ainda podia sentir o cheiro da morte.

Bem na beira do pátio, Zane me colocou no chão.

— Espere aqui, — disse ele. — Vou enterrar seu irmão.

— Eu posso ajudar -

Ele ergueu uma mão em garra. — Não, você não pode.

Você não precisa ficar se expondo para ver o corpo dele. Dê a si mesmo um pouco de misericórdia, Juniper.

Eu não discuti com ele. Ele estava certo, eu não poderia suportar a visão novamente. Eu vi muitas mortes ao longo dos anos, tirei vidas, infligi e sofri ferimentos brutais. Mas este era meu irmão, e ele também não gostaria que eu o visse assim.

Dê a si mesmo um pouco de misericórdia. Mais fácil falar do que fazer, mas eu tentei.

Foi apenas alguns minutos antes de Zane retornar e acenar para que eu o seguisse. Havia poucos sinais da carnificina de ontem à noite, mas as árvores lascadas na beira do pátio serviam como evidência de que algo massivamente poderoso havia rasgado aqui. Um arrepio subiu pela minha espinha com a memória de Zane lutando contra os Gollums, e a força brutal e indomável que ele podia liberar. Eu não tinha memória do que ele tinha feito com o Eld, mas quando ele disse que tinha matado todos eles, deve ter sido um banho de sangue.

A sepultura foi preenchida novamente; Marcus descansou mais uma vez. Mas desta vez, o tronco maciço ao lado do qual eu o enterrei havia sido puxado sobre a cova, uma barreira contra qualquer coisa que quisesse desenterrá-lo novamente.

O príncipe foi sepultado em sua cripta sob o castelo, e no castelo ele está seguro.

— Aqui. — Eu me virei para encontrar Zane parado ali com minha espingarda na mão. — Encontrei-o de volta nas árvores.

Eu o peguei com cuidado, imediatamente mais à vontade com o peso dele em minhas mãos. Mas uma arma não poderia me salvar de ações tolas. Eu deixei a emoção me arrastar para o perigo na noite passada, e isso quase me custou minha vida.

Eu não cometeria esse erro novamente.

— Estarei por perto, — disse Zane, e ele se afastou para me dar um pouco de privacidade. Ajoelhei-me perto da

sepultura e coloquei minha mão sobre a terra. Todas as minhas lágrimas foram drenadas, a agonia aguda agora uma dor maçante e fria no meu peito. Não importa o que eu fizesse agora, não importava o quanto eu lutasse, Marcus tinha ido embora.

Mas ele não seria esquecido. Eu não iria deixá-los esquecer. Aqueles que fizeram isso com ele - aqueles que fizeram isso *comigo* - morreriam com nossos nomes em seus lábios.

— Estou indo atrás de vocês, filhos da puta, — murmurei.

Beijei minha mão e a coloquei no chão em um último adeus.

Então voltei para a cabana e peguei as poucas coisas que eu tinha. Quando saí de casa, trancando a porta atrás de mim, o vento aumentou e farfalhava entre as árvores, traçando um calafrio nas

minhas costas.

— *Zimbro...*

Eu mudei. Mesmo em um dia ensolarado como este, sombras se estendiam sob as árvores. Sempre haveria lugares escuros nestas matas.

— *Vou te encontrar.*

A voz era um silvo no vento, mas também era um sussurro no meu ouvido. O Deus chegou tão perto de me ter uma vez; Isso nunca perdoaria minha fuga. Não importa o quão longe eu fosse, não importa onde eu me escondesse, não importava.

Estaria sempre me procurando, me agarrando, tentando me arrastar de volta para a escuridão.

— Encontre-me, — eu disse suavemente, olhando para as árvores, para as sombras onde coisas perversas se escondiam.

— Estarei me banhando no sangue de seus servos quando você fizer isso. Você não pode me impedir. — O vento soprou mais forte, *mais frio*. As árvores geraram sob a força repentina. —

Tudo o que você pode fazer é assistir à destruição.

Meus ferimentos me impediram de me movimentar muito pelos próximos dias. Como se viu, eu estava severamente privada de sono, além de meus ferimentos extensos. Caí na cama no meio da tarde e não me mexi até a manhã seguinte.

Acordei apenas para comer, tomei um antibiótico e outra oxi, e depois voltei a dormir por mais doze horas.

Milagrosamente, não tive pesadelos. Meus sonhos eram desconexos e estranhos, longas visões em loop de caminhar pela floresta à medida que ficava cada vez mais escuro. Mas nada saiu da escuridão para mim, pelo menos não ainda.

No terceiro dia, eu não aguentava mais. Se eu estivesse sozinha, já estaria morta ou a caminho, e isso não era aceitável. Eu me levantei da cama, fiz ovos e torradas para o café da manhã, tomei um antibiótico, mas pulei os analgésicos.

Eu estava dolorida como o inferno, mas isso não era uma desculpa. Eu

não podia continuar descansando.

Corri ao redor do lago, mantendo-me perto da margem. Eu tive que parar muito mais do que achei aceitável. Eu estava arriscando rasgar meus pontos, mas eu estava ficando ansiosa quanto mais eu me permitia descansar. Eu estava no deck, no meu segundo conjunto de burpees, quando notei Zane perto da casa.

Tentei ignorá-lo. Ele não me deixou.

— Que porra você está fazendo? — Ele me observou mover para cima e para baixo, sua carranca se aprofundando em confusão. — Você está sangrando através de suas bandagens.

Eu posso sentir o cheiro.

— Eu vou... lidar com isso... mais tarde, — eu ofegava.

Minha cabeça estava ficando um pouco leve, mas isso não importava. Levantei-me para outro salto, mas Zane agarrou meu braço antes que eu pudesse.

— Juniper, em geral, acho os humanos dolorosamente frágeis, — disse ele. — Irritantemente delicado. Bata um de vocês mortais no caminho errado e de repente você tem ossos quebrados. Mas você não vai matar sua própria mortalidade quebrando seu corpo novamente. Abrir suas próprias cicatrizes não as fará desaparecer.

— Não tente ser filosófico. — Eu estava tentando recuperar o fôlego, mas caramba, agora que perdi meu impulso, a exaustão estava me atingindo com força. — Eu não mereço apenas ficar em casa.

— Você me diz para não ser filosófico, mas aqui você está impondo estipulações arbitrárias sobre sua própria cura. — Ele zombou. — Você sabe o que os demônios fazem quando estamos feridos? Nós dormimos. Vamos dormir por *anos* se for o tempo que levar. — Ele balançou sua cabeça. — O que diabos você quer dizer, você não *merece* isso? O que merecer tem a ver com isso?

Eu estava tonta demais para continuar de pé. Sentei-me no convés, ofegante, e percebi que Zane estava certo sobre o sangramento: uma grande mancha vermelha apareceu no

curativo do meu braço direito. Ele se agachou na minha frente, então eu sabia que ele não estava apenas fazendo essas perguntas para o inferno. Ele queria respostas.

— Por que isso importa para você? — Tracei meu polegar sobre a mancha sangrenta. Eu deveria estar preocupada com os pontos que rasguei embaixo; mas em vez disso, quando olhei para o sangue, tudo o que vi foi fraqueza.

— Você precisa parar de fazer essa pergunta.

Eu olhei para ele. — Por que?

— Porque nenhum de nós está pronto para ouvir a resposta.

Isso não era o que eu esperava ouvir. Mas quando eu olhei para ele, para aqueles olhos dourados com veias pretas rastejando nas bordas, eu sabia que ele estava certo.

— Você conhece a história? — Eu disse suavemente. —

Sobre a garota que desapareceu? A garota que perdeu a cabeça? — Olhei para o convés, para os redemoinhos na madeira velha e manchada. — Você conhece a história que todos contaram ou conhece a real? Você é amigo de Leon, então... talvez ele tenha lhe contado.

— Sua história, — disse ele. — A garota que foi atraída para a floresta, capturada, torturada, jogada no subsolo para morrer. — Ele assentiu. Foi a primeira vez que ouvi outra alma reconhecer o que aconteceu — o que realmente aconteceu.

Depois de tantos anos ouvindo apenas mentiras, ouvir a verdade de outra boca foi impressionante. — Mas você não morreu. Você saiu. E isso é tudo que eu sei, porque é tudo que Leon sabe. — Ele riu. — Ele nunca entendeu como você saiu de

lá. Como você se afastou dele. Eu também não.

— Eu não parei, — eu disse suavemente. — Tudo doeu.

Eu estava tão assustada. Mas...

Eu tenho que sair.

Eu não sabia quanto tempo eu estava gritando, só que minha garganta estava tão crua que minha voz estava quebrada. O que aconteceu depois que Victoria abriu as portas da igreja foi distorcido pelo LSD, envolto e borrado pelo pânico e pela dor.

Todas aquelas pessoas, sem rosto, escondidas por suas máscaras. Kent

Hadleigh com a faca. Victoria, sua mão em volta da minha como o beijo de Judas.

Jeremiah, frio e indiferente. Meredith Hadleigh, me observando com desgosto. Heidi Laverne, perguntando meu nome. Everly, escondida nas sombras, me testemunhando sangrar.

Eu os conhecia. Eu confiei neles.

Enfie os dedos na lama, me arrastando pela encosta com os braços trêmulos. Cada respiração era um soluço de pânico, a adrenalina tinha ultrapassado cada nervo, cada músculo. Outra unha arrancada, a dor subindo pela minha mão até o meu braço. Eles fecharam a entrada do poço, eu ouvi os martelos batendo enquanto eu gritava. Parte do meu cérebro pensou que eu já estava morta, e eu deveria apenas deitar e esperar o que quer que eu pudesse ouvir se movendo no escuro para vir me pegar.

Eu não parei.

Encontrei pequenas raízes na lama e as agarrei. Eu me achatei no chão, minha bochecha deslizando pela lama, estremecendo de dor enquanto eu subia mais alto... mais alto. Eu não poderia escorregar novamente.

Eu não seria capaz de fazer isso de volta. Minha força estava falhando.

Se eu caísse de novo, seria pela última vez.

— Juniper Kynes... venha até mim...

— Não, — eu rosnei freneticamente, agarrando outro apoio. — Não, não, não, afaste-se de mim!

Eu não sabia se a voz era real. O ácido ainda estava distorcendo minha visão, criando fantasias e cores bizarras no escuro. Nada disso parecia real. Isso era apenas um pesadelo, e a qualquer segundo eu acordaria.

Eu tive que acordar.

Soluços sacudiram meu peito quando alcancei as tábuas sobre a entrada do poço da mina. Agarrei-os, a primeira coisa sólida que senti naqueles longos e dolorosos minutos de escalada. Havia espaço entre as tábuas, o suficiente para eu enfiar o braço e acenar fracamente na chuva.

— Me ajude. — Minha voz era apenas um guincho, embora eu tentasse gritar. — Por favor... por favor...

alguém me ajude... — Eu pressionei meu ombro contra as tábuas, meus pés escorregando na lama enquanto eu tentava me apoiar. As tábuas nem se mexiam. Eu não

conseguia me espremer entre eles. Desesperadamente, eu cavei meus dedos na terra abaixo. Eu poderia cavar.

Eu precisei.

Então, na escuridão, vi um manto branco se aproximando.

O capuz deles estava puxado para cima, e eu não conseguia ver o rosto deles no escuro. Agarrei as tábuas, meu coração martelando contra minhas costelas. Eu deveria saber que eles estariam esperando por mim, para ter certeza de que eu não escaparia. Mas eu não voltaria para o escuro. Eles não podiam me obrigar. Eles teriam que me matar se quisessem me jogar de volta lá embaixo.

Eu me senti como um animal encurralado quando dei um soco neles através das tábuas, rosnando: —

Afastem-se! Não se aproxime de mim, porra!

— Fale baixo.

A voz era familiar, mas eu não conseguia colocar um rosto nela. De fala mansa e gentil, ainda desencadeou um pânico profundo e sufocante em mim quando a figura colocou as mãos contra as tábuas que me bloqueavam. Eu pensei que eles estavam verificando sua robustez, garantindo que eu não estivesse prestes a escapar.

Quando as tábuas caíram, como se os pregos tivessem desaparecido, congelei em completa descrença.

Mas apenas por um segundo. Então eu estava de pé, lutando para ficar de pé. Eu os empurrei para fora

do meu caminho o mais forte que pude, tentei correr...

Eles agarraram meu braço, dedos cavando minha pele. Debati-me contra eles, tentei arranhar-lhes a cara, cerrei os punhos. O capuz deles caiu para trás enquanto lutavam contra mim, e percebi quem era.

Heidi Laverne.

Eu congelei por um momento em terror absoluto, antes de ir para ela com uma maldade renovada, rosnando como um animal. Ela tinha feito isso.

Ela ficou ali ao lado de Kent; ela assistiu em silêncio; ela os deixaria fazer isso comigo! Mas algo estranho se enrolou em meus braços, alguma força invisível que restringiu meus punhos e prendeu meus pés. Eu cuspi nela. Eu a amaldiçoei. Eu a ameacei com cada coisa violenta que me veio à mente.

—

Dê-me

um

momento,

—

ela

disse

desesperadamente, seus olhos arregalados enquanto ela olhava nervosamente para trás. — Por favor, criança, só um momento.

Ela estendeu a mão para mim, colocando as mãos na minha testa. Eu não podia me afastar. Eu não podia lutar com ela. Mas um momento bizarro de perfeita calma tomou conta de mim, afastando meu terror, fazendo meus braços tensos ficarem moles. Sua mão estava quente. Ela cheirava a lavanda e lilás.

— Você será caçada, — ela sussurrou rapidamente, ainda olhando ao redor como se temesse que alguém nos encontrasse a qualquer momento.

— Um monstro

será enviado atrás de você, para levá-la de volta ao subsolo. Ele não vai ver você, criança, enquanto você correr.

Ela me soltou, e as estranhas restrições me libertaram. Eu tropecei para trás, a sensação de calma desaparecendo instantaneamente e o medo frio tomando seu lugar.

— Vá, — disse ela. — Corra. Não pare. Não importa o que você veja, não pare de correr.

— Corri a noite toda. Ouvi dizer que as pessoas podem obter super força quando estão com medo, como mães puxando carros de seus filhos. O que quer que cause isso...

qualquer que seja a adrenalina louca que seja... foi o que eu senti. Tudo doe e eu continuei correndo.

Eu fiz uma pausa. A última vez que eu disse isso a alguém, eles riram de mim. Quando contei de novo, eles me disseram que eu tinha alucinado. Eles até me disseram que Heidi nem estava em Washington, que ela tinha ido visitar amigos no Alasca, então ela não poderia estar lá na floresta.

Mas eu sabia o que aconteceu comigo. Mesmo que eu não soubesse o porquê, mesmo que não fizesse sentido. Eu não tinha imaginado.

Zane não estava olhando para mim com descrença. Ele estava apenas balançando a cabeça, lentamente, seus olhos se estreitaram. Não havia nada confortável em dizer isso a ele.

Mas houve alívio em tirá-lo.

— Ela estava certa – um monstro veio atrás de mim. Eu

continuei vendo ele... vendo seus olhos no escuro. Ele parecia aterrorizante. — Eu engoli em seco. Bem na minha frente estava um demônio com garras, olhos brilhantes e dentes afiados; mas naquela época, no escuro, eu não sabia que existia algo assim. A coisa que eu tinha visto me perseguindo tinha sido um monstro direto dos meus pesadelos. — Eu deveria ter morrido. Eu deveria. Mas aqui estou. Viva, embora eu tenha fodido tantas vezes. Por isso digo que não mereço.

Porque todos os dias desde então, ganhei a sobrevivência. Eu ganhei *ficando* viva. Quando eu não faço nada... quando deixo alguém me ajudar... é como se eu não tivesse merecido. E eu não mereço isso.

Eu não queria que ele me olhasse com pena. Eu não precisava de nenhuma simpatia. Eu só queria dizer isso. Eu só queria que fosse entendido. Meu cérebro funcionava de um jeito fodido, e eu não sabia como consertar isso. Mas se eu fosse ficar vulnerável, imaginei que iria até o fim.

Ainda havia uma parte de mim que temia que ele risse, e Deus, isso seria pior do que pena.

— Eu não deveria ter dito isso, — eu disse rapidamente. —

Eu não acho que essa merda faria sentido para um demônio de qualquer maneira. Provavelmente soa ridículo.

Eu olhei para cima, finalmente, minha expressão endureceu, então se ele risse, pelo menos ele não iria ver que doía. Mas ele não estava rindo. Eu não sabia qual era a expressão que vi em seu rosto, só que parecia gentil apesar dos olhos brilhantes e dentes afiados.

— Estou vivo há quase mil anos, — disse ele. A declaração

me pegou desprevenida, e eu o encarei, sem palavras. — Não tão longo quanto alguns. Mas tempo suficiente para ver centenas de milhares de vidas humanas irem e virem. A queda de reinos, exércitos exterminados – estive envolvido em alguns.

— Ele sorriu, mas sua expressão rapidamente ficou séria novamente.

— Merecer não tem nada a ver com isso, Juniper.

Qualquer força de vontade que me trouxe à existência, trouxe você à existência também. Porra, o que eu fiz para merecer a eternidade quando sua vida natural é tão curta? — Ele balançou sua cabeça. — Não tem nada a ver com o que você merece. A própria vida provavelmente é apenas uma anormalidade espontânea neste universo caótico, mas aqui está. É nosso independentemente. Eu sei que vocês humanos gostam de procurar um propósito; alguns demônios acabam fazendo isso também. Todos nós queremos saber o *porquê*, em algum momento.

Ele estava olhando para o lago, seus olhos brilhantes suavizados pela luz do sol. — Eu não acredito em destino ou um propósito maior. Acredito que pegamos essas nossas vidas raras, incomuns e sem sentido e fazemos o que diabos queremos. Não desperdice sua vida se punindo. — Ele olhou para mim, um sorriso malicioso no rosto. — Você tem a eternidade, no final de tudo isso. Sua vida mortal terminará, mas o Inferno aguarda. Você sobreviverá aos Hadleighs, aos Libiri. Apesar de toda a dor que eles lhe causaram, você verá mais do que eles jamais verão. Talvez isso te assuste. Não deixe. Gostaria de ver o que acontece com você, Juniper Kynes.

Um humano como você, no Inferno, pode ser uma coisa poderosa.

Eu sorri antes que eu pudesse me segurar. — Ugh, Deus, eu ainda tenho que aturar você no inferno, não é?

— Oh sim. — Ele riu. — Você está presa comigo. Eu posso continuar incomodando você por toda a eternidade.

Segundos se passaram, com apenas o som do lago abaixo de nós e os pássaros nas árvores. Precisava trocar o curativo e refazer alguns pontos, mas não queria levantar. Eu não queria sair do lado dele.

Eu me senti confortável lá. Eu me senti calma.

Fazia muito tempo que eu não me sentia calma.

— Então... você é velho pra caralho, hein? — Eu finalmente disse, quebrando o silêncio fácil. Ele riu.

— Aos olhos de outros demônios, mal cheguei aos trinta,

— disse ele. — Mas minha espécie tende a permanecer mentalmente jovem e desagradável para sempre.

— Você disse que fez acordos com reis?

— Oh sim. Reis, imperadores, monges, sacerdotes, chefes.

Eu nunca aceito uma barganha maçante.

— Conte-me sobre um. Conte-me sobre a barganha mais inacreditável e selvagem que você já fez.

— Merda, eu tenho uma história para você. Era o Japão, 1467...

Eu me deitei, esticando minhas costas no convés. Era bom deitar ali. Eu estava finalmente respirando fácil quando fechei meus olhos.



Senti o cheiro dele assim que ele chegou perto da casa.

Juniper estava dormindo, estirada debaixo de um cobertor no sofá com a TV ligada, então eu saí para encontrá-lo. A última coisa que eu queria era que ele rastejasse dentro da casa e a pegasse de surpresa. Que porra de confusão isso seria.

Encontrei-o perto da água.

— Saindo para passear? — Eu chamei, sorrindo quando cheguei ao lado dele. — Precisa de uma luz?

Ele assentiu, e eu acendi o baseado em seus lábios. Ele deu

algumas

tragadas

longas,

seu

pé

batendo

impacientemente, seus olhos piscando através da água.

— Ele me dispensou, Zane. Eu estou livre.

Achei que devia ter alucinado suas palavras. — Você... ele *o quê*?

— Kent Hadleigh me dispensou. — Ele sorriu, e era o tipo de sorriso que eu não via em seu rosto há muito tempo. O

sorriso de um assassino. O sorriso que fez meu coração bater mais rápido na primeira vez que o vi. — Eu disse a ele que esmagaria o crânio do precioso Jeremiah se ele não o fizesse.

Então ele fez a escolha certa. Dispensou-me.

— Puta merda. — Eu peguei o baseado quando ele ofereceu. — Um maldito século depois, e finalmente... Você pode ir para casa. Maldito inferno.

— Você deveria ter visto o rosto de Jeremiah, — disse ele.

— Ratinho patético quase se mijou. — Então, seu rosto ficou sério. — Mas há um problema. O grímório. O meu nome. Kent perdeu.

A única maneira que Kent conseguiu manter Leon sob controle foi por causa daquele velho livro. Isso lhe deu o conhecimento para convocar e controlar um demônio como Leon – controlá-lo através da dor, através da tortura. O fato de já não o ter tornava-o vulnerável.

Isso tornou Leon vulnerável também. Seu nome estava lá novamente, e se caísse em mãos erradas, ele acabaria sob o controle de outro mago.

— Você se lembra da mulher do bar? — Leon disse, sua voz baixa. — Raelynn?

— Sua pequena obsessão? É claro que eu me lembro.

Eu esperava que ele protestasse contra a *obsessão*. Ele não fez. — Kent quer sacrificá-la.

— Ela é uma das três. — Eu balancei a cabeça lentamente. — É claro. Não é de admirar que os pirralhos de Hadleigh estivessem se agarrando a ela.

— Eu me recusei a levá-la, — ele disse, sua voz ainda mais baixa, como se ele precisasse dizer as palavras, mas não queria que elas fossem ouvidas. — E eu não vou deixá-la— Ele se cortou. Ele balançou a cabeça, a energia nervosa fazendo seus músculos se contraírem. — Ela tem o grímório, Zane. Eu não

sei como diabos ela conseguiu isso.

— Vai ser fácil o suficiente para voltar então.

— Deveria ser. Mas posso me divertir um pouco brincando com ela primeiro. — Ele sorriu. — Falando em brinquedos...

— Você tem um humano em casa.

— Não posso compartilhar esta com você, — eu disse. —

Ela demora um pouco para se aquecer... qualquer coisa.

Ele riu. — Há quanto tempo você está atrás disso?

— Cerca de quatro anos.

Ele revirou os olhos. — Você sempre foi paciente.

— É um presente. Eu só tenho esse talento insuperável para... — Ele deu um soco no meu braço para me calar. —

Foda -se, por conseguir o que eu quero. Idiota.

— Um idiota *livre*. — Ele esticou os braços. — Bem, vou deixar você com seu brinquedinho. Se ela gostar disso, teremos um quarteto.

O que Leon disse mudou as coisas: Kent não o tinha mais, e ele não tinha mais o grimório. Sem os feitiços do grimório, Kent era significativamente mais vulnerável; um fato que Juniper e eu poderíamos usar a nosso favor.

— Então ele não pode mais usar magia, — Juniper meditou, beliscando o lábio entre o polegar e o indicador. —

Então ele é apenas um pato sentado sem seu demônio. — Seus olhos se estreitaram quando ela olhou para a tela do laptop na frente dela. — Deus, Victoria é tão irritante. Todas as outras fotos são ela de biquíni em um iate.

— Eu vi seu feed do Instagram, Juni. Metade das pessoas que você segue são mulheres gostosas de biquíni.

Ela olhou para mim por cima da tela do laptop. —

Nenhuma daquelas mulheres tentou *me matar*.

— Cada amante que tive tentou me matar, — eu disse. —

Mantém as coisas excitantes.

Ela estava vasculhando a mídia social dos Hadleighs por dias. Com a pior de suas feridas curadas, ela estava ansiosa para voltar ao meio das coisas e fazer seu movimento contra elas. Mas escolher onde atacar era arriscado. Mesmo sem o grimório, Kent não estava desamparado.

Ainda tínhamos um grande problema para resolver.

— Se tirarmos Kent primeiro, o Libiri vai desmoronar, —

disse Juniper. — Eles estarão lutando. Se pudermos começar a rastrear

seus movimentos, podemos encontrar...

— Há outra coisa com a qual precisamos lidar primeiro. —

E eu não estava ansioso por isso, em tudo. — Kent Hadleigh ainda tem acesso à magia, mesmo sem seu livrinho.

— Vamos cuidar disso primeiro então, — ela disse simplesmente, deixando o laptop de lado.

Eu ri, balançando a cabeça. — O que você sabe sobre bruxas, Juniper?

Ela deu de ombros. — Vassouras, chapéus pontudos, *duplo e encrenca*. — Ela fez uma pausa, estreitando os olhos. —

Você está... você está insinuando que Kent Hadleigh é uma bruxa?

— Ele não é um bruxo. Sua amante e sua filha são.

Seus olhos se arregalaram lentamente, a realização vindo sobre ela. — Heidi e Everly? são *bruxas*?

— Pense nisso, — eu disse. — Pense na noite em que você se arrastou para fora da mina. Eu quebrei meu cérebro por anos tentando descobrir como você escapou de Leon. Mas quando você disse que Heidi tocou em você, fez sentido. Ela escondeu você dele. Deu a você a chance de fugir.

Juniper franziu a testa, seus músculos se contraindo com a tensão enquanto ela pensava. Essas memórias tomaram conta de todo o seu corpo quando vieram. Ela se preparou para eles como se estivesse se preparando para a dor. — Heidi estava na igreja. Ela ficou ao lado de Kent enquanto ele... —

Ela levou um momento. Uma respiração lenta e profunda. —

Ela ficou ao lado de Kent enquanto ele me cortava. Ela não fez nada para impedir. Por que ela me protegeria mais tarde?

Dei de ombros. — Arrependimento, talvez. Ou uma vingança contra Kent. Pelo que Leon disse no passado, Kent nunca tratou ela ou Everly bem. Uma bruxa com uma vingança é uma coisa perigosa. As bruxas, em geral, são muito perigosas. Nada de vassouras, chapéus pontudos e caldeirões.

Apenas magia muito poderosa. O tipo de magia com a qual qualquer demônio não foderia. — Eu suspirei pesadamente. — Infelizmente,

eu não sou muito sã, e nem você.

Ela sorriu. — Droga certo. Everly estava lá naquela noite também. Ela assistiu.

— Eu só posso supor que ela tem poder como sua mãe. E

enquanto Heidi pode ter uma vingança contra Kent, não há garantia de que Everly vá contra seu pai. Ambas são riscos.

Ambas são perigosas.

— Então nós tiramos as duas. — Juniper se recostou na cadeira. — Quão poderosas elas são?

Esfreguei minha cabeça, segurando um gemido. — Ouça.

Há muito poucas coisas com as quais os demônios evitarão foder. O primeiro da 'Lista de não foder' é um Deus.

Atualmente estou quebrando essa regra, mas em geral, todo demônio sabe melhor do que foder com um Deus. O segundo é Reapers: os carrascos do inferno. Ceifadores devem ser evitados a todo custo, a menos que você tenha um desejo de morte. A terceira são as bruxas. As bruxas têm o poder de descobrir nossos verdadeiros nomes e, portanto, nos controlam por meios mágicos.

Seus olhos se estreitaram. — Significado?

— O que significa que se formos atrás das bruxas e as coisas derem errado, e elas conseguirem descobrir meu nome, elas podem me colocar contra você. Concedido, eles precisam ser incrivelmente poderosas para me convocar a seu serviço.

Mas ainda é uma possibilidade.

Seus dedos bateram rapidamente em sua coxa, seus lábios pressionados firmemente juntos em pensamento. —

Quais são as fraquezas delas?

— O mesmo que qualquer mortal: armas, fogo, facas. Eles ainda podem ser pegas desprevenidas. Elas ainda podem sangrar.

— Então nós as fazemos sangrar.

Mas precisávamos encontrá-las primeiro, e não foi tão fácil quanto localizar os outros Hadleigh.

— A última vez que qualquer um dos Hadleigh teve uma foto com Heidi Laverne foi há seis anos, — disse Juniper.

Estávamos no meu carro, sentados no estacionamento estudantil da Universidade Abelaum. — Ela estava em uma foto de grupo tirada em frente ao prédio da Sociedade Histórica. Ela costumava trabalhar lá – ela guiou nossa viagem de campo pelo museu na escola primária. Mas ela não está listada como docente em seu site. Nenhum registro de óbito para ela.

— Nenhum sinal dela na casa deles ontem à noite, — eu disse. Eu observei a casa Hadleigh da noite anterior até quase meio-dia desta manhã, antes de vir me encontrar com Juniper.

Ela estava tão animada para dirigir o carro. Pela aparência do tanque de gasolina, ela dirigiu um pouco mais do que simplesmente ir de casa para a universidade. — Eu também não vi Everly.

— Estranho. — Juniper bateu os dedos contra o volante.

Ela observava cada grupo de estudantes que passava, à procura de rostos familiares. — As contas sociais de Everly estão todas bloqueadas, então também não há sorte. Apenas uma foto dela com a família, de anos atrás. Mas ela foi listada como fornecedora do Main Street Art Fest, então ela ainda está por aí.

— Ela é muito valiosa para Kent para ele deixá-la ir embora, — eu disse. — Se a encontrarmos, há uma boa chance de encontrarmos sua mãe.

Juniper assentiu, ficando tensa de repente quando viu um grupo de estudantes atravessando o pátio. — Lá está Jeremias.

Siga-o. Precisamos saber onde quer que ele vá, com quem ele fala. Vou ficar de olho em Victoria.

— Por que eu pego Jeremias? — Não era como se eu tivesse interagido com o homem, mas... — Ele é um bastardo tão detestável.

Leon tinha me dito o suficiente. Eu sabia que era verdade.

Juníper suspirou. — Victoria vai notar você se você a seguir. Se eu me

calar, ela não vai me notar.

— Parece que deveria ser o oposto. Vocês duas eram próximas.

— Apenas confie em mim, — disse ela. — Victoria vai notar absolutamente se alguns — Ela se cortou abruptamente.

— Basta segui-lo.

— Não, não, por favor, continue, Victoria vai se...? — Ela se arrependeu de tudo o que estava prestes a dizer, portanto, eu tinha que saber o que era.

Ela cerrou os dentes. — Victoria vai notar... — Ela baixou a voz ainda mais, como se odiasse dizer as palavras. — Ela vai perceber se algum cara gostoso estiver seguindo ela.

— Eu? Um cara gostoso? Uau, Juniper, você me lisonjeia...

— *Jesus Cristo*, apenas siga Jeremias!



Seguir Jeremiah foi tão desagradável quanto eu esperava.

Ele cheirava horrível. Ele tentou encobrir com uma colônia barata e desagradável, mas o odor resultante era apenas uma mistura vil de almíscar químico, odor corporal e suor de bola.

Eu tinha certeza de que não poderia ser o único que sentiu o cheiro, mas aparentemente o olfato dos humanos realmente era monótono. O bastardo grosseiro se encontrou com quatro mulheres diferentes ao

longo do dia, todas as quais exalaram excitação instantânea ao vê-lo.

Repulsivo. Eu nem mesmo odiaria, foda-se o merdinha.

Não foi difícil segui-lo. O homem não tinha consciência de seus arredores. Seus passos eram altos, sua voz era alta. Era como tentar seguir um touro através de uma vidraçaria.

Segui-lo exigiu tão pouca concentração que, em vez disso, continuei pensando em Juniper e como teria sido muito menos chato ficar com ela o dia todo: ouvi-la falar através de cada pensamento que surgia em sua cabeça. Acho que ela se acostumou a falar sozinha ao longo dos anos; ela tendia a narrar seus pensamentos enquanto lidava com os problemas.

Eu nem pensei em transar com ela; apenas estar perto dela era o suficiente, como parecia.

Quero dizer, era bom pensar em fodê-la também, mas esse não era o ponto.

Eu fiz uma careta. Lá estava de novo – aquele pequeno e dolorido ponto mole que ela se enfiou dentro.

Eu geralmente deixava os humanos à sua própria sorte uma vez que nossa barganha estava completa. Uma vez que eu cumpri minha parte do acordo, eu não tinha necessidade de ver aqueles que eu reivindiquei novamente até que eles morressem, quando eu os escoltaria para o Inferno, daria a eles um rápido resumo das regras, e então deixaria que eles descobrissem o resto por si mesmos. Eu era um caçador, não uma babá.

Mas aquele impulso irresistível de continuar caçando, de fechar esse negócio e passar para o próximo, não existia agora.

Foi muito estranho. Eu tinha perdido meu toque? Perdi minha unidade? Eu era um dos caçadores de almas mais conhecidos do Inferno porque era prolífico - fiz bons negócios, terminei-os rapidamente e mantive um fluxo constante de almas marchando pelos portões do Inferno.

Eu nunca tinha planejado conhecer um humano que me fizesse sentir vontade de mudar isso. Um humano que me deixou tão interessado até mesmo em sua alma não parecia o suficiente.

Por que *diabos* sua alma não era suficiente? O que mais eu queria?

Pelo menos quando a escuridão caiu e as últimas aulas do dia terminaram, as coisas ficaram um pouco mais interessantes.

Jeremiah deixou o campus em um Dodge Challenger, o motor roncando por toda a estrada. Ele se dirigiu para a baía, estacionou em um terreno não muito longe da água e caminhou de volta ao longo da costa. Além de um denso bosque de árvores, uma fogueira havia sido acesa em uma praia isolada. Cinco pessoas já estavam lá, bebendo cerveja e tocando música de um alto-falante preso na areia. Eu assisti das árvores, fora de vista nas sombras.

— Ei, J Boss, estávamos esperando por você! — um deles chamou Jeremiah quando ele chegou, oferecendo-lhe uma cerveja. Jeremiah cumprimentou a todos enquanto começava a beber, conversa fiada e chata até que ele se sentou em um velho tronco enorme perto do fogo. Claramente os outros o consideravam importante. Todos se calaram quando ele começou a falar.

— Tudo bem, primeiro as prioridades, — disse ele, jogando sua lata vazia fora. — Você tem a caixa, Nick?

— Sim, senhor, — Nick falou lentamente. Ele trouxe uma caixa de papelão, suja e manchada como se tivesse sido enterrada. — Tudo ainda está lá.

— Tem certeza de que deve retirar isso, J? — uma mulher loira falou, torcendo o nariz quando Jeremiah pegou a caixa. —

Tipo, não é um risco para você?

Jeremiah riu enquanto abria a caixa. — Confie em mim, os porcos não estão procurando pelo assassino de Marcus Kynes. Agora que os jornalistas não se importam, eles também não. Posso pegar de volta minhas lembranças em paz.

Jeremiah retirou algo da caixa que pegou a luz do fogo:

uma faca grande, embrulhada em plástico, a lâmina ainda manchada de sangue.

— Eu deveria fazer uma caixa de sombra dessa merda, —

disse ele. — Coloque-o ao lado dos troféus de futebol.

O sangue era velho o suficiente para que eu não pudesse mais cheirá-lo, e a percepção me ocorreu. Um dos outros homens riu, um pouco

nervoso.

— Isso é meio nojento, cara. Apenas dizendo. Você deveria deixar isso enterrado.

— *Desculpe-me?* — Jeremiah estava de pé, e a risada nervosa morreu instantaneamente. — O que você disse, Tommy? Você quer repetir isso?

Tommy olhou ao redor, piscando lentamente. A mulher ao seu lado deu alguns passos para trás quando Jeremiah ficou em seu rosto. — Você acha que eu deveria *enterrar* isso, Tommy? Apenas enterre e deixe todos esquecerem o que eu realizei?

Tommy balançou a cabeça apressadamente. — Não... não, cara, claro que não...

— Ninguém consegue esquecer isso, — disse Jeremiah, sorrindo amplamente, enquanto tirava o plástico da faca. —

Ninguém no Libiri consegue esquecer que fiz o que papai não conseguiu fazer. O que Victoria não conseguiu fazer. — Ele ergueu a faca, bem contra a garganta de Tommy. — Fiz o primeiro sacrifício. Era tudo eu. Eu sangrei Marcus como o doce cordeirinho de Deus. Ele se virou lentamente, apontando a lâmina para cada pessoa, uma por uma. — Vou matar o próximo cordeiro e matarei o último também. Deus exigiu que

um Hadleigh vivesse e um Hadleigh morresse, e eu prometo a você que não serei o único a morrer. Eu sirvo vivendo.

— É assim que deve ser, — a loira disse rapidamente. —

Victoria continua dizendo que está tendo sonhos, ouvindo a voz de Deus. — Ela sorriu vitoriosa quando Jeremiah se aproximou dela. — Victoria sabe que ela é quem está destinada a morrer.

E J deve liderar.

— Isso mesmo, querida, — disse Jeremiah, e agarrou o rosto dela como se estivesse elogiando um cachorrinho. —

Victoria sabe o que ela significa. Papai ainda não pode ver, mas ele verá. É tudo sobre a vontade de Deus.

Porra, ele os tinha comendo em sua mão. Foi Jeremiah quem fez para

matar Marcus - em uma tentativa de provar que ele não deveria ser sacrificado. Ele estava planejando a morte de sua própria irmã. E aquela garota, Raelynn, deveria ser um sacrifício também.

Isso significava que os Libiri tinham todas as suas mortes alinhadas, facilmente acessíveis. Isso significava que eles estavam muito perto de alcançar seu objetivo final.

Se todos os três sacrifícios fossem feitos e o Deus fosse libertado, a vingança de Juniper estava fora de questão. A humanidade estaria fora de questão. A Terra estaria completamente perdida.

O relógio estava correndo muito mais rápido do que eu pensava.

— Agora, e Everly? — Seu nome puxou minha atenção de volta. Jeremiah estava sentado novamente, a mulher loira bem ao lado dele, a cabeça dela descansando em seu ombro. —

Algun de vocês ouviu alguma coisa? Viu alguma coisa?

Todos trocaram olhares incertos antes de balançar a cabeça. A mulher disse: — O telefone dela está desligado. Ela me bloqueou em tudo.

Jeremiah olhou para ela bruscamente. — Por que ela bloqueou você? Você abriu a boca e disse algo a ela?

— Não! — A mulher sacudiu a cabeça. — Claro que não, eu não faria isso! Ela é apenas uma esquisita paranoica... ela sempre foi...

— Sim, esse é o problema, — Jeremiah murmurou. — Ela teve que jogar fora tudo o que fizemos por ela, depois de como éramos legais pra caralho. — Ele balançou sua cabeça. — Ela pertence ao Libiri. Se você ver alguma coisa, se você ouvir alguma coisa, você traz diretamente para mim. Não meu pai.

Não Vitória. *Eu*. Entendeu?

Todos eles assentiram. Eu tinha ouvido tudo que eu precisava.



— Eu deveria saber que era Jeremiah. Eu deveria *saber*, o fodido doente!

Eu estava furiosa, mas não conseguia parar. Andando para cima e para

baixo na sala de estar, os punhos cerrados com tanta força que doía. Eu queria socar alguma coisa. O fato de Jeremiah não apenas ter matado Marcus, mas também ter se *gabado* disso para seus amigos, guardado lembranças, pensado que era algo para se orgulhar – Deus, isso me deixou doente.

Zane estava empoleirado no encosto do sofá, as pernas abertas, deixando-me gritar. Ele parecia grande demais para estar lá em cima, como se devesse ter derrubado o sofá para trás. Mas acho que a gravidade não funcionou da mesma forma para os demônios.

— Ele é um tolo que gosta de correr a boca, — disse ele. —

E ele controla os outros através do medo e falsa bravata. É patético.

Parei de andar, forçando-me a respirar fundo algumas vezes para fazer meu coração parar de bater. — Ele é um tolo *morto*. Porra. — Eu me agachei, esfregando minhas mãos sobre meus olhos. — Ok, eu tenho que me concentrar. Seguir

Victoria não me trouxe nada. Mas parece que Jeremiah derramou todos os feijões. Então agora sabemos que Everly está desaparecida.

— Parece que ela fugiu. Você disse que ela nunca pareceu confortável com os Hadleigh de qualquer maneira. Talvez ela finalmente tenha tido o suficiente.

— Ela pode estar na Austrália agora, pelo que sabemos. —

Eu balancei minha cabeça. — E nenhuma informação sobre sua mãe. Eu não gosto disso.

Eu poderia fazer a ligação para ir atrás dos Hadleighs de qualquer maneira, mesmo sem saber onde as bruxas estavam.

Mas apressar as coisas não ajudaria. Eu tive que ir devagar. Eu tinha que ter certeza de que estava considerando isso de todos os ângulos.

Se eu fosse matar Kent, e ele tivesse uma das bruxas com ele, poderia ser o fim de tudo.

Mas os Hadleighs já tinham seu próximo sacrifício quase em suas garras. A última coisa que eu precisava era que o Deus ficasse ainda mais poderoso. Os Gollums estavam acordados, e Zane me avisou que

eles rastejariam para fora da mina em breve. Eldbeasts estavam fervilhando nas florestas, e eu podia ouvi-los uivando quase todas as noites. O que mais viria rastejando da escuridão se outro sacrifício fosse feito?

— Vou tentar rastrear a bruxa, — Zane disse. — As bruxas e sua magia têm um cheiro distinto. Everly será mais fácil de encontrar já que ela é mais jovem, menos experiente.

Mas vai levar tempo. Vou ter que explorar a área, ver se consigo sentir o cheiro dela em algum lugar próximo. Se

encontrarmos a filha, provavelmente encontraremos a mãe.

Eu balancei a cabeça. — Vou ficar de olho em Victoria e Jeremiah. Aquela garota, Raelynn... vou tentar descobrir qual é o negócio dela. Espero que ela seja cautelosa. A última coisa que precisamos é que uma garota despreocupada sem senso de perigo se aproxime deles.

Zane riu. — Olha, essa garota tem uma queda por Leon.

Garanto a você que o senso de perigo dela é distorcido... ou completamente inexistente.

— Bem, se ele está tão interessado nela, diga a ele para se tornar útil e mantê-la longe dos Hadleighs.

Tínhamos um plano, e isso me fez sentir um pouco melhor. Eu me levantei, estalando meus dedos. — Uma vez que as bruxas são cuidadas, é hora de descer nos Hadleighs, com força. Juro que vou comprar uma garrafa de champanhe no dia em que for estripar Jeremiah.

— Eu gosto quando você fica todo assassina, — Zane disse, me observando atentamente, uma fome familiar em seus olhos.

— Oh, será mais do que assassinato. — Eu andei até ele e me inclinei sobre o sofá para que eu pudesse descansar meus braços em ambos os lados das almofadas ao lado de seu poleiro. Ele ainda estava de camisa, pela primeira vez. Foi um pouco chato, na verdade. — Vai ser um massacre. Será uma obra de *arte sangrenta pra caralho*.

Havia algo naqueles dentes afiados quando ele sorria que elevava a temperatura do meu corpo e fazia meu coração começar a bater mais forte. — Sim? Conte-me mais, lobinha.

Ainda parecia perigoso estar tão perto dele. Ele era uma fera que poderia morder à menor provocação, mas sua mordida não me assustou. Para mim, seu perigo era um brinquedo. Ele poderia moldá-lo para se adequar às minhas fantasias ou empunhá-lo para salvar minha vida.

Essa aberração tinha socado o punho direto nas minhas paredes protetoras e oferecido uma saída, uma rachadura em minhas defesas formidáveis contra a vulnerabilidade. Eu confio nele? Eu não tinha certeza. Mas eu prefiro colocar minha vida nas mãos dele do que de qualquer outra pessoa.

— Eu vou usar aquela faca da qual ele está tão orgulhoso para arrancar seus intestinos, — eu disse, e Zane ansiosamente lambeu a língua sobre os lábios. — Eu costumava pensar que mataria Victoria por último, mas mudei de ideia. Eu quero matar Jeremiah por último. Eu quero ter meu tempo com ele.

— Como deveria, baby. — Ele correu suas garras ao longo da minha bochecha, escovando meu cabelo atrás da minha orelha. Sua mão permaneceu lá, em concha contra a minha cabeça. — Já posso ouvi-lo gritando.

— Ele vai fazer mais do que gritar, — eu disse. — Eu quero que ele *implore*. Eu quero que ele clame por misericórdia.

Quando Zane se moveu, foi rápido, como um predador atacando. Ele manteve a mão em concha ao redor da minha cabeça, e a outra mão apertou a lateral do meu pescoço quando ele se levantou do sofá, me empurrando para trás vários passos enquanto me segurava, elevando-se sobre mim.

— Sim? E você vai dar-lhe misericórdia?

Abaixei-me e apertei a dureza em seu jeans. — Nunca. Eu só quero ouvi-lo chorar enquanto eu o sangro.

Minhas palavras finalmente desencadearam aquela energia selvagem. Ele capturou minha boca, seu beijo profundo e faminto, seu aperto em mim apertando enquanto ele me apoiava até que eu estava pressionada contra as grandes janelas que davam para o lago. Eu o agarrei, agarrando suas costas e puxando sua camisa. Eu o puxei sobre sua cabeça e arrastei minhas unhas pelo seu peito nu, antes de passar meus braços ao redor de seu pescoço e ele me levantar, minhas pernas envolvendo sua cintura enquanto ele agarrava minha bunda.

Ele beijou minha garganta, exatamente onde meu pulso batia, e ele gemeu quando eu o mordi de volta. Eu não podia machucá-lo, não realmente, mas ele gostava quando eu tentava. Mordi com força e deixei minhas marcas em sua pele antes que ele prendesse minha cabeça para trás pela garganta.

— Oh, minha lobinha quer duro, não é? — ele rosnou, e eu mal acenei com a cabeça antes de ele dar um tapa na minha bochecha e me fazer suspirar. A picada floresceu lindamente em minha pele, formigando, acendendo algum desejo desesperado que ansiava por mais – mais dor, mais prazer, mais de seu desejo avassalador.

Ninguém jamais olhou para a minha raiva e se recusou a recuar. Eu estava acostumada a ser vista como intimidadora, ameaçadora, desagradável: uma cadela raivosa. Mas isso me manteve segura, impediu que as pessoas se aproximassem demais.

Exceto Zane. Ele nunca se afastou, não, ele continuou empurrando mesmo quando eu empurrei de volta. Que tipo de louco olhava para minha raiva assassina e queria mais? Que tipo de aberração não achou o ódio profundo que eu tinha repulsivo?

Minha raiva era minha armadura. Meu ódio me mantinha trancada dentro de grades de ferro – proteção contra tudo, menos grades, no entanto, uma gaiola da qual eu nem tinha certeza se queria sair.

Zane estava desmontando aquela gaiola, peça por peça.

Ele ficou do lado de fora por tempo suficiente, olhando para o humano cruel dentro, e em vez de balançar a cabeça e me deixar lá, ele queria entrar.

— Mais do que isso, — eu sussurrei, e Zane me bateu de volta novamente, sua mão apertando meu pescoço.

— Diga isso de novo, — disse ele. — Me diga o que você quer.

— Foda-me. — Eu sorri. — Apenas me destrua, porra.

Ele me jogou para trás, e a sensação de cair me dominou por uma fração de segundo antes que ele me pegasse. Ele me jogou de novo, desta vez em direção à parede, a força disso me tirando o fôlego. E novamente, ele me pegou, a centímetros de bater na parede, rindo enquanto segurava sua mão sobre meu rosto, garras espetando minhas bochechas, palma cobrindo minha boca.

— Tão fácil de jogar ao redor, — disse ele, seus dentes se juntando a centímetros do meu rosto. Quando ele me jogou de novo, ele me deixou acertar seu alvo; Caí para trás no sofá, o

impacto amortecido, mas ainda estava sem fôlego com a pressa quando ele subiu em cima de mim e rasgou minha camisa. Do decote à bainha, o tecido se rasgou em suas garras. Eu não estava usando sutiã, e ele me manteve presa com uma mão enquanto ele circulou uma única garra afiada ao redor do meu mamilo.

— Vamos ouvir você gritar, — ele disse, e sua voz era tão gentil, mas suas garras não estavam enquanto cavavam na minha pele.

Eu gritei contra sua mão, meio de dor, meio em êxtase com a corrida de dopamina. Estremeci quando suas garras se arrastaram sobre mim, deixando rastros vermelhos na minha barriga. Eu me contorci, lutando embaixo dele, e ele rosnou e ficou tenso como um cachorro prestes a ter seu osso tirado.

Uma nova sensação, como faixas apertando meus membros, subiu pelo meu corpo. Eles ficaram cada vez mais apertados, até que eu mal conseguia me mover.

Ele sorriu para mim, passando a língua sobre os dentes arreganhados.

— Um pequeno humano nunca poderia escapar de um demônio, — disse ele. — Eu posso deixar você ir, para correr e lutar e me entreter, mas se eu realmente quero mantê-la quieta, mantê-la indefesa... — Ele soltou meu rosto, endireitando-se. Apesar dele não me segurar mais, eu ainda estava totalmente incapaz de me mover. — Então eu posso. Eu posso fazer o que eu quiser.

Porra, por que isso me deixou tão quente? Seu poder era sexy como o inferno. Afinal, parte do nosso acordo era que ele

não me machucaria além do que eu queria. Eu poderia lutar para o conteúdo do meu coração, eu poderia jogar o jogo e me deixar ser a vítima, mas o tempo todo dependeria da minha vontade.

Com aquelas faixas invisíveis me mantendo no lugar, ele puxou minha calça de moletom, traçando suas garras ao longo das minhas coxas enquanto ele fazia. Ele enganchou o dedo na minha calcinha e a rasgou, sorrindo para mim enquanto abaixava a cabeça e lambia os lábios.

— Encharcada, — ele murmurou. — Pequena puta doente.

Ele rudemente empurrou minhas pernas e me puxou em direção a ele. Ele manteve os olhos no meu rosto enquanto passava a língua pela parte interna da minha coxa e apertava os dentes contra mim. Ele mordeu suavemente no início, deixando beliscões ao longo da minha pele macia. Mas suas mordidas ficaram mais duras, até que ele quebrou minha pele e chupou minha carne entre os dentes. Minhas coxas estariam cobertas de hematomas quando ele terminasse. O tempo todo ele manteve os olhos no meu rosto, olhando para mim como se estivesse me desafiando a continuar lutando com ele.

Claro que eu continuaria lutando, não importa o quão apertado ele me segurasse. Ou pelo menos, foi o que eu disse a mim mesma antes que sua boca se fechasse sobre mim. Uma vez que sua língua estava em mim, girando sobre meu clitóris, todos os outros pensamentos esvaziou-se da minha cabeça.

Ele agarrou minhas coxas enquanto me comia, forçando-as a permanecerem abertas. Ele sondou dentro de mim com sua língua, a sensação de seus piercings me acariciando

enviando um estremecimento violento sobre meu corpo. Ele gemeu, e as vibrações disso me fizeram suspirar. Ele me tinha quase no limite quando de repente levantou a cabeça e bateu na minha coxa, a dor aguda me fazendo gritar.

— Você pode ter um orgasmo de dor, putinha doente? —

ele murmurou, mantendo-me espalhada na frente dele enquanto traçava o contorno vermelho de sua mão na minha pele. — Você quer tentar?

Eu balancei a cabeça, minha cabeça leve com a promessa de dor, leve da melhor maneira. Eu vacilei quando ele bateu na minha coxa novamente, bem onde ainda doía, antes de bater rapidamente na outra. Minhas coxas se apertaram, mas não conseguiram fechar, e agarrei as almofadas do sofá com força enquanto meu gemido se transformava em um rosnado vicioso, seguindo outro tapa.

— Você está pingando para isso. — Ele riu, e em vez de dar um tapa na minha coxa novamente, ele deu um tapa no meu clitóris.

Porra, como algo pode doer tanto, mas se sentir tão bem?

Minhas costas arquearam para cima, lutando contra as amarras invisíveis, e ele me deu um tapa novamente, a sensação latejando em meu abdômen. Porra, *estava* me deixando mais perto do orgasmo. Não

deveria ter sido tão bom, eu não deveria estar ficando ainda mais quente e molhada lá embaixo. A dor era chocante e intensa, mas estimulava aqueles nervos inchados e sensíveis demais.

— Vamos ver o quão duro você goza com meu pau na sua bunda e seu clitóris sendo espancado.

Na minha bunda - foda - puta merda.

Ele pegou uma garrafa de lubrificante de uma gaveta na mesa de café e acariciou uma gota sobre os dedos. Ele me beijou novamente, moendo seu pau entre minhas pernas enquanto sua língua se movia exigente sobre a minha. Ele deslizou um dedo dentro de mim, pressionando o primeiro anel apertado de músculo e sondando minha bunda enquanto eu ofegava em sua boca. Quando ele bombeou seu dedo para dentro e para fora, e depois acrescentou outro, ele bateu no meu clitóris novamente. Eu gemi quando apertei seus dedos, apenas dois dedos já pareciam tão cheios. Ele os moveu lentamente para dentro e para fora, inclinou-se sobre mim com um sorriso e disse docemente: — Mantenha as pernas abertas, vadia.

Quando ele me deu um tapa, meu primeiro instinto foi fechar minhas pernas. Mas eu lutei contra o desejo, gemendo alto e agarrando as almofadas com força. Sua palma bateu para baixo novamente, seus dedos ainda me esticando, e eu gritei, batendo meu punho contra o sofá.

— Devemos continuar? — Ele riu. — Parece que você está se divertindo.

— Sim, Deus, sim. — Eu gemi quando ele retirou os dedos. Ele apertou mais lubrificante em seu eixo, escorregadio enquanto pressionava aquela cabeça perigosamente grossa contra o meu buraco.

— O que eu disse a você, — disse ele sombriamente. —

Sobre chamar o nome de Deus? Eu deveria puni-la por isso.

— Porra... porra, porra, porra, — eu murmurei, a palavra

se tornando um mantra enquanto ele pressionava dentro de mim. Eu podia sentir cada cume e inchar em seu pau monstruoso enquanto ele apertava mais fundo. Minhas pernas estavam tremendo, e ele estava a meio caminho em mim quando levantou a mão novamente.

— Pronto, vadia?

Deus, esse nome fez minhas entranhas estremecerem da melhor maneira. Eu teria matado qualquer outra pessoa que ousasse me chamar assim, mas ele? De seus lábios, isso me fez sentir imundo, me fez sentir desesperada. Eu balancei a cabeça, mordendo meu lábio enquanto me preparava para a dor, para o prazer latejante e agonizante. Eu gritei quando ele veio, meus músculos apertando ao redor dele, apertando até que ele gemeu e seus olhos se fecharam por um momento.

— Puta merda. — Suas pupilas incharam quando ele as abriu novamente, a escuridão se espalhando para abranger quase todo aquele anel dourado brilhante. — Você se sente tão bem.

Ele me penetrou completamente, inclinando-se sobre mim enquanto minhas pernas tremiam e eu ofegava, sem fôlego no trecho de tê-lo todo dentro de mim. — Aí está a minha garota,

— ele rosnou no meu ouvido, com um impulso súbito, duro e cruel em mim. — Você aguenta a dor tão bem.

Eu estava tão cheia, mas minha boceta estava doendo por ele. Estava inchada, pingando de desejo quando ele disse docemente: — Abra suas pernas para mim novamente, baby.

Eu vou fazer você gozar.

Minha respiração veio em ofegos rápidos e desesperados

quando eu obedeci, mantendo minhas próprias pernas abertas porque se eu não o fizesse, eu não seria capaz de mantê-las abertas por pura força de vontade. Ele deu um tapa nas minhas coxas, me deixando tremendo, antes de bater na minha boceta de novo – e de novo. O nó crescente de dor estava entrelaçado com o prazer crescente. Eles eram inseparáveis, cada tapa forte me fazendo apertar cada vez mais forte até...

Eu balancei da cabeça aos pés quando gozei, pulsando quando ele fodeu minha bunda e me deu um último tapa que foi quase insuportável, meu clitóris pulsando com estimulação.

O orgasmo me agarrou tão forte que mal conseguia respirar, e meu prazer o fez se mover mais rápido. Minhas pernas estavam presas para trás, tremendo violentamente enquanto ele usava minha bunda até que eu senti seu pau inchar.

— A putinha quer meu esperma na bunda dela? — ele disse, sorrindo

enquanto segurava meu rosto e o sacudia com força. — Diga, vadia. Diga o que você quer.

Eu estava com muita dor, ainda me afogando em prazer.

Era mais fácil apenas rosnar para ele, e agarrar sua mão como uma coisa selvagem, do que manejar as palavras. Mas ele se esquivou da minha mordida e voltou com mais força, sorrindo largamente enquanto enganchava dois dedos na minha boca.

— Vá em frente e me morda, — ele rosnou. — Porra, me *morda* como se você quisesse dizer isso.

Deus, suas palavras me deixaram quente. Mordi com força, forte o suficiente para quebrar os dedos de um mortal.

Mas isso só fez Zane mais cruel, o fez gemer de prazer enquanto ele fodia em mim em um ritmo punitivo.

— Esta bunda é minha, — ele rosnou, puxando minha cabeça para frente. Minha mordida tinha quebrado sua pele, e seu sangue escorria sobre meus lábios. — Tudo meu, nunca se esqueça disso.

Eu soltei seus dedos e cuspi seu sangue de volta em seu rosto. Ele riu — descontroladamente, faminto — e esfregou o cuspe sangrento no rosto com a mão ainda sangrando.

Foi o suficiente para empurrá-lo sobre a borda.

Seu pênis pulsava repetidamente, a mudança sutil em sua espessura fazendo meus olhos rolares para trás novamente.

Ele bombeou dentro de mim, esperma quente me enchendo.

Ele me aliviou, colocando meu cabelo para trás enquanto eu fechava meus olhos e recuperava o fôlego. Ele acariciou minhas coxas, tocando suavemente onde elas doíam, e deixando beijos suaves sobre minha pele quente.

— Tão linda, — ele murmurou. — Tão bonita.

E eu realmente me senti como se estivesse.



Andar pelo centro de Abelaum era como tentar andar descalço por um chão coberto de tachinhas, sem fazer barulho.

Cada rosto sorridente me alarmou. O riso dos transeuntes parecia sinistro. Nem mesmo as ações mais inocentes eram seguras.

Eu podia sentir seus olhos em mim, picando minhas costas, pressionando contra meu crânio. Tive sorte porque o tempo estava chuvoso, porque eu podia andar com meu capuz levantado. Esconder meu rosto era a única maneira de manter a calma.

Eu teria preferido ter Zane comigo, mas ele estava tentando rastrear as bruxas. Eu poderia alcançá-lo pelo celular

- graças a Deus os demônios aceitaram a tecnologia moderna -

mas não tê-lo imediatamente por perto era como se eu tivesse deixado minha arma em casa e saído sem nada.

Eu tinha deixado este lugar por uma razão. Abelaum não era seguro para mim. Pelo menos, quando eu estava fora de Washington, eu sabia que as chances de encontrar um membro do Libiri eram pequenas. Aqui, eles estavam por toda parte, escondidos à vista de todos.

E a menos que eu pudesse matá-los, eu não queria encontrá-los.

Mas eu ainda tinha trabalho a fazer. Assim como eu suspeitava, Victoria estava concentrando a maior parte de seu tempo social

naquela garota que Zane tinha me falado, Raelynn.

Não havia como confundi-la; A descrição de Zane tinha sido exata. Uma mulher pequena, com pouco mais de um metro e meio, com óculos grandes e cabelos pretos curtos. Ela era uma companheira estranha para Victoria, que estava sentada lá com sua bolsa Coach, capa de chuva branca e elegante e unhas perfeitamente feitas. A pequena senhorita Raelynn estava vestindo uma jaqueta jeans dois tamanhos maior, as lapelas da frente cobertas com alfinetes de banda e as costas cobertas com um enorme patch Bad Religion.

Ela não me parecia familiar. Eu tive que me perguntar como ela acabou aqui, como os Hadleighs conseguiram sugá-la.

Provavelmente da mesma forma que eles me pegaram. Victoria ativaria seu charme, faria você se sentir especial. Ela tinha um jeito de fazer você se sentir como o sortudo por chamar sua atenção. Eu me considerei sortuda quando ganhei a amizade dela no ensino médio. Ninguém mais gostava de mim além dela.

O café que eu estava bebendo revirou meu estômago. Eu estava observando as duas mulheres do outro lado do café, sentadas atrás de Victoria e em um canto para que ela não pudesse me olhar facilmente. A mulher que tentou me matar estava a poucos metros de distância. Sua voz era tudo que eu podia ouvir. Houve um tempo em que estávamos tão perto. Ou

pelo menos... eu me senti perto dela. Eu contei tudo a ela. Eu contei a ela sobre meus pais, sobre a partida de meu pai e a dor de sua morte. Eu disse a ela sobre o ódio da minha mãe por ele, seus namorados, sua bebida – tudo.

E ela me contou sobre o caso de seu pai. Como Everly nasceu apenas alguns meses antes dela e de Jeremiah. Como ela tinha visto sua mãe chorando no jardim. Como ela sentia que seu pai estava sempre colocando ela e Jeremiah um contra o outro, dizendo a ambos para — deixar o papai orgulhoso—

como se fosse tudo um jogo para ganhar seu amor.

Agora eu sabia que a competição deles tinha sido muito real. Que doentio, planejar sacrificar um de seus filhos por algumas promessas perversas de Deus.

Minhas mãos apertaram a caneca de café de porcelana.

Eu não sentia simpatia por Victoria. Ela estava carregando a mesma tradição assassina que o resto de seu culto. Ela atraiu as pessoas, fez com que confiassem nela, e então manipulou essa confiança para seu próprio ganho. Tudo na esperança de que sua própria vida fosse poupada.

Foda-se ela. Jogue jogos estúpidos, ganhe prêmios estúpidos. Pelo que Zane tinha ouvido, seu próprio irmão já estava planejando sua morte.

Esta pobre garota Raelynn parecia alheia como o inferno.

Ela ficava olhando pela janela, um pouco inquieta em seu assento, bebendo um café preto gelado a uma velocidade que teria me dado um ataque cardíaco. Ela sorriu e acenou com a cabeça educadamente enquanto Victoria continuava sobre uma história estúpida. Ela tinha família aqui? Outros amigos?

Pessoas que perceberiam se ela desaparecesse?

Eu estava tão focada nos dois que levei quase um minuto para notar a mulher com longos cabelos loiros parada do lado de fora do café. Mas, eventualmente, ela ficou tanto tempo na minha periferia que meus olhos piscaram para ela. A chuva escorria por seu capuz, umedecendo os fios de seu cabelo que haviam sido arrancados do abrigo pelo vento. Olhos azuis brilhantes, uma longa saia preta...

Fazia anos, mas eu conhecia seu rosto.

Sempre.

Ela estava observando Victoria e Raelynn, mas no momento em que o reconhecimento clicou em meu cérebro, seus olhos dispararam para mim.

Seus olhos se arregalaram. Seu rosto estava tomado de medo.

E ela correu.

Eu a segui imediatamente. Eu não queria fazer muito barulho ao sair, mas no momento em que estava do lado de fora da porta, corri pela calçada. Eu mal avistei sua jaqueta virando uma esquina à frente. A chuva estava caindo agora, e a maioria das pessoas havia se abrigado lá dentro, então meu caminho estava livre enquanto eu a perseguiu. Ela estava sempre uma esquina à frente, esquivando-se por ruas estreitas, tomando um caminho cada vez mais complicado na tentativa de me perder. Mas eu era mais rápida, alcançando-a a cada passo.

Ela se virou novamente, e eu estava apenas um segundo atrás dela. Mas no momento em que me virei, parei. Era um

beco sem saída.

Ela se foi.

Eu fiz uma careta. O caminho estreito ficava entre três prédios, sem saída a não ser para *cima*. Os velhos prédios de pedra e tijolo tinham saídas de incêndio, mas as escadas foram puxadas para cima, e teria sido fácil vê-la se ela de alguma forma tivesse chegado lá. Havia algumas pequenas latas de lixo, uma pilha de caixas de papelão – nenhum lugar onde uma mulher adulta pudesse se esconder.

Como o inferno?

Eu andei pelo beco, olhando até mesmo nos lugares que ela não poderia caber. Não havia portas, nem espaços para rastejar, nem respiradouros. Olhei para o prédio no final, franzindo a testa. Não havia como ela ter subido ao telhado em meros segundos. Era impossível.

Havia um forte cheiro de bagas no ar. Bagas e açúcar. Era extremamente doce, e os cabelos da minha nuca se arrepiaram.

Os tijolos na minha frente pareciam estranhos. Eles estavam ligeiramente desalinhados, suas bordas não se alinhando adequadamente, a superfície de alguns deles estranhamente lisa. Estendi a mão em direção a eles, olhos arregalados em descrença. Não tinha jeito, porra...

Como se estivesse atrás de uma cortina, Everly reapareceu, as costas pressionadas contra os tijolos. Algo me atingiu, um pulso que comprimiu meu peito, me empurrando para trás e dando a ela espaço para passar por mim. Eu a agarrei, agarrando a alça de sua bolsa. Ela se afastou com força contra mim, seus olhos arregalados de medo. Sua bolsa

se abriu, derramando o conteúdo pelo chão molhado, mas ela estava livre do meu aperto.

Desta vez, quando cheguei à boca do beco, não tinha ideia de onde ela tinha ido.

— Maldição! — Examinei a rua inteira, mas não havia sinal dela. Ela poderia estar bem na minha frente, *invisível*, e eu não teria ideia.

Eu não estava mais tão surpresa por coisas estranhas, mágicas e paranormais. Mas se essas bruxas pudessem se tornar invisíveis, isso seria um problema real. Everly sempre foi tão quieta, tão tímida – pelo menos no ensino médio. Mas isso não significava nada agora. Ela estava lá naquela noite na igreja. Ela assistiu com todo o resto. Assim como seus pais, ela aprendeu a fechar os olhos para a dor e a tortura se fosse por seu Deus.

De volta ao beco, examinei os itens que caíram da bolsa de Everly e peguei meu celular para ligar para Zane. Mas eu nem tinha conseguido desbloquear a tela quando de repente percebi alguém atrás de mim.

Ele já estava aqui.

— O que eu te disse sobre me esgueirar? — Eu disse.

— Awww, o mortal não pode ouvir passos maciços em uma rua molhada. — Eu tentei bater nas bolas dele, mas ele se virou para que minha palma batesse em sua bunda. — Ooh, sim, faça mais difícil da próxima vez.

— Você perdeu completamente a bruxa, — eu disse com um suspiro pesado. — Ela estava bem aqui.

— Por que você acha que estou aqui? Ele pegou um tubo

de batom, cheirou-o e jogou-o fora descuidadamente. — Ela usou magia. Eu podia sentir o cheiro a uma milha de distância.

— Ele fez uma pausa enquanto eu pegava um pedaço de papel dobrado e úmido do chão. — Ela machucou você?

— Não. Ela parecia assustada. — Desdobrei o papel com todo o cuidado que pude, mas estava encharcado pela chuva e rasgando ao menor toque. Eu o coloquei em cima de uma tampa de lata de lixo de metal, e meus olhos se arregalaram quando percebi o que era.

Um mapa do oeste de Washington, coberto de rabiscos de tinta azul. A tinta estava florescendo da chuva, mas eu podia distinguir pequenas notas, Xs e linhas através de vastas seções de floresta vazia.

— Jackpot, — eu disse suavemente. — Eu não acho que você vai precisar rastreá-la mais, Zane.



Havia uma marcação no mapa, um pequeno X com uma trilha pontilhada saindo dele, profundamente em uma vasta extensão de floresta a algumas horas a noroeste de Abelaum.

As árvores eram grossas, suas raízes emaranhadas e cobertas com os espinheiros das amoreiras. Passamos por algumas trilhas de caminhada, com terrenos de terra ao lado, onde os caminhantes podiam estacionar antes de começarem a jornada, mas Zane disse que as áreas não pareciam certas.

— Não será tão simples, — disse ele, os olhos examinando as árvores enquanto continuávamos dirigindo. — Precisamos encontrar o caminho certo para entrar.

Eu não tinha certeza do que diabos isso significava, mas considerando que estávamos lidando com bruxas e magia, eu ia assumir que Zane sabia mais sobre tudo isso do que eu.

Quando finalmente paramos o carro, não precisei de nenhuma garantia de que tínhamos encontrado o lugar certo.

As árvores tinham crescido completamente selvagens.

Muitas delas estavam curvadas, como se tivessem suportado um vento forte enquanto cresciam. Algumas estavam torcidas umas sobre as outras, seus galhos pendurados para roçar o chão. Era o final do ano para florescer, mas grossos cachos de

flores silvestres se estendiam até as árvores: roxo, branco, amarelo e rosa. Essas flores não deveriam estar florescendo ao mesmo tempo,

muito menos no mesmo lugar. Cada centímetro do chão – cada pedra, galho e árvore caída – estava coberto com uma espessa camada de musgo.

Era como olhar para um terrário: tudo era muito grosso, muito aglomerado. Como se a floresta estivesse tentando se unir, criando um casulo em torno do que quer que estivesse dentro.

Zane suspirou pesadamente, balançando a cabeça. — Esta é uma porra de uma ideia ruim.

Eu balancei a cabeça. — Sim. Provavelmente.

Uma trilha de terra estreita e sinuosa levava de volta à floresta. Os galhos grossos e retorcidos das árvores de bordo curvavam-se sobre o caminho, seus galhos cobertos de musgo pingando com a garoa. Arrepios arrepiaram meus braços, e eu nervosamente coloquei minha mão sobre a faca amarrada na minha coxa. A chuva se acumulava nas folhas acima e formava gotas pesadas que pingavam lentamente no chão. Esse era o único som lá dentro: a chuva pingando. As árvores não gemiam, não se moviam com a brisa, os pássaros não cantavam. Havia apenas o gotejamento lento e constante da chuva.

Zane deu um passo à minha frente. — Fique perto, —

disse ele. — E seja cautelosa. Nem tudo que você vê é o que parece.

Fabuloso. Exatamente o que eu queria ouvir.

Caminhamos por uma hora. Depois duas horas. Nenhum

de nós falou: não porque não tínhamos nada a dizer, mas porque não ousávamos emitir um som. Estava muito quieto, e quebrar o silêncio parecia um sacrilégio – ou perigoso.

Eu não tinha visto ou ouvido nada, mas ainda sentia como se estivéssemos sendo observados.

O cheiro das flores silvestres, a princípio agradável, estava insuportavelmente pesado no ar. Foi enjoativo no meu nariz e fez minha cabeça doer. A vibração da vegetação ao nosso redor era estonteante. Eu estava imaginando, ou tudo parecia igual?

Nós estávamos andando por duas horas, mas isso parecia... familiar.

— Devemos ter passado, — eu finalmente disse suavemente, e fiz uma

pausa para vasculhar o mapa da minha mochila. Zane continuou andando.

— Não pare, — ele disse bruscamente. — Fique perto.

Eu não perdi a nota de alarme em sua voz. Corri para alcançá-lo e abri a parte de cima do coldre da minha pistola para ficar pronta. O barulho fez Zane se encolher, e ele olhou para trás, com os olhos arregalados.

— Faça o que fizer, — disse ele, — não pegue essa porra de arma.

Pisquei rapidamente em descrença. — Não... *não* pegue minha arma?

Ele balançou a cabeça rapidamente. — Não. Não faça isso, Juniper. Não faça nada ameaçador.

— Porquê?

— Estamos sendo observados.

Aquele parecia um bom ponto para sacar minha arma.

Meus dedos se contraíram com a necessidade disso, e eu cerrei os dentes enquanto lutava contra o desejo. — O que diabos isso significa, Zane?

Ele não disse nada. Suas garras estavam para fora, ele estava andando rápido e seus movimentos eram trêmulos. Nós não estávamos nos movendo tão rápido quanto ele queria, e isso me assustou mais do que tudo. Se Zane sentiu a necessidade de correr, então o que diabos era...

Ele parou abruptamente. Uma árvore enorme estava curvada sobre a trilha à frente, curvada em um arco. Flores estavam agrupadas em todos os lugares, seu perfume insuportavelmente pesado, mas havia outro cheiro também: como ferro e carvão.

Zane rosnou baixo em seu peito, e eu segui seu olhar até a árvore curvada sobre o caminho. Alguém – alguma *coisa* –

estava agachado no tronco coberto de musgo. Membros longos, pele pálida cortada com uma teia de veias pretas de tinta e olhos negros. Olhos negros sólidos e dentes longos e afiados.

Zane conseguiu dizer uma única palavra.

— Porra.

A criatura se moveu. Eu pisquei e ele desapareceu, e Zane de repente foi jogado para trás. Ele bateu no tronco de uma árvore a quase cinquenta metros de distância, quebrando-o, o som violento de madeira se estilhaçando ressoando na floresta estranhamente silenciosa.

Peguei minha arma, mas não fui rápida o suficiente.

A criatura bateu em mim, me derrubando no chão e arremessando minha pistola de minhas mãos. Eu me levantei,

ofegando pelo ar que tinha sido forçado de meus pulmões doloridos, agarrando minha arma. A floresta havia mergulhado na escuridão e eu estava desorientada, tropeçando. Houve gritos — gritos ásperos e dolorosos — e então algo me agarrou por trás.

Uma mão na parte de trás do meu crânio. Uma mão no meu queixo. Garras cavando em minha pele. Minha cabeça latejava, como se um alto-falante tivesse sido ligado no volume máximo contra minha cabeça e estivesse batendo baixo em meu crânio. A voz que riu no meu ouvido, tão profunda e escura que não poderia ser humana, disse: — Apague as luzes, garota.

Eu ia morrer.

Ia quebrar meu pescoço.

Houve outro impacto, e este arrancou a criatura de cima de mim. Fui jogado de bruços e não pude ver minha arma no escuro, mas pude ver Zane travado em combate com a criatura.

Não apenas uma criatura – um demônio diferente de qualquer outro que eu já vi.

Ele jogou Zane para longe e bateu o pé em seu rosto com um crunch doentio. O riso reverberou pela floresta, o riso que era totalmente frio e cruel. De repente, o demônio estava bem na minha frente, olhos negros olhando nos meus, seus dentes muito longos e afiados para fechar completamente a boca.

Asas pretas de couro se estendiam de suas costas, me envolvendo na escuridão total. Cheirava como se as flores estivessem queimando.

— Ele estava certo, você sabe. Vir aqui foi uma péssima ideia.

Fui atingida com força, e a escuridão me envolveu.



29

Os pássaros cantavam.

Eu me mexi, ciente de que algo macio estava sob minha cabeça, mas o resto de mim estava deitado em algo frio e duro.

Eu não estava mais fora. Eu não podia sentir nenhum musgo embaixo de mim ou qualquer vento na minha pele. Minha mochila tinha sumido. Havia um cheiro doce, como caramelo, frutas vermelhas e grama nova. Outro cheiro também, familiar, mas distante... chá. Era chá Earl Grey.

Um piano estava tocando. Ele se entrelaçou com o canto dos pássaros, criando uma sinfonia diferente de tudo que eu já tinha ouvido. Não despertou minhas memórias, despertou sentimentos: a sensação de me aconchegar perto do meu pai perto do fogo. De abraçar Marcus. Da minha mãe lendo uma história para dormir.

De Zane. Olhando para mim. Me beijando. Segurando-me.

Zane. Onde diabos estava Zane?

O piano parou. Houve um som de tinido suave e um pequeno suspiro. Eu não estava sozinha.

Eu abri meus olhos. Demorou algumas piscadas para minha visão entrar totalmente em foco, mas quando isso aconteceu, percebi que estava deitada em um piso de ladrilhos

claros. Um suéter de tricô estava dobrado sob minha cabeça como um travesseiro. Videiras pendiam acima de mim, e eu estava cercada por vasos de plantas e canteiros elevados. Havia árvores, flores, arbustos — tudo perfumado e vibrante de vida.

Eu estava em uma grande estufa, com um teto de vidro abobadado no alto, onde pássaros esvoaçavam no ar. Eu balancei minha cabeça tonta, tentando levantá-la do chão.

— Tome cuidado. Ele foi duro com você.

Eu endureci. Sua voz era tão familiar, mesmo depois de tantos anos.

— Everly Hadleigh? — Ela parecia quase a mesma que tinha no ensino médio. Seu cabelo loiro estava mais comprido agora, descendo pelas costas até a cintura. Ela usava um longo vestido preto, o corpete coberto de renda, e seus pés estavam descalços.

— Everly Laverne, por favor, — ela disse suavemente. Ela tinha uma xícara de porcelana na frente dela, colocada sobre a mesa de metal ao lado dela. Ela tomou um gole da xícara lentamente, sua mão ligeiramente trêmula. — Meu pai nunca quis que eu tivesse o nome dele mesmo.

Sentei-me lentamente e estremeci quando minha cabeça latejou. Quando a escuridão daquelas asas me envolveu, eu realmente pensei que ia morrer. Especialmente depois de ver o jeito que aquela coisa tinha jogado em torno de Zane...

— Onde está meu demônio? — Eu disse bruscamente. Eu pensei no pé da criatura batendo em seu rosto, a força com que ele havia sido arremessado — uma sensação fria e doentia de pavor se formou em meu estômago. — Onde diabos ele está?

— Com Callum. Ele está vivo, — ela adicionou rapidamente. — Callum não vai permitir que ele fique perto de mim, então...

— Que porra é um Callum? — Eu cambaleei para meus pés, estremecendo com a dor. Devo ter ficado enrolada no chão por um tempo: todos os músculos estavam rígidos. Everly parecia significativamente mais nervosa agora que eu estava de pé.

— Ele é o... ele é... — Ela franziu a testa levemente, como se estivesse tentando encontrar as palavras certas. — Ele é *meu* demônio. Ele é o guardião deste lugar. De mim. Eu não queria que ele fosse tão rude com você. Com qualquer um de vocês. — Suas mãos se apertaram em

seu colo. — Mas seu demônio...Zane...ele está bem. Quero dizer... — Ela deu de ombros. — Eles curam rapidamente.

— Não fale sobre ele, porra, como se não fosse grande coisa que *seu* demônio bateu na cara dele, — eu assobieei.

Aquele momento consumiu todos os meus pensamentos, alimentando minha raiva. Onde quer que diabos seu demônio estivesse, eu queria matá-lo por tocar Zane assim.

O rosto de Everly estava sombrio, sua boca pressionada em uma linha fina e dura. — Você veio aqui para me matar, Juniper Kynes?

O canto dos pássaros parou. A estufa estava mortalmente silenciosa e de repente fria. Ela sabia quem eu era – mas é claro que ela sabia. Era um momento perigoso para dizer a verdade, mas eu descobri que a verdade era perigosa na maioria das vezes.

— Você se lembra de mim, — eu disse. — Você parecia aterrorizada quando me viu em Abelaum. Você parecia ter visto um fantasma.

— Memórias são muito mais assustadoras do que fantasmas. — Seu dedo traçou lentamente ao longo do prato sob sua xícara de chá, seguindo as curvas delicadas da porcelana. Ela desviou os olhos e estava mordendo o lábio inferior.

— Memórias, — eu repeti amargamente. — Ah, sim, eu sei tudo sobre como eles podem ser assustadores. Você quer falar sobre memórias assustadoras? Compartilhamos uma: você, eu... e sua mãe. Ela está aqui? Heidi Laverne está aqui? Eu levantei minha voz, e ela ecoou pela estufa estranhamente silenciosa.

Everly pareceu encolher sob minha voz elevada. — Minha mãe está morta, — ela disse suavemente. — Seus erros... —

Ela fez uma pausa e limpou a garganta. — Eu não posso me desculpar por ela. Um pedido de desculpas provavelmente nem é o que você quer ouvir. Ela se arrependeu de tudo. Ela tentou consertar as coisas.

— Ela tentou *fazer as coisas certas*? — Eu ri. Eu precisava de uma arma. Eu precisava da minha arma de volta, minha faca, alguma coisa, qualquer coisa. Mas mesmo armada, mesmo se eu conseguisse matá-la, não havia nenhuma maneira no inferno que eu escaparia de seu demônio. — O que *você* fez para consertar as coisas, Everly? Você estava lá também, se escondendo nas sombras como um covarde!

Eu pulei em direção a ela, furiosa demais para pensar

direito. Mas algo suave e frio saiu e agarrou meu pulso, me puxando para trás. Olhei para baixo e encontrei uma videira verde enrolada em meu braço.

— Que porra é essa? — Eu o puxei, e de repente meu outro pulso foi pego também. Fui puxada para trás, impedida de chegar mais perto dela pelas videiras chocantemente fortes.

— Por favor, não seja violenta, — disse ela.

A percepção doentia de que eu estava presa aqui fez meu estômago revirar. Presa, separada de Zane – e embora ela afirmasse que ele estava seguro e ileso, eu não acreditava nisso. Nem por um segundo. Ele pode estar ferido, ele pode estar...

Ele pode estar morto. Engoli em seco, o pensamento me atingindo tão brutalmente que por um momento não consegui respirar. Zane já poderia estar morto. Ela pode ter levado a única coisa que me restava, a pequena faísca de alegria que encontrei nesta escuridão.

Seu calor, sua proteção, suas ridículas piadas sarcásticas, seu enorme ego fodido – se ela tivesse aceitado isso, se ela ou seu demônio o tivessem prejudicado.

Eu cerrei meus punhos para parar de tremer, me forçando a continuar respirando devagar. Eu tinha que mantê-lo junto.

Mas a raiva estava borbulhando. Não apenas raiva de Heidi, Everly, Hadleighs ou Libiri. Era raiva que eu vivia com essas memórias todos os dias. Raiva que tantas partes de mim foram irrevogavelmente quebradas. Não importa o que eu fizesse, eu não poderia escapar do que tinha acontecido.

Nenhuma vingança traria meu irmão de volta. Nenhuma

quantidade de sangue que eu derramei poderia abafar as memórias.

— Não seja violenta? *Não seja violenta?* Você me ouviu gritar por socorro e não fez nada! — Eu gritei. Everly se encolheu, e parecia que ia ficar doente. — Foi *divertido* para você, Everly? Ficou feliz em ver uma garota inocente sofrer por seu Deus? Você fez -

— Eu não sirvo a esse Deus!

O vidro quebrou em algum lugar acima, e Everly se encolheu com o som. Sua respiração ficou rápida e ela rapidamente desviou o olhar de mim, segurando a borda da mesa. Era como se ela estivesse lutando consigo mesma, lutando para segurar algo.

— Passei anos com sua família, Everly. Victoria era minha *melhor amiga*, — eu cuspi as palavras, repugnantes como eram. — Eu confiei em seu pai. Eu confiei na sua mãe. Eu confiei em *você*. Você nunca me avisou, você nunca me disse para ficar longe. Você nem tentou, e sua mãe também não.

Vocês duas estão doentes. Vocês duas merecem morrer pelo que deixaram eles fazerem comigo!

— Eu não posso fazer isso direito, — disse ela. — Eu deveria estar inspirado, foi o que eles me disseram. Eu deveria testemunhar algo bonito e ficar maravilhada com o poder de Deus. Tudo o que vi foi tortura. Não havia um dia em que eu pudesse olhar para minha mãe depois disso e não vê-la. —

Seus olhos brilharam com lágrimas por um momento, apenas para ela piscar rapidamente para afastá-las. — Mas ela está morta. E eu não sou minha mãe.

Eu queria quebrar alguma coisa, bater em alguma coisa.

Eu queria gritar. Parecia zombeteiro, que ela tinha testemunhado a pior coisa que já tinha acontecido comigo, mas sentiu que poderia se afastar disso, como se pudesse estar *distante* disso. Ela também tinha as memórias, mas não precisava ficar presa nelas. Ela não precisava ver as cicatrizes todos os dias.

Eu enrolei meu lábio em desgosto. — Mas você é filha do seu pai.

— Ele não me criou como eles, — disse ela. — Ele me criou, mas não *como eles*. — Ela se levantou, e um estrondo como um trovão se moveu pelo chão. — Ele foi claro, sempre, que eu não era a filha que ele *queria* ; Eu era apenas o que ele *precisava*. Eu gostaria de poder mudar isso. Eu gostaria de não ter tido medo. Eu gostaria de não ter passado tantos anos *com medo*.

A xícara de porcelana se estilhaçou, espirrando chá por toda parte. Escorreu pela mesa, acumulando-se no chão, e Everly suspirou pesadamente. Ela largou a mesa, olhando para o vidro quebrado com amarga resignação.

Eu não tinha ideia do que esperar vindo aqui. Mas essa mulher na minha frente não era a bruxa de coração frio e adoradora do Deus Maligno que eu imaginava. Ela não era nem a Hadleigh sem coração que eu tinha imaginado. Ela era outra coisa.

Uma tempestade. Uma tempestade como eu. Uma bomba prestes a explodir.

— O que você vai fazer, Everly? — Eu disse suavemente.

— Virar seu demônio em mim? Ou me matar você mesmo?

— Eu não quero você morta, Juniper. Eu preciso de você viva. Eu preciso que você termine o que você se propôs a fazer.

Eu testei a força das videiras novamente, mas elas ainda não se mexeram. — E o que você acha que eu quero fazer?

— Mate os Hadleighs. Destrua o Libiri. Certifique-se de que eles não possam completar outro sacrifício. — Ela se aproximou de mim, e arrepios arrepiaram meus braços. Havia algo sobre ela, algo que eu só notei quando ela estava perto. O

próprio ar estava carregado ao redor dela, como se a eletricidade estivesse fluindo dela. — É por isso que você ainda está em Abelaum, não é? Eu só posso imaginar que a morte de seu irmão trouxe você de volta... mas a vingança fez você ficar.

É por isso que você está aqui, não é? Você veio aqui para me matar.

— Bem, eu com certeza não vim aqui para uma maldita festa do chá, — eu disse. — Você está tentando negociar comigo?

Ela balançou a cabeça. — Estou tentando deixar claro que não sou sua inimiga.

Eu fiz uma careta. — Quer dizer que você se voltou contra o Libiri? Contra sua família?

— Eles não são minha família, — disse ela. — Eles nunca foram minha família. O sangue do coven é mais espesso que a água do útero, e eu sou a última do meu coven. Nossos objetivos estão interligados, Juniper; seu e meu.

— Qual é o seu objetivo então?

— Para acabar com tudo isso, — disse ela. — Para matar o

Deus.

Por um momento, pensei que devia tê-la ouvido errado. —

Como isso é possível? — Eu disse. — É um *Deus*. É... eu nem sei se é uma coisa física... e você acha que vai matá-lo?

— Eu vou, — disse ela com firmeza. — Eu tenho que. Eu sou a única que resta que pode. Mas se os Libiri completarem seus sacrifícios, e o Deus for libertado, então não haverá nada que eu possa fazer. A Terra, como a conhecemos, vai acabar. A humanidade vai acabar.

Ela acenou com a mão e as vinhas que me mantinham cativa me soltaram, recuando de volta para seus plantadores.

Esfreguei meus pulsos, resistindo à vontade de atacar ela novamente.

— Minha mãe percebeu seus erros tarde demais, — disse ela. — Ela confiou na pregação de Kent mais do que em seu próprio conhecimento por muito tempo. Ela machucou as pessoas. Ela *te* machucou. Não o culpo por odiá-la ou por me odiar. Ela voltou atrás de você naquela noite porque queria tentar pegar tudo de volta. Ela se virou, deixando-se vulnerável, de costas para mim. Era uma extensão da confiança, ou era uma armadilha? Ela estava tentando me atrair para atacá-la, para que ela pudesse retaliar e me machucar?

Mas se ela quisesse me machucar, ela facilmente já teria feito isso.

— Minha mãe não suportava os erros que ela cometeu. Ela não podia enfrentá-los. — Os ombros de Everly incharam e depois afundaram com um suspiro pesado. — Eu não posso

apagar os erros dela. Mas posso me recusar a fazer os mesmos que ela fez.

Ela parecia sincera. Quando ela olhou para mim, a dor em seu rosto era inegável.

— Eu não estou tentando salvar o mundo, Everly, — eu disse. — Eu não sou uma heroína. Estou com fome. Eu só estou com raiva. O que estou tentando fazer não é profundo, ou altruísta, ou corajoso. É amargo. É *egoísta*. Não vai consertar nada nem trazer ninguém de volta. — Eu balancei minha cabeça. — Olha, o que você está tentando fazer é nobre. E

provavelmente impossível. Eu não posso te ajudar.

— Sim, você pode, — disse ela. — Porque tudo que você precisa fazer é o que você sempre quis fazer: matá-los. Mate todos eles, antes que eles possam destruir a vida de mais alguém. Eles estão se movendo para fazer o próximo sacrifício, Juniper. Você sabe que eles são. Você já viu.

— Raelynn Lawson, — eu murmurei. — Ela não é problema meu.

— Mas parar os Hadleighs antes que eles a matem é do seu interesse, — ela disse, uma nota de desespero em sua voz.

— Se eles fazem outro sacrifício, o poder de Deus cresce. Vai ser ainda mais difícil para você matar Kent, mais difícil matar qualquer um deles.

Ela estava certa. Mas eu me propus a fazer isso por mim mesmo; Eu não podia fingir que era para qualquer outro propósito. Esta não era uma missão para salvar a humanidade, esta não era uma jornada de herói. Isso foi para mim. Era o único caminho a seguir, o único caminho que eu via para mim.

Eu não podia simplesmente seguir em frente com a dor. Não podia recomeçar, não podia *viver*, porque a sombra do Libiri estava sempre sobre mim.

A única coisa que me importava neste mundo fodido era *comigo*. Eu sobrevivi por causa de quão duro *eu* lutei.

Exceto... isso não era mais totalmente verdade, era? Lá embaixo na mina, tentando tirar Marcus, eu deveria ter morrido. Na montanha, lutando contra o Eld, eu deveria ter sido dilacerada.

Eu não estava mais lutando sozinha. E por mais que me assustasse... eu não me importava mais *só* comigo.

Eu me importava com Zane também.

Ele foi a primeira coisa que eu pensei quando acordei. Ele era a primeira coisa que eu temia perder. Mesmo agora, minhas unhas estavam cravadas em minhas palmas com a força da ansiedade de que ele não estava comigo. Eu ainda não sabia se ele estava bem.

Mesmo que fosse apenas da maneira mais minúscula, minhas ações não eram mais apenas sobre mim.

— Eu não estou tentando recrutá-la para uma causa, Juniper, —

Everly disse. — Eu não estou pedindo que você me perdoe, ou perdoe minha mãe. Mas você não pode me matar. —

Sua voz endureceu, assumindo um tom que me pegou desprevenida. — Se você tentar, Callum irá destruí-lo. Ele vai destruir seu demônio também. Não me faça sua inimiga.

Eu estreitei meus olhos, olhando-a com cuidado. Eu duvidava que pudesse confiar nela, mas o que ela ganharia mentindo para mim agora? Como a beneficiou formular toda

essa história em vez de apenas me matar?

Ela teve sua chance, e seu demônio poderia facilmente ter feito isso também. A única coisa que eu podia supor era que ela estava dizendo a verdade.

— Então eu mato os Hadleighs, — eu disse. — Assim como eu planejei. Eu destruo o Libiri, e você destrói o Deus. É esse o acordo?

Ela assentiu. — Mate eles. Faça todos sofrerem. E veremos isso acabar. — Ela pegou um pedaço de porcelana quebrada do chão, cortando o dedo enquanto o fazia. Ela viu o sangue escorrer e riu baixinho. — Callum vai sentir meu cheiro sangrando. Ele vai se preocupar. Vamos caminhar juntas.

A casa da bruxa era enorme. Andando por seus longos corredores, senti como se tivesse voltado no tempo. Algumas das paredes eram ricamente forradas com um padrão de filigrana escura, outras eram revestidas de madeira. Mas havia algumas paredes que pareciam ainda mais antigas, feitas de pedra esculpida. Era o tipo de lugar que deveria parecer dilapidado, mas não havia poeira, nem teias de aranha. Os pisos brilhavam, e os tapetes e tapeçarias eram ricos em suas cores, como se fossem novos.

— Se você quiser matar Kent, terá sua melhor oportunidade em 31 de outubro, — disse ela. Ela continuou chupando o corte no dedo e pressionando-o contra o vestido para evitar o sangramento.

— Dia das Bruxas. Que apropriado.

— Victoria ainda dá uma festa de Halloween todos os

anos, — disse ela. — Eu lembro que você veio em uma ocasião.

Ninguém que tinha ido a uma festa Hadleigh poderia esquecer isso. Assisti ao primeiro quando tinha treze anos. A enorme casa dos Hadleigh se encheria de gente, as bebidas fluíam, as drogas seriam distribuídas. Em multidões assim, era fácil fazer alguém desaparecer.

— Eles sempre afirmam que seus pais saem da cidade, —

disse Everly. — Mas eles não saem. Kent estará lá para ficar de olho nas coisas, especialmente se eles tentarem levar Raelynn.

E eu acho que eles vão. Ela não tem família no estado. Ela tem uma amiga próxima, que não está envolvido com o Libiri, mas isso não oferece muita proteção. Ela mastigou a unha do polegar, preocupação óbvia em seu rosto. Suspirei.

— Vou tentar mantê-la longe deles, — eu disse. — Se eu a ver. Mas não vou sair do meu caminho para fazê-lo.

Everly sorriu aliviada, balançando a cabeça. — Obrigada.

Confie em mim, a festa será uma boa oportunidade para você.

Se você puder encontrar Kent, ele provavelmente estará sozinho. Vai ser barulhento, todo mundo vai ficar bêbado.

— Ninguém vai notar alguns tiros, — eu disse.

— Exatamente. E outra coisa. — Ela parou no meio do corredor, seus olhos semicerrados em pensamento. — Se há uma coisa sobre a qual Kent é paranóico, são demônios.

Manter Leon o deixava nervoso - ele sempre suspeitou que o demônio tentaria matá-lo na menor oportunidade. Ele estava certo, é claro. Mas Leon acabou indo atrás de Jeremiah, já que ele não conseguiu chegar em Kent.

— Então Kent está protegido de alguma forma, — eu disse.

— Zane será capaz de chegar perto dele?

— Kent carrega um amuleto que impede que a maioria das entidades paranormais o machuquem, — disse ela. — Mas se você conseguir tirar o amuleto dele, seu demônio não terá problema. Kent também tem outros artefatos, antigos que seu avô trouxe da mina há quase um século, e coisas que minha mãe deu a ele também. Não sei o que a maioria deles faz, e acho que Kent também não. A família tem muita

magia à sua disposição, se descobrir como usá-la.

— Entendi. Então vamos à festa, evitamos sacrifícios humanos, matamos Kent. Parece uma boa noite.

— Uma vez que meu pai esteja morto, o Libiri ficará lutando. Eles estarão vulneráveis. — Ela fez uma pausa, e eu me perguntei se era estranho para ela falar sobre matar seu próprio pai. Ela não falou sobre o homem com nenhum carinho, mas ainda assim. Ela piscou rapidamente e se afastou de mim para olhar para trás no corredor. — Não tenha medo.

Callum está chegando.



30

— Para onde você a levou? Onde você *a levou porra?*

O Arquidemônio estreitou os olhos para mim da porta.

Olhos negros, tão escuros quanto as extensões vazias do céu noturno. Ele pegou uma garra entre seus longos dentes, como se já estivesse entediado com a visão de mim.

— Não rosne para mim, diabo. É rude.

— Grossoiro? rude? *Você levou minha humana!*

Normalmente, eu podia alcançar minha mente e sentir a presença de Juniper: como chegar em direção a uma fogueira e sentir seu calor. O laço de sua alma comigo era um fio de prata quando eu fechei meus olhos, o mais brilhante de todos os fios de cada alma que eu

colecionei. Mas eu não podia senti-la aqui. Era como se tudo estivesse mudo; sua alma escondida de mim.

A constatação foi nada menos que aterrorizante. Eu não estava acostumado a me sentir fora de controle, a me sentir tão dilacerado pelas emoções que eu não conseguia nem pensar direito. Mas eles a levaram. Eles a *levaram* porra.

Eu me debati contra as correntes que ele usou para me prender ao chão, mas elas não se moveram. A sala era fria, com paredes de pedra e piso de pedra esculpida. As esculturas

eram enormes, mas facilmente reconhecíveis como um círculo de invocação. Era um poderoso, o tipo de coisa que exigiria uma enorme efusão de magia para usar.

O tipo de magia que poderia invocar um Arquidemônio.

Criaturas como ele viveram tanto tempo e reivindicaram tantas almas que subiram em todas as fileiras do Inferno para alcançar algo próximo da realeza. O conselho do inferno era formado por arquidemônios, mas havia centenas, senão milhares deles.

Eles raramente eram vistos, muito menos na Terra.

Estávamos na merda da merda.

— Eu juro por Lúcifer, se você a machucar... — Eu me esforcei contra as correntes novamente, minhas veias inchando e escurecendo enquanto eu tentava quebrá-las. As malditas coisas eram antigas, as algemas desgastadas pelo tempo. Eles não se mexiam, nem se dobravam. Qualquer que seja a magia infundida neles estava além das minhas forças. — Se ela voltar com um único maldito arranhão nela...

O Arquidemônio atravessou a sala em um piscar de olhos.

Ele se agachou sobre mim, o queixo apoiado na palma da mão.

— Eu bati a cabeça dela com tanta força que ela caiu inconsciente, — disse ele friamente. — E eu faria de novo se minha senhora desejasse. Farei você me ver despedaçá-la, pedaço por pedaço, se minha senhora quiser.

Eu não era bom em estar à mercê de outra criatura. Eu era uma ameaça significativa, se não mortal, para a maioria das coisas que conheci, então virar a mesa era nada menos que enlouquecedor. Todas

as ameaças que queriam sair de mim

eram inúteis. Quanto mais eu me sentava lá gritando com ele, mais energia eu gastava que deveria estar me concentrando na cura dos ferimentos que ele me causou.

Eu pensei que ia morrer. Eu *ainda* achava que ia morrer.

Mas foda-se, o mínimo que eu podia fazer era manter a esperança de que a “dama” desse bastardo não fosse tão impiedosa quanto ele. Contar com uma bruxa para poupar minha vida – e a vida de Juniper – era uma situação miserável, mas eu não estava vendo outra saída para isso.

Eu me sentei, deixando as algemas caírem, e o Arquidemônio sorriu. — Há um bom menino. Eu realmente *odiaria* ter que contê-lo ainda mais. Ele parou por um momento e estalou os dedos como se de repente se lembrasse de algo importante. — Ah, espere, não, eu realmente não teria odiado isso. É muito mais divertido quando você luta. Então eu vejo você falhar de novo... e de novo... e de novo.

Não morda a isca, não morda a porra da isca. Ele estava batendo suas garras impacientemente no chão, me observando com uma energia tão hiperfocada e reprimida que eu estava surpreso que ele não estivesse literalmente vibrando. Eu suspirei pesadamente.

— Só não a machuque, — eu disse. — Diga a sua senhora... quem diabos ela é... para não machucá-la.

— Porquê? — Ele estava conjurando uma bola de éter dentro e fora da existência, jogando a esfera opalescente entre suas mãos. Droga, e aqui eu me senti especial que finalmente ganhei poder suficiente para fazer isso; não era nada mais do que brincadeira de criança para este bastardo. — Você tem a

alma dela, não é? Suponho que é por isso que você a está seguindo. A única vida com a qual você realmente deveria se preocupar é a sua própria.

Eu não estava prestes a me explicar para esse idiota.

Tentei não olhar para ele enquanto ele andava pela sala, jogando aquela bolinha para frente e para trás. Ele estava vestido com um terno preto justo, seus sapatos de couro lustroso e brilhante que batiam no chão.

— Pessoalmente, espero que ela queira vocês dois mortos.

Eu abaixei minha cabeça, apertando minha mandíbula.

Era uma isca, era apenas uma porra de isca.

— É muito divertido matar os teimosos. Eu posso ver quanto tempo leva para você chorar.

Não. Não diga uma palavra, Zane. Boca calada. Não vale a pena.

— Agora que eu sei que você é suave para sua pequena mulher mortal, eu tenho a sensação de que não vai demorar muito.

Ele andou mais perto - *muito* perto. Perto o suficiente para que eu soubesse que era apenas mais uma isca, balançando tentadoramente na frente do meu rosto.

Eu peguei mesmo assim. Como um completo idiota.

Passei a próxima hora com ainda mais dor, e foi minha própria culpa. Esmagado entre o chão e seu sapato era significativamente pior do que apenas ser acorrentado. Ele até puxou uma cadeira para ficar confortável.

— Sabe, amigo, neste momento eu acabei de aceitar que

não vou vencê-lo em uma luta, — eu murmurei, minha boca um pouco difícil de usar, considerando que eu tinha um sapato pressionado contra minha bochecha. — Talvez você possa remover o pé? Hum? Parece intencionalmente condescendente.

Ele riu. Não foi um som agradável - ficou um pouco profundo demais em meus ossos e ecoou nas paredes de pedra.

— Estou muito confortável com você como apoio para os pés, na verdade. Não posso dizer que estou ansioso para me mudar.

Ele tinha música tocando em um velho gramofone no canto, mas o estalar ocasional de seus dedos não estava em sintonia com isso. Ele estava operando em alguma outra linha do tempo, alguma outra realidade, e isso era francamente enervante.

— Você tem um nome? — Eu disse. — Quero dizer, já que vamos apenas sentar aqui e conhecer um ao outro... eu pensei... a introdução poderia ser legal. — Eu realmente deveria ter calado a boca, mas

minha energia estava aumentando e meus nervos com ela. A cada momento que passava sem Juniper, eu ficava mais inquieto. Eu tive que me distrair. — Então... uh... eu sou Zane.

Nem mesmo um grunhido em troca. Certo, Capitão Desagradável. Se você vai torturar alguém, pelo menos tenha a decência de conversar um pouco. Leve-me para jantar primeiro.

Prefiro ser cortejado adequadamente antes da tortura.

— Você está aqui há muito tempo? Lugar estranho, Abelaum. Um pouco infernal, não é? — *Estalo, estalo, estalo* foram seus dedos. Revirei os olhos. — Onde está aquela sua bruxa? Quero dizer, estou assumindo que ela é sua. Eu não

acho que um bruxo poderia ter convocado um ser adorável como você... — Houve uma mudança, e embora eu não pudesse ver, eu podia *sentir* seu olhar em mim. — Vocês dois fizeram um acordo, hein? Sorte sua, conseguir a alma de uma bruxa.

Ouvi dizer que são doces como o céu...

Seu sapato pressionou um pouco mais forte - forte o suficiente para fazer meus ossos protestarem. — Você não sabe nada de bruxas, diabinho. Você fala demais.

— Já me disseram isso antes. É uma falha pessoal, admito. Quantos anos você tem afinal? Ouvi rumores de que alguns de vocês, tipos reais, existem desde antes dos humanos

- isso é verdade? Pessoalmente, acho que a afirmação é besteira, mas...

Ele endureceu de repente, e por um momento, eu pensei que *realmente* o tinha irritado. Movendo-se rapidamente, ele me soltou das algemas e me colocou de pé, meu corpo formigando em todos os lugares que ele me tocou.

Então, segurando meu braço com força, ele nos forçou a nos teletransportar.

Eu nunca gostei de teletransporte; isso me deixou enjoado. Desmontar o corpo físico pesado de alguém, lançar sua forma espiritual através do espaço, então reagrupar apressadamente uma forma física novamente? Altamente desagradável. Mas teletransportar-se com outra pessoa, arrastado com eles, atingiu um nível totalmente novo de terrível.

No momento em que paramos, e meu corpo físico estava junto novamente, eu me dobrei e engasguei.

— Deixe-o ir, Callum. Eles não vão nos prejudicar.

A voz veio de uma figura alta e borrada nas proximidades.

Meus olhos não queriam focar, então eu os fechei por um momento. O cheiro doce e açucarado da magia correu no meu nariz, mas não era apenas a bruxa por perto.

Madressilva e pinho. O cheiro de uma lobinha.

Foi Juniper quem me tocou, sem dúvida. O alívio que tomou conta de mim ao sentir suas mãos nas minhas costas foi tão profundo que me fez rir. Ela estava viva. Eu podia sentir a incerteza e a preocupação pulsantes de sua mente. Eu podia sentir seu cheiro doce e sentir sua pele macia.

Eu me inclinei para ela. Seus braços se apertaram ao meu redor.

— Que porra você fez com ele? — Sua voz era cruel. —

Você disse que ele não se machucaria, Everly!

— Ele está bem. — Eu podia ouvir o revirar de olhos nas palavras do Arquidemônio. — Ele está apenas sendo dramático.

Eu estava sendo dramático, sim. Mas eu consegui que Juniper ficasse toda mole comigo como resultado, e isso foi imensamente satisfatório. A coisinha viciosa realmente se *importava*. Se vivêssemos, eu teria certeza de provocá-la sobre isso pelo resto da eternidade.

Minha visão estava finalmente se concentrando.

Estávamos em um corredor, de um lado todas as grandes janelas que davam para a floresta, a outra parede forrada de pinturas. Levantei-me, lentamente, enquanto meu equilíbrio voltava. Eu arrastei Juniper para mais perto de mim enquanto fazia isso, envolvendo meus braços ao redor dela. O aperto frio

no meu peito estava desaparecendo apenas para tê-la perto.

Porra, eu estava mal. Os bastardos teriam que me matar se quisessem levá-la embora novamente. Eu tive sorte que Juniper odiava ter conversas vulneráveis, porque eu não sabia como diabos eu explicaria isso em palavras.

Não... isso estava errado. Eu sabia que palavras dizer, eu sabia o que estava sentindo. Mas foda-se, eu não ia admitir isso.

— Você está machucado? — Sua voz estava abafada contra o meu peito.

— Apenas algumas rachaduras nos ossos, — eu disse, dando-lhe um sorriso descuidado. — Nada demais.

Eu a soltei, mas ela ficou perto. Eu podia ver a bruxa claramente agora, embora ela estivesse parcialmente escondida atrás de Callum. Ela parecia tímida, olhando para mim como se temesse que eu a atacasse a qualquer momento. O cheiro de sua magia encheu a sala, e o ar pulsava com cada batida de seu coração. Era uma magia selvagem, caótica, estourando pelas costuras.

— Então nós temos um entendimento, — ela disse, sua voz suave enquanto ela descansava sua cabeça contra o lado de Callum. — Não é, Juniper?

— Eu mato o Libiri, você mata o Deus, — ela disse, e meus olhos quase saltaram da minha cabeça. — E nós ficamos bem fora do caminho uma da outra.

— Um assassino de Deus, hein? — Eu disse, olhando para Callum, que parecia terrivelmente entediado com a nossa presença. — Você esteve nas guerras?

Ele sorriu. — Eu era a guerra. Eu matei minha cota de deuses.

— Mas com um exército às suas costas, — eu disse. —

Ainda tão confiante quando é só você e a bruxinha?

Everly olhou para ele, com os olhos arregalados, e colocou a mão no peito dele. Era um aviso: um lembrete. Era como se a violência saísse dele com um toque. Ele olhou para ela com aqueles olhos negros e deu um beijo em sua testa, e eu quase ri alto.

Ninguém no inferno *já* acreditaria que eu tinha acabado de testemunhar um arquidemônio beijar castamente um mortal. Foi ridículo.

— Eu não preciso de um exército, diabo, — ele disse simplesmente. Ele empurrou a cabeça contra Everly, sussurrando baixinho: — Faça-os ir embora.

Ela assentiu. — Tenho certeza que vocês dois estão ansiosos para ir. Boa sorte para vocês... os dois. Se nos encontrarmos novamente, que seja em um mundo melhor.



31

A caminhada para fora da floresta foi muito mais rápida do que a jornada para dentro. O caminho parecia mais largo, as árvores não eram mais densas demais. Era como se a floresta tivesse se aberto, como se as árvores tivessem soltado a respiração que estavam segurando e decidido nos deixar passar.

Minha mochila e armas foram devolvidas para mim antes de partirmos. Enquanto caminhávamos, Zane ficou perto de mim, seu braço roçando o meu, ainda olhando ao redor da floresta como se esperasse encontrar outro ataque.

Eu nunca tinha sido a garotinha que sonhava em ser arrebatada pela realeza dos contos de fadas. Eu nunca sonhei com uma família ou um parceiro, depois de ver a bagunça que minha própria família era. Eu me considerava melhor sozinha, mesmo antes de Victoria me trair e realmente levar o ponto para casa. Eu não precisava de mais ninguém. Eu não queria mais ninguém. Eu não precisava de romance. Eu não precisava de devoção.

Eu não precisava de amor. Era uma coisa boba de se pensar de qualquer maneira, especialmente agora, quando meu futuro estava condenado. Eu era uma assassina, planejando

matar novamente. Eu vendi minha alma. Minha mente foi quebrada em mais maneiras do que eu poderia contar, de maneiras que eu

nunca pensei que poderiam ser consertadas.

Sonhar com um futuro, com uma parceria, com... com paz, com calma — era inútil. Não havia sentido.

Especialmente para encontrar essas coisas passando pela minha cabeça quando eu olhava para um demônio — eu era uma tola.

Mas Deus, quando eu o vi aparecer no corredor, arrastado por aquela aberração do Arquidemônio, tudo que eu queria era estar ao lado dele novamente. Eu não precisava de um salvador, não precisava de um guardião; ele não era isso.

Ele era meu conforto. Conforto diante da loucura do mundo. Ele foi o único ser que me viu fraca, que me viu desmoronar, que me viu vulnerável, e nunca tentou explorar isso.

Ele era um *demônio*. Exploração era exatamente o que ele deveria fazer, não era?

Ficamos em silêncio até voltarmos para o carro. Eu estava pegando a maçaneta da porta quando Zane colocou a mão contra a porta.

— Você está bem? — Sua voz era baixa, seu olhar intenso no meu rosto. Minha mente já estava em um milhão de lugares diferentes.

— Eu estou bem, — eu disse rapidamente. — Bem. Isso não aconteceu como eu pensei que seria, mas... Everly me contou alguma merda sobre Kent que pode nos ajudar.

Ele estava assentindo. — Bom. Isso é bom.

— Sim, pelo menos vai nos ajudar a nos preparar para o nosso próximo—

— Eu não dou a mínima para o que a bruxa disse. Eu quis dizer que é bom que você esteja bem. Que bom que você não está ferida —É... Ele fez uma pausa e estremeceu como se estivesse com dor. — É bom que eles não tenham machucado você. Porque eu não sei o que diabos eu teria feito.

Ele estava... feliz por eu estar...

Oh.

Eu não era muito boa com as palavras, mas isso me silenciou completamente. Minha garganta fechou e meu coração começou a

bater forte. Minhas mãos estavam suadas.

Ele se posicionou perto de mim, e isso tinha uma maneira ridícula de me deixar nervosa. Eu precisava de uma bebida.

Várias bebidas muito grandes, porque minha mente não estava certa.

O que ele acabou de dizer não deveria ter me feito sentir *assim*.

— Eu... quero dizer... acho que realmente não importa se eu morrer, certo? — Eu estava olhando fixamente para a maçaneta da porta, minha única fuga dessas palavras que estavam saindo de mim descontroladamente. — Você tem minha alma, então... nenhuma perda para você... se eu...

Ele agarrou meu pescoço, dedos longos enrolando em meu cabelo para embalar minha cabeça - e me beijou.

Meus olhos estavam abertos, mas eu não podia ver. Seus lábios eram macios, mas seu aperto era duro. Seu toque era quente e sua outra mão agarrou minha cintura, me puxando

para mais perto, e eu fechei meus olhos enquanto passava meus braços ao redor dele.

Eu não sabia o que diabos era isso. Era assustador demais para contemplar, complicado demais para tentar entender. Por que ele conseguiu derrubar minhas paredes de novo e de novo, desmantelando a segurança fria e desvinculada com a qual eu me cercava? Aquelas paredes eram tudo que eu tinha, eram minha proteção. Eles me mantiveram a salvo da dor, do desgosto, da traição.

Eu não queria pensar sobre o que esses sentimentos significavam.

Mas eu poderia pensar sobre aquele beijo. Eu poderia me perder na sensação de seu peito duro contra o meu, e os músculos de suas costas enquanto minhas mãos envolviam seu pescoço e minhas unhas arrastavam ao longo de sua pele.

Sua língua bifurcada acariciou ao redor da minha, e ele me beijou como se estivesse faminto.

Eram sentimentos suaves e ternos que permaneciam nos escombros das minhas paredes. Eles estavam machucados e espancados, tremendo na luz que os tocava, lutando para rastejar de volta para a escuridão. Eles foram ignorados e desnutridos por tanto tempo, eles se

curvaram para longe da liberdade.

Zane continuou arrastando-os em direção a ela.

Não deveria ter sido assim com ele. Eu não deveria querer que ele me rasgasse e me abraçasse com ternura. Eu não deveria querer que ele me abraçasse. Eu estava me preparando para o desastre. Ele era um monstro, e eu tinha visto o

suficiente deles para saber que eles só podiam causar dor.

Quando ele quebrou o beijo, afastando-se a poucos centímetros da minha boca, eu estava pressionada contra o carro. Ele continuou me segurando, me acariciando, me mantendo perto. Como eu poderia colocar a parede de volta?

Eu estava vulnerável como o inferno. Eu estava tremendo.

— Porque você está assustada? — ele disse suavemente.

Eu balancei minha cabeça, mas ele agarrou meu rosto novamente e me fez olhar para ele. — Do que você tem medo, baby?

Baby. Ele me chamou assim antes. Eu o ignorei. Parecia diferente agora, parecia pesado. Eu estava respirando com dificuldade, e eu não tinha certeza do porquê. Era como pânico sem dor. Ele ergueu minha mão, observou meus dedos trêmulos – e beijou a parte de trás dela, beijou minha palma, beijou meu pulso e deixou seus lábios permanecerem ali.

— Do que você está com medo?

— Isso, — eu sussurrei, e ele sorriu contra a minha pele.

— Estou com medo disso... seja lá o que for... seja lá o que for.

Ele olhou para mim, com a cabeça ainda abaixada enquanto segurava minha mão. Era estranho que um monstro pudesse parecer gentil, especialmente quando ele sorria para mim com dentes afiados o suficiente para me rasgar.

— E o que você acha que é isso?

Este era geralmente o ponto em que eu terminava a conversa. Eu conheci meu quinhão de pessoas que se aproximaram de mim ao longo dos anos; homens e mulheres que de alguma forma decidiram que queriam mais de mim – e

essas perguntas eram sempre as que me faziam correr.

Mas Zane e eu estávamos unidos. Eternamente. Não havia como sair disso. Uma pechincha condenatória era tudo o que deveria ser.

— Uma pechincha, — eu disse suavemente. — É... apenas uma pechincha.

Ele pegou minhas duas mãos e beijou a outra da mesma forma que tinha beijado a primeira, antes de colocar minhas palmas contra seu peito. — Juniper Kynes, uma tempestade manifestada em forma humana, tem medo de uma barganha?

— Ele se inclinou e beijou meu pescoço, parando com seus lábios mal roçando sob minha orelha. — Não, você não é. Você tem medo de algo muito maior do que isso. E vou te dizer uma coisa, Juniper – isso é muito mais do que uma pechincha. Eu não estou brincando. Eu não brinco quando encontro algo que quero.

— Mas você já me tem. — Minha voz parecia desesperada.

Como se eu estivesse implorando para ele ser insensível, para me dizer que ele estava apenas brincando.

— Corpo e alma. Mas decidi que quero outra coisa também. — Ele colocou a mão em volta do meu pescoço e pressionou o polegar contra o meu pulso. Cada batida foi enfatizada enquanto pulsava contra seu dedo, forte e rápido. —

Isso aí. Eu quero isso a seguir. — Ele baixou a voz, um sussurro indutor de arrepios no meu ouvido. — E eu vou ter isso. Apenas espere.

Ele deixou assim. Ele me soltou, me deixou ali tremendo enquanto se sentava no banco do motorista. E quando eu

entrei atrás dele, ele ligou o motor e aumentou a música, balançando a cabeça ao ritmo como se ele não se importasse no mundo.

Exceto que ele se importava. Ele se importava demais, e eu também.



32

Quando voltamos para casa naquela noite, fui tomada pela estranha sensação de voltar para casa.

Acendemos as luzes e tudo estava quente. Estava quieto –

parecia seguro e familiar. Assim que a porta se fechou atrás de mim, e coloquei a trava no lugar, suspirei. A tensão nas minhas costas diminuiu.

— Droga, — eu disse baixinho, mal percebendo que tinha dado voz à palavra. Mas Zane se virou para mim, curiosamente.

— O que é isso?

— É só... é bom estar de volta, — eu disse. Ele se aproximou um pouco mais, com uma curva curiosa e travessa no canto da boca.

— É isso? — Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e esfregou os dedos sobre a penugem curta do meu corte. — Por que é bom?

Eu estreitei meus olhos, mal contendo um arrepio com seu toque gentil. — Você sabe porque.

— Ah, eu? — Ele me pressionou de volta um pouco mais, seu corpo contra o meu. — Prefiro ouvir você explicar.

— Prefiro que você cale a boca. — Eu não conseguia nem dizer isso com violência. Droga, eu perdi meu toque. Ele riu.

— Eu não posso assediá-la adequadamente se eu calar a boca agora, posso?

— Ah, tenho certeza que você encontraria um jeito. — Ele acariciou seus dedos pelo meu rosto e sob meu queixo, e eu agarrei seu pulso. Mas, ao fazê-lo, notei os hematomas que eu não tinha antes: marcas roxas escuras em sua carne, desbotadas para amarelo em alguns pontos, mas ainda com raiva em outros.

Torceu meu estômago. Mesmo sabendo que ele estava aqui e seguro, fiquei furiosa ao ver as marcas persistentes.

— Não foi a primeira vez que estive acorrentado, lobinha,

— disse ele, sorrindo enquanto capturou minha atenção de olhar para seus hematomas. — Mas eu prefiro que você me contenha qualquer dia, do que aquele idiota alado.

Eu balancei minha cabeça em descrença. — É nisso que você estava pensando enquanto estávamos separados? Você estava em algum lugar acorrentado, desejando que eu fosse quem te prendia?

— Algo parecido. — Ele abaixou a cabeça, olhando para meus dedos ao redor de seu pulso machucado. — O que você acha disso, hm? Eu exigi seu corpo e alma quando fizemos este acordo. Eu exigi sua submissão. — Ele riu, como se percebesse agora o quão impossível aquela exigência em particular tinha sido. — E se eu também quisesse seu domínio?

Olhei para ele com ceticismo, certa de que ele estava fodendo comigo. — Você gostaria que *eu* comandasse *você*?

Tenho dificuldade em acreditar nisso.

— Porquê? Nós, demônios, ansiamos por todos os estímulos. Desejamos o novo, o incomum, a dor e o prazer.

Você sabe que eu gosto de dor, Juniper. Acho que você pode entender por que a dor pode ser um êxtase... e por que pode ser um alívio. Por que confiar o controle a outro pode ser libertador.

Ele colocou em palavras o que eu não conseguia. Depois de tantos anos agarrando-me ao controle, agarrando-o como se fosse minha única tábua de salvação, entregar a ele era como dar um suspiro pesado, como relaxar meu corpo depois de um longo dia. Era estranho pensar que ele entendia isso.

Mas talvez isso fosse parte do motivo pelo qual eu aprendi a confiar nele. Ele entendia o que estava fazendo. Ele sabia como era, ele entendia meu desejo tácito intimamente porque ele também o experimentou.

— Eu não posso controlar você, — eu disse. — Eu sou apenas uma humana.

— Controle não é só força física agora, é? — Ele deu um passo para trás, e eu o segui até a sala de estar. As luzes quentes do interior tornavam o exterior preto como tinta, e ele apertou um botão na parede que fechava todas as cortinas sobre as enormes janelas. Ele se virou para mim novamente e, à luz do lampião, pude ver ainda mais seus ferimentos. Não eram apenas os hematomas em seus pulsos, mas em sua garganta e seu rosto também.

— Controle é sobre força de vontade, — disse ele. — É

sobre sua vontade e minha vontade, em uníssono para o que desejamos. Você é feroz, Juniper. Nem mesmo um Deus

poderia forçar sua submissão, então eu certamente não posso.

— Ele riu baixinho. — Não é sobre isso. Você me deu o controle porque você quis. Eu posso fazer o mesmo. — O sorriso persistente em seu rosto ficou sério por um momento. — Eles me acorrentaram para me manter longe de você. Isso não é um sentimento que eu gostei. Ainda está lá. — Ele traçou os hematomas em seus pulsos, curiosamente, uma carranca em seu rosto. — Prefiro substituir esse sentimento. Eu preferiria que você me ajudasse a fazer isso.

De repente, ele foi pressionado contra mim novamente.

Suas mãos embalaram minha cabeça, seus dentes afiados sorriram para mim, quando ele disse: — Diga-me por que você suspirou de alívio quando entrou por aquela porta, e eu lhe darei o controle esta noite. Acho que nós dois poderíamos usar a tomada.

Eu nunca imaginei que ele fosse oferecer isso. Eu tinha desempenhado os dois papéis no passado - eu poderia finalizar quando me sentisse bem, eu poderia dominar quando permitido. Ambos cumpriram algo diferente - diferentes, mas entrelaçados, duas metades da mesma moeda, duas faces para a mesma necessidade profunda. A maneira como ele colocou parecia certo para mim: esses jogos que jogamos não eram sobre força física, mesmo que isso pudesse desempenhar um papel nisso. Eles eram sobre vontade e desejo. Eles eram sobre alívio e

libertação.

Mas é claro que ele tinha que ser difícil sobre isso. Ele teve que exigir que eu desse um pouco da minha preciosa e protegida vulnerabilidade, antes que ele me desse a dele.

— Esta casa parece um lar, — eu disse, segurando meu queixo com orgulho desafiador. — Eu não tenho isso há muito tempo. Então eu suspirei. Porque me sinto bem. Porque me sinto feliz. — Essa última frase saiu viciosamente. Eu tinha passado muito tempo sem me atrever a dizer algo assim, então agora que eu reivindiquei, eu a defenderia. Eu empunhava minha felicidade como um cacete para machucar qualquer um que ousasse tentar pegá-la. — Estou feliz por estarmos vivos.

Estou feliz por termos conseguido. Estou feliz que... que eu finalmente... — Engoli em seco. — Que eu finalmente sinto que havia uma razão pela qual eu sobrevivi.

Ele assentiu, suas pupilas inchando de prazer quanto mais ele olhava para mim. — Minha pequena loba fica mais corajosa a cada dia, — disse ele. — Você é corajosa o suficiente agora para ser tão cruelmente feliz quanto está com raiva.

Agora... — Seus olhos escureceram, e meu núcleo apertou com a necessidade. Ele deu um passo atrás de mim, fora da minha vista, suas palavras uma respiração na parte de trás do meu pescoço. — Você ainda quer que eu cale a boca?

Eu sorri, minha expectativa crescendo. — Sempre.

Ele foi e voltou antes mesmo que eu percebesse que ele tinha ido embora. Ele deixou cair algo pesado na mesa de café, virou-se para mim com um sorriso presunçoso e disse: — Faça-me.

Eu estava olhando para o item que ele deixou cair, de olhos arregalados: duas tiras de couro preto presas a uma bola prateada brilhante. — Isso é uma mordaca de bola *de metal*?

— Você não é a primeira a querer que eu cale a boca, — disse ele.

— Você está tentando quebrar os dentes? — Peguei o brinquedo, virando-o em minhas mãos curiosamente. Era lindo, mas não algo que eu jamais colocaria na minha boca.

Apertando metal entre os dentes? Não, obrigado. Eu não poderia pagar uma conta odontológica assim.

Zane riu. — Eu sou um demônio, amor, lembra? Eu praticamente mordi os dentes em binkies de metal.

— Sério?

— Não. — Ele encolheu os ombros. — Mas eu poderia ter.

Imaginar aquela mordaca em sua boca estava me deixando absurdamente quente. Afogar aquela boca suja e sarcástica dele seria tão bom pra caralho. Conter um ser tão poderoso quanto ele, de qualquer forma, me deu um pequeno arrepio na espinha. — Você teve isso em casa todo esse tempo?

Que outros brinquedos você está escondendo?

Ele me deu um olhar que me disse que eu teria uma surpresa. Eu o segui escada acima, até o quarto principal, onde ele deu um tapinha no grande baú preto ao pé da cama com o sapato. — Dê uma olhada.

Eu me agachei na frente dele e abri a tampa. Havia açoitês, algemas, porretes, remos e correntes. Havia metal, couro e madeira. Alguns dos itens foram cravejados com pontas de metal, alguns com espinhos afiados. Eu balancei minha cabeça em descrença, pegando um par de grossos grilhões de metal. Quando me virei para ele, eu tinha as algemas em uma mão e a mordaca na outra. — Nenhum desses brinquedos parece muito confortável para os humanos.

Ele me deu um longo olhar para cima e para baixo, e sua língua bifurcada deslizou avidamente sobre seus dentes sorridentes. — A maioria dessas coisas não é para humanos.

— Você deveria ter me dito que eles estavam aqui antes, —

eu disse, caminhando em direção a ele. — Eu poderia ter te calado semanas atrás e me poupado da dor de cabeça.

Ele fungou e inclinou sua altura um pouco mais perto do meu rosto. — Como eu disse, baby... Faça-me.

A ideia de que eu pudesse, de fato, *forçá* -lo a fazer qualquer coisa era ridícula. Nenhum número de chicotes e correntes poderia significar que eu o dominava, mas esse não era o ponto. Este ser absurdamente poderoso decidiu colocar seu poder aos meus pés, e isso me deu uma

séria corrida de cabeça. Isso fez com que o estresse persistente do dia, o medo avassalador de ter enfrentado a morte, de repente desaparecesse.

Tudo o que importava estava bem aqui, nesta casa, nesta casa. Tudo o que importava era ele e eu, juntos novamente, prontos para lutar outro dia.

— Fique de joelhos, — eu disse. — Agora.

Ele se ajoelhou na minha frente, e puta merda, vendo aqueles olhos brilhantes olhando para mim, esperando por uma ordem, fez meu coração acelerar. Merda, este era um ser que poderia me matar em um segundo se ele quisesse - em vez disso, ele estava de joelhos com uma ereção já visível em seu jeans.

— Tire a camisa.

Ele ergueu uma sobrancelha para mim. — Tentando conseguir uma boa visão, hein?

Eu estreitei meus olhos. — Eu lhe dei uma ordem, não uma sugestão.

Ele puxou a camisa sobre a cabeça e a jogou de lado, me dando um sorriso arrogante. Ele sabia o quão bom ele parecia.

Ele sabia que o leve brilho de suor sobre seu peito musculoso me deixava quente. Ele sabia que me deu água na boca quando ele rolou os ombros e flexionou as mãos, enfatizando as veias grossas que corriam pelos braços.

— Mais alguma coisa que você quer que eu tire? — ele disse.

— Não. Abra sua boca.

Um conjunto completo de presas mortais me cumprimentou, perversamente afiadas. Curioso, ousei tocar um dedo em seus dentes, bem acima da borda, testando-o como a lâmina de uma faca. Sua língua bifurcada roçou contra mim, me provocando, e minha respiração engatou por um momento quando ele pegou meu dedo na boca e chupou.

Quando ele abriu a boca novamente, foi para dizer: —

Você está corando, Juniper.

Eu olhei para ele. — Fecha. *Para cima.*

Eu encaixo a mordança de bola em sua boca, prendendo as tiras atrás de sua cabeça. Era bizarro ver uma bola de metal encaixada entre seus dentes, mesmo sabendo que não poderia machucá-lo. As algemas não travavam, mas eram seguras com uma porca e um parafuso. Eu o circulei, apreciando a vista antes de dizer: — Mãos atrás das costas.

Ele moveu os braços para trás, e eu me dei um momento

para apreciar a tensão em seus ombros, a forma como seus músculos inchavam quando ele se movia. Eu me agachei, prendendo as algemas em seus pulsos.

— Eu acho que você poderia quebrar isso se você realmente quisesse, não poderia? — Eu ri baixinho. — Oh, uau, você está realmente em silêncio pela primeira vez. Que bom menino.

Ele me olhou de lado enquanto eu estava de pé, as algemas presas. Amordaçado, acorrentado, de joelhos – foda-se, isso era uma coisa sexy de se ver. Fiquei na frente dele novamente, e arranhei minhas unhas levemente na lateral de seu rosto. Suas pupilas incharam, e ele se moveu levemente para puxar as correntes, mantendo os olhos em mim o tempo todo.

— Vamos ver o quão bem você consegue ficar quieto, hm?

Ele murmurou algo enquanto eu caminhava de volta para o baú. Eu balancei minha cabeça, mesmo que seus sons abafados ao redor da mordança provocassem um calor excitado no fundo do meu estômago. — Você já está falhando? É muito difícil resistir aos comentários espertinhos? — Eu não tinha ideia do que ele tentou dizer; Eu só podia supor que era algo sarcástico porque, bem, é claro que faria.

Quando me virei para ele com um brinquedo novo nas mãos, ele conseguiu sorrir mesmo com a mordança.

— Você gosta da aparência disso? — Deixei o chicote que eu havia selecionado balançar da minha mão quando me aproximei dele. A alça era de couro, mas as caudas eram pedaços finos de corrente de metal. Era o tipo de peça que

poderia causar danos se empunhada com força suficiente, mas ele já me disse que esses brinquedos não estavam aqui com humanos em mente. Eu corri as pontas de metal por seu braço, sobre seus ombros... e puxei para baixo.

Sua respiração engatou por apenas um momento. As correntes deixaram belas marcas vermelhas, ficando mais brilhantes em sua pele a cada segundo que passava. Eu cantarolei agradecida e o abaixei novamente. Seus ombros se apertaram, e eu arranhei minhas unhas sobre as marcas frescas.

— Tão quieto, — eu provoquei. — Não é tão difícil se silenciar uma vez que é um desafio, não é?

Eu coloquei mais força no meu próximo chicote. Ele exalou pesadamente, reajustando-se, abrindo ligeiramente as pernas. — Jeans ficando um pouco apertado lá? — Eu trouxe meus lábios perto de seu pescoço, deixei minha respiração provocar sua pele logo abaixo de sua orelha. — Pobre menino.

Não parece muito confortável. — Seus quadris se moveram para frente, e ele respirou fundo e lentamente enquanto eu me afastava e levantava o chicote novamente. — A picada faz seu pau se contorcer?

Eu puxei as correntes para baixo, e ele rosnou quando as marcas avermelhadas floresceram em sua pele. Cada passo que eu dava me deixava visceralmente consciente de quão molhada eu estava. Eu tinha assumido o comando do sexo antes, com outros parceiros, mas havia algo particularmente excitante sobre alguém tão poderoso quanto Zane se submeter a mim.

Mesmo sabendo que ele era um masoquista não tinha me

preparado para ele *realmente* me deixar assumir o comando.

Enrolei o chicote em seu pescoço e pressionei meu pé contra sua virilha. Seu comprimento grosso e duro se contraiu contra mim, e eu ri quando apliquei um pouco mais de pressão. — Devo libertar esse seu pau ganancioso? — Eu afundei meu pé e ele gemeu, as veias em seus braços começando a ficar pretas. — Acho que vou. Só não sei ainda se será para fazer você se sentir bem... ou para te machucar.

Eu me agachei e abri o botão de sua calça jeans. A cabeça de seu pênis estava brilhando com pré-sêmen, tendo passado completamente pelo cócs de sua cueca. Esfreguei a ponta do meu dedo em círculos lentos em torno de sua cabeça lisa vermelho-cereja, saboreando cada contração.

— Você está parecendo um pouco tenso, Zane. — Seus olhos semicerrados estavam fixos em mim com uma fome tão predatória que me perguntei se ele perderia a paciência e sairia das algemas. A visão

de suas presas em torno daquela grossa mordaca de prata, afiada contra o metal brilhante, fez meu estômago se contorcer de desejo.

Eu domei um monstro só meu, um monstro que se ajoelhou para mim por puro desejo.

Eu puxei seu zíper para baixo e puxei sua cueca, então seu pau saltou livre, esticando em minha direção. Segurei-o em minha mão, grande demais para ser totalmente cercado por meus dedos. Acaricieei-o lentamente, maravilhando-me com os cumes e ondulações de sua circunferência ridícula. Outra gota de pré-sêmen pingou de sua ponta, e eu peguei com meu polegar e chupei na minha boca.

Um estremecimento o percorreu enquanto ele me observava, seus quadris empurrando para frente.

— O que? — Eu disse docemente, tirando o chicote do pescoço dele.
— Você quer mais?

Eu andei atrás dele, chicoteando-o novamente antes de tirar minha camisa e jogá-la sobre sua cabeça para pousar na frente dele. Outra chicotada, e então meu sutiã seguiu. Outro –

e eu tirei meus jeans e os joguei na pilha. Apenas minha calcinha permaneceu úmida com a minha excitação. Suas costas estavam lindamente avermelhadas, alguns pequenos vergões se formando entre suas tatuagens.

— Você tem estado tão quieto, Zane, — eu disse suavemente. — Você pode conseguir calar a boca depois de tudo. Acho que deveria tornar isso mais difícil para você.

Deslizei minha calcinha para baixo e a pendurei na frente de seu rosto. No momento em que viu a umidade brilhando no tecido, ele gemeu.

— Você quer um gostinho? — Eu o circulei, nua, e arrastei meu dedo pelo meu peito, sobre o cabelo macio entre minhas pernas. — Devo deixar você provar?

Ele assentiu ansiosamente, cada músculo tenso, as narinas dilatadas com o esforço de se manter obedientemente de joelhos. Tinha que ser pura tortura para se controlar.

Aquelas correntes sobre ele não eram nada: era o autocontrole, o controle trêmulo, que realmente o mantinha em seu lugar.

Havia algo tão catártico nisso. Minha ansiedade se dissipou quando confiei nele o suficiente para me submeter a ele – esse sentimento era diferente, mas não menos intenso. Eu

estava admirado com seu autocontrole e apaixonado por meu próprio poder. Eu não precisava de nenhuma arma para ser poderoso aqui.

Deslizei meu dedo entre minhas pernas, suspirando suavemente enquanto esfregava meu clitóris. Seus olhos estavam fixos em mim, e ele olhou para meus dedos enquanto eu os afastava, brilhando com a minha excitação. Eu me agachei e acariciei meu dedo sobre seus lábios. Ele estava praticamente tremendo com o esforço de não romper aquelas correntes.

Eu montei nele, provocando minha boceta contra a cabeça grossa de seu pau e arrastando o chicote pelas costas. — Que pena essa piada, garoto. Você não pode me provar com isso na boca.

Quando ele gemeu de novo, estava mais perto de um rosnado, e ele tentou murmurar algo em torno da mordação. Eu chicoteei o chicote para baixo, sorrindo para o breve lampejo de dor em seu rosto. — Reclamando, não é? Comporte-se, ou isso é tudo que você vai conseguir.

Deslizei sua cabeça para dentro - apenas a cabeça, e até isso me esticou. Mordí meu lábio, saboreando o aperto enquanto ele me observava. Foi uma luta não tomar tudo dele.

Eu o provoquei por quão excitado ele estava, mas eu não estava fazendo nada melhor. Seu pau se contraiu ansiosamente dentro de mim, latejando na minha entrada, e eu ri baixinho.

— Você quer essa boceta, Zane? Você quer mais?

Ele não conseguia mover as mãos para me tocar; ele usou aquele pequeno truque mental estranho dele em vez disso.

Trouxe a sensação de dedos acariciando meu cabelo e acariciando para baixo para agarrar firmemente em volta do meu pescoço. Eu chicoteei o chicote contra suas costas novamente, e ele riu vitorioso em torno da mordação.

— Não fique atrevido comigo, — eu assobieei. — Eu vou usar este chicote em seu pau se você não puder se comportar.

Seus olhos se arregalaram ligeiramente, um brilho de alegria

masoquista iluminando-os. Claro *que* ele gostou da ideia disso. Novidade. Mas eu entendi muito bem – afinal, eu também era do tipo que sentia que ameaças de punição eram apenas ofertas de diversão.

Às vezes éramos muito parecidos; iguais de maneiras que eu nunca pensei que poderia compartilhar com outro ser.

Eu me levantei, deixando seu pau tenso e brilhando de excitação. Ele empurrou para mim: ansioso, quase desesperado. Eu balancei minha cabeça para ele, mesmo que esperar que ele me preenchesse fosse quase uma tortura para mim também.

— Sabe, Zane, eu deixei você gravar seu nome na minha pele. — Eu andei ao redor dele, balançando o chicote preguiçosamente, a corrente tilintando suavemente enquanto eu a beijava sobre seus ombros. — Eu realmente gostaria de fazer o mesmo com você.

Eu puxei minha faca da bainha na minha coxa, me inclinei sobre seu ombro e levantei a lâmina na frente dele.

Seus olhos se arregalaram de excitação, sua mandíbula apertando com mais força ao redor da mordação. O pensamento de conseguir marcá-lo como ele me marcou – deixando meu

nome em sua carne, marcando-o para que cada demônio que cruzasse seu caminho soubesse que um mortal o reivindicou –

fez o desejo formigar sobre cada centímetro do meu corpo..

— Devo fazer isso? — Eu sussurrei, bem em seu ouvido.

Ele não hesitou nem por um segundo. Seu aceno ansioso me fez rir. — Droga, você realmente quer que eu corte você, não é?

— Eu andei de volta na frente dele e bati a faca sob seu queixo.

— Porra, sente-se direito. E não se atreva a gozar até que eu diga que pode.

Apoiei minhas mãos em seus ombros e me abaixei sobre ele. Ele gemeu quando minha boceta apertou ao redor dele, apertada, embora eu tentasse relaxar para encaixar sua circunferência mais facilmente. Eu o embainhei totalmente dentro de mim, ofegando nos últimos centímetros. Não ficou mais fácil, encaixar aquele monstro dentro.

Todos os seus músculos estavam tensos enquanto ele me observava.

Eu nunca pensei que veria um demônio se esforçar tanto para se comportar. Mas é claro, a única vez que ele conseguia ser bom era quando ele estava fazendo algo tão ruim.

Tracei minha faca levemente ao longo de sua pele, logo abaixo de sua clavícula. Havia uma lacuna em suas tatuagens ali, um espaço entre os desenhos escuros e sinuosos ao longo de seus ombros e a peça elaborada que adornava seu peito.

Era onde eu marcava meu nome.

Beijei sua pele antes de cortá-la. Eu o beijei lentamente, tomando meu tempo, inalando seu cheiro com cada toque dos meus lábios contra ele. Olhei para cima e o encontrei me

observando com saudade, seus olhos brilhando com a antecipação da dor.

— Você fez um acordo para me possuir, — eu disse suavemente, meus lábios a centímetros dos dele. Seu pau latejava dentro de mim, e eu mal segurei um gemido. — Mas eu possuo você também.

Eu cortei em sua pele. A respiração de Zane engatou em torno da mordança, e ele inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos enquanto saboreava os cortes cuidadosos e pungentes.

Formei a primeira letra do meu nome, e depois a segunda, meu olhar piscando de volta para seu rosto a cada poucos segundos. Seu pau latejou novamente, e eu me movi lentamente ao longo de seu eixo, montando nele enquanto eu continuava com as letras.

— Porra, você se sente tão bem, — eu murmurei. Fiz uma pausa no meio do meu nome, observando o sangue escorrer enquanto eu me dava prazer, fodendo-me em seu pau com um braço em volta do pescoço para me segurar. — Você fica ainda mais duro quando eu te corto. — Fiz uma pausa, seu pau enterrado profundamente dentro de mim, e bati minha palma contra sua bochecha. Seus olhos se abriram novamente, e ele murmurou algo incompreensível em torno da mordança.

— Não feche os olhos, — eu disse, enquanto eu colocava a faca de volta contra sua pele. — Me veja.

Ele assistiu, seu pau latejando com cada corte que eu fazia. Ele estava tremendo como se estivesse com frio, mas seu corpo estava febrilmente quente. Quando sua respiração ficou mais difícil, o quarto

ficou mais escuro e seus olhos também.

Ele estava empurrando fervorosamente em mim quando cheguei ao final do meu nome. Essa necessidade feroz não poderia ser enjaulada por muito mais tempo.

Eu queria muito para segurar mais. Gravei a letra final nele, sorrindo ao ver meu nome gravado em sangue em seu peito. Mas eu só tive um momento para realmente admirá-lo.

Houve um estalo alto, e de repente eu me encontrei de costas, presa ao chão, e Zane estava agarrando minhas coxas enquanto se inclinava profundamente dentro de mim.

Ele *quebrou* as algemas. Ele os quebrou como se não fossem nada mais do que vidro quebradiço.

Meu suspiro engasgou em gemidos desesperados. Ele bateu em mim, ainda amordaçado, as correntes penduradas em seus pulsos enquanto ele segurava minhas pernas e me fodia com força. Eu agarrei seu pescoço, deixando longos arranhões vermelhos em sua pele tatuada, e ele agarrou minhas pernas com força suficiente para machucar.

Cada centímetro dele estava tenso, tremendo, empurrado para uma necessidade incontrollável pela minha provocação lenta. Eu gritei, me apertando ao redor dele enquanto o prazer me despedaçava. Quando a felicidade contorceu meu rosto, ele observou com veneração, com saudade, como se tivesse testemunhado algo indescritivelmente sagrado.

— Zane! — Minha voz tremeu, meu corpo extasiado com aquele êxtase perfeito. Meus dedos dos pés se curvaram, minha mente atordoada e vazia enquanto ele empurrava em mim com urgência voraz. A visão dos meus arranhões em seu pescoço, os vergões do chicote em seus ombros, quase me fez gozar de novo

ali mesmo. Eu estava subindo em uma onda interminável de euforia, só mais alta quando seu pau pulsava dentro de mim.

Ele rosnou em torno da mordaca e bateu com o punho para baixo, suas garras rasgando o tapete enquanto ele gozou, me bombeando com sua semente. Ele se inclinou na curva do meu ombro, sua testa quente pressionada na minha pele, sugando sua respiração bruscamente com cada pulsação de seu pênis dentro de mim.

Ficamos parados, ofegantes, entrelaçados assim por vários minutos

enquanto recuperamos o fôlego. Lentamente, com os braços trêmulos, soltei sua mordança e a tirei de sua boca. Ele riu baixinho e deitou a cabeça no meu ombro, trabalhando a mandíbula por um minuto para tirar a tensão.

— Então o que você acha disso? — Eu disse suavemente.

— Agora você tem a minha marca também.

Ele se sentou, sorrindo enquanto olhava para os cortes recentes em seu ombro. O sangramento já havia parado, as feridas cicatrizando rapidamente. — Vou me certificar de que eles cicatrizem, — disse ele. — É uma honra ser marcado por um lobo.

Ele me puxou contra ele, me segurando perto. Eu não tinha pensado que minhas marcas iriam ficar. Achei que seriam divertidos pelos poucos minutos que duraram e nada mais.

Mas parecia certo. Eu estava feliz que meu nome estava lá.

Eu não sabia o que diabos seria de nós. Eu nem sabia se viveríamos mais um dia ou morreríamos. Por enquanto, não importava.

Para o que valesse a pena, independentemente do que essas emoções distorcidas, confusas e assustadoras significassem - eu me entreguei a um demônio, e ele se entregou a mim em troca.



Eu tinha feito um monte de coisas estranhas em 31 de outubro, mas eu nunca tinha feito planos para invadir uma festa de Halloween e matar seu anfitrião antes. Todas as manhãs, eu acordava com um relógio na

minha cabeça. Uma contagem regressiva que parecia se arrastar cada vez mais devagar à medida que se aproximava de zero.

Era isso. Kent Hadleigh ia morrer.

Eu não tinha ideia se teríamos sucesso. Qualquer número de coisas poderia dar errado, a possibilidade de falharmos nunca saiu da minha mente. Mas finalmente, depois de tantos anos, eu estava perto. Minha tensão era um nó apertado no meu estômago, apertando dentro de mim desde o momento em que abri os olhos até a hora em que finalmente consegui fechá-los.

Mas por mais nervosa que eu estivesse, era difícil não se divertir quando Zane estava tão animado com isso.

— Todas as melhores festas terminam em assassinato, —

disse ele, seguindo atrás de mim enquanto atravessamos a loja de Halloween, examinando as fileiras bagunçadas de fantasias.

— É isso que mantém as pessoas falando sobre isso.

— Você é especialista em festas? — Sua conversa estava

me distraindo de como era irritante fazer compras: havia crianças gritando correndo por toda parte, os corredores estavam muito cheios e todas as fantasias eram muito pequenas.

— Sim, na verdade. Estive em centenas de festas ao longo de quase dez séculos. E posso garantir que todos os melhores tiveram um assassinato.

— Acho que é só porque você gosta de assassinato.

— Todas as lojas de Halloween são assim? — Ele se esquivou de duas crianças que passaram correndo, quase batendo nele. Ele lançou um rápido olhar de volta para eles, e a criança na frente tropeçou, caindo tão abruptamente que o garoto que o perseguiu também tropeçou nele, e eles caíram em uma pilha. Ele sorriu presunçosamente enquanto olhava para mim.

— Crianças tropeçando? — Eu disse. — Sério? Você está orgulhoso de si mesmo por isso?

— Muito. Foi hilário.

Revirei os olhos e tive que desviar o olhar antes que ele me visse rir.

Não que eu pudesse esconder isso dele; ele provavelmente sentiria o cheiro ou algo assim, já que ele podia sentir o cheiro de todo o resto. — Mas sim, bem-vindo ao capitalismo do século 21, edição de Halloween. Durante todo o ano, não há lojas de Halloween – então chega outubro e, de repente, todo prédio vazio tem uma.

— Tantos esqueletos de espuma, — disse ele, passando por vários que estavam pendurados em uma tela. Ele pegou uma fantasia de empregada doméstica francesa, dentro de um

saco plástico. — Essas fantasias parecem lingerie.

— Sim. Esse é o ponto.

Ele sorriu. — Você deveria comprar esta.

Eu zombei. — *Você* deveria. Eu ficaria ridícula.

— Porra, eu ficaria quente como o inferno nisso, — disse ele. — E eu ainda te foderia bem. Empregada demônio a seu serviço. — Ele empurrou seus quadris, e a imagem dele fazendo isso vestido como uma empregada quase me quebrou.

— Deus, pare. Por favor. — Eu tive que me virar porque eu estava tentando muito não rir. Mas eu rapidamente acrescentei: — Compre no seu tamanho, mas você *não* vai usar na festa.

Quanto mais nervosa eu estava, mais difícil era dormir. Eu tinha matado antes; Eu sabia como era tirar uma vida humana. Mas matar Kent Hadleigh *significava algo*. Enfrentá-lo novamente, de pé diante dele por minha própria vontade, *significava algo*.

Minha ansiedade parecia uma porta aberta, uma brecha em minhas defesas pela qual uma série de coisas horríveis poderia entrar. tudo pode terminar em fracasso.

Aquela porta aberta de preocupação era um convite. Era um farol. Eu simplesmente não percebi isso no começo.

Eu estava fazendo exercícios perto do cais. O céu estava cinza, mas a chuva era uma mera névoa, esfriando minha pele enquanto eu suava. A brisa estava fria, e a água batendo contra a costa formou um ritmo de meditação com o qual sincronizei minha respiração.

Inspire - soque - expire - chute - inspire -

— Zimbros.

— O que? — Eu gritei de volta para a casa sem me virar.

Um dos passatempos favoritos de Zane era me provocar implacavelmente toda vez que eu tentava malhar, alegando que ele estava apenas ajudando a aumentar minha frequência cardíaca.

Mas não houve resposta.

Fiz uma pausa, ofegante entre meus sets, e olhei de volta para a casa. Nenhum sinal de Zane. Eu me endireitei, diminuindo minha respiração para que eu pudesse ouvir melhor ao meu redor. O vento aumentou, as ondas batendo no lago vindo mais rápido, infiltrando-se na costa de seixos.

Examinei as árvores, mas o único movimento que pude ver foi um pequeno bando de pássaros esvoaçando entre os galhos e o chão.

Não havia nada ali, absolutamente nada. Mas um calafrio ainda correu pelas minhas costas. De repente, parecia que seria muito mais seguro lá dentro.

Deixei minha garrafa de água no cais, então corri de volta para buscá-la. A água tinha subido o suficiente para pegá-la; estava flutuando a alguns metros da costa.

— Caramba. — Suspirei pesadamente enquanto entrava. A água estava fria, mas era bom depois de suar. As pedrinhas estavam lisas sob meus pés enquanto a água subia até minha cintura, e eu peguei a garrafa antes que ela pudesse sair ainda mais.

Eu congelei, a garrafa agarrada na minha mão. Havia algo no meio do lago, aparecendo acima da água.

Um rosto vermelho-sangue. Olhos perfeitamente redondos, arregalados e fixos.

Estava olhando para mim. Estava olhando *diretamente para mim*.

Deslizou de volta abaixo da superfície com a mais leve ondulação. O vento acalmou. As ondas se acalmaram ao meu redor até que o lago ficou assustadoramente parecido com vidro. Saí da água, mantendo um olho nas profundezas ao meu redor, meus olhos constantemente piscando de volta para o local onde a cabeça havia desaparecido.

As pedrinhas estalaram sob meus pés quando cheguei à praia. Estava mais frio agora, e eu tremia em minhas roupas molhadas. Eu sabia que não devia confiar em tudo que meus olhos viam, mesmo quando estava acordada. Pesadelos não se restringiam às minhas horas de sono.

Mas não ouvi nada. Eu não cheirava nada. Então eu virei.

E me encontrei cara a cara com o ser vermelho-sangue.

Não tinha pálpebras, não tinha lábios. Toda a sua pele foi puxada para trás e pairou sobre mim, como uma aranha sobre uma mosca. Ele estendeu a mão com três dedos vermelhos longos e nodosos —

Eu engasguei, me levantando, ofegante enquanto olhava ao redor. Eu não estava na praia; na verdade, o lago não estava à vista. Nem o cais, nem a casa.

Eu estava no subsolo, em um túnel estreito e mal iluminado. A água pingava lentamente de cima, e o cheiro de

terra úmida e fungos pesava no meu nariz. Eu estava na mina.

Eu balancei minha cabeça, apertando meus olhos bem fechados. Não, não, não, isso era impossível.

— *Zimbros...*

O riso seguiu o sussurro, e eu abri meus olhos. A escuridão esperava por mim em qualquer direção, completamente impenetrável. Este foi apenas um sonho.

Apenas um sonho, nada mais. Eu devo ter desmaiado. Aquela criatura deve ter me deixado inconsciente.

Mas como? E porque? Eu nunca tinha visto nada parecido antes -

shup... shup... shup...

Olhei para o escuro. Alguma coisa estava vindo. Algo estava dando passos lentos e pesados pela lama. Eu não tinha armas. Eu não tinha luz.

— Acorde, — eu sussurrei baixinho, cravando minhas unhas em meu braço. — Vamos, Júnipero. Acordar. *Acorde.*

— *Não há... não... acordar...*

A voz sibilou no escuro. Era mais do que um sussurro ecoando agora, mais do que um mero sopro no vento. Tinha forma, tinha peso. Foi real. Foi *aqui*.

Nas profundezas da escuridão, uma forma estranha estava cambaleando em minha direção. Houve um som como algo viscoso deslizando sobre o chão molhado. Dei um passo para trás, e depois outro, com medo de correr para o escuro às minhas costas, mas com muito medo de permanecer aqui.

Espessos tentáculos cinzas saíam das sombras. Eles estavam se enrolando para fora da forma estranha, que estava

se transformando lentamente diante dos meus olhos. Encolheu e cresceu, brotando para fora e depois desmoronando em si mesmo, como se sua forma não fosse sólida. Dedos gelados envolveram meu coração, apertando, o frio doendo em minhas costelas.

— *Eu encontrei você, Juniper. Eu encontrei você finalmente.*

Comecei a hiperventilar. Eu não conseguia acordar. Por que diabos eu não estava acordando? Isso estava tudo na minha cabeça, eu tinha que me lembrar disso. Era tudo apenas na minha cabeça.

Os tentáculos estavam vindo mais rápido. Eles estavam quase nos meus tornozelos. A forma no escuro entrou na luz cinzenta fraca.

Era um humano, mas não era. Era um ser além da beleza, tão horivelmente requintado que uma forma física sozinha não poderia contê-lo. Era feito de luz e escuridão, carne e osso, um amálgama em constante mudança de ar e energia. Seus tentáculos eram tão longos que se enrolavam nas paredes da mina, enrolando-se em minha direção.

Globos oculares piscaram sobre cada centímetro de sua pele, e eles estavam todos olhando para mim.

Eu balancei minha cabeça lentamente. — Você não é real,

— eu sussurrei, as palavras tremendo entre meus lábios. —

Isto é um sonho. Apenas um sonho. Você não é real.

Quando o Deus falou novamente, foi com mil vozes todas em

uníssonos. Mil vozes, mal disfarçando mil gritos. — *Você acha que isso não é real e, no entanto, não sabe onde está.* — O

ser sorriu, Seus lábios puxando para trás de fileiras e mais

fileiras de dentes. Eu ainda estava recuando, mas não tinha ideia do que estava no escuro atrás de mim. — *Onde você está, Juniper? Onde está o seu corpo? Na floresta? Na sujeira? Na costa?* — Seu sorriso se alargou. — *Você está na água, Juniper?*

Você está se afogando?

Isto estava certo. Onde estava meu corpo? Onde diabos eu estava? Será que eu consegui voltar para a praia, ou... ou aquela criatura vermelha me arrastou para baixo?

E se eu não estivesse acordando porque eu... *não conseguia?*

O pânico tomou conta de mim. Eu tive que correr. Eu precisei -

Minhas costas bateram em uma parede de terra. Eu estava no fim do túnel. Eu não tinha para onde ir.

— Você não pode me levar, — eu sussurrei desesperadamente. — Minha alma não é sua. Nunca foi sua..

Os tentáculos se enrolaram em meus tornozelos e envolveram minhas pernas. O Deus recuou, Seu rosto meio na sombra, Seus numerosos olhos piscando para mim.

— *Eu não posso tomar sua alma... mas posso tomar sua mente.*

Os tentáculos estavam em volta do meu peito agora, apertando cada vez mais. Eu os agarrei, cravando minhas unhas em sua carne escorregadia e viscosa, mas eles não podiam ser movidos. Então eles estavam ao redor dos meus ombros... ao redor da minha garganta. Eles estavam apertando até que eu não conseguia respirar.

— *Você nunca deveria ter Me desafiado. Você se roubou de*

Mim. Mas eu terei o que é meu.

Os tentáculos enrolaram em volta do meu rosto. Eu apertei meus olhos fechados enquanto eles sondavam minhas pálpebras, minha boca. Eu não conseguia respirar - *eu não conseguia respirar -*

— Zimbrol!

Eu me debati, gritando, golpeando com meus punhos, chutando forte, lutando até que o choque da água fria fez meus olhos se abrirem. Eu estava agachada na praia, pedrinhas sob minhas mãos. Zane estava em cima de mim, olhos dourados estreitados em confusão enquanto ele me observava. Eu me levantei e me virei em círculos, olhando para todos os lugares, meu coração batendo em meus ouvidos.

— O que diabos aconteceu? — Sua voz era sombria, viciosa. O som disso me fez finalmente lembrar de respirar.

— Eu, uh... eu... — Minha voz falhou. Eu estava tremendo violentamente de frio. Eu não sabia o que dizer. Eu não sabia como eu poderia explicar isso. Finalmente, eu engasguei: — O

Deus me encontrou. Ele me encontrou.

Mesmo sabendo que ele acreditaria em mim, o medo ainda estava lá: o terror de ser ridicularizada, de saber que eu tinha imaginado tudo. Mesmo enquanto eu explicava o que eu tinha visto, as palavras saindo em uma enxurrada, eu estava me questionando. Será que eu me esforcei demais e desmaiei? Eu estava alucinando? Será que eu tinha visto a criatura vermelha?

Mas quando terminei de contar tudo, o rosto de Zane estava duro de preocupação.

— Era um Sentinela, — ele disse. — Eles são monstros parasitas, atraídos pelas presas de outras criaturas.

Eu fiz uma careta, tremendo novamente sob o cobertor sobre meus ombros. — Por que? O que diabos ele quer?

— Alimentar. Os observadores procuram a presa de criaturas maiores e mais perigosas. No Inferno, eles são conhecidos por seguir os Reapers para que possam se alimentar do medo de suas vítimas. É isso que a sustenta: o medo. Ajudará o que quer que esteja caçando você a aumentar seu medo, seu pânico. Por si só, há pouco que possa fazer para prejudicá-lo. Mas pode torná-lo vulnerável. Ele pode oprimi-la, distraí-la – é assim que ele caça.

Eu nunca tinha encontrado algo assim. A visão daqueles olhos arregalados e sem pálpebras olhando fixamente para mim não saía da

minha cabeça. Torceu meu estômago, queimou em minha mente.

— O que eu posso fazer? — Eu disse. — Como posso matá-lo?

— Eu não sei se você pode. — Zane esfregou a mão sobre a cabeça em pensamento. — A melhor coisa que você pode fazer, se você vê-lo novamente, é ignorá-lo. Finja que não está lá, não ceda ao medo.

Muito mais fácil dizer do que fazer. O medo era um fato da vida. Eu aprendi a operar apesar disso; apagá-lo inteiramente era impossível.

— Quando eu estava inconsciente, o Deus disse que me *encontrou*. — Mordi o lábio, mal ousando fazer a pergunta. —

Isso... isso significa que Ele sabe onde estou? Isso significa que pode... me levar?

Zane se aproximou de mim, me puxando para seu calor.

Eu me enrolei contra o seu lado, ainda tremendo, tentando aliviar meu pânico persistente.

— Quando o Libiri te cortou e te jogou no escuro, o Deus tem Sua influência profundamente em sua mente, — disse ele.

— Os demônios têm um poder semelhante: posso lhe dar a sensação de toques fantasmas ou criar a ilusão de que você está contida. — Aqueles dedos fantasmas traçaram ao longo do meu pescoço enquanto ele falava. Eu tinha me acostumado com aquele pequeno truque mental dele, embora ainda não entendesse como funcionava. — Deuses podem fazer isso também, mas é claro, seu poder geralmente é maior que o de um demônio. Eles podem criar sensações muito mais poderosas e assustadoras.

Eu não queria fechar meus olhos. Eu estava com medo de que se eu ousasse, mesmo que por um momento, eu me encontrasse de volta no escuro novamente, com aqueles tentáculos enrolando ao redor do meu corpo.

— É uma ilusão, Juniper, — Zane disse. — Eu sei que parece real, mas é apenas Deus empurrando Sua influência sobre sua mente e forçando você a sentir coisas que não existem. É por isso que Ele espera que você seja vulnerável, é por isso que Ele vem a você em seu sono. O Vigia tentará dar ao Deus mais oportunidades de chegar até você. Se isso pode causar pânico em você, se puder encontrar uma maneira de aterrorizá-la, ele o fará. Mas o Deus ainda está preso, Juniper.

Não pode chegar até você. Lembre-se disso: não importa o que Ela diga, não importa as coisas horríveis que Ela lhe mostre, o Deus não pode tocar em você.



34

Se eu tivesse que escolher uma coisa para fazer na Terra –
além de coletar almas mortais – eu escolheria festejar.

Não me entenda mal, uma festa na Terra nunca se compararia com o que acontecia no Inferno. Um mortal nem mesmo sobreviveria a uma festa do Inferno; se as substâncias recreativas não os matassem imediatamente, a pura exaustão o faria. O inferno poderia durar dias a fio, por *meses*, se a empresa fosse boa o suficiente.

Mas as festas humanas eram tão sérias, tão docemente desesperadas. O cheiro pungente de álcool, de suor, de mortais carentes com tesão, todos esperando a oportunidade de foder.

Os humanos também não conseguiam segurar a bebida por nada. Todos eles estariam tropeçando como crianças dentro de algumas horas, perdendo o controle de todas as emoções e funções corporais.

Isso foi fofo. Eles queriam tanto o estímulo, mas uma vez que o tinham, seus pequenos cérebros mortais não conseguiam lidar com isso.

Dizer que eu estava ansioso pela festa de Hadleigh era um eufemismo. Eu estava francamente em êxtase.

Juniper era uma pilha de nervos, mas eu transei bem com

ela e tomei uma dose de uísque nela, e ela se acalmou depois disso. Mas sua excitação permanecia em mãos trêmulas, dedos esfregando juntos, apertando, continuamente correndo por seu cabelo.

A Sentinela a assustou, e eu não a culpo. Pelos padrões demoníacos, eles geralmente eram criaturas inofensivas, independentemente de quão desagradáveis fossem ao olhar.

Mas Juniper era exatamente o tipo de ser que eles gostariam de caçar. Ela era corajosa como o inferno, mas bravura não significava que ela não estava com medo.

Ela vivia com um poço profundo e escuro de medo dentro dela, e era um equilíbrio precário que ela caminhava dia após dia para não cair nas profundezas.

Toda vez que eu encontrava algo que ajudava a acalmá-la, eu sentia como se tivesse ganhado uma maldita medalha.

Eu tinha sido honesto com ela: eu queria mais. Corpo e alma era diversão e jogos; mas ter sua mente, ter seu coração, isso era algo completamente diferente. Estava além da mortalidade, além das barganhas. Não eram apenas negócios.

Eu queria reivindicar seu sorriso, sua risada, o jeito que ela parecia quando ela suspirava depois de um longo dia e deitava a cabeça para trás, os olhos fechados. Eram coisas inexigíveis, coisas sem nome, coisas que não me trariam poder ou glória. Coisas como a tempestade que se alastrou nela, a energia nervosa em seus dedos longos, a maneira como ela mordeu o lábio em pensamento.

Os humanos procuravam satisfazer tantas necessidades diferentes em seus companheiros, enquanto os demônios

tomavam companheiros por uma questão de devoção e fascínio.

Juniper era irascível, egoísta, uma mulher de poucas palavras, teimosa, ansiosa, agressiva.

Eu queria tudo isso. Toda a sua bagunça, todas as suas arestas afiadas e pedaços fragmentados. Eu queria a nitidez.

Eu queria me cortar nela de novo e de novo. Eu queria mover suas peças até que todas fizessem sentido.

E ela precisava derrubar suas paredes. Ela precisava ser tão bagunçada

quanto quisesse sem medo de ficar sozinha.

— Por que eles fazem esses tutoriais tão rápido? — ela resmungou, pulando para trás quase um minuto no vídeo que ela estava assistindo em seu laptop. — É como uma daquelas coisas estúpidas de Como Desenhar: o primeiro passo é um círculo e o segundo é um desenho totalmente formado de um cavalo.

Eu ri e a deixei lutar com a maquiagem por mais alguns segundos. Nossas fantasias para a festa eram simples: ternos pretos justos, botas, gravatas-borboleta e caveiras pintadas em nossos rostos. Era sutil o suficiente para não atrair muita atenção, mas a pintura facial grossa faria o truque para manter a identidade de Juniper escondida. Os blazers tornavam mais fácil para ela esconder suas armas também, e ela vinha bem armada.

— Tudo bem, tudo bem, eu já vi você lutar o suficiente, — eu disse. — Sente sua bunda, eu vou fazer a maquiagem.

Ela me olhou com ceticismo. — Sério?

— Sim, realmente. — Fechei o laptop dela, cortando o vídeo. — Eu tive centenas de anos para fazer o que diabos eu quisesse. Você acha que em todo esse tempo eu nunca me tornei artística?

Ela se sentou na tampa do vaso sanitário para que eu pudesse pintar a tinta preta e branca em sua pele. Ela teve dificuldade em ficar quieta, então eu levei meu tempo para ter certeza que ela se contorcia.

— Eu vou bater em você se você continuar se mexendo.

— Você não vai, — disse ela, mas sua pele ficou mais quente. Eu sorri.

— Você vai chorar toda a maquiagem e eu vou ter que fazer de novo.

— Ah! Ah, você deseja...

— Feche sua boca. Preciso pintar o resto dos seus dentes.

Em vez de fechar a boca, ela estalou meus dedos. Eu não fiz ameaças inúteis, e ela pediu por isso, mas ela ainda lutou quando eu a puxei para cima e debaixo do meu braço.

— Foi uma boa ideia, Juniper? — Ela ainda não tinha se vestido e

estava apenas vestindo um short de ginástica apertado. O salto quando eu bati em sua bunda foi extremamente satisfatório.

— Eu faria isso de novo e realmente morderia você da próxima vez! — ela gritou, pisando em meus dedos, mas certamente não me fazendo mover. Mais alguns tapas e ela estava quente como o inferno, seu grito de raiva assumindo um tom ligeiramente mais alto de desejo. Apenas com ela devidamente necessitada eu a deixei ir, empurrando sua bunda de volta para o assento.

— Agora sente-se quieta. — Inclinei-me sobre ela, pincél na mão. — Ou eu vou encontrar uma maneira de puni-la que não a deixe com tesão.

Ela não parou de se contorcer. — Sim, boa sorte com isso.

— Eu vou encontrar alguma coisa, — eu disse. — Há algo lá fora que você odeia. Talvez um remo em vez da minha mão.

— Você só vai me excitar mais falando assim.

— Mm, talvez eu sufoque você em vez disso.

— Sufocar é apenas asfixia preguiçosa, e você sabe que eu gosto disso. Tente novamente.

— Agulhas.

Seus olhos se arregalaram enquanto eu movia o pincél ao longo de sua mandíbula. — O que?

Eu sorri. — Eu deveria ser mais específico: piercings. Vou colocar algumas agulhas nessa sua pele macia e ver se você ainda fica excitada.

Ela ficou muito quieta, sua mente girando. Sua excitação não tinha ido embora. Na verdade... — Droga, estou afim.

Eu ri. — Não soe tão zangado com isso. Eu não estou reclamando. E está pronto, então você pode se contorcer o quanto quiser.

— Droga, eu tenho uma cabeça fodida, — ela murmurou, levantando-se para examinar a pintura de seu rosto no espelho. Comecei no meu próximo, escondendo meu rosto atrás das camadas de tinta.

— Não fodido com um demônio, baby, — eu disse. —

Usamos piercings como marcas de lealdade e devoção. Quando pegamos um companheiro, vamos perfurá-lo para reivindicar

nossa reivindicação. É muito normal para o Inferno.

— Você está realmente me vendendo no inferno. — Ela me observou no espelho. A pintura marcante em seu rosto fez seus olhos castanhos parecerem ainda mais ricos. — Pessoalmente, estou ansiosa para experimentar uma dimensão totalmente nova. — Ela fez uma pausa. — É uma dimensão diferente?

— Uma realidade diferente. Mas há livros em nossas bibliotecas que explicam muito melhor do que eu.

Ela ficou ao meu lado por um momento. Escolhemos trajes sutis, mas não havia nada sutil em seu rosto, seu corpo.

Mesmo escondida atrás da pintura, sua beleza exigia apreciação.

Ela franziu a testa. — Por que você está sorrindo?

— Pensando em perfurar sua língua, — eu disse. — Você ficaria tão bem com meu metal em você. E foda-se, seria bom no meu pau.

Ela me empurrou. — Eu já deixei você cortar meu peito.

Você realmente quer me fazer sangrar de novo?

— Você me cortou também, — eu disse. — Então, estamos mesmo lá. — Não se passou um dia desde que ela gravou seu nome em meu peito que eu não me vi admirando a visão dele em cada superfície reflexiva que passei. Eu poderia ter deixado curar completamente, apagando-o da minha pele – mas como os piercings e as tatuagens, era uma parte de mim agora. —

Podemos falar sobre isso novamente depois que matarmos Kent. Dê-lhe algum tempo para pensar sobre isso.

— Veremos. Aprese-se, senhor artista. Temos uma festa para arrasar.

Ela bateu na minha bunda ao sair. Eu exalei pesadamente pela minha boca, balançando minha cabeça enquanto resisti à vontade de pegá-la para outra foda. Talvez ela pensasse que eu estava brincando, mas eu queria meu metal nela. Eu estaria perguntando a ela novamente.

A longa entrada pavimentada estava cheia quando chegamos à casa

dos Hadleigh. Carros estavam estacionados na grama ao longo da estrada, mas estacionamos ainda mais longe do que isso: ao longo de uma estrada de terra estreita a 800 metros da casa, onde o jipe de Juniper poderia ficar escondido entre as árvores.

Eu queria levar o NSX, mas ela insistiu: — Seu carro vai se destacar para eles. Limpo, caro – e não queremos a atenção deles. Sem grande entrada. Entramos em silêncio.

Eu *adorava* fazer uma entrada, então essa coisa — sutil—

não foi exatamente fácil. Ainda assim, foi fofo Juniper pensar que poderíamos entrar na festa sem chamar atenção.

Ela parecia gostosa pra caralho. Seu cabelo comprido estava puxado para trás em um rabo de cavalo alto, o terno se encaixava perfeitamente nela. Seu olhar frio e desinteressado não fez nada para dissuadir as pessoas de olhar para ela. Ao nos aproximarmos da casa, metade das pessoas por quem passamos olharam duas vezes.

Mas quando eles olharam para trás, eu me certifiquei de que eles me vissem primeiro. Eu me certifiquei de que eles *soubessem*.

Não toque.

A propriedade era cercada por um grande muro de pedra, mas o portão de ferro no final da entrada foi deixado aberto para que carros e foliões pudessem entrar. A casa era toda de vidro e aço, um design moderno em blocos, empoleirado acima de um gramado perfeitamente cuidado. Além do gramado, a maior parte da propriedade era composta por árvores: pinheiros altos e grossos que escondiam a casa entre seus galhos e lhe davam alguma privacidade.

— Porra, lá está ela. — Juniper parou abruptamente.

Segui seu olhar, esperando ver Victoria. Em vez disso, avistei uma mulher minúscula com cabelo preto curto, vestida com uma camisa laranja e suéter, rindo enquanto se agarrava ao braço de sua amiga e eles entravam na casa juntos.

— Raelynn, — eu disse suavemente.

— Eu não suponho que seu amiguinho, Leon, ainda tenha algum interesse em protegê-la, não é? — ela disse. — Claro que nos pouparia muitos problemas se ele estivesse de olho nela.

— Sim, eu não sei se podemos contar com isso esta noite.

— Eu tinha visto Leon dias atrás, mas era difícil fazê-lo revelar a merda mais básica, muito menos como ele se sentia sobre proteger o mortal pelo qual ele ficou obcecado. Ele tinha seus próprios problemas acontecendo, o tipo de problema que me preocupava que ele se metesse em uma situação ainda pior do que estava com Kent.

Leon não sabia quando deixar as coisas em paz. Por outro lado, muitas vezes ele não sabia quando *não* deixar as coisas em paz.

— Tudo bem. — Juniper respirou fundo, ajeitando sua

jaqueta pela décima vez. Deslizei meu braço ao redor de seus ombros, colocando-a contra o meu lado. Ela endureceu por um momento, antes de se inclinar para ele. — Vamos fazer isso.

— Toc, toc Hadleighs. — Eu sorri quando nos juntamos à multidão que se espremia lá dentro. — Tem um lobo na sua porta.



O cheiro de licor, suor e dezenas de fragrâncias artificiais pairava pesado na sala da frente. A multidão estava ao nosso redor, seus hormônios criando um coquetel pungente no ar, me dizendo quem estava excitado, quem estava com medo, quem estava com raiva. A música martelava através das paredes, graves pesados vibrando de um sistema de som do outro lado da sala. Maconha e tabaco flutuavam no ar, e senti o cheiro forte de cocaína. No canto, duas mulheres tomaram pílulas com shots de tequila. Eles me encararam do outro lado da sala, seus olhares pesados, suas intenções claras.

— Todo mundo fica olhando para você, — Juniper disse, seus braços cruzados enquanto ela olhava ao redor da multidão.

— Você tem algum problema com isso? — Dei a volta na frente dela, apoiando meu braço contra a parede ao lado dela.

— Se eu decidisse matar todos que olharam muito para você, eu já teria matado metade do grupo e estaria a caminho de destruir o resto.

Ela me deu um sorriso malicioso, o mesmo tipo de sorriso que ela me deu antes de gravar seu nome em meu peito. —

Sinceramente, eu gosto. É meio quente ver quantas pessoas não conseguem tirar os olhos de você.

Inclinei-me, roçando meus lábios contra seu pescoço. Ela prendeu a respiração e apertou a mão em volta do meu pulso.

— Eu gosto de vê-los olhando para *nós*. Qualquer um deles teria sorte se nos fodêssemos. Mas nós dois? Juntos?

Ela mal estava contendo seu sorriso quando me afastei para olhar para ela. — Nós absolutamente mataríamos uma orgia.

Eu ajustei uma sobrancelha. — Literalmente ou figurativamente?

— Depende da circunstância. — Ela usou aquela mão no meu pulso para inverter nossas posições, pressionando seu corpo contra o meu, minhas costas contra a parede. — Em outras circunstâncias, eu traria essas duas mulheres aqui e as colocaria de joelhos para *mim*. Talvez eu até as deixasse implorar por permissão para tocar em você.

— Maldita. Vai ser muito difícil esconder uma ereção agora, Juniper.

Ela deu uma risadinha sádica, me apalpando pelas calças.

— Calma aí, garoto demônio. Só há uma razão para estarmos aqui. Podemos foder mais tarde.

— Eu vou prendê-la a isso. Mas certo, certo. Cadelas assassinas, fodam-se... ou algo assim.

Ela me deu um olhar longo e exasperado. — É *foda-se vadias, ganhe dinheiro*, Zane.

— Certo, sim, foi o que eu disse.

Casais estavam se esfregando uns nos outros ao nosso redor, e as pessoas se reuniram em torno de várias mesas

oferecendo jogos de bebida na grande varanda que circundava a casa. A bancada da cozinha estava forrada com lanches, e o bar da ilha estava coberto com garrafas de licor de todos os tamanhos e cores.

Não havia sinal de Kent, e tive a sensação de que teríamos que esperar por uma oportunidade de fugir e encontrá-lo. Uma vez que o sol se pôs, e todos estavam bêbados demais para perceber, nós mudamos de lugar.

Inclinei-me para falar sobre o barulho: — Quer uma bebida?

Ela assentiu com a cabeça. — Deus, sim, por favor. Só não torne isso perigoso.

— Oh, eu sempre os deixo perigosos, baby.

Na cozinha, examinei as garrafas na bancada antes de escolher entre elas. A mulher ao meu lado continuou me olhando por cima de sua bebida, e quando eu olhei, ela balançou bêbada e me deu um sorriso confuso.

— Droga, Steph, você está parecendo bem como o inferno!

— Um homem se agarrou a ela, apertando sua bunda enquanto ela gritava. Eu não precisava ver seu rosto para saber que era Jeremiah — o cheiro por si só anunciava sua presença. Ele aproximou a boca do ouvido da garota bêbada, mas se certificou de que estava alto o suficiente para que todos ao seu redor ouvissem: — Estou tendo uma festinha particular no meu quarto, por que você não vai até lá?

Ela sorriu e cambaleou para longe quando comecei a agitar a bebida que tinha preparado. Alguns humanos também se consideravam caçadores; humanos como Jeremias. Mas eles

atacavam os fracos e vulneráveis. Eles não eram caçadores, eram aproveitadores: iscando, atraindo e *pegando* tudo o que podiam. Eles sabiam que eram indignos de suas presas, mas eles queriam isso de qualquer maneira.

Foi patético.

Jeremiah ainda estava inclinado lá, olhando para mim enquanto eu girava a coqueteleira na palma da minha mão. —

Você é um barman ou algo assim? Aposto que você recebe um monte de boceta, hein? Todos os bartenders que conheço pegam as vadias como loucas. — Ele estava despejando suco e vodka em um copo de plástico. Seu ombro continuou batendo no meu, e eu estava realmente tentado a tirar seu braço do encaixe. Ele estava bêbado e barulhento, cheio de arrogância e confiança infundida de álcool. — Mas há um truque nisso, sabe?

Olhei, porque ele levantou a palma da mão de tal forma que eu sabia que ele queria que eu visse alguma coisa.

O que eu vi foi uma pequena pílula branca – logo antes de ele colocá-la na coqueteleira e começar a usar um maçarico para esmagá-la entre as cerejas ao maraschino. Ele piscou para mim, serviu a bebida em um copo e saiu da cozinha.

Filho da puta.

Observei-o entrar na sala de estar e oferecer a bebida a uma mulher baixinha com cabelos pretos curtos e óculos grandes. Raelynn Lawson.

Eu servi minha bebida, observando enquanto ela pegava a xícara, sorria e bebia. Porra, onde estava Leon? Eu disse a ele para deixá-la ir, mas caramba, o bastardo teimoso nunca me

ouviu.

Rae continuou bebendo. Ela não teria a menor ideia do que estava acontecendo quando a pílula atingisse seu sistema, e algo me dizia que Jeremiah não estava fazendo isso apenas para convencê-la a participar de sua — festa particular. — Ele teria algo ainda mais sinistro em mente.

Encontrei Juniper encostada na parede oposta, examinando a multidão. Apertei o copo em suas mãos e disse:

— Temos um pequeno problema.

— Eu vi. — Seus olhos estavam fixos em Rae, que levantou a xícara aos lábios mais uma vez. Aquela garota estava bebendo sua própria morte e nem percebeu. — Por que ela beberia *qualquer coisa* que ele lhe desse? Temos que detê-la.

— Não posso exatamente arrastá-la para longe, — eu murmurei. Jeremiah tinha se afastado dela, mas ele estaria ganhando tempo, mantendo o controle de onde ela foi. Eu odiava fódidos patéticos

como ele.

O livre arbítrio era inerente à existência, era o único código moral ao qual os demônios atribuímos. Não poderíamos reivindicar uma alma a menos que o humano estivesse disposto. Não fizemos nada com mortais nem uns com os outros que não fosse desejado por todos os envolvidos. Forçar a própria vontade sobre o outro era considerado deplorável.

Nosso alvo esta noite era Kent, mas eu realmente queria que fosse Jeremiah.

— Nós temos que fazer com que ela venha até nós então,

— Juniper disse. Os olhos da garota piscaram em nossa

direção, como se ela pudesse nos sentir observando. Ela parecia um pouco louca demais para esconder seu interesse, e Juniper sorriu. — Eu tenho isso.

Juniper era natural. Eu a tinha visto flertar antes –

naqueles anos em que eu a perseguia, mantendo distância, eu tinha visto a rapidez com que ela podia usar seu charme para conseguir o que queria. Tinha sido minha própria tortura prazerosa auto-infligida, segui-la em clubes e vê-la dançar, ou levar um estranho aos banheiros para um encontro. Eu nunca fui de ciúmes – poucos demônios eram. Eu era possessivo, mas gostava de assistir.

A mulher menor ficou instantaneamente perturbada com a aproximação de Juniper, suas bochechas ficando rosadas quando Juniper se inclinou perto de sua orelha, sorrindo, e tocou levemente seu braço. Ambas olharam para mim, e eu peguei o controle remoto da televisão para que eu pudesse folhear as listas de músicas.

Elas estavam voltando, Juniper levando Rae pela mão. Os olhos de Rae se moveram sobre mim apreciativamente, mas foi Juniper quem capturou sua atenção. Quando a música que eu escolhi começou a tocar, Juniper moveu Rae entre nós dois, seus braços ao redor do pescoço da mulher menor, seus corpos próximos enquanto nós três dançamos. Minha mulher podia *se mover*. Seus quadris balançaram, seu corpo provocando perto de Rae enquanto Raelynn se aproximava de mim.

Juniper sussurrou no ouvido de Rae, baixinho demais para qualquer outra pessoa ouvir sobre a música: — Você precisa parar de beber

isso, querida.

Mas não beber não parecia ser o que estava na mente de Rae, porque ela tomou outro gole pesado. Os olhos de Juniper dispararam para os meus. Eu balancei a cabeça, e Juniper puxou Rae pela mão, enrolando-a no meio da multidão enquanto eu seguia logo atrás. Encontramos um banheiro na esquina e nos amontoamos lá dentro, e eu usei meu corpo para bloquear a porta enquanto Juniper movia uma Rae muito confusa para o banheiro.

— O que... o que você é...

— Eu disse para você parar de beber, — Juniper sibilou, segurando Raelynn pela nuca enquanto a garota olhava para ela com os olhos arregalados de confusão. Juniper arrancou o copo de suas mãos e o colocou ao lado da pia enquanto dizia:

— Desculpe, querida, é para o seu próprio bem.

Então ela colocou os dedos na garganta de Raelynn, e até eu estremeci quando a garota engasgou, vomitando no banheiro. Ela estava lutando, fracamente, mas Juniper foi facilmente capaz de mantê-la curvada, amordaçando-a novamente até que nada surgiu além de um fraco suspiro.

Juniper a soltou, e Raelynn afundou contra a parede, olhando entre nós com olhos arregalados e aterrorizados.

— O que - que porra - está errado com você? — ela engasgou, segurando sua garganta. Ela provavelmente ficaria dolorida por alguns dias; Juniper não tinha sido gentil.

Também tinha sido quente como o inferno ver minha garota sufocar outra até engasgar, e isso fez meu disfarce humano escorregar um pouco.

Juniper estava lavando a xícara na pia, enchendo-a com

água da torneira. — Você vai precisar ficar muito mais inteligente se quiser viver, Raelynn, — ela disse, balançando a cabeça. — Nunca, *nunca* consuma nada que Jeremiah Hadleigh lhe dê.

Rae tomou um gole da água que Juniper ofereceu, olhando para nós como se esperasse que a atacássemos novamente a qualquer momento. Precisávamos encerrar isso.

Se os Hadleigh nos vissem rondando sua próxima vítima, ficariam desconfiados, e tudo isso poderia ser arruinado. Rae estava realmente me encarando agora, e o reconhecimento se espalhou por seu rosto.

— Zane, — ela disse suavemente.

— Você demorou o suficiente para me reconhecer, — eu disse, fazendo beicinho. — Porra, Leon não estava mentindo sobre você ser uma tarefa árdua para se manter viva. Bebendo como se você não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

— Oi? — Sua voz falhou em alarme. — O que -

— Sua bebida foi drogada, querida. — Juníper suspirou.

— Os Hadleighs não pretendem que você deixe esta festa, deixe-me deixar isso perfeitamente claro. E eu tenho merda para fazer isso – continue bebendo essa água, coloque sua cabeça no lugar – eu preciso que você se recomponha e vá embora.

Enquanto Rae bebia sua água, parecendo totalmente confusa, de repente senti um cheiro familiar. Leon finalmente decidiu aparecer. A garota dele já estaria desmaiada se não tivéssemos intervindo. Mas Leon foi feito para matar coisas; ele teria dificuldade em manter viva uma pedra de estimação,

muito menos uma mulher que parecia determinada a se jogar em perigo.

Ele estava se aproximando, e rapidamente. Ele estava procurando por ela. Melhor não mantê-los separados.

Como se algo nela o sentisse, Rae olhou para mim de repente e disse: — Leon está aqui?

— Ele está por perto, — eu disse, e cutuquei o braço de Juniper. — Não te observando de perto o suficiente, isso é certo. — Baixei a voz, inclinando-me para que Juniper pudesse ouvir, e disse: — Precisamos começar a nos mover. Leon está aqui. Ele está procurando por ela.

Seus olhos travaram nos meus, duros e instantaneamente com raiva. Eu realmente esperava poder continuar mantendo ela e Leon separados, mas parecia que não era mais uma opção: Leon estava do lado de fora da porta.

Oh, isso ia ser *tão* divertido.

Juniper se inclinou e agarrou o braço de Rae, puxando-a para ficar de pé. — Olha, nós vamos chamar para você um Uber e você vai para casa. Ou dê o fora da cidade, de preferência. Eu não estou prestes a ter tudo arruinado porque o próximo sacrifício dos Hadleighs está pronta para simplesmente se deitar no altar.

Juniper não sabia que Leon estava perto. Talvez eu devesse tê-la avisado. Mas ela acenou para mim, e eu abri a porta – apenas para ver pura raiva cair sobre seu rosto pintado.



36

Eu o conheci instantaneamente. Seu rosto estava coberto com uma máscara de esqui preta, mas isso não importava. Eu não esqueci. Eu não conseguia esquecer.

Leon. O monstro na floresta. Aquele que me perseguiu no escuro. Uma parte viva dos meus pesadelos.

Raelynn correu para ele, jogando os braços firmemente ao redor de seu pescoço e se aproximando. Eu não a conhecia, mas era como ver uma criança chegar muito perto de um incêndio: foi instintivo arrancá-la. Eu queria empurrá-la de volta, eu queria gritar que ele era perigoso. Quem poderia querer estar perto de um monstro assim?

Mas Zane era um monstro também. Eu tinha visto um monstro na primeira noite em que o conheci, e na primeira vez que o fodi, e quando deixei que ele me cortasse. Por mais que eu odiasse, as palavras de Zane para mim sobre Leon não foram esquecidas: *convocado pela força – contra sua vontade –*

nunca teve escolha.

— E aqui eu pensei que você tinha me esquecido, boneca,

— disse Leon, envolvendo o braço em volta dela e puxando-a de volta, protetoramente, contra seu lado. — Foi um show bonitinho que você fez entre esses dois, mas me deu a

sensação de que você esqueceu a quem você pertence. — Ele deu a Zane um olhar pesado, e eu não podia ter certeza se era raiva ou gratidão relutante. Independentemente disso, fez Zane rir e balançar a cabeça.

— Talvez se você tivesse prestado um pouco mais de atenção, não teria sido necessário, — eu rebati. Zane afirmou que Leon estava — obcecado — por essa garota, que ele havia desafiado seu mestre por ela — mas ele a deixou ir direto para as garras dos Hadleighs.

O olhar de Leon se concentrou em mim. Seus olhos eram da mesma cor que os de Zane, mas eram diferentes de uma forma que eu não conseguia colocar em palavras. Eles carregavam uma frieza, um ódio mortalmente suspeito. —

Juniper Kynes... tão crescida agora.

Nunca pensei que ficaria ali de frente para ele sem uma arma nas mãos. Eu também nunca pensei que olharia para ele e sentiria algo além de ódio e medo. Mas o monstro que me perseguiu no escuro tinha um nome e uma história agora. Ele tinha dor, ele tinha medo, ele tinha... ele tinha o que quer que o fizesse segurar Raelynn daquele jeito.

Mas

as

memórias

estavam

se

intrometendo,

espontaneamente, forçando-se a aparecer na minha mente. *A floresta. A dor em meus pulmões. Meus pés ardendo com cortes de correr descalço no escuro. Aqueles olhos me rastreando, me observando, me caçando...*

— Eu não sou mais uma garotinha assustada, — eu disse.

— Estou muito melhor armada do que aos quinze anos.

Leon olhou cautelosamente pelo corredor, seus olhos se

estreitando ligeiramente. Zane cutucou um pouco mais perto de mim, seu toque uma pequena garantia no meu redemoinho de ansiedade. Quando Leon olhou para trás, ele estava sorrindo. — Que bom que você se lembra de mim. Segure essa raiva. Isso te mantém forte.

A raiva cobriu minha visão. Era meio raiva, meio pânico, e eu mal sabia o que estava fazendo. Saquei a faca de debaixo da minha jaqueta e a pressionei contra a boca espertinha de Leon, agarrando sua jaqueta com a mão livre. Zane murmurou algo, mas eu não me importei com o que diabos ele tinha a dizer.

Eu queria usar aquela lâmina para esculpir o rosto de Leon. Eu queria arrancar aqueles olhos horríveis e brilhantes.

Rae estava olhando para mim como se ela estivesse prestes a começar a balançar, mas eu ficaria feliz em derrubá-la também.

Mas assim que eu fiz isso, eu sabia que estava errada.

Esses dois não eram meus inimigos. Nem mesmo Leon, apesar de todo o ódio que eu tinha por ele.

— Você tem sorte que Zane tem alguma afeição por você.

— Eu apertei meu aperto em sua jaqueta, a lâmina pressionada com força contra seus lábios. — Porque você foi a primeira na minha lista.

Minha mente lógica estava me dizendo para parar. Mas a parte assustada de mim, a parte escura, estava batendo no meu coração, apertando meus pulmões, torcendo meu estômago.

Leon estava parado lá como se eu tivesse oferecido para levá-lo para uma bebida, legal como um pepino, um brilho em

seus olhos que era malditamente enervante. — Calma garota,

— ele falou lentamente. — Não me ameace com diversão.

Ele separou os lábios e passou a língua bifurcada ao longo da minha lâmina. Seu sangue brotou, pingou sobre seus lábios e manchou seus dentes. Ele deu um passo para trás, sorrindo amplamente com Rae ainda debaixo do braço.

— Aproveite a festa, — disse ele. Ele piscou enquanto se virava, levando Rae de volta para as partes silenciosas da casa.

Eu assisti eles irem, tremendo enquanto a adrenalina deixava meu sistema.

Zane deslizou o braço em volta da minha cintura. Ele me conduziu sem uma palavra, e eu permiti. Havia uma porta de vidro que ele abriu, que dava para um jardim escondido contra a casa. Caminhos de cascalho serpenteavam entre as sebes aparadas, roseiras e arcos de trepadeiras floridas, todos plantados em torno de uma cerejeira alta e extensa.

Não havia mais ninguém lá fora. Os sons da festa foram silenciados, substituídos pelo gotejar de uma fonte próxima e o vento se movendo entre os pinheiros.

— Eu odeio me sentir fora de controle, — eu murmurei. —

Eu odeio isso. Esse sentimento toma conta e nada faz sentido.

É como se tudo ficasse escuro e os alarmes disparassem e...

Fiquei imóvel, minha respiração estava fria e pesada em meus pulmões. Lá, atrás de Zane, agachado entre as sebes, estava aquele terrível rosto vermelho-sangue e olhos arregalados.

Eu engoli em seco. Os olhos da criatura estavam fixos em mim, seus dedos longos batendo em seus joelhos ossudos

enquanto ela se agachava nas sombras. Seu corpo estava vermelho porque estava *esfolado* - a coisa não tinha pele, apenas uma rede rosa-avermelhada de veias membranadas.

O pânico em mim estava prestes a explodir. Minha cabeça estava leve, meus músculos tão tensos que doíam. Eu não podia deixar isso acontecer agora. Aqui não. Mas eu não conseguia desviar o olhar, e quanto mais eu olhava, mais rápido a escuridão se fechava, como um túnel encolhendo ao redor dos meus olhos.

— O Sentinela — eu sussurrei. Tudo que eu podia ver eram aqueles olhos sem pálpebras. Tudo o que eu podia sentir era um pavor frio e doentio. — Está aqui. É... é...

De repente, os braços de Zane estavam ao meu redor.

Estava quente contra seu peito. Eu podia sentir o cheiro dele com cada respiração que eu dava. Seu queixo descansou em cima da minha cabeça, me aconchegando ainda mais. Meu coração parecia que ia bater nas minhas costelas, e meus braços estavam cruzados sobre o peito como se para protegê-lo.

O Sentinela estava lá atrás, esperando, mas sem seus olhos fixos em mim, a leveza na minha cabeça começou a diminuir.

— Ele quer sua atenção, — Zane disse suavemente. — Não dê o que ele quer.

Não ousei fechar os olhos, com medo de abri-los e me encontrar em outro lugar, preso em um pesadelo. Mas como o silêncio se estendeu e Zane continuou me segurando, eu fui capaz de tomar uma respiração longa e lenta.

— Estou quebrada — eu disse suavemente. — Estou fodida. É como se eu só estivesse piorando.

Sua voz retumbou em seu peito enquanto ele falava. — Eu te segui por anos, Juniper. Eu vi todos os seus pedaços quebrados. Eu vi a nitidez. Era como vidro estilhaçado toda vez que eu olhava para você. — Sua mão se moveu para cima, dobrada contra meu pescoço e seu polegar empurrou meu queixo. — Você já viu vidro quebrado pegar a luz? Você já o viu refletir cores que um painel perfeito e intocado nunca faria?

Como ela brilha tão forte quanto o sol?

Eu não fiz nenhum som, mas as lágrimas rolaram pelo meu rosto antes que eu pudesse detê-las. Eu ia arruinar minha pintura facial se continuasse assim. Eu odiava chorar na frente de qualquer um; Eu sempre odiei. Mas em vez disso, naquele momento, parecia mais um alívio.

— Eu não acho que você precise ser consertada, Juniper.

Eu acho que você precisa pegar sua luz.

Baixei o rosto, pressionando-o contra seu peito, onde ele não podia me ver. Os pensamentos autodepreciativos me cutucavam, ecos de *Pare de chorar, você é fraca, você é patética, pare*. Mas seus braços, ainda imóveis, os seguravam como uma parede que eu não precisava construir. Suas palavras foram um chamado para as mentiras que giravam na minha cabeça.

Ele era um demônio que tinha tudo o que deveria querer de mim. Ele não tinha nenhuma razão para dizer isso, a menos que ele quisesse dizer isso. Era uma gentileza que meu cérebro não conseguia torcer. E se eu não podia torcer, eu tinha que aceitar.

Eu tinha que acreditar.

— Eu... sinto muito. — Eu só consegui em um sussurro,
mas ainda consegui.

— Porquê?

— Ele é seu amigo, — eu disse. — Entendo. Eu sei... —

Suspirei pesadamente. Eu odiava palavras. Eu odiava tentar colocar as coisas confusas que eu sentia em linguagem simples. Eu odiava tentar ser compreendido, odiava tanto que desisti disso por anos.

De alguma forma, Zane conseguiu mudar isso. Ele me fez querer tentar, mesmo quando era difícil.

Zane sorriu gentilmente. — Não se desculpe. Ele não estava com medo de você, e eu não estava preocupado com ele.

Eu estava muito mais preocupado que a pequena Raelynn fosse tentar lutar com você, e isso teria sido uma verdadeira bagunça. Como um chihuahua lutando contra um doberman.

Eu ri. — Oh foda-se, isso teria sido uma droga. Quero dizer, ela não teria vencido.

— Sem chance. Mas você sabe que Leon não deixaria você bater no brinquedo dele.

Eu balancei minha cabeça. — Não. Provavelmente não. Eu lutaria com ele também.

Eu não tinha certeza de quantos minutos se passaram.

Parei de contá-los, parando os relógios eternamente tiquetaqueando na minha cabeça. Não era sobre Leon, não realmente. Não era nem sobre o Sentinela, que se retirou de vista. Foi a falta de controle. Era o medo de abandonar o próprio medo. O medo sempre me manteve, o ódio me manteve.

Deixar isso para lá, mesmo que um pouco, foi como dismantelar meu

próprio abrigo.

Mas meu abrigo estava caindo ao meu redor, era tanto um perigo quanto uma defesa. Talvez fosse bom desmontá-lo se houvesse outro abrigo lá, algo melhor, algo mais seguro. Algo com um pouco de luz que eu pudesse pegar.

Estranho que a luz do Inferno pudesse brilhar tanto.

Mesmo com uma luz ao meu lado, esperei na escuridão, por algo mais escuro ainda. A festa continuou noite adentro.

Nós não voltamos para a casa, mas em vez disso, ficamos no jardim e quando muitas pessoas começaram a sair, nós vagamos de volta para as árvores. Mantivemos um olho na casa à distância, observando através das enormes janelas de vidro.

— Talvez ele não esteja aqui, — Zane disse, mas eu balancei minha cabeça. Assistir a festa do lado de fora era como assistir a um relógio bizarro, todos os personagens passando

por

seus

movimentos,

batidas

profundas

substituindo o carrilhão do relógio. Beba, dance, ria. Sorrisos perfeitos e posturas cada vez mais desleixadas.

— Se eles pretendiam levar Rae esta noite, Kent estará aqui, — eu disse. — Ele está aqui em algum lugar.

Mas com o passar do tempo, comecei a ter minhas dúvidas.

Já passava da meia-noite, e a noite havia esfriado.

Algumas das multidões dentro da casa se dispersaram, mas as que permaneceram foram destruídas como o inferno. Eu podia ouvir alguém vomitando perto da frente da casa e ajustei minha arma para descansar um pouco mais confortavelmente no meu joelho. Olhei para Zane, mas ele não estava mais

vigiando a casa.

Ele estava olhando para trás de nós, para as árvores.

— O que é isso? — Eu segui seu olhar, tentando distinguir qualquer coisa no escuro.

— Provavelmente nada, — disse ele, mas seus olhos se estreitaram. — Eu pensei que cheirava... — Ele balançou a cabeça. — Não importa. Não há nada lá atrás.

Eu estava prestes a insistir que ele me dissesse o que diabos ele achava que tinha visto, mas um movimento repentino de volta para a casa chamou minha atenção. Eu levantei minha arma, observando enquanto duas figuras escalavam o parapeito no convés. Um pequeno foi abaixado primeiro, antes que o outro saltasse, agarrou sua mão e correu com ela para as árvores.

— Leon, — Zane disse, olhando atrás de mim.

— E Rae, — eu sussurrei. — Do que eles estão fugindo?

Minutos se passaram enquanto eu observava o convés.

Então a porta se abriu novamente e uma figura familiar atravessou o convés. Eles vieram direto para a grade, olhando para a escuridão.

Era Kent Hadleigh, vestido com um terno cinza. Ele deu uma baforada lentamente em seu charuto enquanto seus olhos examinavam as árvores, sua outra mão ao seu lado segurando uma pistola. Minha visão encolheu, todo o resto desaparecendo em segundo plano. Ele estava tão malditamente perto. Eu poderia fazer o tiro daqui.

Zane bateu no meu braço, bem quando eu estava prestes a levantar a arma. — Espera. Ainda não.

Kent desceu a escada do convés, a fumaça de seu charuto atrás dele. Eu senti o cheiro dele, tabaco rico e baunilha quando ele passou perto de nosso esconderijo nas árvores. Ele parou bem na linha das árvores e estalou a língua como se estivesse desapontado.

Cada centímetro de mim estava tenso, meus nervos formigando. A excitação correndo por mim era quase demais para conter, uma euforia que continuava subindo. Era isso. Ele estava aqui, exatamente como Everly disse que estaria. Ele estava a poucos metros de distância.

Esta noite, Kent Hadleigh ia morrer.

Zane olhou para mim, dentes afiados brilhando em seu rosto pintado.
— Devemos?

Eu balancei a cabeça. — Chame a atenção dele. Eu vou derrubá-lo.

Zane se moveu rapidamente, desaparecendo ao meu lado.

Fiquei abaixada, esperando até que a atenção de Kent fosse desviada. Eu podia ver seu rosto de onde eu estava agachada, mesmo que estivesse na sombra. Ele parecia mais velho, cansado. Seu cabelo estava inteiramente grisalho, ao invés de salpicado com ele como tinha sido... naquela época. Eu entendia por que as pessoas confiavam nele – eu entendia por que *eu* tinha confiado. Sua voz podia soar gentil, ele podia ser generoso. Ele podia olhar para seus filhos com carinho, ele podia dizer todas as palavras certas.

Era tudo uma mentira.

Ele era um homem que faria qualquer coisa para conseguir o que queria. Ele era um homem que via a crueldade

e o sofrimento como caminhos para a glória. Ele olhou para seus próprios filhos e viu sacrifícios a serem feitos.

Olhei para ele e vi carne morta.

Ele sorriu e começou a assobiar enquanto se afastava das árvores. Mas ele não deu mais do que alguns passos antes de notar Zane. Kent parou e, do meu ângulo atual, pude ver um lampejo de confusão em seu rosto antes que a calma fria e calculada se estabelecesse novamente. Ele levou o charuto aos lábios e deu uma tragada lenta, mas não perdi o leve tremor em sua mão.

— Boa noite, Sr. Hadleigh, — Zane disse, sua voz baixa para aquele profundo tom de barítono que nunca deixava de fazer minhas entranhas estremecer. — Adorável noite, não é?

Kent tirou o charuto da boca, batendo as cinzas na grama.

— Quem é Você? — Sua voz não traiu nenhum medo. Deus, eu queria que ele tremesse. Eu queria que ele sentisse seu estômago revirar. Eu queria que ele sentisse o que eu senti.

Ele iria. Em breve, ele iria.

— Um amigo de um amigo, — Zane disse, ainda sorrindo.

Ele não estava tentando esconder o que ele era: ele era todo olhos dourados e dentes afiados, ainda mais enervante com seu rosto pintado. — Por que não damos uma pequena caminhada, Sr. Hadleigh? Há alguém que está ansioso para vê-lo novamente.

Os olhos de Kent se estreitaram e sua cabeça virou para trás em direção às árvores. Ele não podia me ver onde eu estava escondida nas sombras, mas seus olhos se moveram sobre mim por um momento e enviaram um calafrio pelas

minhas costas. Eu tinha que ser paciente. Ele estava muito perto da casa.

— Você não pode me tocar, demônio, — ele disse. — E eu não tenho nenhum negócio com você.

— Eu não preciso tocar em você, — Zane disse. — Porque você vai se virar e começar a caminhar por vontade própria de volta para aquelas árvores.

— E se eu não fizer? — A voz de Kent era afiada. Eu poderia ter tomado isso como irritação descuidada se eu não tivesse visto sua mão tremer novamente.

Zane inclinou a cabeça. — Você realmente quer descobrir?

Eu armei a arma, e todo o corpo de Kent se contorceu. Ele conhecia aquele som, não havia dúvida.

— Que amuleto inteligente você está usando no pescoço, Sr. Hadleigh, — Zane disse. — Diga-me, seus filhos também os têm? A sua esposa? Com que rapidez você pode voltar para casa? — Ele deu um passo mais perto, e Kent recuou.

— Você é algum amigo de Leon, não é? — ele disse e deu outro passo instável para trás, em direção às árvores. — Você veio aqui para se vingar dessa cobra?

O sorriso de Zane se alargou. — Ah, isso faz parte. Você fez muitos inimigos, Kent. — Ele deu outro passo para frente, e Kent deu outro passo para trás. Ele estava quase sob as árvores agora. — Você causou uma dor irreparável. Agora, acredite em mim, eu amo ver caos e destruição. — Outro passo. Kent estava sob as árvores. Comecei a me aproximar. —

Adoro causar um pouco disso sozinho. Mas há uma grande diferença entre você e eu, Kent.

— Você é um demônio, — Kent retrucou. — Toda a sua existência deve ser dobrada à vontade de seu mestre—

— Aqui está a diferença, Hadleigh. — O rosto de Zane ficou magro, e não era apenas a maquiagem na penumbra. Ele parecia realmente assustador. — Você prejudica aqueles que são fracos e vulneráveis. Você vai atrás de crianças. Você ataca aqueles que confiam em você. Você transforma sua própria prole em monstrinhos vis. Você rouba a liberdade. Você *força* os outros a se curvarem à sua vontade sob ameaças de dor e violência.

Eu estava logo atrás de Kent agora. Eu levantei a arma.

Ele estava muito fixado em Zane para notar.

— Você é um covarde, Kent Hadleigh, — Zane rosnou. — E esta noite, você vai morrer a morte de um covarde.

Baixei a arma, batendo a coronha contra a parte de trás de sua cabeça. Kent grunhiu, seus joelhos dobraram e ele caiu na grama. Eu o empurrei apressadamente, apalpei seu pescoço e encontrei um amuleto de metal em uma corrente. Era esculpida na forma de uma espada cruzada com uma varinha, a superfície manchada como prata suja.

— Oh, isso é uma coisa vil, — Zane murmurou, enquanto eu o arrancava do pescoço de Kent.

Eu levantei o amuleto curiosamente. Não parecia particularmente especial, apenas velho. Mas quando eu o peguei em meus dedos, descobri que a superfície estava incrivelmente fria. — Isso realmente o protegeria de você?

— É muito mais poderoso do que parece, — Zane disse, fazendo uma careta de desgosto. — Quanto mais próximo um



demônio está dele, mais ele esgota sua força.

— Vou mantê-lo longe de você, então. — Rapidamente, cavei um pequeno buraco na terra, joguei o amuleto dentro e o cobri. Eu tinha que me lembrar de voltar para buscá-lo mais tarde, mas eu não ia ter aquela coisa perto de Zane.

O demônio chutou Kent curiosamente, franzindo a testa.

— Você não o atingiu com força suficiente. Ele não está morto.

— Essa é a questão. — Eu me levantei, com a adrenalina correndo em minhas veias. Fui tomada por uma fome que não podia explicar, um desejo como nada mais. — Carregue-o. Eu vi um galpão de jardim atrás das árvores. Vamos levá-lo até lá.

37

Kent gemeu quando começou a se mexer. Eu bati a cabeça dele com força suficiente para quebrar a pele, então seu cabelo grisalho estava manchado de vermelho. Não havia muita coisa no velho galpão: uma lâmpada nua pendia do teto como nossa única luz. Algumas ferramentas de jardinagem de metal enferrujadas estavam penduradas nas paredes, e havia uma velha prateleira coberta com potes e sacos de fertilizante. Era distante da casa, e com a música alta da festa, ninguém podia ouvir se alguém gritava aqui.

Ninguém ouviria se alguém gritasse.

Kent se mexeu, e seus ombros enrijeceram quando percebeu que suas mãos estavam amarradas. Ele piscou rapidamente quando seus olhos se abriram, e eu me perguntei o que ele percebeu primeiro.

Reconheceu o chão de pedra, reconheceu as paredes o suficiente para saber onde estava? Ou este era um lugar que ele nunca se preocupou em olhar para dentro, um lugar muito abaixo dele? O que ele pensou quando viu minhas botas na frente dele? O que ele sentiu, enquanto lentamente levantou a cabeça e encontrou meus olhos – uma mulher esquelética em um terno escuro – olhando para ele?

Ele olhou por um longo momento, as rugas ao redor de seus olhos e sua testa se aprofundando. — Quem é Você?

Zane estava andando atrás de mim, como um cão raivoso, ansioso para morder. A sede de sangue era contagiosa entre nós. Quanto mais minha excitação crescia, mais ele andava de um lado para o outro, abrindo e fechando os dedos.

— Você sabe quem eu sou, Kent. — Eu disse de volta.

Lembrei-me, mas fiz isso com intenção, com minha própria vontade. Suavizei minha voz e disse: — Por favor. Não. O Deus não é real. É apenas uma velha história.

O reconhecimento atingiu seu rosto. — Juniper Kynes.

Querido Deus...

— Faz muito tempo. — Eu me agachei, os braços descansando em minhas coxas enquanto eu olhava para ele cara a cara. De perto, sua idade era ainda mais evidente. Ele escondeu bem, mas estava enfraquecendo. O monstro em meus pesadelos, o rosto que eu via olhando para mim com uma alegria sádica – era agora um velho amarrado aos meus pés.

Foi a maior euforia que eu poderia sentir.

— Você está com saudades de mim? — Eu disse. — Você me procurou. Você se esforçou *tanto* para me levar. — Inclinei-me mais perto quando seus olhos se arregalaram em trepidação. — Mas eu fui seu maior fracasso, Kent.

Eu levantei minha mão, minha faca apertada nela. A lâmina o atingiu no rosto e, a princípio, ele não pareceu perceber o que havia acontecido. Ele piscou rapidamente, olhando para mim confuso, e então o corte em sua bochecha, em seus lábios, começou a sangrar.

— Deus, — ele sussurrou, sua voz estremecendo. —

Querido Deus misericordioso...

— Que Deus você está chamando, Kent? — eu assobieei. —

Certamente não o Profundo. Você acha que aquele monstro nas minas é misericordioso? Você acha que ele se importa? Eu ouvi Isto, Kent. Eu ouvi isso por *anos*, sua voz na minha cabeça. Eu O vi em meus pesadelos. Seu Deus anseia por dor e sofrimento.

Seu Deus se *deleitaria* com isso. Mas você já sabe isso. Você sabe o que Ele quer. É por isso que você fez isso comigo. —

Tirei minha jaqueta e abri minha camisa com tanta força que os botões saltaram. Na penumbra, as cicatrizes profundas e irregulares no meu peito pareciam ainda piores. As sombras se instalaram nelas, e nem mesmo as tatuagens, nem mesmo a marca de Zane, poderiam escondê-las. — Você se lembra, Kent? Eu gritei. Eu implorei a você. Eu era uma *criança*.

— Eu tive que fazer, — ele choramingou, e Zane rosnou viciosamente atrás de mim. — Eu tive que fazer isso, Juniper.

Você não entende. Você não sabe o que é servir ao Profundo, nós – nós fazemos apenas – fazemos apenas como somos *ordenados* – Eu cortei novamente, e desta vez, ele sentiu a dor e gritou.

Sua outra bochecha se abriu, o sangue escorrendo pelo rosto.

Ele engasgou, estremeceu, tentando cuspir o sangue derramando sobre seus lábios.

— Você deveria se sentir honrado, — eu disse. — Você vai ser um mártir. Você vai morrer pelo seu Deus.

Ele começou a balançar a cabeça freneticamente, sua respiração ofegante. — Não... não, não, não, Juniper, você não entende. *Você não entende*. Estou fazendo apenas o que devo –

apenas – apenas o que nos pediram para fazer. O seu sofrimento... deveria... deveria ter sido lindo...

Eu arregalei meus olhos. — *Ah*, entendo. O sofrimento é lindo. — Eu balancei a cabeça lentamente e dei um passo para trás. — Zane, o sofrimento é bonito?

Olhei de volta para ele. Seus olhos estavam fixados em Kent, íris douradas cercadas de preto. Seus olhos pareciam ficar mais escuros a cada dia que passava. — Ah, sim, — disse ele. — O sofrimento é lindo; é requintado. O sofrimento é uma dor luxuosa. — Seus olhos dispararam para mim. O pequeno jardim parecia pequeno demais para conter sua energia, como se ele pudesse explodir, destruindo tudo. — Devo demonstrar?

— Por favor, faça.

Meu demônio se moveu, e foi realmente lindo. Os gritos, os ossos quebrando, a carne rasgando. Não era tão diferente de matar um cervo, na verdade. Mesmo no momento, com a pressa de tudo, me assustou o quão entorpecida eu me senti

com o que vi. Não parecia que eu estava vendo um ser humano com dor.

Este era apenas um dos monstros dos meus pesadelos, gritando em derrota.

O cheiro de ferro pairava pesado no ar. Sangue espirrou na parede de pedra, e os gritos chegaram a tal ponto que nem soavam mais humanos. Era o grito de um animal, miserável em sua primalidade, pateticamente desesperado, perfeitamente agonizante.

Bonito.

— Pare.

Zane parou, imediatamente, a perna de Kent agarrada em suas mãos. O homem estava chorando, o ombro arrancado da órbita, a outra perna quebrada no tornozelo, o osso saindo pela pele. — Oh, vamos lá, — Zane disse, olhando para mim com olhos famintos. — Deixe-me quebrar o fêmur.

Suspirei. — Como posso dizer não a esse rosto? Continue.

Kent tentou gritar - o som de seu próprio osso quebrando o interrompeu. Ele pareceu engasgar, os sons que emergiram de sua garganta pouco mais do que gritos distorcidos antes que ele vomitasse em cima de si mesmo.

— Ugh, vamos, Kent, — eu disse, enquanto Zane se levantava, lambendo as manchas de sangue de seus lábios. —

Pelo menos tente manter alguma dignidade.

— Por favor, — a voz do homem tremeu, choramingando.

— Por favor, por favor, apenas - apenas me mate... apenas me mate -

— O sofrimento é lindo, Kent! — Abaixei-me, agarrando

sua mandíbula para que ele fosse forçado a virar seu rosto avermelhado, sangrento e manchado de lágrimas e vômitos para o meu. Eu ri. — Você não vê, Kent? Você não entende?

Sofra pelo seu Deus!

Eu esperei tanto por isso. Eu esperei tanto tempo. Cada centímetro de mim estava formigando; Eu me senti tonto. Toda longa noite eu ficava acordada, tremendo de frio, não ousando baixar a guarda nem por um momento porque eu sabia que os monstros iriam se aproximar - eles me levaram a isso. Todos os dias, quando eu andava até meus pés sangrarem, sem comida, sem ter para onde ir – eles me levaram a isso. Cada memória intrusiva, cada vez que eu me enrolei tremendo, cada vez que olhei no espelho e chorei com a feiura que ele esculpiu em mim

- isso me levou a isso.

Eu bati meu pé na perna ferida de Kent, provocando um grito que fez Zane rir. Kent Hadleigh pegou uma criança e a transformou em um monstro. E eu não tinha dúvidas agora: eu *era* um monstro, tanto quanto Zane, tanto quanto Leon. Eu era toda bordas irregulares e pedaços quebrados, raspados em algo afiado e feio.

Zane pegou meu pulso e o beijou. Ele beijou minha palma, sangrando seus lábios, e então passou a língua pela minha pele, seus halteres me acariciando.

— É tão bom ver você sorrir, — disse ele, olhando para mim enquanto lambia os lábios. — É muito sexy.

Eu me aproximei dele. Todos os meus sentidos estavam aguçados, cada nervo em chamas. Eu estava faminta – faminta por ele, pelo quão quente e duro seu corpo estava enquanto eu

corria minhas mãos sobre seu peito e em volta de seu pescoço.

Tracei meus dedos sobre seus lábios, sobre os anéis de prata de seus

piercings, e ele pegou meu dedo em sua boca e chupou, sua língua se movendo ao meu redor tão deliciosamente que eu gemi.

— Você está duro, — eu disse, sorrindo para ele enquanto ele estalava meu dedo de sua boca. Kent, gemendo fracamente no chão, só tinha que assistir. Ele tinha que me ver sorrir, me ver me sentir bem, me ver *ao vivo*.

Eu esperava que isso o matasse de uma maneira que a morte física nunca poderia.

Zane parecia realmente monstruoso na penumbra, com seu rosto pintado salpicado de sangue e seus dentes manchados com isso. — Como eu poderia não ser duro assistindo você assim, baby? Você parece tão bem com sangue em você.

Ele correu suas garras sobre minha bochecha, até minha garganta, que ele agarrou antes de me beijar. O gosto de sangue se misturou entre nós, nossas línguas se movendo juntas. Eu o queria, bem ali na frente de Kent. Eu queria que o velho vil morresse sabendo que ele falhou, totalmente e em todos os sentidos. Ele queria que eu sofresse por seu Deus, ele queria tirar minha vida.

Mas ele não pegou minha vida, e ele não pegaria meu sofrimento nem por mais um momento.

Antes de morrer, ele só me veria com alegria. Ele só me veria com prazer. Eu tinha dado a seu Deus o suficiente da minha dor.

Voltei-me para sua forma sangrando e quebrada no chão.

Zane me segurou por trás, seus lábios no meu pescoço, seu corpo se movendo ansiosamente contra o meu. Eu levantei minha faca, então ela pegou a luz amarela fraca.

— Seu Deus gosta de sangue, não é, Kent? — Eu disse, enquanto o homem choramingava e Zane moía seu pau contra minha bunda, ansioso demais para se controlar. — Se você realmente quer ser um servo bom e leal, acho que sangraria por seu Deus.

Eu não sabia se Kent entendia o que eu disse. Ele estava chorando e fungando, ranho e sangue escorrendo pelo rosto, balançando a cabeça. — Não... não... isso não é – não é assim que deveria ser. Sua desgraçada... vadia desgraçada! — A saliva voou de seus lábios quando ele olhou para mim, a adrenalina forçando uma luta final dele. — Você não pode parar isso!

Você... você nunca... *nunca* vai parar com isso! — Ele estava respirando com dificuldade, ofegante enquanto se contorcia inutilmente. — O Deus terá você! Você não pode pará-lo-

— Eu quero foder você sobre o cadáver dele, — Zane gemeu contra meu pescoço, garras cavando em meus quadris enquanto Kent continuava. — Ele é muito barulhento. Sangre-o como a porra de um porco.

Eu me inclinei. Kent balbuciou, me xingando, sua voz falhando e enfraquecendo. Ele me olhou com ódio, com desdém

— com terror. Finalmente, depois de tanto tempo, ele olhou para mim e ficou com medo. Era a expressão que eu sempre sonhei em ver em seu rosto. Eu deixei a visão marcar em minha mente, cobrindo a memória de seu sorriso quando ele

me cortou tantos anos atrás.

Inclinei-me mais perto, mais perto, até que eu pudesse sussurrar em seu ouvido. — Tudo está como deveria estar.

Eu cortei sua garganta. Eu torci a faca profundamente, cortando sua pele, sangue jorrando sobre minha mão, manchando minha camisa branca e escorrendo pelo meu peito.

Kent gorgolejou, seu corpo estremeceu, sua força se esvaiu. Ele continuou olhando para mim, como se não pudesse desviar o olhar, suas maldições morrendo em sua língua.

Zane me agarrou, abrindo o botão da minha calça. Ele os puxou para baixo enquanto eu estava sobre Kent, observando-o com fria curiosidade. Eu não tinha certeza de onde minha mente foi nesses momentos. Foi surreal. Estava além da alegria; não poderia ser descrito como felicidade. Eu não estava triste. Não me arrependi do que tinha feito.

Era satisfação: satisfação pura e não adulterada.

Foi vingança. *Vingança* fria, insensível e crua.

E Deus, era tão bom.

Os dedos de Zane acariciaram meu clitóris enquanto a vida nos olhos de Kent diminuía. — Você falhou, Kent, — eu sussurrei. — Você falhou, e seus filhos vão falhar, e seus seguidores vão falhar. — O pau

de Zane acariciou entre minhas bochechas, seus movimentos ásperos e ansiosos, e eu sorri. —

Você deveria ter certeza de que eu morresse, Kent.

Zane entrou em mim em um golpe longo e duro, e eu gemi no trecho. Eu já estava molhada como o inferno e pronta para ele, e arqueei meus quadris para trás, levando-o profundamente. Os olhos de Kent ficaram opacos. A pulsação

do sangue de seu pescoço estava diminuindo. Zane pressionou contra minhas costas, mordendo meu pescoço, então beijando as marcas tenras que ele deixou para trás, fodendo em mim com uma necessidade primitiva. Eu já estava tão no limite que cada golpe me fazia estremecer, minha respiração ofegante.

Ele agarrou meu queixo, beijou meu pescoço e sussurrou:

— Adoro ver minha lobinha com sangue nos dentes.

Eu inclinei minha cabeça contra a parede de pedra, ofegando enquanto ele acelerava o passo. Kent jazia morto embaixo de mim, seu sangue esfriando, mas meu calor só aumentava. Isso era o que eu esperava. Esta era a razão pela qual eu tinha vivido. Foi por isso que eu respirei.

Para destruir aqueles que ousaram foder comigo. Para recuperar minha vida sobre seus corpos frios e mortos.

Meus músculos apertaram, e eu engasguei quando Zane arrastou suas garras pelas minhas costas, deixando arranhões em minha pele. Ele mordeu meu ombro, empurrando meus quadris para trás contra seu pau. Meus olhos se fecharam, minha boceta pulsando em seu pau enquanto eu me aproximava... mais perto...

— Porra, você é tão boa, — Zane murmurou contra meu ouvido, seu corpo quente no meu, meus gemidos aumentando enquanto ele continuava a esfregar meu clitóris e foder em mim com golpes duros e ásperos. — Minha linda assassina. Doente do caralho.

Suas palavras me levaram ao limite. Eu gritei, não me importando com o quão alto eu estava. Se ninguém tivesse ouvido Kent gritar, então eles não me ouviriam gemer. Eu

gozei, e Zane seguiu logo depois, seu pau latejando dentro de mim e me enchendo com seu esperma. Ele escorria pelas minhas pernas, na

poça de sangue de Kent enquanto eu murmurava, — Foda-se seu Deus, Kent. Isso não pode me matar.



38

Minha lobinha tinha quebrado suas correntes, e ela estava correndo livre.

Ela correu à minha frente sob a cobertura das árvores.

Estávamos voltando para a estrada lateral isolada onde estacionamos o jipe dela. O ar da noite estava frio, o céu noturno claro salpicado de estrelas e uma lua minguante. Ela olhava para mim a cada poucos passos, um sorriso em seu rosto pintado, sangue respingado em sua jaqueta. Sua camisa de botão estava aberta, e a visão de suas tatuagens e cicatrizes me fez querer pegá-la e correr minha língua sobre aquela pele macia e linda.

Ela era requintada, ela foi construída para o Inferno em todos os sentidos. A maioria dos humanos que tomei ao longo dos anos precisava se ajustar às esquisitices do Inferno – foi uma transição estranha e confusa para eles. Mas Juníper? Ela iria prosperar. Eu sabia que ela iria. Quando sua vida mortal acabou e sua alma fez a travessia, eu mal podia esperar para ver seu rosto quando ela contemplasse aquelas primeiras visões maravilhosas.

Eu queria estar lá a cada passo do caminho. Eu queria apresentá-la a uma nova vida, no final desta.

Eu queria mostrar a ela agora. Eu queria dar a ela um gostinho do que esperava.

— Como se sente, lobinha? — Eu disse quando avistei seu Jeep à frente. Ela estava sem fôlego, seus olhos arregalados no escuro. Ela cheirava a sangue, suor e aquele doce aroma selvagem que era tão único dela.

— Satisfatória, — disse ela, mas então ela balançou a cabeça com um sorriso incerto. — Não, mais do que isso. Acho que não há uma única palavra para isso. Maagnífica. Incrível.

Confusa. — Ficamos ao lado do jipe, e ela se virou para mim.

Seu sorriso era esperançoso, mas também assustado. Como se ela temesse que essa vitória fosse arrebatada. — Esperei tantos anos por isso. Tantos anos para matar um homem, Zane. —

Ela olhou para suas mãos, manchadas de sangue e tremendo de adrenalina. — E eu fiz isso. Conseguimos.

— Você conseguiu, baby. E foi sexy como o inferno ver você. — Estendi a mão para o rosto dela, mas ela se esquivou de brincadeira, seu sorriso se tornou travesso.

— Oh? Você acha que pode me superar?

Eu a deixei dar alguns passos antes de pegá-la por trás, pegando-a e jogando-a sobre meu ombro para que ela ficasse pendurada nas minhas costas. Ela lutou, batendo nas minhas costas, e ela gritou quando eu virei minha cabeça e mordi sua bunda em retaliação.

Ela riu quando eu a coloquei no chão, desta vez mantendo um braço em volta de suas costas para que ela não pudesse fugir novamente quando eu acariciei meu rosto com minhas garras.

— Eu nunca vou usar *morder minha bunda* como um insulto novamente, — disse ela.

Eu ri. — Sempre foi um convite bem-vindo. — Fiz uma pausa enquanto a admirava no escuro. Precisávamos manter alguma distância entre nós e esta festa, mas eu não queria ir para casa. Não, Juniper merecia mais do que isso. Esta era sua noite, seu momento. Eu queria levá-la a algum lugar onde ela pudesse comemorar, em algum lugar onde ela pudesse se sentir confortável.

Eu queria dar a ela uma noite em que ela não se sentisse constantemente como se tivesse que olhar por cima do ombro.

Uma noite para se sentir livre.

— Eu quero te levar a algum lugar, — eu disse. Ela levantou uma sobrancelha em uma pergunta não dita. — Você confia em mim?

Ela piscou rapidamente. Perguntas como essa eram desagradáveis para ela; qualquer pergunta que a forçasse a examinar seus sentimentos era. Mas eu precisava saber, antes de me comprometer a fazer isso. Eu precisava saber que ela se sentia segura comigo. Se não, bem... havia lobos muito maiores do que ela onde estávamos indo.

Lobos com mordidas muito mais afiadas.

Finalmente, ela ergueu os olhos para os meus novamente.

— Sim. Eu confio em você.

Sua declaração me fez sentir muito mais sentimental do que eu esperava. Eu francamente nunca me importei se eu era confiável ou não – simplesmente não era algo que me ocorreu como uma necessidade. Eu só precisava que humanos

confiassem em mim o suficiente para fazer um acordo comigo, e mesmo assim, eles raramente *confiavam* em mim. Por que eles iriam?

Parecia uma honra ouvi-la dizer isso. Parecia que eu tinha ganhado alguma coisa, como se tivesse recebido um presente.

Eu a puxei para mais perto, prendi seu cabelo atrás da orelha e disse: — Gostei de assistir você esta noite. Você estava faminta.

Impiedosa. Você é poderosa, Juniper. Você é uma alma rara.

— Oh vamos lá. — Ela tentou desviar o olhar, mas eu peguei seu rosto. Eu não podia ver por baixo de sua pintura, mas sua pele estava quente enquanto ela corava. Isso me fez sorrir. — Não fique tão brega em mim.

— Desculpe, não posso deixar de ser um pouco poético sobre o assassinato mais bonito que vi em anos. Minha mulher é uma artista.

— *Sua* mulher? — Ela me deu um tapa, mas estava sorrindo novamente.

— Sim, *minha* mulher. — Eu a segurei apertado enquanto ela se contorcia de brincadeira, estalando meus dentes perto de sua orelha.

— Tudo meu. Cada centímetro bonito, assassino e perfeito de você. Eu

sorri para ela, a própria ideia de onde eu estava prestes a levá-la fazendo meu coração errático bater um pouco mais rápido de excitação. — Eu quero te levar para algum lugar infernal.

Ela balançou a cabeça, sorrindo, mas confusa. — Abelaum não é infernal o suficiente?

— Não, *verdadeiro* Inferno, — eu disse. — O Inferno que eu conheço, o Inferno para o qual você está destinada; não o

inferno que os humanos inventaram em seus livros de histórias. Infernal em liberdade e depravação.

— Ok, chega de ser vago! — Ela se inclinou contra o jipe, braços cruzados, olhos semicerrados para mim. — O que é esse lugar *infernal*? E eles têm licor?

— Só o melhor.

— Um terno sangrento é apropriado para o código de vestimenta deles?

— Você será a inveja de todos lá.

— Vamos então! — Ela estendeu a mão para a porta, mas eu peguei seu pulso. Por mais animado que eu estivesse, eu precisava que ela entendesse.

— Haverá demônios lá. Muitos deles.

Ela fez uma pausa, seu rosto ficando sério. — Que... que tipo de lugar é esse exatamente?

— Os demônios na Terra precisam de uma maneira de desabafar, — eu disse. — Precisamos de lugares onde possamos ser nós mesmos, soltos sem nos preocupar em ser vistos. Precisamos de lugares para socializar, lugares onde podemos encontrar companheiros de brincadeira que não precisamos nos preocupar em matar acidentalmente.

— E onde é esse lugar?

— Os locais nunca permanecem os mesmos por muito tempo. Não seria uma boa ideia demorar-se e chamar muita atenção. Mas um velho conhecido entrou em contato comigo alguns dias atrás e me disse que havia um por perto.

— Um o que?

— Nós os chamamos de Clãs, — eu disse. — Lugares

clandestinos. Pense em uma boate, mas sem regras, sem restrições, vigiada por um único anfitrião que garante que a bebida continue fluindo e todos continuem fodendo.

Seus olhos se arregalaram, seus lábios se separaram ligeiramente. Ela ficou intrigada. — É... quero dizer... é seguro para mim?

— É claro. Demônios sabem melhor do que foder com a propriedade de outro. — Eu dei uma piscadela para ela, antes que seu orgulho pudesse explodir demais. — E você não será a único mortal presente. Você pode relaxar lá. Você não terá que esconder nada. — Seus olhos ainda piscavam para o lado. Ela estaria pensando em tudo o que poderia dar errado, avaliando cada ameaça potencial. Mas era exatamente disso que eu queria libertá-la. Eu não queria que ela se sentisse ameaçada.

Eu queria que ela se sentisse livre.

— Você pode dizer não, — eu disse. — Você decide. Mas só estou oferecendo porque acho que você iria se divertir. Eu acho que seria algo diferente para você, em algum lugar que você não precisa se preocupar em se esconder. Você poderia falar abertamente lá. Você estaria cercado por seres que entendem o lado estranho da vida.

Ela engoliu em seco, mastigando o interior de sua bochecha. Isso era para ela, e se ela dissesse não, encontraríamos outra maneira de comemorar. Mas eu queria que ela tivesse isso. Eu queria que ela tivesse um lugar para derrubar suas paredes por mais do que apenas eu.

Ela respirou fundo, ergueu o queixo e disse finalmente: —

Tudo bem. Vamos lá.

Eu dirigi, e ela sentou ao meu lado no banco do passageiro com os pés no painel, batendo as pernas ao ritmo da música *Friend of the Devil* de Adam Jensen tocou pelos alto-falantes.

Um velho amigo havia me enviado as coordenadas do Clã alguns dias antes, e eu não precisava de um mapa para encontrar meu caminho. A

maioria dos demônios tinha um bom senso de direção instintivamente, mas eu viajei ao redor da Terra o suficiente para que o meu fosse melhor do que a maioria.

Eu dirigi para o sudeste, até que estávamos no meio da floresta. Mantive meus sentidos alertas, farejando o ar pela janela aberta em busca de qualquer sinal de criaturas perigosas.

Mas o único cheiro que peguei foi o de dezenas e dezenas de demônios. Saí da estrada, grato agora que estávamos dirigindo seu jipe. Meu carro era rápido, mas não foi feito para estradas como essas. Desci a estrada coberta de mato até chegarmos a uma cerca de arame farpado enrolada no topo, com uma grande placa de *Proibido Invadir – Propriedade do Governo* presa ao portão trancado.

Desliguei o motor e desci. — Vamos caminhar daqui. Você pode fazer isso, ou devo levar você?

Ela olhou para a cerca, com as mãos nos quadris, antes de tirar a jaqueta e jogá-la de volta no jipe. — Não é nem uma cerca elétrica. Eu vou ficar bem.

Eu pulei a cerca facilmente, caindo agachada do outro lado. No momento em que me virei, ela já havia subido até a

metade.

— Nada mal, — eu disse, enquanto ela se puxava cuidadosamente por cima, segurando o arame entre as farpas e se virando para poder pular no chão. — Nada mal, lobinha.

Embora eu ainda ache que teria sido divertido derrubá-la.

— Claro que sim, — ela riu, balançando a cabeça.

Caminhamos juntos de volta para as árvores, o cheiro demoníaco ficando mais forte à medida que avançávamos. O ar frio cheirava a fumaça de lenha, doce sangue demoníaco, maconha e álcool.

Cheirava a casa.

Juniper parou abruptamente, olhos arregalados, olhando para cima. Sorri com a admiração dela sobre a enorme estrutura à frente e disse: — Bem-vinda ao Inferno na Terra, baby.



A enorme estrutura diante de nós, aninhada entre as árvores, parecia uma antiga usina a gás. O exterior era de metal enferrujado e concreto, dando à estrutura uma cor tingida de vermelho. Enormes chaminés de vapor se alinhavam em um lado do prédio, e a floresta começou a ultrapassá-los, seus lados cobertos de trepadeiras e musgo. Luzes brilharam nas janelas, e graves pesados ressoaram através do metal.

— Estou feliz que você quis vir, — disse Zane, e deslizou o braço em volta dos meus ombros. Meu estômago estava leve com antecipação enquanto nos aproximávamos, minhas mãos se contraindo. Deixei minhas armas no carro, mas ainda tinha minha faca. Eu esperava que deixá-las não tivesse sido um erro.

Eu confiava em Zane, mas não confiava em outros demônios. Eu só tinha que me assegurar que se alguém tentasse me machucar, Zane não iria tolerar isso. Eu não tinha dúvidas de que ele seria absolutamente balístico com qualquer pessoa ou qualquer coisa que fosse invasiva comigo.

Era a primeira vez que confiava sinceramente a ele o meu bem-estar. Eu estava entrando em um lugar onde todos os outros seres poderiam me esmagar como um inseto. Eu estava

entrando em uma festa cheia de predadores, e *eu* era sua presa favorita. Então eu respirei fundo para acalmar meus nervos, e enfiei minhas mãos nervosas nos bolsos da calça enquanto Zane abria uma grossa porta de metal.

No momento em que a porta foi aberta, os sons e cheiros da festa lá dentro foram liberados.

O interior da usina era enorme, alcançando vários andares. Os andares superiores eram feitos de passarelas gradeadas, e máquinas abandonadas estavam espalhadas –

geradores e turbinas enormes.

Em todos os lugares, amontoados em cada centímetro disponível do chão, havia demônios.

Seus corpos se retorciam com a música, dançando, esfregando-se um contra o outro. Olhos dourados brilharam no escuro, dentes afiados captaram o brilho das luzes negras. A maioria deles estava pelo menos parcialmente, se não totalmente, despido. Havia pele nua em todos os lugares que eu olhava, a maioria adornada com piercings, tatuagens e cicatrizes.

Casais, trisais e mais formações fodiam contra as máquinas, nas cadeiras e sofás de couro, no chão. Dançarinos balançavam nas correntes que pendiam acima, alguns deles contidos, contorcendo-se em posições que deveriam ser impossíveis. O ar cheirava a sexo, almiscarado e forte. Cheirava a licor, tabaco e maconha.

Simultaneamente me lembrou dos clubes underground mais sujos que eu já tinha pisado, e os mais elegantes e exclusivos.

Zane e eu entramos no mar de corpos, e ele me manteve perto do seu lado. Eu esperava que fosse uma luta para entrar, mas sem sequer olhar para nós, a multidão se separou como se por instinto. A música explodia de todos os ângulos, alto-falantes enormes escondidos entre as máquinas velhas e enferrujadas, tocando uma batida pesada e escura. À medida que nos aprofundávamos, notei mais e mais olhos virando em nossa direção. Seus olhares pousaram primeiro em mim, então deslizaram para Zane e rapidamente desviaram o olhar.

— Eles estão com medo de você, — eu disse. Ele riu.

— Eles me respeitam, — disse ele. — Embora eu suponha que não haja muita diferença.

Toques fantasmas acariciaram levemente minhas costas, sobre minha cabeça. Eles foram rápidos e cautelosos – quase curiosos. Era impossível dizer quem estava fazendo isso, mas continuei vislumbrando sorrisos famintos no meio da multidão.

Zane deve ter me sentido tensa. — Não se preocupe. Eles são apenas curiosos.

— Eles estão ficando um pouco sensíveis, — eu disse, cerrando

os

dentes

quando

um

toque

fantasma

particularmente aventureiro acariciou minha parte inferior das costas. — Quem diabos acabou de fazer isso vai ter seu rosto reorganizado.

— Oh *bom*, você tem um vicioso, Z!

Houve risadas acima de nós, e eu olhei para cima. Um demônio estava sentado entre as lâminas de uma enorme turbina, seus pés balançando para baixo. Seu cabelo castanho estava cortado curto, suas orelhas furadas com tantos anéis de

prata que era impossível contá-los todos. Ela sorriu amplamente, e aquele toque fantasma particularmente ansioso retornou, percorrendo minha espinha.

— Com medo de chegar muito perto? — Eu gritei com ela, e o toque se transformou em uma sensação muito distinta de garras na parte de trás do meu pescoço.

Zane estava balançando a cabeça. — Não provoque muito ela, Hana. Ela vai jogar alguma coisa em você.

O demônio saltou, aterrissando a poucos centímetros de mim. — Eu ficaria mais do que feliz em brincar com seus brinquedos afiados se ela tiver algum que ela queira apontar para mim.

Eu não recuei. Ela era da minha altura, suas garras pintadas para que brilhassem verdes nas luzes negras. Ela estava vestindo uma jaqueta de couro sem nada por baixo, e havia piercings dérmicos logo abaixo de sua clavícula, as jóias parecendo violeta profundo na luz. Ela usava shorts jeans apertados e minúsculos e botas de amarrar.

Eu olhei muito tempo. — Gostou do que está vendo? — ela disse. Assim que abri a boca para retrucar, uma mulher veio pulando no meio da multidão, seus longos cabelos loiros desgrenhados e seu batom manchado, um grande sorriso no rosto e uma bebida em cada mão.

— Hana, alguém acabou de nos convidar para – Oh! — Ela olhou entre Zane e eu, e Hana sabiamente tirou as bebidas de suas mãos antes de pular animadamente e dizer: — Oh, oi!

Prazer em conhecer vocês! Eu sou Sadie!

Ela era humana. Ela tinha grandes olhos azuis e um

sorriso fácil, e ela me apertou em um abraço antes que eu pudesse dizer uma palavra. Ela estava tão animada que eu mal pude segurar uma risada quando ela pegou sua bebida de volta de Hana e começou a beber.

Zane estava rindo. — Lindo, Hana. Muito fofo. — Hana revirou os olhos, puxando Sadie um pouco mais para perto.

— Sim, uma doce burrinha é o que ela é. — Ela balançou a cabeça quando Sadie começou a dançar, ainda bebendo sua bebida. Um pouco mais séria, ela olhou para mim e disse: —

Desculpe por isso, não queria te assustar. Eu sou Sathanas, mas isso é um bocado, então me chame de Hana.

— Juniper, — eu disse. — Desculpe, eu ameacei destruir seu rosto.

Ela deu de ombros. — Não é a primeira vez, espero que não seja a última. É bom vê-lo aqui, Z. Já faz um tempo.

— Estive ocupado, — disse Zane.

— Eu vejo isso. — Hana raspou sua garra sobre uma mancha de sangue na minha camisa. — Belas fantasias.

Realmente autêntico.

— Muito. — Eu sorri.

— Nós voltaremos, — Zane disse, apertando meu braço. —

Ainda temos que checar com Azzi.

Hana revirou os olhos. — Divirta-se. Estaremos lá em cima nos sofás. Junte-se a nós. — Ela me deu uma piscadela enquanto ela e Sadie se afastavam, desaparecendo na multidão.

— Seus amigos? — Eu disse. Zane bateu um dedo perto do piercing em sua sobrancelha.

— Isso é dela, — disse ele. — Faz muito tempo. Ela me levou a caçar almas.

— Droga, você realmente gosta de idiotas, não é? — Eu disse. Ao vê-la, conhecer Leon e dar uma olhada honesta em mim mesma, comecei a ver um padrão. Zane riu alto.

— Figurativamente e literalmente, baby.

Atravessamos a multidão, em direção ao outro lado do chão da fábrica, onde uma plataforma maciça havia sido erguida com máquinas e vigas de aço dobradas. Mesmo sobre a música, eu podia ouvir gemidos de prazer e gritos agudos de dor.

— É assim que o inferno é? — Um demônio particularmente alto passou por mim, seus olhos dourados piscando para mim, seus cabelos brancos compridos o suficiente para escovar suas coxas. — Eles estavam carregando um chicote feito de arame farpado?

— Você verá toda variedade de prazer e dor aqui, — Zane disse. — Se seus desejos são doces ou perversos, perigosos, incomuns, repugnantes – você pode chegar aqui, assim como no Inferno. Mas ouça. — Sua voz assumiu um tom sério. —

Azriel é o anfitrião deste clã. Ele cuida de tudo aqui; ele garante que tudo corra bem. Ninguém pode ficar sem a aprovação dele, então tome cuidado com ele.

Chegamos ao pé da plataforma de metal. Alto-falantes estavam agrupados ao redor da base, a música batendo forte em meu corpo enquanto estávamos na frente deles. Acima de nós, um ser estava sentado em uma cadeira de balanço construída com correntes grossas, seus longos dreads

pendurados sobre os ombros enquanto ele olhava para nós.

Sua pele marrom escura estava adornada com tinta, as linhas de seus músculos absurdamente definidos eram claras sob o tecido fino e apertado da camisa preta que ele usava.

— Lúcifer Todo-Poderoso, se não é Zane! — Ele sorriu para nós, as correntes ao redor dele tilintando em seu movimento. —

E Zane trouxe uma pequena alma mortal, hein? — Em um momento ele estava sentado nas correntes - no próximo, ele estava fora da plataforma, ao nosso lado, andando entre nós enquanto nos olhava de cima a baixo. — Faz muito tempo, Z.

Onde está Leon? Ainda ligado com aquele mágico horrível?

— Nah, ele tem outros problemas para lidar, — disse Zane. — Juniper e eu estávamos procurando um lugar para nos divertir, se você nos receber.

— Você sabe que eu sempre te daria as boas-vindas, —

disse ele, mas seus olhos estavam em mim. — Ooh, você é interessante, não é? Essa sua alma sangrou. — Seu olhar se moveu sobre minha camisa, seu sorriso se alargando nas manchas de sangue. Mas então seus olhos se demoraram no meu peito, e arrepios percorreram minha pele enquanto ele olhava para minhas cicatrizes. — Oh sim. Você sangrou. Corpo e alma. Você cheira um pouco nervosa, humana. Você está assustada?

Eu estava rígida, minhas costas tão tensas que doíam.

Mas Zane me deu um empurrãozinho, e eu me forcei a expirar.

— Desculpe. Estou... estou nervosa, sim. É estranho não ser a pessoa mais assustadora da sala. — Eu fiz uma pausa. — É

estranho ser uma das únicas... pessoas... na sala.

Ele assentiu em compreensão, me circulando, seus olhos acariciando cada centímetro de mim. — Nós predadores gostamos de caçar, mas nunca caçaríamos o que pertence a outro. Zane reivindicou você, e não há um único ser aqui que não respeite isso. Estamos aqui por uma coisa, e apenas uma coisa. — Ele abriu os braços. — Para ter a noite mais depravada que pudermos. — Ele saltou para longe, de volta ao topo de sua plataforma, e recuperou seu assento entre suas correntes. Outro demônio rastejou ansiosamente para seus pés, pressionando sua cabeça contra sua perna como se implorasse por atenção. Azriel acenou com a mão para nós, usando a outra para agarrar o demônio a seus pés pelos cabelos. — Divirtam-se. Se alguém te incomoda, mortal, venha até mim. Eu cuidarei disso.



Nada na Terra se comparava ao licor demoníaco, e estava sendo servido aqui pelo galão. Era pungente na respiração de cada demônio que passamos, e eu estava ansioso por uma bebida. O licor humano não fez nada por mim – mas o álcool do Inferno certamente faria.

— Então, o que você acha? — Falei bem no ouvido de Juniper enquanto passávamos pela multidão, indo em direção ao grande bar redondo que havia sido montado no meio do chão da fábrica. Uma enorme e brilhante pirâmide de garrafas de vidro era a peça central do bar, elevando-se precariamente acima de nós. Os garçons, alguns deles com os olhos vendados, manipulavam várias garrafas ao mesmo tempo, jogando-as entre si enquanto despejavam libações em coqueteleiras de prata.

Antes de começar a caçar almas, eu só queria passar meu tempo em lugares como este, inventando bebidas em clãs ao redor do mundo. Era exatamente o tipo de ambiente que eu gostava: lotado e caótico, perverso e imundo. O desafio de servir tantos demônios, mantendo a forma perfeita e tirando as bebidas absurdas que esses bartenders administravam, era um que eu estava ansioso para aperfeiçoar.

— É selvagem, — Juniper disse. — Parece... é *bom* aqui.

Tem tanta coisa acontecendo! — Ela riu, balançando a cabeça como se não pudesse acreditar no que estava vendo. Andamos em torno de um casal maldito no chão, ambos sangrando e ofegantes, a multidão ao redor deles torcendo por mais. Eu não perdi a vermelhidão que tingiu o rosto de Juniper, o aumento da temperatura de seu corpo, o cheiro de sua excitação.

Ela gostava de assistir. Talvez ela gostasse de se apresentar também.

Chegamos ao bar, e eu levantei dois dedos para o barman.

— O que estamos recebendo? — Juniper gritou por cima da música. Ela não precisava: eu podia ouvi-la bem. — Eles têm uísque aqui?

— O barman dá o que você precisa, — eu disse. — Você não escolhe; eles fazem. — Era uma arte difícil, mesmo para demônios: determinar o que seria melhor para alguém com um simples olhar, tudo inventado individualmente. Dois copos deslizaram pelo bar em nossa direção, e eu os peguei, entregando o isqueiro para Juniper. Ela o pegou ansiosamente, e eu o peguei de volta no último momento.

— Esta é a bebida *do Inferno*, Juniper, — eu disse. —

Tenha *cuidado*. Bate forte.

Ela torceu a boca com ceticismo. — Eu posso segurar minha bebida, Zane.

— Você nunca bebeu um licor assim.

Eu o entreguei, e ela tomou um grande gole. O barman estava assistindo ansiosamente, assim como alguns outros agrupados ao redor do bar. Os olhos de Juniper se arregalaram

e imediatamente começaram a lacrimejar, e ela tossiu enquanto olhava para a bebida em estado de choque.

— O que - que *porra* — Ela tossiu novamente, mal segurando a bebida firme. Eu não conseguia parar de rir, e o barman balançou a cabeça com um sorriso.

— Como é? — ele gritou para ela, já no meio de preparar outras três bebidas. Juniper enxugou as lágrimas, olhando para a bebida como se a tivesse mordido, mas ela ainda tomou outro gole.

— Porra, *Cristo*, isso pode me matar. — Ela riu, levantando o copo para o barman com um sorriso. — É bom!

Ela riu novamente, o álcool já dando a ela um zumbido.

Porra, eu gostei dessa risada dela. Eu raramente ouvia, mas era tão fofinho que me fazia sentir cruel; isso me fez querer transformar aquela risada em um gemido.

Peguei seu pulso, puxando-a atrás de mim na multidão.

Ela ficou perto de mim, a pressão de corpos ao nosso redor, balançando ao som da música no ritmo daqueles ao seu redor.

Eu puxei o elástico de seu cabelo, deixando-o fluir solto pelas costas. Ela sacudiu, o cabelo caindo em seu rosto, seus olhos semicerrados enquanto ela se movia com a batida. Estava quente entre a multidão, tantos corpos demoníacos elevando rapidamente a temperatura mesmo em uma noite fria como esta. Tirei minha camisa, sorrindo para o beijo refrescante e frio do ar. Juniper estava de costas para mim agora, mas ela se aproximou, seus quadris se esfregando contra mim enquanto ela tomava outro gole de sua bebida.

A maneira como ela se movia era linda. Rítmica e sensual,

cada movimento suave, perfeitamente em uníssono comigo.

Isso me deixou duro pra caralho em apenas alguns segundos, mas ninguém ficaria horrorizado com isso aqui. Essa multidão inteira estava com tesão pra caralho e não ia esconder isso.

Ela se virou e acariciou as mãos no meu peito nu enquanto dançava baixo, inclinando-se para perto, me mordendo suavemente enquanto suas unhas cravavam em meus quadris. Os olhos dos demônios ao nosso redor se voltaram para ela, saboreando-a, línguas bifurcadas movendo-se avidamente sobre seus lábios. Mas ela era minha, toda minha; e esta noite, eu não iria compartilhar.

Eles podiam ter tudo o que quisessem, e eu esperava que o fizessem. Eles a desejavam, e isso me deu uma porra de cabeça. Ela colocou os braços em volta do meu pescoço, e eu apertei minha mão ao redor de sua garganta. Ela sorriu enquanto tomava a bebida novamente, deixando um brilho úmido de licor em seus lábios carnudos.

— Parece que você quer me comer, — ela murmurou com voz rouca.

— Oh, baby, confie em mim, eu acredito. Eu quero rasgar você.

Beijei sua boca, aqueles doces lábios cor de licor. Eu amarrei minha mão em seu cabelo e a reivindiquei, minha língua dançando ao redor dela enquanto seu corpo dançava perto do meu. Ela sabia exatamente o que estava fazendo com a maneira como seus quadris se moviam: o sorriso malicioso em seu rosto quando nossas bocas se separaram confirmou isso.

— Estou feliz que você me trouxe aqui, — disse ela, seus olhos brilhantes quando ela olhou para mim.

— Estou feliz que você está gostando, baby. — Eu ainda não tinha soltado sua garganta. Eu gostava de segurá-la assim, sentindo como seu batimento cardíaco acelerou sob meus dedos. — Você está gostando de me provocar na frente de todos? Essa sua bunda está realmente começando a me tentar.

Ela sorriu maliciosamente. — Tentar você? Espero que sim. Seria *uma* pena se você perdesse o controle na frente de todos.

Ela passou de tentadora a exigente, e eu não ia negá-la.

Eu a virei rudemente, então ela estava de costas para mim novamente, sua bunda moendo contra mim. Os demônios ao nosso redor estavam assistindo mais ansiosamente agora, sua excitação aumentando. Inclinei-me e sussurrei em seu ouvido:

— Vou fazer você perder o controle antes de mim, baby. Eu vou fazer você gozar em meus dedos, bem aqui, na frente de todos.

Ela estremeceu da cabeça aos pés, mas não parou de dançar enquanto eu movia minha mão pelo seu corpo, embainhando minhas garras antes de deslizar meus dedos abaixo de sua cintura. Ela engasgou suavemente quando meus dedos traçaram levemente entre suas pernas, provocando-a, seus movimentos diminuindo quando ela começou a focar sua atenção em meus dedos.

— Todo mundo está assistindo, — ela sussurrou. Mordi a curva macia de seu pescoço, com força suficiente para fazê-la gemer.

— Certo, eles estão. Eles querem ver como você fica bonita quando desmorona.

Deslizei meu dedo entre suas pernas e gemi quando a encontrei já molhada. Ela era tão macia, tão deliciosamente quente, e ela começou a estremecer enquanto meus dedos massageavam seu clitóris. Ela apertou os quadris para baixo, esfregando-se em mim, buscando exigentemente o estímulo pelo qual ela estava tão desesperada.

Eu estava muito ansioso por ela. Eu poderia ter demorado, mas não queria. Eu queria dar prazer a ela, forte e rápido. Eu queria ver o êxtase correr sobre ela e dominá-la.

Ela estendeu a mão para trás, seus dedos arranhando meu pescoço enquanto suas costas se arqueavam contra mim.

Eu alternava entre massagear seu clitóris e pressionar dois dedos dentro dela, esticando sua boceta latejante com cada impulso.

— Foda-se, Zane — Suas palavras eram ofegantes, trêmulas. Ela parecia tão boa, e eu rosnei quando a mordi novamente. A dor a fez gritar, e vários dos que nos assistiam aplaudiram em resposta, alguns deles inspirados o suficiente para agarrar seus parceiros e começar seus próprios jogos difíceis. Gritos de prazer e dor se ergueram ao nosso redor, e os olhos de Juniper se arregalaram quando ela olhou entre eles.

— Porra, você gosta de assistir, não é? — Murmurei avidamente, fodendo-a com meus dedos enquanto um demônio era forçado a ficar de joelhos na frente dela, seu parceiro acariciando impiedosamente seu pau enquanto ele estremecia.

Sua respiração estava vindo rapidamente, e ela estava tremendo enquanto me segurava. — Você está tão molhada,

baby. Você gosta quando eles te observam também?

Ela assentiu rapidamente, olhos encobertos com calor e paixão. A tentação de fodê-la ali mesmo no meio da multidão era forte, mas eu podia esperar. Agora que eu sabia o quanto ela gostava disso, não havia nenhuma maneira de irmos embora até que eu a tivesse fodido para completar o êxtase entorpecente na frente de cada demônio aqui. As paredes de sua boceta se apertaram ao redor dos meus dedos, e eu esfreguei minha palma contra seu clitóris, amando cada pequeno gemido que ele trouxe dela.

Ela gemeu, tremendo enquanto se recostava pesadamente contra mim. — Porra, *porra*, eu vou gozar...

— Aí está minha boa menina, — eu murmurei, mantendo meu ritmo constante, segurando-a com força enquanto ela engasgava. — Goze para mim, baby.

Minhas palavras a quebraram, e eu tive que segurá-la enquanto suas pernas tremiam. O cheiro dela deixou aqueles ao nosso redor em um frenesi, e o prazer caótico zumbindo ao nosso redor parecia uma droga no ar. Minha cabeça estava zumbindo com isso, meu corpo formigando com luxúria. Beijeí sua bochecha enquanto sua tensão se esvaía, e levei meus dedos aos seus lábios. Ela os chupou, lambendo seu próprio gosto da minha pele enquanto balançava.

Comecei a guiá-la para longe, de volta para as bordas da multidão. — Vamos fazer uma pausa, baby, e permitir que você recupere o fôlego.



Meu corpo inteiro estava formigando quando Zane me levou da multidão. Minhas pernas tremeram, o brilho do meu orgasmo me deixando quente e relaxada. Meu estômago estava leve com os efeitos quase instantâneos do álcool, me dando um zumbido que fez tudo parecer mais brilhante. Eu me senti bem

— calma, mas ansiosa, satisfeita, mas de alguma forma ainda desejando mais.

Eu fantasiei em tocar em público, mas eu nunca tinha feito isso antes desta noite. Eu me permiti ser vulnerável na frente daquela multidão enorme. Eu assisti como aqueles ao meu redor estavam frenéticos pelo meu prazer, minha felicidade o centro de suas atenções. Senti como se tivesse derrubado outra parede, como se tivesse superado um medo sem nem perceber.

Deixar ir foi bom, foi ainda melhor do que eu imaginava.

Este lugar era como uma bolha, isolado do mundo perigoso lá fora. Era realmente um pequeno inferno na Terra – uma espiada além da realidade, onde não havia regras a serem seguidas, e eu não tinha medo de ser ridicularizada ou rejeitada por quem eu era.

Zane me levou por uma escada de metal para o andar de

cima. Havia mais sofás aqui, uma sala onde todos podiam olhar para baixo na pista de dança e observar a multidão pulsante. Foi aí que encontramos Hana e Sadie novamente, aninhadas no sofá juntas.

— *Bolas de Satanás*, isso foi quente! — Hana exclamou, quando Zane

caiu no sofá e me puxou para baixo com ele, me segurando em seu colo. Tudo que eu podia fazer era sorrir, e Hana riu.

— Droga, você fodeu com o dedo o atrevimento dela. — Ela riu.

— É a única maneira de fazer isso, — Zane brincou, dando um pequeno aperto no meu rosto. — Não se preocupe, ela se recupera rapidamente. Há mais atrevimento nela.

— Ah sim, tem mais, — eu disse, ainda um pouco sem fôlego. — Um orgasmo não vai me calar por muito tempo. Só tenho que... descer um pouco.

Hana balançou a cabeça, mas manteve o sorriso enquanto observava Sadie dançar em seu assento. A afeição entre elas era inegável: Hana a observava de forma protetora, possessiva.

Foi bom sentar por um tempo e apenas observar os eventos se desenrolando ao nosso redor. As orgias abaixo, a dança, as conversas suaves dos outros reunidos aqui. Não importava quão tarde da noite fosse; a festa não mostrava sinais de desaceleração.

Mas eu estava curiosa sobre Sadie. Ela era a única outra humana que conheci que vendeu sua alma. Eu tinha visto as marcas em seu ombro quando ela se virou, as cicatrizes cuidadosamente gravadas em sua pele. Ela me notou olhando

para ela e sorriu, então decidi ir em frente e perguntar: —

Então, uh... o que fez você vender sua alma?

— Eu precisava de ajuda para remover alguém da minha vida, — disse ela, com naturalidade. — Melhor decisão que já tomei.

Hana se inclinou sobre ela, dando-lhe um beijo rápido na bochecha antes de dizer: — Eu matei a porra do marido por ela. O bastardo doente não parava de bater nela, então eu bati na cara dele. — Seus olhos se encontraram, e um pouco de rubor subiu pelas bochechas de Sadie antes de Hana lhe dar outro beijo na boca.

— Achei que ia sofrer na vida após a morte por isso, —

disse Sadie. — Achei que vender minha alma significava que eu estava me condenando, que o inferno seria uma tortura. — Ela balançou a cabeça enquanto olhava ao redor. — Mas isso me libertou. Isso me salvou. — Ela olhou para baixo por um momento, mas sua expressão

não era de tristeza. Era uma felicidade suave, com lágrimas nos olhos. Ela sorriu novamente enquanto olhava para mim. — E você?

— Merda, bem... — Engoli em seco e senti a mão de Zane nas minhas costas. Ele não disse nada; ele não precisava. Seu toque era sua garantia, seu gentil empurrão para que eu falasse. Mesmo que isso tenha feito uma ansiedade instantânea borbulhar em mim, eu disse: — Eu fui vítima de um culto. Eles tentaram me matar anos atrás. Fiz um acordo para me vingar.

Sadie assentiu, de olhos arregalados, mas não incrédula, como se cultos e venda de almas fossem simplesmente uma ocorrência cotidiana. Mas Hana sentou-se de repente,

estalando os dedos. — Eu deveria *saber*! É claro. A garota do culto. Droga, você tinha alguns caçadores de almas em seu rastro. Ouvi dizer que Zane fez alguma merda de intimidação e reivindicou você mais cedo. Ninguém ousou chegar perto de você.

— Ele, o quê? — Eu a encarei com surpresa, então bati meu olhar para Zane quando ele se mexeu em seu assento ao meu lado. — Outros estavam atrás de mim?

— Não por muito tempo, — disse ele. — Deixei claro que ninguém deveria tocar em você.

— Por que? — A pergunta escapou antes que eu tivesse certeza de por que estava perguntando. Eu sabia que ele me perseguia há anos, desde que deixei Abelaum. Todos aqueles meses em que me senti mais sozinha, ele estava me observando secretamente, esperando. Mas eu pensei que era apenas porque ele estava curioso, simplesmente decidindo se eu valia a pena.

— Eu sabia o que queria, — disse ele. — E mesmo se você nunca quis um acordo comigo, foda-se... — Ele deu de ombros.

— Eu ainda não teria deixado outro demônio ter você.

Hana estava rindo. — Ah, Zane encontrou seu ponto fraco.

— O que isso significa? — Eu disse.

Zane gemeu baixinho, mas Hana disse: — É quando um demônio durão encontra um humano que os faz ficar moles. O

humano que os faz querer fazer merda, o tipo de humano que você

levaria para longas caminhadas românticas pelo Inferno.

Sadie é minha. — Sadie corou novamente. — Ela ama rosas pra caralho, ela me fez planejar maneiras de fazê-las crescer no

inferno para ela. — Ela riu, balançando a cabeça enquanto puxava Sadie para perto. — Não pensei que veria o dia, Zane.

Droga, você até deixou ela te cortar um pouco.

Olhei para ele novamente, esperando vê-lo protestando ou balançando a cabeça. Mas ele estava apenas olhando para mim, seus dedos traçando sobre as cicatrizes do meu nome em seu ombro. — Eu sabia o que queria e tenho perseguido isso todos os dias desde então.

Essas palavras pareciam uma mão apertando lentamente meu coração. Não foi doloroso, não – foi um conforto, um abraço dentro de minhas costelas. Parou minha respiração por um momento. Isso fez com que o caos extático ao meu redor se tornasse um mero borrão.

Era como entrar em uma casa familiar e sentir calor, como suspirar, como perceber que você pode descansar depois de um longo dia. Um pouco de luz nas minhas bordas irregulares.

— Você já a marcou? — A pergunta de Hana cortou meus pensamentos suaves, e o baque da música e os gritos de êxtase ao nosso redor rugiram de volta ao meu foco.

— Ainda não, — disse Zane. Lembrei-me dele dizendo que marcas – *piercings* – eram usadas para significar lealdade e devoção entre os demônios. Tinha uma conotação diferente das cicatrizes que ele me deu: as cicatrizes eram nosso contrato, mas um piercing, bem...

Um piercing era mais do que isso.

— Este é o lugar perfeito para fazer isso, — Hana disse animadamente. — Vian está aqui. Eles ficariam felizes em lhe dar algum metal para usar. E você sabe como suas peças são

boas.

— Não até que ela esteja pronta, — Zane disse, apertando sua mão possessivamente ao redor da minha coxa enquanto bebia sua bebida. Seu aperto apertado me fez sentir bem -

ousada, até. Isso fez todo o medo que eu sentia com o conceito de

devção parecer insignificante.

As cicatrizes eram uma coisa, mas aceitar outra marca, uma marca em metal, significava muito mais. Eles falaram sobre isso tão casualmente, mas havia uma tendncia de seriedade nisso. Era íntimo, quase sombrio.

Era como meu nome, esculpido em seu peito. Ele poderia tê-lo curado, ele poderia ter continuado como se nunca tivesse existido. Mas ele o manteve por escolha, não por necessidade.

Ele queria meu nome nele.

— *Estou pronta*, — eu disse. As sobranceiras de Zane se ergueram, e Hana bateu palmas, pulando de pé.

— Foda-se sim! Vou encontrar Vian. — Ela agarrou a mão de Sadie, arrastando-a escada abaixo.

Zane estava franzindo a testa. — Não se sinta pressionada, — disse ele. — Você não tem que fazer merda nenhuma. Eu sei que Hana está muito entusiasmada, mas—

— Eu não me importo se Hana está animada, — eu disse.

Tracei meu dedo ao longo de sua orelha, ao longo dos anéis e jóias perfuradas lá. — Isso é sobre nós. *Porra*, é sobre... — Eu respirei fundo. Eu só podia dizer isso porque Hana e Sadie não estavam por perto para ouvir, e talvez os pequenos goles de licor demoníaco incendiando meu peito também ajudassem. —

Eu não sei o que você fez comigo. Eu não sei por que você me

faz sentir... você me faz sentir segura. Você me faz sentir que talvez tudo não seja uma merda. — Deus, eu era ruim nisso.

Colocar coisas inconstantes como emoções em palavras era quase impossível. — Isso não é algo que eu pensei que teria, Zane. Achei que não me sentiria segura novamente. Achei que nunca teria qualquer tipo de relacionamento...

Eu me cortei abruptamente, lamentando minha escolha de palavras. Mas Zane virou meu rosto para ele e disse: — Não tenha vergonha do que você quer dizer. Eu não estou indo a lugar nenhum.

E era isso, não era? Essa foi a faísca que iluminou minha alma escura,

morta e quebrada - ele viu todas as suas bordas afiadas e não foi embora. Ele me viu tão quebrada quanto eu estava e me *queria*, independentemente.

Eu sempre disse a mim mesma que nunca confiaria em mais ninguém. Eu não precisava de aprovação, amor ou apoio.

Eu estava bem sozinho. No entanto, aqui estava eu, cercada por demônios e devassidão distorcida, e pela primeira vez em anos, encontrei algo como um lar.

Eu me senti aceita. Eu falei minha verdade e fui *ouvida* Zane tinha ouvido primeiro. Ele tinha ouvido antes de qualquer outra pessoa.

— Eu quero sua marca, — eu disse com firmeza. — Estou pronta.

Eu poderia dizer que ele queria sorrir. — Tem certeza?

— Certeza absoluta.

Finalmente, ele se permitiu me dar aquele sorriso de dentes afiados. — Vamos apresentá-la a Vian.



Vian não precisava de apresentação; Eu sabia que tinha que ser ele no momento em que o vi.

Ele era fácil de identificar na multidão: quase dois metros e meio, ombros largos e vestido com finos elos trançados de corrente de prata. Havia poucos lugares em seu rosto que não *eram* perfurados, metais finos e jóias decorando cada centímetro de pele perfurável. Ele estava

descansando na boca aberta de uma velha máquina; o pedaço de metal foi rasgado à força e pressionado em uma forma vagamente semelhante a uma cadeira. Ele estava cercados por uma dúzia de outros demônios, todos adornados com roupas semelhantes de correntes e metais cuidadosamente trabalhados, alguns deles presos em punhos que eram tanto obras de arte quanto suas jóias.

Vian sorriu quando nos aproximamos, dentes afiados brilhando com joias implantadas.

— Meu, meu, Zane trouxe uma pequena alma doce para marcar? — ele disse, batendo garras pintadas de branco na máquina abaixo deles. Ele deu uma longa olhada em mim, seus olhos brilhantes vasculhando cada centímetro de pele, demorando em minhas cicatrizes e manchas de sangue na

minha camisa.

— Não muito doce, desculpe, — eu disse. — Muito azedo, principalmente.

— Você sabe que eu não gosto dos doces, Vian, — Zane falou lentamente, o orgulho óbvio em sua voz.

Vian se levantou, elevando-se sobre nós dois. Eu automaticamente dei um passo para trás quando olhei para ele, e ele se inclinou curiosamente para examinar meu rosto.

— Certo então, pequena alma *azeda*. — Vian riu. — Onde você está colocando seu metal?

— Língua, — eu disse. Tentei manter minha voz firme, mas ela ainda falhou no final. Eu queria isso, não havia dúvida em minha mente. Mas o pensamento de uma agulha atravessando minha língua ainda fazia meu estômago se revirar, como uma cobra tentando se esconder.

— Acho que uma peça simples será suficiente, — disse Zane. — Algo preto, para sua pequena alma escura.

— Mm, certo, certo. — Vian assentiu e pegou uma pequena caixa de metal pendurada em uma das correntes em volta do pescoço. Ele o abriu, vasculhando o interior em busca de uma joia aceitável, olhando para mim de vez em quando, como se avaliassem o que seria adequado para mim. Meus olhos piscaram sobre os demônios atrás dele, e notei que vários dos presos tinham agulhas nos lábios e nas orelhas: piercings frescos. Mas eles não pareciam estar com dor. Eles

estavam respirando lenta e profundamente, alguns deles com os olhos fechados, flácidos como se estivessem em transe.

— Você mesmo faz as joias? — Eu disse, tentando me

distrair dos meus nervos que pioravam. Uma multidão estava começando a se reunir, outros demônios se aproximando, me observando com curiosidade. A mão de Zane deslizou ao redor da minha cintura, traçando levemente sobre a minha pele.

— Eu faço cada peça, — disse Vian, com um pequeno sorriso. — Encontro os materiais, as joias e os metais, e eu mesmo os formo. É uma paixão minha. — Ele olhou para trás, seus olhos suavizando com carinho quando eles olharam para os demônios sentados atrás deles. — Minhas belas criações são usadas para adornar seres ainda mais belos. Eles solidificam os laços. Eles trazem dor... prazer... catarse.

Ele voltou sua atenção para a caixa e ergueu uma barra de metal preto – longa o suficiente para caber confortavelmente na minha língua. — Ônix do Mar Negro, metal forjado pelo fogo do dragão. O que você acha?

Meus olhos se arregalaram quando olhei para ele e assenti. — Fogo de dragão? Você quer dizer... você quer dizer *real*...?

Vian assentiu, e Zane também. De alguma forma, dragões realmente existentes conseguiram me chocar, mesmo depois de todas as outras merdas que eu tinha visto.

— É perfeito, — eu disse.

O sorriso de Vian se alargou com o meu aceno, e ele se voltou para os demônios reunidos ao redor e disse animadamente: — Zane trouxe uma humana para pegar o metal dela.

Cada demônio ali imediatamente se animou. Os acorrentados esforçavam-se ansiosamente contra seus limites,

prontos para um show, e os reunidos nas bordas se aproximavam um pouco mais. Eu amei o que fizemos antes, eu amei saber que aqueles dançando ao nosso redor viram Zane me dar prazer. Mas agora, eu estava enfrentando a antecipação da dor e os olhares ansiosos de dezenas. Acima de nós, nas passarelas superiores, ainda mais demônios se inclinavam para ver melhor.

— Nós não temos que fazer isso aqui, — Zane disse suavemente, me

segurando por trás. — Pode ser privado, se você quiser.

Respirei fundo e me virei para ele. — Não. Eu quero que eles vejam. Eu quero que eles *saibam*. — Envolvi meus braços em volta de seu pescoço, trazendo meu corpo para mais perto dele. — Quero que todos saibam que pertença a você.

Ele sorriu, e eu senti uma forte e ansiosa pulsação sob suas calças. — Sim? Vamos fazer um show para eles, baby?

— Um que eles não vão esquecer.

Vian voltou-se para nós, desta vez oferecendo uma bolsa de couro. — Seu equipamento, — ele disse, entregando para Zane e me dando uma piscadela. Dentro da bolsa havia agulhas esterilizadas de calibres variados e grampos de metal.

— Todo mundo parece tão animado, — eu sussurrei.

Via assentiu. — Conseguir uma marca, entregar seu metal a outro, é considerado uma celebração mesmo quando é uma ocasião privada, — disse ele. — Mas quando é público?

Comemos essa merda. A tensão, o sangue, a dor, o êxtase...

Eles riram baixinho. — É para isso que vivemos.

A emoção era contagiante. Ela ondulou pelo ar, enviando

calafrios sobre minha pele. A multidão começou a murmurar, e a música era uma batida baixa e latejante que vibrava pelo meu corpo como uma pulsação. Zane agarrou meu rosto, bloqueando tudo ao meu redor por alguns momentos.

— Lembre-se de falar comigo, — disse ele. — Se você estiver sobrecarregada, se for demais, me diga.

— Eu vou te dizer, — eu disse. — Eu não vou apenas sorrir e suportar se você me irritar. — Eu não tinha certeza do que sentia mais forte: o medo ou a excitação. Baixei a voz e acrescentei: — Eu confio em você, Zane.

Ele me beijou profundamente, rudemente. Eu podia sentir o metal em sua própria língua naquele beijo, e isso fez meu abdômen apertar com antecipação. Ele agarrou minha bunda, apertou, e então me virou para a multidão e me forçou a ficar de joelhos.

Soltei uma respiração lenta e trêmula enquanto me ajoelhava ali. Zane se inclinou e beijou minha têmpora, seus dentes estalando famintos perto da minha orelha. Então, lentamente, ele abriu minha camisa desabotoada. Ele puxou-a para baixo dos meus braços, beijando meus ombros e minhas costas com cada centímetro que ele abaixava.

Eu nunca deixei tantas pessoas verem minhas cicatrizes antes. Eu sempre as escondi. Mesmo depois de fazer as tatuagens, eu raramente usava qualquer coisa que permitisse que os olhos de um estranho vislumbassem meu peito.

Eu tinha vergonha daquelas cicatrizes por tanto tempo.

Eu tive que carregar as marcas da violência de outra pessoa, a crueldade de outra pessoa, por tanto tempo. E cada vez que eu

olhava no espelho, tornava-se um lembrete do que eles tinham feito, um lembrete de que minha vontade tinha sido ultrapassada, que eu tinha sido usada, que minha vida tinha sido reduzida à insignificância.

Mas Kent Hadleigh estava morto. Essas cicatrizes eram minhas. Eu não senti tanto horror quando olhei para elas agora. Eu não senti tanto ódio por mim mesmo quando as vi.

Eu não precisava ter vergonha do que tinha acontecido.

Eu tinha sido corajosa. Eu sobrevivi. Eu tinha chegado tão longe.

Respirei fundo e relaxei meus nervos. Eu forcei o desejo instantâneo de me cobrir, a contração automática que me disse para me esconder. Não foram olhares de desgosto que vi ao meu redor: foi luxúria, admiração, fome, inveja. E enquanto Zane andava na minha frente, eu vi pura adoração.

Ele se agachou, tirando meu cabelo do meu rosto. Ele correu suas garras sobre o meu peito, seguindo as linhas das minhas tatuagens e, em seguida, trazendo seus lábios para baixo para beijar minhas cicatrizes, e sussurrou: — Você é tão linda.

Estremeci sob seus toques, ofegante quando ele encontrou cada pequeno ponto que me deixou fraca. Bem abaixo da minha orelha, a cavidade da minha clavícula, meu pulso interno - ele beijou, lambeu e mordiscou com os dentes. Cada pequeno toque, não importa o quão suave, despertou meu corpo e colocou meus nervos em alerta máximo. Meu rosto estava ficando mais quente, e mais olhos estavam demorando agora, mais demônios parando para me observar. Também

mais humanos entre a multidão: não apenas Sadie, ao lado de Hana, mas homens e mulheres que me observavam com olhos arregalados, fascinados e temerosos, invejosos e ansiosos.

— Você vê o jeito que eles olham para você, Juni? — A voz de Zane fez cócegas no meu ouvido quando ele se moveu atrás de mim, agarrou meu cabelo perto do meu couro cabeludo e me puxou para cima de meus calcanhares até meus joelhos. —

Eles anseiam por você. Alguns deles gostariam de ser você. E

estou honrado que você se ajoelhou para mim.

Olhei para ele e estendi a mão para traçar meus dedos sobre o meu nome em seu peito. Uma cicatriz irregular e bagunçada – não muito diferente da minha. Não muito diferente de *mim*.

— Antes que eu te machuque, amor, eu vou te dar prazer.

— Ele puxou minha cabeça para trás, arrastando suas garras ao longo da minha garganta exposta. Então ele me empurrou para baixo, meu rosto no chão e minha bunda no ar. Ele puxou minhas calças para baixo e as tirou das minhas pernas enquanto eu permanecia na posição. Meu rosto estava queimando – envergonhado, mas ansiosa, nervosa, mas animada.

Apenas minha calcinha me cobria agora. Os dedos de Zane esfregaram o pano, demorando-se onde minha excitação o amorteceu. Então eles traçaram minhas coxas, me apertando apreciativamente, causando arrepios em minha pele.

— Porra, você cheira tão bem.

Murmúrios de afirmação ondularam pela multidão e meu rosto ficou ainda mais quente. Deus, eu tinha me acostumado

com Zane dizendo que ele podia sentir o cheiro da minha excitação – mas *todos eles* podiam. Não havia como esconder isso deles, sem fingir que eu não estava absolutamente pingando sobre o que estava prestes a acontecer.

Zane abaixou a cabeça e rasgou a lateral da minha calcinha com os dentes. Rosnados mais altos foram ouvidos quando ele puxou o pano e o jogou de lado, me deixando nua, o ar frio beijando minha pele.

Minha respiração começou a tremer, meus olhos piscando sobre os rostos ao meu redor. Eu já estava pensando demais em como eu parecia, como eu soava, como eu cheirava...

Mas tudo isso foi totalmente esquecido quando a boca de Zane se fechou sobre mim.

Sua língua bifurcada lambeu meu clitóris, acariciando ao redor dele, provocando e sacudindo o botão até que cada toque enviasse ondas de estimulação avassaladora através de todas as minhas terminações nervosas. Ele usou seus piercings a seu favor também, massageando a cabeça lisa e arredondada dos halteres sobre meu clitóris. Cada toque do metal quente me fez ofegar, e então meu abdômen começou a apertar, e eu ansiosamente arqueei minhas costas.

— É tão bom, — eu choraminguei, minhas palavras tremendo. — Por favor... porra, por favor...

— Mm, eu adoro quando você implora, — ele murmurou contra mim, a vibração de suas palavras me fazendo estremecer. Ele agarrou minhas coxas com mais força, garras cavando em mim enquanto ele pressionava sua língua dentro.

Jurei que ele poderia alongar sua língua à vontade - estava

pressionando profundamente, acariciando minhas paredes internas, uma sensação totalmente única de seus dedos ou de seu pênis. Ele podia manipular essa língua de maneiras que eu nunca tinha imaginado, os lados bifurcados trabalhando independentemente um do outro para me estimular até que eu estivesse

tremendo,

meus

gritos

completamente

desequilibrados.

Eu não podia segurar mais. Eu não conseguia me preocupar com aparências, vergonha ou orgulho. Eu estava bêbada de prazer, aterrorizada, mas ansiando pela mesma coisa que me assustava: a antecipação daquela agulha na minha língua. Eu queria tanto que nem o medo, nem mesmo a dor, poderia me impedir.

Medo e desejo entrelaçados nos lugares mais escuros da minha mente, o medo se tornando luxúria. A dor fazia parte do prazer — o inevitável momento de destruição era inseparável do meu desejo.

Zane e eu sangramos um com o outro, e um pelo outro.

Carne e sangue eram as promessas que não podíamos colocar em palavras – eram as emoções que a linguagem não conseguia abranger completamente.

Meu corpo estava apertando, eu mal conseguia respirar fundo. A música, os olhos de quem assistia, a energia crepitante no ar carregado ao nosso redor – tudo isso desapareceu nos recessos profundos da minha mente. Eu estava à beira de um orgasmo, arrastado com cuidado ao longo de seu precipício, sem permissão para cair, mas também não para longe dele.

A boca de Zane se separou de mim e eu gemi, a esquerda tremendo e se contorcendo, visão turva com superestimulação.

Ele me puxou para trás, me segurou apertado contra seu peito e rosnou em meu ouvido: — Abra sua boca, amor.

Eu fiz como ele disse. Ele se levantou, me deixando ali de joelhos, me observando enquanto eu permanecia em posição para ele. Os olhos da multidão e seus sorrisos ansiosos não importavam enquanto ele estava na minha frente, sorrindo para mim com os grampos de metal na mão. Ele se agachou na minha frente e disse baixinho: — Você está pronta, baby?

Eu balancei a cabeça, minha boca ainda aberta. Meu clitóris estava pulsando, meu corpo ansioso por mais. Zane apertou minha língua, posicionando-a com cuidado, tomando seu tempo para se certificar de que o piercing ficaria confortavelmente. Eu estava tão tonta, tão nervosa, que tive vontade de rir. Eu mal conseguia me segurar.

Zane ergueu a agulha, o metal piscando na luz negra.

Parecia terrivelmente grosso de perto, e Zane estalou a língua suavemente, exigindo minha atenção de volta em seu rosto.

— Não tenha medo, baby, — ele disse suavemente. — Você está segura comigo.

Quase fechei os olhos, mas me forcei a mantê-los abertos.

Observei seu rosto em vez da agulha. Ele se moveu com perfeita calma e controle cuidadoso enquanto baixava a agulha.

Talvez fosse o prazer ainda inundando meu corpo, talvez fosse a adrenalina. Mas senti a pressão da agulha entrando e apenas uma pequena pontada de dor. Os demônios ao nosso redor uivaram, aplaudiram e gritaram seu entusiasmo. Mas eu

só podia ver Zane. Houve um leve puxão quando ele encaixou a joia na minha língua, prendeu e colocou os grampos de lado.

Em seguida, ele segurou meu rosto, embalando-o, sorrindo para mim enquanto a pressão diminuía, e eu sorri em êxtase fraco e atordoado.

— Como você se sente, amor? — Eu apenas balancei a cabeça e sorri, porque parecia muito estranho falar com o metal na minha língua. Ele beijou minha testa, e seu aperto passou do meu rosto para minha garganta. — Você fez tão bem. Você foi tão corajosa.

Ele me puxou para frente, e ele se deitou. Eu montei em sua cabeça, e ele agarrou meus quadris, me segurando contra seu rosto. Eu podia sentir o gosto de sangue, e minha língua doía com o estranho metal novo. Mas essas sensações foram deixadas de lado enquanto sua boca faminta me consumia. O

êxtase se espalhou por minhas veias como uma droga, cada golpe de sua língua me levando mais alto.

Ele gemeu contra mim, olhando para mim por entre as minhas pernas enquanto chupava ansiosamente meu clitóris.

O orgasmo caiu sobre mim com tanta força que gritei, minha voz tremendo com a força disso. Minhas coxas se apertaram ao redor de sua cabeça, e ainda assim, *ele continuou*. Mesmo quando meu orgasmo me agarrou tão forte que eu mal conseguia respirar, ele continuou chupando e lambendo para mais, me segurando no lugar, não satisfeito até que ele tivesse tomado cada segundo possível de felicidade de quebrar a mente. Não até que ele fez minha voz trêmula gritar seu nome.

Eu estava muito esgotada, muito sobrecarregada para lembrar muito depois disso. Lembrei-me de dizer algumas despedidas, Hana e Sadie me abraçando. Mas principalmente, eu me lembrei de Zane me carregando, porque meu corpo estava no limite, e cada passo que eu dava quase me fazia tropeçar nos meus próprios pés. Lembro-me dele

sentado comigo no jipe, me segurando no colo com a cabeça apoiada em seu ombro.

Eu me senti segura. Deus, depois de tanto tempo, eu encontrei um lar.



43

— Eu não esmaguei metade do corpo daquele velho bastardo para ser desacreditada assim. Maldito inferno.

Fechei o site de notícias no meu telefone, rindo do desgosto de Zane. Fazia alguns dias desde a festa de Halloween, e o jornal local finalmente publicou sua manchete:

— CHEFE DA SOCIEDADE HISTÓRICA LOCAL MORTO
EM APARENTE SUICÍDIO.

Foi a primeira e única menção pública que eu vi do destino de Kent, e eu não tinha dúvidas de que os Hadleighs restantes fizeram todos os esforços para garantir que fosse o caso.

— Isso é melhor para nós, — eu disse. — A última coisa que precisamos é que todos em Abelaum estejam no limite porque acham que um assassino está à solta. Os Hadleigh nunca gostaram da polícia bisbilhotando. Eu garanto que eles pagaram alguém para fazer a morte de Kent exatamente como eles querem.

Zane bufou. — Eu estava ansioso por todo o caos.

Humanos aterrorizados correndo para dentro no momento em que o sol começa a se pôr, trancando suas portas, sem confiar em ninguém.

É *divertido*.

— Abelaum já está perto o suficiente disso de qualquer maneira, — eu disse. — Todo mundo sabe que este lugar tem monstros, eles simplesmente não têm nomes para eles. E

agora, um desses monstros está finalmente morto.

— Eu me pergunto se a família sabe que fizemos isso. —

Zane se inclinou contra o balcão, nu, exceto por uma cueca preta apertada. — Eu não notei nenhuma câmera ao redor da casa.

Eu realmente apreciei seu hábito de andar quase nu. Era uma distração, mas agradável. Toda vez que suas mãos grandes apertavam a borda do balcão, minhas entranhas também apertavam. O demônio tinha o dom para ficar quente sobre as *mãos*.

Mãos fortes, cheias de veias e sufocantes.

— Quando Kent te viu, a primeira coisa que ele suspeitou foi Leon. — Dei de ombros. — Algo me diz que é aí que eles vão colocar a culpa, e provavelmente uma grande razão pela qual eles não querem ninguém investigando muito profundamente.

Não pode ter algum jornalista intrometido descobrindo toda a invocação de demônios, sacrifício humano, merda oculta da querida família modelo de Abelaum.

Zane riu. — Leon vai ficar com ciúmes como o inferno por você ter matado Kent. Ele vem falando sobre assassinar aquele bastardo há anos.

— Ele está ocupado com Rae. Duvido que ele precise da distração de tentar matar os Hadleighs em cima disso, — eu disse, esticando meus braços acima da minha cabeça. — Ei, eu vou pegar o carro e tomar o café da manhã. Estou morrendo de

fome.

Ele me agarrou quando me levantei da mesa, me puxando contra seu peito e traçando o polegar ao longo do meu lábio. —

Bem, não demore muito. Eu quero ver como esse metal em sua língua se sente no meu pau.

Eu mostrei minha língua para ele provocativamente. Ainda estava

dolorida, mas o inchaço havia diminuído e parecia que ia cicatrizar bem. — Eu devo esperar de seis a oito semanas, Zane. *Semanas*. Isso significa que não há boquetes.

— Puta merda, — ele gemeu dramaticamente. — Vocês humanos se curam tão lentamente. Graças a Lúcifer, sou flexível o suficiente para chupar eu mesmo.

Eu ri, me desvencilhando dele para pegar as chaves do carro no balcão. — Ok, eu vou me apressar de volta só para ver você fazer isso.

O dia estava cinzento, uma névoa suave chuviscando enquanto eu dirigia pela Main Street. Eu não tinha certeza do que era, mas eu me sentia diferente desde a noite de Halloween. Matar Kent, reivindicar meu poder nisso, depois festejar com demônios, conhecer tantos outros que não hesitaram em meu passado, deixar Zane me perfurar - era um tipo diferente de poder do que eu estava acostumada.

Poder sempre significava simplesmente sobrevivência: eu era forte o suficiente para passar o dia, forte o suficiente para superar o que quer que tentasse me matar? Mas esse poder... o poder que eu senti mesmo quando eu abandonei o controle e deixei Zane perfurar minha língua... isso era algo totalmente

diferente. Eu tinha falado a verdade e acreditado, eu tinha abaixado minha máscara sem medo de retribuição. Eu não estava acostumada com isso. Não parecia o poder de segurar uma arma ou tirar uma vida.

Era um poder calmo e silencioso. Como o sol nascendo pela manhã, como o oceano erodindo a pedra, como a força das árvores mais antigas e altas. Não era poder para lutar, não era poder que poderia ser retirado. Era natural, inerente.

Parei em um pequeno café na cidade. Seus sanduíches de café da manhã eram caros como o inferno, mas eles eram o único lugar em Abelaum que me daria um sanduíche com bacon cristalizado nele. Eu pagaria qualquer coisa que eles quisessem por bacon cristalizado. Com meu sanduíche e uma xícara de chá preto quente, sentei-me no carro estacionado ao longo da estrada e comi, apreciando os sons suaves da chuva.

Eu entendi por que as pessoas eram atraídas para Abelaum. É claro que, com a universidade no caminho, novas pessoas iam e vinham o tempo todo. Mas havia um charme tranquilo nessa cidade que não podia ser ignorado, algo que prometia ser acolhedor – mesmo que

aquela doce recepção pudesse se tornar mortal no momento em que a aceitasse.

Eu queria deixar Abelaum assim que isso acabasse, mas não tinha ideia de para onde ir. Nunca me imaginei capaz de me estabelecer em qualquer lugar: conseguir uma casa, um lar, criar raízes. Mas talvez, quando tudo isso acabasse, talvez houvesse algum lugar seguro lá fora para mim.

Talvez fosse um lugar que Zane gostaria também.

Eu quase engasguei com meu chá, me abaixando no meu

assento. Victoria Hadleigh estava subindo a calçada, o capuz de sua capa de chuva puxado para baixo sobre o rosto. Ela estava ao telefone, falando rapidamente, olhando nervosamente por cima do ombro a cada poucos passos. Havia bolsas sob seus olhos avermelhados, e seu rosto estava pálido.

Ela parecia pior quanto mais se aproximava. Quando ela colocou o telefone de volta no bolso, notei que várias de suas longas unhas de acrílico estavam quebradas. Aquelas bolsas sob seus olhos também não eram apenas olheiras.

Eram hematomas.

O que *diabos* tinha acontecido?

Ela estava quase no mesmo nível do carro quando me viu.

Seus olhos caíram em mim e ela parou, piscando lentamente antes que sua confusão se transformasse em terror aberto.

Ela correu, e de jeito nenhum eu a deixaria escapar.

Eu a segui no carro, mantendo distância, mas não dando a ela a chance de se esconder. Eu esperava que ela voltasse para seu veículo, mas ela continuou a pé. Ela saiu da Main Street, correndo por uma estrada sinuosa que contornava os novos prédios de apartamentos perto da baía. Ela chegou ao parque e correu pelo gramado, então não pude segui-la no carro.

Eu tive que fazer uma escolha: arriscar ela dizendo ao resto de sua família que ela me viu ou...

Ou matá-la. Aqui. Agora. Tudo que eu tinha em mim era minha faca, e

quando eu procurei meu telefone para ligar para Zane, percebi que o tinha deixado em casa.

Porra. Era só eu e a faca então.

Mas bem quando eu estava prestes a sair do carro, bem quando Victoria chegou ao outro lado do parque e estava prestes a atravessar a rua em direção à praia, um SUV preto parou ao lado dela.

Eu fechei minha porta novamente, observando enquanto ela parava e olhava para o veículo. Somente quando a porta do lado do passageiro se abriu ela começou a recuar, enquanto ninguém menos que o próprio Jeremiah caminhava em direção a ela.

Tanto para ter certeza que ela não tagarelou sobre me ver.

Mas Jeremiah não parecia interessado no que ela estava dizendo enquanto ela apontava freneticamente na direção que ela tinha vindo. Suas mãos estavam se movendo descontroladamente, e ela estava se afastando mais rápido, quanto mais perto Jeremiah chegava dela. A porta traseira do SUV se abriu e mais dois homens saíram do veículo. No momento em que o fizeram, Victoria tentou correr. Ela não foi muito longe.

Jeremiah a agarrou rudemente e ela conseguiu dar um breve grito antes que ele tapasse sua boca com a mão. Os outros dois homens se moveram para ajudá-lo, e ela estava lutando muito contra eles – lutando contra eles como temia por sua vida.

Sem Kent no comando, o que diabos o Libiri se tornou?

Eles a arrastaram para o SUV, empurrada para trás com os dois homens enquanto Jeremiah voltava para a frente. Eles começaram a dirigir, e eu liguei o motor novamente. Eu tinha que ver para onde eles a levaram. Mas enquanto eu seguia,

fazendo o meu melhor para manter distância do veículo, uma sensação de frio e dureza se instalou em meu estômago.

Quando o SUV saiu de Abelaum, indo para o norte ao longo da baía, percebi para onde eles a estavam levando.

Este era o caminho para White Pine.

Eu deveria ter dirigido de volta para casa. Isso não era algo que eu deveria ter chegado perto sem Zane. Mas eu não queria correr o risco

de perdê-los. Eu tinha uma suspeita sobre o que eles iriam fazer, e se eu estivesse certa...

Se eu estivesse certa, as coisas iam ficar ruins, muito rapidamente.

Três vidas poupadas, três almas dadas, e uma dessas almas deveria ser Jeremiah ou Victoria. Jeremias já havia deixado claro que não tinha intenção de dar a própria vida.

Minha apreensão cresceu, e eu aumentei a distância entre o meu carro e o deles. Zane logo iria se perguntar onde eu estava, e com alguma sorte, ele me rastrearía até aqui pelo cheiro. Se os Libiri sacrificassem Victoria, não havia como dizer o quão forte o Deus se tornaria e, por sua vez, quanto mais poder o culto teria.

Eu nunca pensei que chegaria a isso, mas eu não podia deixar Victoria Hadleigh morrer. Assim não.

Quando cheguei ao final da estreita e sinuosa estrada de terra na floresta, o SUV já estava estacionado e vazio. Também não era o único veículo ali. Pelo menos uma dúzia de outros estavam estacionados ao longo da estrada, todos vazios.

Eu pressionei minhas costas contra o assento, segurando o volante. Eu tinha que ficar calma

. Eu não podia perder a coragem. Minhas memórias —

aquelas rajadas de memórias intrusivas, intrusivas e dolorosas

— tinham que ficar firmemente no passado, onde elas pertenciam.

Movendo-me tão rápido quanto ousei, segui o caminho em direção à catedral de St. Thaddeus.



O ar estava pesado com o cheiro de uma fogueira e a sujeira úmida e enlameada pela chuva. O cheiro da fumaça desencadeou fortes e exigentes pontadas de medo dentro do meu peito – medo que me pesava como âncoras penduradas em meus ombros. Mas eu não podia voltar, não agora. Eu não podia deixar outro sacrifício acontecer.

Passos enlameados cobriam as velhas escadas de madeira para as altas portas da frente da catedral, a corrente que normalmente os prendia destrancada e posta de lado. Houve um murmúrio de vozes lá dentro, mas não ousei chegar muito perto das portas. Eu tinha que encontrar outra maneira de entrar.

Quando éramos adolescentes, Victoria e eu costumávamos nos esgueirar pela porta dos fundos que dava para as cozinhas.

Se você fosse qualquer tipo de jovem desviado crescendo em Abelaum, acabaria em St. Thaddeus eventualmente. Viemos aqui para fumar, beber ou foder nossas últimas paixões nos cantos escuros atrás do púlpito. Parecia blasfemo e nervoso, nosso próprio gostinho de liberdade roubada. Nós estivemos aqui uma dúzia de vezes antes do dia em que Victoria me levou por aquelas portas e eu descobri que nosso lugar secreto não

era tão secreto assim.

A velha cozinha cheirava a poeira e mofo. Poças de água da chuva estavam estagnadas no piso de madeira destruído, e poeira cobria as prateleiras vazias. Outra porta me separava da nave: apenas uma porta, entre mim e o culto que esperava lá fora. Meu coração estava batendo forte, a náusea aumentando.

Quanto mais eu pensava sobre onde estava, mais pesada era a onda de tontura que me dominou.

Isso não era uma memória, isso era realidade. Este era o aqui e agora. Mas Deus, eu desejava que Zane estivesse comigo. Sua presença teria me acalmado, teria me dado a rede de proteção que eu tanto precisava.

As tábuas velhas rangeram atrás de mim, e uma respiração irregular enviou um arrepio nas minhas costas.

Engoli em seco, fechando os olhos com força por um momento.

Eu não precisava olhar para trás para saber que o Sentinela estaria lá. Perseguindo-me, esperando por sua oportunidade.

Esperando o momento em que meu medo se tornaria demais, e isso poderia me empurrar para aquele vazio profundo, escuro e perigoso dos meus pesadelos.

Zane tinha dito para ignorá-lo. Eu nem ia *olhar pra aquele caralho*.

Eu exalei agressivamente. Eu estava no controle. Eu só tinha que ficar calma.

Eu rastejei em direção à porta, e lentamente a abri até a menor fresta. A luz dançante de uma fogueira encheu a nave, lançando sombras misteriosas sobre as velhas paredes e sobre o teto íngreme e quebrado. Eu não podia ver nada na frente da

igreja, mas podia ver o púlpito. Estava cercada por velas acesas, empoleiradas em uma montanha de cera própria que se acumulara ao longo dos anos. Houve um murmúrio de vozes e pés arrastando da nave, a multidão de congregantes fora da minha vista.

Jeremiah encostou-se ao púlpito, vestido com um terno branco engomado, olhando para sua congregação. Era dele agora, não havia dúvida disso. Eu sabia que matar Kent iria jogá-los no caos, mas eu não tinha previsto que Jeremiah reagiria tão rápido e tão... violentamente.

Era como se ele estivesse pronto para isso. Como se ele estivesse esperando. Este não era o resultado que eu estava procurando. Eu estava antecipando algumas semanas de luta pelo poder dentro do Libiri, enquanto todos aqueles que disputavam o primeiro lugar tentavam fazer sua jogada.

Mas Jeremiah já havia se colocado na posição de líder deles. Ele tinha seus homens atrás dele, jovens que presumi serem seus colegas de classe; pessoas que ele sugou em suas mentiras, que ansiavam pelo tipo de poder que ele oferecia. O

poder de tirar uma mulher da rua sem repercussões.

Eu odiava Victoria, mas me deu nojo vê-la amarrada a seus pés. Sua jaqueta havia sumido, sua camisa estava rasgada e ela estava coberta de lama, como se tivesse caído no caminho para cá. Ela estava

amordaçada com um pano sujo na boca, e seu lábio estava sangrando. Ela estava atrás do púlpito, cercada por pessoas. Não havia nenhuma maneira no inferno que eu poderia chegar até ela.

— Irmãos, irmãs, — Jeremiah falou de repente, sua voz

ecoando pela catedral e silenciando o murmúrio da multidão.

— Está na hora.

Eu não tinha como parar isso. Se Zane estivesse aqui, poderíamos ter matado todos eles, poderíamos ter destruído essa bagunça de uma vez por todas.

Mas éramos apenas eu e minha faca, e isso não era suficiente. Caramba, não foi o suficiente.

Um silêncio caiu sobre a igreja. Tudo o que restou foi o som da chuva e o choro suave e desesperado de Victoria. Os olhos de Jeremiah moveram-se lentamente sobre a multidão que eu não podia ver, estreitados, suas mãos agarradas firmemente nas bordas do púlpito. Eu ainda podia imaginar seu pai parado ali, muito claramente. Eu ainda podia ouvir a maneira como Kent se dirigiu a seus seguidores, quão sério ele soou, como ele falou como um homem que realmente acreditava que o que estava fazendo era certo.

Isso tornou tudo ainda mais horrível – como eles realmente acreditavam que estavam fazendo a coisa certa.

— Alguns dias atrás, — disse Jeremiah. — Todos sofremos uma grande perda: a perda de nosso pai, nosso guia, nosso pastor. Os forasteiros serão informados de que ele se matou, como devem ser, para proteger o que temos. Mas nós sabemos a verdade, não é? Houve murmúrios de ascensão da multidão.

— Sabemos que Kent Hadleigh foi *assassinado* por sua devoção a Deus!

Gritos mais altos começaram, vaias de raiva e clamores por justiça. Minha mão apertou o batente da porta, fazendo as tábuas velhas rangerem, e eu instantaneamente preendi a

respiração, encolhendo. Mas Jeremiah estava muito absorto em seu discurso para me notar.

— Mas triunfaremos, irmãos e irmãs! — ele disse. — Eu vou nos levar adiante. Vou garantir que nossos juramentos sejam cumpridos. E vou

garantir que a morte do meu pai seja vingada. Vou garantir que seus assassinos sofram por sua blasfêmia, como Deus quer.

— Como Deus quiser, — murmurou a congregação. Eu precisava sair. Não havia nada que eu pudesse fazer aqui. Eu não tinha como parar isso que não me colocaria em perigo iminente. Mas então Jeremiah se agachou, agarrou o braço de sua irmã e a arrastou ao lado do púlpito.

— Como Deus quer, minha querida irmã Victoria irá se juntar ao Deep One, — disse ele, enquanto Victoria se esforçava contra ele. — Três vidas poupadas devem ser três almas dadas. Aqui, hoje, enviaremos a segunda alma a Deus, em agradecimento por sua misericórdia, na esperança do novo mundo que está por vir.

— Três vidas poupadas, três almas dadas, — repetiu a congregação. Victoria não estava olhando para eles – ela estava olhando para Jeremiah, seus olhos arregalados em acusação, horror, ódio. Agarrando-a com tanta força que seus dedos cravaram em sua pele, Jeremiah se inclinou e beijou sua testa, murmurando algo que não pude ouvir quando ela começou a balançar a cabeça freneticamente. Então ele a soltou, e dois de seus homens avançaram para contê-la antes que ela pudesse rastejar para longe. Ela estava gritando novamente, abafada pela mordação. Jeremiah voltou ao púlpito e ergueu uma lâmina

para pegar a luz do fogo.

Eu conhecia aquela faca. O cabo curvo escuro era texturizado com pequenas saliências, como a parte de baixo dos braços de um cefalópode. Eu queria recuar, eu queria ir embora; mas eu estava enraizada no lugar. A faca me segurou fixamente enquanto Jeremiah estava diante de Victoria e disse:

— Nossa irmã Victoria está com medo, mas não estamos todos com medo do poder de nosso Deus? Não estamos todos com medo do que Ele pode exigir de nós? Mas não somos menos dedicados. Não somos menos determinados. Isto é como deve ser.

— Isso é como deve ser.

— Não permitiremos que o medo de Victoria a impeça de sua devoção ao Profundo. Seremos fortes por ela. Vamos garantir que seu dever seja cumprido.

Ele era como seu pai – era como Kent renascido.

As tábuas do assoalho atrás de mim rangeram novamente.

O hálito frio enviou um calafrio no meu pescoço. Na minha visão periférica eu podia ver a figura vermelho-sangue parada ali, mas me recusei a me virar para ela. Engoli em seco, suor frio escorrendo pelas minhas costas enquanto aqueles dedos duros e esfolados roçavam meu ombro.

— Não, — eu sussurrei. — Isso não é um pesadelo. Eu sei onde estou.

Quando Jeremiah se inclinou com a faca, eu me vi no lugar de Victoria. Eu me vi gritando, chorando, lutando, implorando. Vi os rostos mascarados que me cercavam, me observando em silêncio, sem oferecer ajuda.

Com o gosto de bÍlis na minha boca, eu os assisti cortá-la.

Ela estava gritando, mas o som estava mudo. Tudo parecia nebuloso. Concentrei-me na textura do velho batente da porta sob meus dedos. Tentei me perder no cheiro da fumaça e no som da chuva. Eu estava caindo, cada vez mais perto daquele lugar perigoso e vulnerável.

O olhar do Vigia estava frio na parte de trás da minha cabeça. Ele ainda tinha seus dedos vis no meu ombro. Eu não podia deixar isso me sugar de volta para a escuridão. Mordi o lábio com força; Eu mordi até sangrar. A dor me manteve aterrada, mas apenas um pouco.

Parecia durar para sempre. Quando Jeremiah se endireitou, a faca pingando sangue no chão, tudo voltou à velocidade com uma clareza surpreendente.

— Vamos levá-la até a colina, — disse Jeremiah, e foi como se uma luz tivesse se apagado em seus olhos, deixando apenas uma vasta e fria escuridão para trás. — Vamos levá-la a Deus.

Eu me levantei devagar. Recuei, com o máximo de cuidado que pude, até chegar à porta pela qual entrei. Então, e só então, dei uma olhada. Só então olhei para o Sentinela cara a cara, agora agachado nas sombras no canto, olhando para mim.

Seus dedos se contraíram. Seus olhos arregalados não deixaram meu rosto nem por um momento.

Ele me queria. Queria meu terror, minha dor. Queria os gritos sem fim em meus pesadelos.

Eu balancei minha cabeça. Não dessa vez. Não *fodendo*

desta vez.

Saí pela porta e, com a chuva fria na minha pele, corri.

Eu estava no meio do caminho de volta para o carro quando meu estômago se revoltou. Eu me dobrei, vomitando na sujeira. Os gritos abafados de Victoria ainda soavam em meus ouvidos. Pareciam meus. Aquele lugar horrível, a faca, o cheiro, o frio...

Eu me levantei e observei em silêncio. Eu não tinha feito nada — mas não poderia. Victoria merecia morrer, ela fez o mesmo comigo. Ela me levou para ser massacrada. Ela me abandonou para ser torturada.

Eu cuspi, limpando minha boca com as costas da minha mão. Eu precisava dar o fora de lá. Eu precisava voltar para Zane, voltar para a segurança. O vento açoitava as árvores acima, e com ele veio o fedor miserável da morte.

Ao olhar para a frente, descendo a trilha que me levaria de volta ao carro, notei algo que não havia percebido antes: vários cachos de cogumelos brancos pálidos. Eles estavam por toda parte, brotados da terra, agarrados às laterais das árvores, escavando entre as raízes. Centenas... milhares... eles estavam por toda parte.

Olhei para minhas mãos trêmulas. Mãos que tiraram sangue, mãos que mataram, que me ajudaram a sobreviver.

Mãos que uma vez me arrancaram da mesma mina em que Jeremiah e o Libiri estavam prestes a jogar Victoria.

Eu tinha sido derrubada viva. Eles a jogariam viva também. Ainda havia tempo para parar o sacrifício.



45

Mantive-me fora da trilha, correndo por entre as árvores.

Eu estava com minha faca pronta – Deus, eu fui uma tola por vir aqui sem uma arma. Mas eu ia ficar quieta. Eu sabia o que tinha que fazer. Uma vez que eles jogassem Victoria no chão, eu esperaria que eles saíssem, então a traria para fora. O que diabos eu faria com ela então, eu não sabia. Sempre pensei que a mataria sem hesitar. Eu *tentei* matá-la, anos atrás, e fui presa por isso. Eu a queria morta.

Mas não assim. Não quando eu fiz a mesma merda vergonhosa e hipócrita que o resto daqueles covardes. Eu os vi cortá-la e não fiz nada. Por mais que eu a odiasse, por mais que eu quisesse colocar uma faca em sua garganta e sangrá-la, eu não ia deixar seu vil Deus ter o que Ele queria.

Eu não era como eles. Eu era melhor que eles. Eu era melhor do que assistir horror em silêncio.

Eu não ia deixar o Libiri ter sucesso. Eu não ia ficar parada enquanto eles agradavam o Profundo com ainda mais sofrimento.

Eu estava encharcada até os ossos, mas estava perto: vários talismãs balançavam sobre minha cabeça, suspensos em pedaços de barbante atado, girando ao vento. Estava realmente

uma tempestade agora - a chuva caindo em torrentes, trovões retumbando. Eu podia ver mantos brancos à frente, austeros entre as árvores.

Os cogumelos cobriam quase cada centímetro de chão aqui. Eu me

agachei, rastejando lentamente para frente, esmagando-os sob os pés a cada passo. Eles liberaram um cheiro pungente de podridão, espremendo repugnantemente sob meus sapatos.

— Vamos, Zane, — eu sussurrei para mim mesma. — Me encontre. Porra, me encontre para que possamos matar esses bastardos.

Se ele conseguisse chegar a tempo, teríamos todos eles em um só lugar. Podemos acabar com todos eles, podemos acabar com isso e destruir todos eles.

Mantive-me nas sombras enquanto tentava me posicionar para ver além do mar de mantos brancos. Todos eles estavam com suas máscaras: crânios de veado branco de osso, os olhos em buracos negros. Era assombroso como eles estavam parados, como estavam calmos, todos reunidos em torno de um lugar tão encharcado de maldade que fazia minha pele arrepiar só de estar perto dele. Será que eles se convenceram de que esse sentimento de desgosto era bonito, como se tivessem convencido de que sofrer era nobre?

Eu estava grata pela chuva e trovões abafando meus passos enquanto eu rastejava pela vegetação rasteira. O cheiro de podridão e morte era insuportável, espesso em meu nariz e enjoativo em minha garganta. Finalmente, pude ver Jeremiah parado diante da boca aberta do poço da mina. Ele também

usava sua máscara, e Victoria estava de joelhos a seus pés. Ela estava sangrando, sua camisa rasgada para dar espaço para as marcas horríveis e irregulares cortadas em sua pele. Eles haviam removido sua mordaca e, embora sua voz estivesse áspera, ela ainda gritava com eles.

— Vocês não podem fazer isso comigo! Eu conheço vocês, *eu conheço todos vocês, porra!* Vocês estão errados, vocês estão todos errados!

— Continue, irmã, e vamos começar a pensar que você está desafiando Deus, — disse Jeremiah.

— Foda-se isso! Fodam-se todos vocês! Papai nunca deixaria isso acontecer...

— Ah, você não acha? — Ele se ajoelhou e Victoria se afastou de sua mão. — Papai nos disse desde que estávamos no berço que um dia um de nós iria. Você é *abençoada*, Vitória.

— Era difícil dizer com a máscara e o rugido da chuva, mas eu

poderia jurar que podia ouvir o riso na voz de Jeremiah.

Ele sabia que era tudo mentira, mas continuou porque lhe dava poder. Isso permitiu que ele ficasse ali orgulhosamente com sua irmã na lama. Isso permitiu que ele se sentisse intocável. Minha mão apertou a faca. Não importava a que Deus ele servia. Não importava se ele achava que era abençoado ou escolhido ou qualquer outra besteira que ele inventasse.

Ele ia morrer como seu pai.

— Ela não é abençoada? — ele gritou para a multidão enquanto se levantava. — Quem entre vocês se apressaria para se oferecer ao Profundo? Quem aqui não é um covarde diante

de Deus?

Houve uma batida, depois outra e, por um momento, pensei que ninguém daria um passo à frente. Eu esperava estar prestes a vê-los virarem as costas para isso. Mas então...

— Eu poderia! — Um manto branco deu um passo à frente. Sem rosto, sem nome. — Eu me entregaria a Deus em um piscar de olhos. Eu ficaria honrado em ser tão abençoado...

Não chegaram a terminar. Jeremiah afundou a faca em seu peito até o punho. Ele os pegou quando eles caíram de joelhos, segurando-os perto. — Então você é realmente abençoado. O Profundo te abençoou. O Deep One vai levá-lo para a eternidade.

Nenhum deles se moveu. Houve alguns murmúrios fervorosos de “Tudo está como deveria ser” enquanto Jeremiah arrastava o acólito sangrando em direção à mina. Ele parou diante do poço e tirou sua máscara, segurando sua vítima com os punhos atados em sua capa.

— Deus! Me ouça! — Sua voz falhou quando ele gritou. —

Eu lhe ofereço uma alma, espontaneamente! Eu ofereço uma alma em devoção, em adoração! Não peço nada, exceto sua bênção!

Ele empurrou sua vítima no escuro. Não houve sequer um grito, e a chuva cobriu o som deles batendo na água abaixo.

Era como se eles simplesmente caíssem em um abismo e estivessem caindo para a eternidade.

Victoria estava chorando agora, balançando a cabeça. Os comparsas de Jeremiah a impediram de rastejar para longe.

Jeremiah abriu os braços diante da escuridão. Ele estava

respirando pesadamente, seu terno branco manchado de sangue. Ele fechou os olhos, inclinou a cabeça para trás e gritou: — Deep One! Me abençoe!

Era como se todos ali reunidos prendessem a respiração.

Esperando... observando. Fiquei abaixada ao lado do tronco da árvore, mas o movimento aos meus pés me fez olhar para baixo.

Cogumelos, brotando rapidamente ao redor dos meus pés.

Um arrepio subiu pelas minhas costas, como um dedo frio percorrendo minha espinha. O vento uivava ao meu redor, e com seu uivo veio algo horivelmente familiar, uma voz que eu tinha ouvido muitas vezes antes.

Mas desta vez, não estava chamando meu nome.

Estava ligando para o de Jeremias.

Os adoradores murmuravam. Um tremor percorreu o chão e eles começaram a gritar. Jeremiah voltou-se para eles, os braços ainda abertos. — Você vê? Vocês todos vêem? Deus está aqui! Deus nos ouviu! Ele recebeu nossa oferta! — Seu sorriso selvagem de olhos arregalados caiu sobre Victoria. — E

receberá outro.

Eu mal tive tempo de processar o que estava vendo quando ele a arrastou do chão, gritando, lutando – e cortou sua garganta.

Eu tive que engolir o vômito que queria subir em mim novamente. Seu sangue se derramou pelo chão, e Jeremiah a jogou no escuro, descuidadamente, rudemente, seu corpo arremessando-se nas profundezas como uma boneca de pano.

Putá merda, eu estava errada. Eu estava tão errada. Não

havia como salvá-la disso.

O chão retumbou novamente, um pulso vibrando sob meus pés. O ar parecia espesso, tão pesado em meus pulmões que tive que suprimir

desesperadamente a vontade de tossir.

Meu corpo ficou frio quando percebi que *algo* estava se movendo no poço da mina. A forma dele estava se transformando, mudando constantemente - a própria escuridão se movia, como tinta sendo agitada. Essa tinta estava se espalhando, estava vazando. Gavinhas pretas testaram as bordas da estrutura do poço, estendendo-se no ar como se estivessem agarrando alguma coisa. Houve um suspiro e um grito de um dos mantos brancos.

Os murmúrios atravessaram a multidão: — Deus está aqui. Deus está aqui.

Eles começaram a cair de joelhos. Quando Jeremiah olhou para eles, as veias no branco de seus olhos ficaram vermelhas, como sangue rachando na superfície. Ele encarou a escuridão novamente, seu peito arfando com o esforço de respirar a repentina espessura da atmosfera.

— Abençoe-me, Deus, — disse ele novamente. — Me abençoe.

Os tentáculos dispararam. Eu coloquei minha mão sobre minha boca enquanto eles se enrolavam em torno de seus membros como cobras, movendo-se rapidamente, envolvendo cada centímetro de pele como se o envolvessem. Ele os observou com uma expressão em algum lugar entre horror e fascinação, e mais da multidão caiu de joelhos, levantando as mãos, chorando alto.

— Deus está aqui! O Profundo sobe!

Mas o Deus não podia sair... não podia... certamente não podia...

Os tentáculos envolveram a cabeça de Jeremiah. Ele estremeceu, e de repente sua boca se abriu e os tentáculos empurraram dentro dele, descendo por sua garganta, fazendo-a inchar enquanto ele engasgava. Ele se inclinou para trás, sua coluna se curvando de tal forma que ele podia olhar para trás na congregação de cabeça para baixo, seus olhos revirados em sua cabeça.

Ele começou a se levantar do chão, e eu não conseguia nem imaginar o que diabos eu estava testemunhando.

As gavinhas negras o mantinham suspenso no ar, empurrando dentro dele com tanta violência que seu peito se alargou e sua garganta inchou. Seu corpo começou a se contorcer, depois a tremer, e uma gosma preta vazou de sua boca... suas orelhas... seus *olhos*. ..

O estrondo parou, e Jeremiah caiu pesadamente no chão.

Tudo o que restava era a chuva, caindo ao nosso redor. Os tentáculos se foram, desapareceram dentro dele. Ninguém falou, ninguém se levantou. Eles apenas estenderam as mãos, trêmulas, em direção ao corpo inerte de Jeremiah.

Algo me agarrou por trás, uma mão tapou minha boca e a outra agarrou meu pulso. Eu me debati, em pânico, mas só até uma voz profunda sussurrar roucamente em meu ouvido: —

Não me apunhale desta vez, lobinha. Precisamos dar o fora daqui, *agora*.

Zane. Ele me arrastou para cima, sem dar chance para

protesto ou explicação. Ele estava tenso como o inferno e respirando com dificuldade.

Jeremiah começou a se levantar. Ele levantou a cabeça do chão, cada movimento uma contração bizarra. Isso me lembrou dessas coisas – aqueles Gollums que levaram o corpo de Marcus. Mas Zane não parou, não, ele só se moveu mais rápido. A última coisa que vi de Jeremiah foi ele se levantar completamente, uma gosma preta escorrendo de seus lábios.

Ele disse algo que eu não pude ouvir, mas pela forma como seus lábios se moveram, eu poderia jurar que ele disse: —

Alguém está aqui.



Ah, isso foi *foda*.

Abelaum estava fodida. A Terra estava fodida. Estávamos absolutamente fodidos. Mas eu não ia ficar por aqui e esperar pelo máximo de sacanagem, não senhor. Eu estava tirando Juniper e eu dali e colocando a maior distância possível entre nós e aquela *coisa*.

Eu deveria ter vindo procurá-la mais cedo, mas caramba, ela gostava de passar um tempo sozinha e eu não estava tentando sufocá-la. Meu erro - eu a deixei sozinha por algumas horas, e eu a encontrei no meio do Libiri, assistindo Jeremiah-fodido-Hadleigh ser possuído por um Deus. Eu não a deixaria sozinha por um segundo daqui em diante. Eu ia acorrentá-la ao meu maldito pulso.

Chegamos ao carro, e eu vasculhei seus bolsos em busca das chaves.
— Entre. Entre *agora*.

Ela parecia em estado de choque, com os olhos arregalados. Ela estava muito mais confusa do que com medo, e eu precisava que ela entendesse o que diabos ela tinha acabado de ver. Eu precisava que ela entendesse por que estávamos correndo.

— Eu não pude salvá-la, — ela disse, sua voz monótona, enganosamente vazia de emoção. — Eu não podia... eu queria...

— Salvar quem? — Apertei o pedal do acelerador no chão no momento em que saímos da estrada de terra. Eu me senti muito tenso para estar dirigindo. Não foi rápido o suficiente.

Deus, o *cheiro* naquela floresta. Apodrecimento e salmoura, sangue e terror — um terror profundo e antigo, o tipo de coisa que se acumulou ao longo dos séculos, o resíduo de centenas e *milhares* de almas sofredoras.

— Victoria, — ela disse. — Jeremiah a matou. Ele fez o segundo sacrifício, Zane.

Eu bati minha palma contra o volante, estremecendo quando ele estalou sob o impacto. O Deus estava muito perto de sair, muito perto.

Os olhos de Juniper estavam em mim, arregalados e incertos. — O que diabos aconteceu lá atrás? O que aconteceu com Jeremiah? Você viu isso?

Ah, eu tinha visto. Eu tinha visto a essência de Deus sair da escuridão

e se infiltrar dentro de Jeremiah. Era um mero *pedaço* do Deep One, um fragmento e nada mais. Não havia como um corpo mortal conter um Deus. Jeremiah provavelmente já estava apodrecendo de dentro para fora. Mas o poder de Deus o manteria em movimento, falando, matando.

Ele era um zumbi para a vontade do Deep One, fortalecido mesmo quando ele desmoronou.

Eu esperava que Leon tivesse Raelynn longe daqui agora, escondida. Se Leon tivesse algum bom senso, ele teria essa mulher trancada em um bunker em algum lugar. A única coisa entre o Libiri e libertar o Deus era um sacrifício final: Raelynn.

— Zane. — A voz de Juniper estava mais firme agora. Ela passou do choque para a determinação. — Que porra acabou de acontecer?

— Parte do Deus está em Jeremias, — eu disse. — Esses sacrifícios lhe deram força suficiente para tirar um pouco de sua essência da mina e dentro de seu corpo. Ele pode viver dentro dele como um parasita, usando seu corpo para se locomover. Seu corpo vai quebrar, eventualmente - a carne mortal não é construída para manter o poder assim. Mas ele será muito, muito perigoso até que o faça. Quem sabe por quanto tempo o Deus pode mantê-lo vivo?

Ela engoliu em seco. — Ele vai atrás de Raelynn.

— Todo o foco dele será em alcançar o sacrifício final, — eu disse. — E eu não vou deixar ele fazer isso.

— Como diabos devemos lutar com ele? Qual é a fraqueza dele?

— Não *nós*, Juniper. Eu.

Ela ficou em silêncio por um momento, seus olhos brilhando enquanto ela olhava para mim. — Que porra você quer dizer?

— Você não vai atrás de Jeremiah, não agora. Eu vou. Vou terminá-lo.

Choque... então fúria. Os fios que uniam nossos seres tremeram com a raiva que ela estava. — Como diabos você vai?

Não sem mim!

— Você não está ganhando esta discussão, Juniper. Não dessa vez.

Eu puxei para o quintal da casa. A chuva estava caindo

forte, e eu parei quando notei o aglomerado de cogumelos pálidos perto da porta da frente. Eu os esmaguei antes de seguir Juniper para dentro.

Ela estava desembainhando suas armas, verificando sua munição. Eu balancei minha cabeça. — Juniper, eu quero dizer isso. Você não vem.

— Sim, vou, — disse ela com firmeza, recarregando sua pistola. Peguei a arma de suas mãos, coloquei-a no chão e agarrei seus ombros para que ela tivesse que olhar para mim.

Sua mandíbula estava firme, seu olhar duro.

— Jeremiah não é mais apenas um homem mortal, — eu disse. — Ele tem a força de Deus. Ele será forte o suficiente para rivalizar comigo.

— Então você não deve ir sozinho.

— Eu não quero colocar você em perigo, Juniper—

— Eu sempre estive em perigo! — ela gritou, se afastando do meu aperto. — Entendo, o risco é maior agora. Eu não me importo! Eu não sou fraca. Eu não sou... eu não sou uma porra de uma responsabilidade. — Seus punhos estavam cerrados, mas sua voz estava tremendo. — Eu não vou deixar você fugir e fazer isso sozinho. Eu posso ajudar. Eu não sou fraca. — Seus olhos brilharam com lágrimas que ela se recusou a deixar cair, e ela rosnou furiosamente enquanto esfregava a palma da mão sobre eles. — Eu não vou deixar você lutar sozinho, Zane.

Peguei seu rosto em minhas mãos, aliviado quando ela não tentou se afastar novamente. Ela fechou os olhos, tremendo enquanto eu beijava sua testa e dizia: — Você não é fraca, lobinha. Você não é uma responsabilidade, ou um fardo,

ou qualquer outra merda autodepreciativa que sua mente possa inventar. Mas eu preciso que você me escute. Por favor.

Quando você está comigo, minha primeira preocupação sempre será protegê-la. Sempre. Eu sei que você pode lidar com você mesma. Eu sei o quão forte você é. Eu sei que você passou anos sem mim. Isso não muda minhas prioridades.

Ela fungou, balançando a cabeça. Eu a puxei contra mim, envolvendo

meus braços ao redor dela. Eu precisava que ela conseguisse. Eu precisava que ela entendesse. Eu respeitava sua força, mas independentemente de seu orgulho, eu não a arriscaria assim. Eu não ia deixá-la enfrentar algo tão mortal.

— E daí se ele me matar? — ela murmurou. — Minha alma é sua. Você vai me levar para o inferno. Morrer apenas poria um fim a essa merda louca...

— Foda-se isso. — Meus braços se apertaram ao redor dela. — Não fale assim, porra. Não vamos jogar sua vida fora.

Ela pressionou seu rosto contra mim, enterrando-o para que eu não pudesse vê-la, suas palavras abafadas. — Minha vida não é especial, Zane, não finja que é. Eu nunca fui feita para sobreviver tanto tempo. Eu não tinha porra nenhuma até... — Ela respirou trêmula. . — .. até que eu fiz um acordo com você.

— Juniper-

— Quero dizer! — Ela olhou para cima, e ela não estava escondendo as lágrimas agora. Porra, foi chocante vê-la chorar.

A dor física não tinha nada devendo a isso. — Você me fez sentir como se houvesse uma razão para me incomodar! Você me deu a eternidade. Você me deu esperança de que há uma

chance de recomeçar! Uma chance de ter uma vida que não seja tão fodida... mesmo que não seja realmente vida. Você me mostrou lugares onde eu me sentia bem-vinda, onde eu não sentia que todos pensavam em mim como uma aberração.

Você... você me queria. Eu não me importo com a barganha, Zane, eu me importo com *você*. Eu não posso te perder. Não posso. Você me deixa sentir como se eu tivesse encontrado um lar. — Ela fungou, esfregando os olhos com força novamente.

— Eu te amo, ok? Você fez isso, porra. Você quebrou a parede e a esmagou em pedaços. Você disse que queria tudo de mim, então aí está. Você entendeu. Como diabos posso arriscar perder isso?

Era como se ela acendesse um fogo no meu peito, alimentando as chamas com cada palavra que saía de sua boca. Mas antes que eu pudesse dizer uma palavra, ela disse rapidamente: — Você não precisa dizer isso. Você não precisa, só porque eu fiz. Isso escapou, eu... — Ela balançou a cabeça.

— Você não precisa. Eu não espero que você faça isso.

Eu prendi seu cabelo para trás, enxugando uma lágrima antes que ela pudesse rolar por sua bochecha. — Juniper Kynes, eu pretendo passar a eternidade mostrando a você o quanto eu te amo. Eu vou dançar nos escombros dessa porra de parede para sempre. Um demônio não usa essa palavra a menos que queiramos. — Eu ri. — Eu deixo você liderar quando você precisa, mas eu tenho dito a você o tempo todo, amor. — Ela mordeu o lábio com força, mas eu o afastei de seus dentes com o polegar. — Ouça-me: há coisas por aí que podem tirar você de mim. Existem monstros e magia que

podem nos separar. — Respirei fundo, forçando-me a me acalmar para não abraçá-la muito forte. — Você lutou toda a sua maldita vida para sobreviver. Mas eu estou lutando isto para você. Eu fiz um juramento de tê-la como minha. Eu te dei meu sigilo. Eu te dei meu metal. Você não vai me perder. Você não pode se livrar de mim, porra, entendeu?

Ela assentiu, mas eu sabia que uma parte de sua mente não a deixaria acreditar. Ela tinha visto muito horror. Ela tinha levado muito para aceitar que ela me tinha, que ela poderia me manter, que eu era uma coisa que ela não iria perder.

Eu não deixaria isso acontecer.

— Você não está mais sozinha, — eu disse suavemente. —

Deixe-me fazer isso. Deixe-me mantê-la segura. E quando esta confusão acabar, vamos deixar esta maldita cidade e fazer o que quisermos. Você lutou por sua vida, Juniper. Você merece viver o resto sem ter que lutar mais um dia.

Ela se inclinou contra a minha mão. Houve êxtase em tomar sua alma, mas isso? Isso foi além das palavras. A magia que nos unia nunca poderia imitar esse sentimento; nenhuma barganha da alma poderia chegar perto de uma declaração como o amor. E uma mera palavra não poderia abranger o que eu sentia por ela - não poderia descrever a certeza de que ela e eu deveríamos estar entrelaçados. A energia selvagem que compunha nossos seres era magnética, não havia como separar isso.

Eu vivi por centenas de anos, e eu sabia o quão raro isso era.

Ajoelhei-me e beijei suas mãos. — Só desta vez, Juniper.

Abaixe suas armas e deixe-me usar as minhas.

Ela respirou fundo e soltou o ar com um estremecimento.

Ela olhou para mim como se estivesse tentando encontrar uma mentira, como se estivesse tentando encontrar uma razão para me negar. Mas eu não estava me mexendo sobre isso. De jeito nenhum. Eu cuidaria do que era meu.

— Eu vou deixar você lutar, — ela finalmente disse. —

Mas você não vai sozinho. Eu estou indo com você. Vou ficar para trás, vou ficar escondida. Mas se algo der errado, eu preciso *saber*. Eu preciso *estar lá*. — Seus olhos estavam desesperados; eles estavam implorando. — Vou manter distância. Não tenho medo deles, Zane. Há apenas uma coisa que eu tenho medo – e é perder você.

Eu sabia que ela não iria ceder sobre isso. Pelo menos assim, se as coisas dessem errado, ela saberia imediatamente.

Isso lhe daria uma vantagem para correr.

Eu balancei a cabeça lentamente. — Você vai ficar para trás. Você vai ficar escondida não importa *o que aconteça*.

Concordou?

Ela assentiu em troca. — Não morra, porra, Zane, — ela disse. — Não se atreva.

Eu sorri. — Você sabe que eu não iria desobedecer você.



O sol havia se posto e o cheiro de fumaça estava no ar.

Algo em Abelaum estava queimando; Eu podia ver a nuvem de fumaça subindo sobre as árvores ao sul. O ar parecia estranho, parecia *carregado*. Como um fio energizado lançando eletricidade através de uma poça de água.

Dirigimos para Abelaum com os faróis apagados e, quando chegamos à cidade, avistei a causa da fumaça: o Food Mart na esquina da Main Street com a 1st tinha sido totalmente queimado.

Fiquei

olhando

enquanto

passávamos,

o

estacionamento fechado com fitas amarelas.

A polícia estava por toda parte, e o cheiro forte de sangue e gasolina estava no ar. Quando olhei, um saco para corpo foi levantado do concreto e colocado na parte de trás da van.

— A merda está aumentando rápido, — Juniper disse suavemente.

— O Deus não vai perder tempo, — eu disse severamente.

— Seu retorno ao poder está muito próximo para que Ele comece a afrouxar. Só vai ficar mais cruel. Mais violento. E

agora Ele tem Jeremias para realizar Sua vontade.

— Não por muito mais tempo, — ela murmurou. Eu sabia o quanto ela queria fazer isso sozinha: ela queria acabar com a

vida de Jeremiah por suas próprias mãos, e eu não a culpo.

Mas as coisas haviam mudado agora, o perigo era maior e muito mais urgente.

Eu precisava acabar com isso, e acabar com isso rapidamente.

Jeremiah tinha apenas um fragmento do poder do Deep One, mas

mesmo isso o tornava uma ameaça significativa. O

poder contido nele era palpável quando o vi na floresta, mas também era caótico, difícil de entender a verdadeira profundidade.

Eu não tinha certeza do que eu estaria enfrentando.

Meu próprio poder estava crescendo o tempo todo, como todos os caçadores de almas. Cada alma trouxe maior força, e a de Juniper aumentou a minha para níveis que eu ainda não tinha certeza. Eu raramente tinha necessidade de flexionar toda a minha força, então saber do que eu era capaz naquele momento era difícil. Mas eu senti as mudanças em mim.

Manipular a energia e o éter ao meu redor era mais fácil do que nunca.

O branco dos meus olhos estava escurecendo também. As íris douradas que eu sempre tive estavam se aprofundando na cor. Se um demônio ficasse forte o suficiente, seus olhos ficariam completamente pretos.

Como os arquidemônios. Como Callum.

Eu não poderia igualar seres assim ainda. Mas caramba, eu esperava estar perto. Eu ia precisar.

Tudo cheirava mal, e piorava à medida que nos aproximávamos da casa dos Hadleigh. A chuva cobria o pára-

brisa enquanto dirigíamos, a estrada brevemente iluminada por um relâmpago. Fiquei feliz com a chuva; isso esfriaria a temperatura do meu corpo e manteria Juniper melhor escondida.

Quando chegamos à propriedade, nos aproximando sob a cobertura da escuridão sob as árvores, descobrimos que ela havia mudado desde a última vez que estivemos lá.

O enorme gramado, geralmente bem aparado, tinha crescido longo e selvagem. Cogumelos brancos haviam brotado por toda parte, tão prolíficos que havia uma teia pálida e fibrosa espalhada pelo gramado entre os vários cachos.

A entrada estava cheia de carros, e através das janelas iluminadas, eu podia ver uma multidão de pessoas reunidas na sala de estar. Eram homens e mulheres jovens com expressões cansadas e de olhos

arregalados. Vi armas no balcão, mas ninguém parecia pronto para um ataque. Eles estavam bebendo cervejas, conversando baixinho.

Não havia sinal de Jeremiah.

— Eu vou encontrá-lo, — eu disse. Juniper acenou com a cabeça, sua espingarda apertada em suas mãos. — Se a merda for para o sul, você vai *embora*. Compreendido?

Ela estreitou os olhos. — Se você precisar da minha ajuda, então...

— Não, — eu disse, me agachando sobre ela, minha voz apertada com a esperança desesperada de que ela entendesse.

— Juniper, se eu não posso matá-lo, então as coisas são muito piores do que eu pensava. Se eu não posso matá-lo, você precisa sair de Abelaum. Saia do país. Vá o mais longe que

puder.

Ela desviou o olhar, balançando a cabeça. — Eu não estou fazendo nenhuma promessa, Zane.

Era o melhor que eu ia conseguir. Ela era inteligente e sabia do que era capaz. Se fosse necessário, ela saberia quando correr.

Mesmo que doa.

Mesmo que isso significasse me deixar para morrer.

— Fique escondida e espere por mim, — eu disse.

Agachando-me e movendo-me rapidamente, fiz meu caminho para fora das árvores e em direção à casa.

Cheirava ainda pior por dentro.

Manchas pretas de mofo tinham crescido nas paredes, e o tapete branco parecia sujo e amarelado. Eu fiz meu caminho pelo corredor, farejando o ar, avaliando quem estava na casa comigo. Havia oito humanos na sala de estar, e metade deles estava profundamente embriagado.

— Tommy nunca deveria ter ido com ele, — alguém disse, fungando, um tremor na voz. — Eu tentei dizer a ele-

— Sshh, cale a boca, — outra voz estalou. — Não deixe ele ouvir você falando assim. Este é um mau momento para começar a ficar todo sensível sobre essa merda, entendeu?

Sabíamos que alguns de nós morreriam. Já nos disseram isso desde o início.

Eu lambi meus lábios ansiosamente. Vidas seriam de fato perdidas – todas elas. Eu ainda não conseguia sentir o cheiro de Jeremiah. Havia apenas aquele fedor dominante de mofo e

podridão fazendo cócegas no meu nariz. Talvez ele estivesse fora. Isso pelo menos me deu tempo para preparar um lindo presente de boas-vindas para ele.

Aqueles oito humanos não tiveram chance. Era quase fácil demais. Quando entrei na sala, seus rostos vazios me encararam com total confusão, imóveis. Seus corpos ficaram tensos em seus assentos, seus olhos arregalados piscando rapidamente.

Nenhum deles tinha suas armas à mão. E estes deveriam ser os poucos escolhidos de Jeremias? Que vergonha.

Lentamente, um dos homens se levantou. — Quem diabos é você?

Estiquei os braços, dei um gemido confortável e disse: —

Eu? Oh, eu sou apenas um mensageiro.

Eles franziram a testa, olhando um para o outro em confusão. Alguns deles olhavam nervosamente para suas armas. Mais deles estavam ficando de pé.

— Mensageiro? — o homem disse. — Qual... qual é a mensagem?

Limpei a garganta, as mãos entrelaçadas educadamente atrás das costas. — Ah, me dê um momento. Vou ter que recitá-lo de memória. Vamos ver: *Para os malvados bocetas sacrificadores de humanos que se autodenominam Libiri* — —

atavessei a sala antes que qualquer um deles pudesse reagir, peguei a cabeça de um homem em minhas mãos, torci e arranquei de seu corpo — *foda-se* .

O caos estourou. Eles tentaram alcançar suas armas, mas os humanos eram tão lamentavelmente *lentos*. Eu peguei

outro, rasguei sua garganta e joguei seu corpo através da sala para bater contra outro antes que ele pudesse sair pela porta.

Sangue espirrou pelas paredes, pela janela, pelos sofás brancos perfeitamente limpos.

Havia algo realmente satisfatório no sangue fresco contra um pano branco. Foi honestamente meio poético.

Em poucos minutos, oito corpos jaziam aos meus pés. Eu estalei meus dedos e acenei para fora da janela para onde eu sabia que Juniper estaria assistindo. Eu esperava que ela tivesse gostado do show, porque havia mais por vir.

Eu tenho as coisas arrumadas. Mudei os corpos para cima no sofá e espalhei um pouco mais de sangue ao redor para fazer um adorável — *Bem-vindo ao lar, J* — mensagem na parede. Então me sentei, tirando pedaços de carne sob minhas garras, e esperei que o convidado de honra entrasse pela porta.

Não tive que esperar muito.

Em poucos minutos, ouvi pneus triturando no caminho de cascalho. A tensão atravessou meus músculos, ansiosos pelo que estava por vir. Meu pé batia impacientemente, o cheiro do sangue ao meu redor me deixando com água na boca. Passos se aproximaram da porta da frente - Jeremiah não estava sozinho. Pelo menos outros três estavam com ele.

A porta se abriu e Jeremiah entrou, ladeado por três homens. No momento em que ele me viu, ele congelou.

Eu sorri, envolvendo meu braço ao redor do corpo decapitado ao meu lado. — Ei amigo. Bem vindo à festa.



A presença de Jeremiah parecia inchar no espaço, pressionando contra as paredes. Ele cheirava a podre, vil – seu cheiro não era mais remotamente humano. Quando seus olhos se moveram, eles eram muito rápidos. Eles pulavam de uma coisa para outra, como se ele fosse incapaz de absorver todas as coisas de que estava ciente de uma só vez.

— Você está parecendo um pouco nervoso, Jeremiah, —
eu disse. — Sentindo-se sobrecarregado, talvez?

Os homens atrás dele estavam vestidos com roupas táticas: jaquetas acolchoadas, capacetes, protetores faciais e, claro, armas. Eles tinham seus olhos fixos em mim, inabaláveis, muito mais bem preparados do que seus companheiros infelizes.

Jeremiah olhou ao redor — para o sangue nas paredes, as poças pingando no tapete, os intestinos pendurados sobre o abajur como alegres serpentinas de festa. Ele absorveu tudo, assentindo lentamente.

E ele sorriu.

— O que você acha que sabe, demônio? — A cadência de seu discurso era drasticamente diferente, fácil de notar, considerando que eu o segui por um maldito dia inteiro. — Há

quanto tempo você está rastejando por aí?

— Tempo o suficiente para saber que você está em cima de sua cabeça.

Ele estreitou os olhos. O reconhecimento cintilou em seu olhar, e ele disse: — Você estava na festa. O... o cara do barman.

— Sim, aquele que fica com toda a boceta. — Dei um empurrão no corpo ao meu lado, afastando-o. O sangue estava ficando frio e pegajoso. — Diga-me, Jeremiah... como estão seus reflexos?

Eu já havia condensado a parede de energia à minha frente. Bem quando seus olhos se arregalaram em suspeita, eu a empurrei para fora, e ela bateu nele e em seus homens com força total. Eles foram arremessados para trás contra a parede, o impacto tão forte que a atravessaram, enviando seus corpos esparramados no gramado em uma saraivada de madeira lascada.

Eu ri quando me levantei e caminhei até a parede danificada. Jeremiah estava deitado de costas na grama, e dois de seus homens estavam tentando rolar para os lados. O

terceiro parecia ter ficado inconsciente. Droga, e aqui eu estava preocupado. Essa explosão provavelmente quebrou as costelas de Jeremiah.

Ou pelo menos... deveria ter.

Talvez eu tenha ficado um pouco arrogante. Talvez eu tenha baixado a guarda muito mais cedo do que deveria.

Atravessei o gramado, pronto para esmagar Jeremiah como o pequeno inseto que ele era.

Mas ele saltou e se moveu muito mais rápido do que eu pensava ser possível. Nenhum corpo humano deveria ser capaz de se mover tão rápido. Seu punho acertou meu rosto, puxando meu pescoço para trás - ele agarrou meus ombros, me puxou para baixo e tentou seguir seu punho com o joelho. Mas eu torci, agarrei sua perna e a usei para derrubá-lo no chão.

Sua força era chocante. Ele me atacou em um mero segundo, me batendo forte o suficiente para que eu sentisse algo quebrar. Tentei me colocar em uma posição melhor e ficar em cima dele, mas ele estava lutando comigo, de alguma forma conseguindo me segurar.

— O que - que tipo de merda - *aberração* você é? — Eu rosnei, apertando sua garganta enquanto ele empurrava contra o meu rosto. Seus dentes estavam à mostra, seus olhos eram selvagens e injetados. Algo grosso e preto escorria de seu nariz, e ele rosnou enquanto se

contorcia, tentando mudar nossas posições. Eu me debati, quebrando seu aperto e pulando para trás, colocando alguma distância entre nós.

Ele se levantou, estalando o pescoço. Ele não estava respirando com dificuldade; Eu não podia sentir nenhum cheiro de medo nele. Cada centímetro dele estava tenso, seus músculos salientes, veias rígidas sob sua pele. Ele cuspiu uma bola grossa de coisa preta no chão, e eu torci o nariz.

— Então você está bem com a coisa toda apodrecer de dentro para fora? — Eu disse. — Isso é nojento, cara. Você cheira mal.

Ele riu, balançando a cabeça. — Tão despreocupado, não é? Não como o último demônio que conheci. Honestamente...

eu esperava que *ele* estivesse rastejando por aqui. Mas você...

qual diabos é o seu jogo?

— Meu jogo é simples: mate o *menino mau*, vá para casa, fume. Tem sido um jogo divertido até agora.

Eu ataquei novamente, mas ele estava pronto para mim.

Ele desviou meu golpe, bateu no meu ombro e me empurrou para trás, torcendo meu braço enquanto fazia isso. Eu mal consegui me livrar de uma lesão desagradável quando me afastei dele, parando novamente para reavaliar minha abordagem.

O som estalando de tiros rápidos me fez desviar novamente, correndo para evitar as balas. Dois dos homens de Jeremiah estavam de pé e tinham suas armas apontadas para mim. Seria preciso um monte de balas para me matar, muito mais do que eles teriam. Mas balas suficientes ainda poderiam me atrasar, e isso era a última coisa que eu precisava.

Jeremiah foi mais rápido do que eu pensava. *Mais forte* do que eu pensava.

Deslizei para o jardim ao lado da casa e me agachei nas sombras. Passos passaram correndo, com um segundo conjunto andando lentamente atrás.

— Vocês passaram direto por ele, seus *tolos tagarelas*.

Merda.

Jeremiah estava em cima de mim antes que eu pudesse correr novamente. Eu coloquei meu braço em volta de sua garganta, agarrando-o com força enquanto ele se agitava e tentava arranhar meu rosto. Apertei seu pescoço em meu braço, até que sua respiração estava ofegante e seus

movimentos se tornaram frenéticos. Porra, ele era difícil de controlar. A força que eu estava usando deveria ter esmagado a traqueia de um humano e se isso de alguma forma não o matasse, a falta de oxigênio em seu cérebro deveria. Mas Jeremias continuou lutando. Ele se debateu com todo o seu corpo contra o meu aperto, e eu perdi o equilíbrio, agarrando-o de joelhos...

Mais tiros estalaram, e desta vez eu não pude evitar. As balas atingiram minhas costas, meu pescoço. Eu vacilei com a picada, e Jeremiah aproveitou imediatamente. Ele se soltou e se empurrou para trás, bem quando mais balas atingiram minhas costas.

Eu poderia matar os dois atiradores rápido o suficiente, mas Jeremiah...

Ele não me deu uma chance para isso.

Ele me chutou no peito, tão forte e tão rápido que me jogou de volta contra o muro do jardim. Tijolos caíram ao meu redor e eu desviei de seu punho, peguei seu pulso e o bati. Mas não houve grito de dor satisfatório, nenhuma hesitação. Era como se a dor nem fosse registrada por ele, e isso me pegou desprevenido. Desprevenido o suficiente para que seu próximo golpe fizesse estrago.

Ele deu um soco nas minhas costas, bem onde uma das balas tinha me perfurado. Foi muito mais doloroso do que deveria ter sido.

Tentei me esquivar para fora do alcance e conseguir algum espaço entre nós, mas de repente senti como se o chumbo estivesse bombeando em minhas veias, cada membro

insuportavelmente pesado. Eu empurrei Jeremiah para longe, tropecei e agarrei meu ombro onde ele tinha me batido. Mas não foi apenas um soco: meus dedos encontraram algo pequeno, algo de metal, afundado profundamente na minha pele. E foda-se, estava *queimando*.

— Eu sempre soube que meu pai não estava usando aquela coisa do jeito que deveria ter usado. — Jeremiah riu, me observando ofegar enquanto eu tentava puxar a coisa de metal da minha carne. Meus dedos continuavam escorregando no meu próprio sangue. Fosse o que

fosse, estava sugando minha força tão rápido que minha visão estava escurecendo nas bordas. Porra... porra, isso foi ruim... o que diabos ele tinha feito?

— Diga-me, demônio: você deixou algo para trás no Halloween? Uma bugiganga, talvez? Algo que você roubou, algo que você enterrou antes de matar meu pai?

Algo roubado... algo enterrado... *porra*. O amuleto que Kent tinha usado. Eu nem tinha pensado nisso desde então.

Eu estava tão distraído – Juniper o enterrou, e nenhum de nós pensou em voltar para buscá-lo.

— Ahh, então era você, — disse Jeremiah, reconhecendo o olhar atordoado no meu rosto. Olhei para ele e engoli em seco, tentando reunir qualquer força que pudesse para ir atrás dele novamente. Mas os efeitos daquele maldito amuleto eram nauseantes. Eu não conseguia nem ver direito.

— Rapazes, dêem mais um pouco a ele.

O tiro ressoou em meus ouvidos, e desta vez as balas atingiram meu peito e uma atingiu meu rosto. A mira deles era

terrível e eu queria dizer isso a eles, mas o comentário sarcástico morreu na minha língua. Eu cambaleei, tossi e cuspi sangue.

Ah, isso foi ruim. Muito, *muito* ruim.

Eu não estava curando. Eu não estava me curando.

Tentei agarrar o amuleto novamente, mas quando o alcancei, só pude sentir sua borda. Afundou *mais fundo* nas minhas costas – estava se enterrando na minha carne como uma maldita sanguessuga. A maldita coisa foi feita para minar a força de seres sobrenaturais, e ansiava por isso como um animal faminto.

Jeremiah agarrou minha garganta e me arrastou. Eu agarrei seu braço, deixando cortes profundos e irregulares em sua carne, mas os cortes não pareciam incomodá-lo nem um pouco. Ele me puxou para cima, ambos os punhos atados na minha camisa, e me prendeu contra uma árvore.

— E aqui eu estava culpando o demônio errado o tempo todo, — disse ele. Ele riu enquanto me observava lutar, uma gosma preta e grossa

manchando seus dentes enquanto ele sorria para mim. — Eu pensei que Leon tivesse matado meu pai, mas ele está muito distraído adorando aquele cordeirinho de sacrifício, não é? — Ele me jogou para trás, então meu ombro atingiu a árvore novamente e o amuleto também, pressionando-o ainda mais fundo.

Eu apaguei por um momento. Eu senti como se estivesse caindo. Quando voltei à consciência atordoada, Jeremiah estava olhando para mim com um olhar que era muito inteligente, muito astuto. — A quem você serve? — ele disse

suavemente. — De quem é a barganha que você está cumprindo?

Eu cuspi em seu rosto, sorrindo quando ele atingiu sua bochecha. — Foda-se. Você é um garoto patético se escondendo atrás de um Deus patético. Você não pode nem me atrasar sem alguma bugiganga de bruxa velha.

Ele me soltou e eu caí de joelhos. Eu não o ouvi dar a ordem desta vez — as balas me atingiram sem aviso prévio.

— Diga-me seu nome, — ele disse calmamente, quando o tiroteio finalmente parou. — E a quem você serve.

A influência do Deus bateu contra meu cérebro, gritando para entrar. Mas não conseguiu obter minhas respostas à força, nem mesmo tão enfraquecido quanto eu estava. Os deuses não podiam invadir uma mente demoníaca como podiam com os humanos. Eu apenas ri quando a fechei.

— Por quanto tempo você pode continuar com isso, *garoto podre*? — Eu disse. — Seu corpo não aguenta aquele Deus parasita flexionando tanta força para sempre. — Seu rosto se contorceu, a fúria o deformando quando ele se inclinou para perto de mim. — Vá em frente e continue tentando. Seu corpo vai quebrar antes que você consiga me matar.

Sua expressão ficou fria. Ele inclinou a cabeça, agachou-se e estendeu a mão para arrancar o rasgo que as balas de seus guardas haviam rasgado na minha camisa. Ele estreitou os olhos, olhando para mim com força, como se pudesse encontrar as respostas que procurava escritas na minha carne.

Eu endureci. Merda. *Merda*.

Agarrei seus pulsos, mas ele me prendeu novamente, me

jogando no chão. Meus membros estavam travando, a dor em queimação piorava quanto mais eu tentava lutar. Os olhos de Jeremiah embaçaram, uma névoa espessa os nublou quando ele empurrou meus braços para baixo e rasgou minha camisa.

Ele riu, e foi o som mais vil e antinatural que eu ouvi sair de um humano. Quando um Deus ria, você podia ouvir os gritos de todas as almas que Eles tinham levado, clamando em tal agonia que fazia a pessoa ficar doente só de ouvir. Esses gritos estavam na risada de Jeremiah também.

Ele traçou as pontas dos dedos, enegrecidas pela podridão, por cima do meu ombro – sobre as letras marcadas do nome de Juniper. — Então ela está de volta, afinal, — ele disse suavemente. — Victoria estava certa. A querida Juniper voltou para Abelaum... e conseguiu um demônio.

— Ela não está aqui, — eu rosnei. — Ela nem está em Abelaum. Por que você acha que ela chegaria perto deste lugar?

— Por que de fato? — Ele puxou o punho para trás, e seus dedos bateram contra o meu rosto. Eu balancei minha cabeça, atordoada, e Jeremiah saiu de cima de mim, me deixando no chão. Ele andou ao meu redor, levantando a voz. — Por que, de fato, Juniper Kynes voltaria para Abelaum? Será que ela é uma putinha vingativa que não sabe quando deve simplesmente *deitar e morrer*? Ele gritou as últimas palavras. Ele estava olhando para as árvores, examinando as bordas do terreno.

Porra, é melhor Juniper estar correndo. Eu sabia que ela podia ver o que estava acontecendo, e eu só podia esperar que ela não tivesse nenhuma ideia corajosa.

— Eu não sei sobre o que você está divagando, — eu disse, me empurrando até meus joelhos. — Você está ficando chato.

Tente esmagar meu rosto novamente para apimentar as coisas.

Mas ele não se importava mais comigo. Seus dedos se contraíram bizarramente enquanto ele continuava a olhar para a escuridão, sua respiração ficando mais pesada. — Eu posso sentir o cheiro dela lá fora. Oh, Juniper, *Juniper*. — Ele riu. —

Eu posso cheirar você, porra.

Meu corpo parecia tão pesado. Tão malditamente pesado e fraco. Eu tive que ficar de pé e encontrar uma maneira de desenterrar o amuleto.

— Ela está lá fora, — disse Jeremiah friamente. —

Encontre-a. Encontre-a e traga-a para mim.

— Devemos matá-la? — um dos pistoleiros perguntou.

— Não. — Jeremiah balançou a cabeça. — Traga-a viva.

Ela precisa aprender o que acontece quando você desafia a Deus.



49

As nuvens estavam densas no céu, e eu mal conseguia ver nada no escuro. Os holofotes ao redor do lado de fora da casa eram a única iluminação quando Jeremiah e seus comparsas se lançaram para trás através da parede em uma explosão de vidro estilhaçado e madeira lascada. Mas depois disso, a luta foi escondida no lado oposto da casa. Tudo o que eu podia ouvir era a destruição: tijolos caindo, madeira quebrando... e tiros.

Armas não podiam derrubar Zane. Não eram as balas que me preocupavam. O que me preocupava era quanto tempo tinha passado. Eu assisti Zane aniquilar uma sala de oito pessoas em dois minutos. Os humanos não eram difíceis de matar.

Se Jeremiah fosse realmente páreo para ele... se Jeremiah fosse *mais forte* que ele... eu não sabia o que diabolos eu faria.

Agarrei minha espingarda mais perto, meu coração batendo mais rápido à medida que os minutos se arrastavam.

Eu odiava me esconder lá no escuro como uma covarde. Mas eu concordei em deixar Zane lidar com isso. Eu tinha que ser paciente. Eu tinha que ser inteligente sobre isso.

O holofote na parte de trás da casa acendeu. Sentei-me,

estreitando os olhos enquanto várias figuras entravam em campo aberto.

Dois pistoleiros armados, completamente blindados, vinham direto para mim, suas armas em punho. Atrás deles...

Atrás deles estava Jeremiah, arrastando Zane.

Parecia que água fria tinha sido despejada sobre minha cabeça. Minha respiração ficou presa, descrença doente agarrando meu estômago.

— Ah, Juniper! — Jeremiah gritou, sua voz aguda com excitação selvagem e imprudente. — Saia, Juni! Faz tanto tempo!

Merda, merda, merda! Comecei a rastejar para trás nas árvores, mais fundo na escuridão e na vegetação rasteira. Eu não podia avaliar seus ferimentos desta distância, mas havia sangue espalhado pelo corpo de Zane. Eu não tinha ideia de quanto era dele.

Zane era um dos seres mais fortes que eu conhecia: a única coisa que eu já tinha visto melhor era aquele Archdemon, Callum. E eu não podia acreditar que Jeremiah era tão forte.

Se ele foi...

Se ele fosse, como diabos eu poderia derrubá-lo?

Os pistoleiros foram rapidamente invadindo as árvores. Eu não podia ver Jeremiah agora, mas eu ainda podia ouvi-lo gritar: — Você não pode se esconder, Juniper. Eu sei que você está aqui. Por que você não sai e joga? Seu demônio não conseguiu lidar com o jogo. Por que você não vem tentar ajudar?

Houve um grito súbito e áspero de dor, e meu coração deu

um pulso. Porra, o que diabos Jeremiah tinha feito com ele? Eu me agachei e recuei ainda mais. Os pistoleiros acenderam suas lanternas, presas à frente de seus coletes. Essas armas também não eram

brincadeira. Jeremias os tinha bem armados e bem equipados.

Os arbustos não eram grossos o suficiente para me esconder de sua luz. Eu me abaixei atrás de uma árvore, minhas costas pressionadas contra o tronco, minha espingarda pronta. Tomei algumas respirações lentas e profundas - eu tinha que manter a calma. Jeremiah estava chamando meu nome, sua voz ficando mais alta e mais selvagem a cada segundo que passava.

— Zimbros! O Profundo sente sua falta, Juni!

Risos se seguiram, enviando um arrepio nas minhas costas. Minha boca estava seca, e minhas mãos frias tremiam na arma. Atrás de mim, os passos se aproximavam cada vez mais, quebrando galhos e esmagando folhas enquanto se aproximavam do meu esconderijo.

Zane iria querer que eu corresse. Ele exigiu isso, ele insistiu que se Jeremiah de alguma forma o dominasse, então eu tinha que *ir*. Mas eu não conseguia me obrigar a fazer isso.

A própria ideia era repulsiva. Eu poderia fugir daqui, mas e daí? Voltaria a ser como era antes: correndo constantemente, raramente descansando, sempre olhando por cima do ombro.

Voltaria a lutar todos os dias, sobrevivendo apenas por isso, sem esperança, sem futuro, sem luz.

À minha frente, na escuridão, havia um borrão vermelho.

Olhos arregalados me encararam. O Sentinela esperou pelo

meu medo. Ele esperou que eu desmoronasse. Eu não tinha dúvidas de que podia ouvir meu coração batendo e sentir minha adrenalina no ar.

Tenho certeza que adoraria me ver correr.

Eu apertei minha mandíbula. Eu prometi a mim mesma que tinha acabado de correr. Zane tinha voltado para mim quando minha vida estava em jogo; Eu não estava prestes a abandoná-lo, não agora, não depois de chegarmos tão longe.

Um lar não é apenas um lugar – às vezes um lar é uma pessoa; às vezes um lar é de carne e osso.

E eu defenderia a casa que encontrei até meu último suspiro.

Lentamente, com cuidado, enfiei minha espingarda de volta no coldre

nas minhas costas e tirei minha faca da bainha.

Este não era o momento para ir em armas em punho. Um tiro perdido na escuridão e eles saberiam exatamente onde eu estava. Eu tive que tirar esses dois o mais silenciosamente que pude, e então...

Então eu descobriria o que fazer com Jeremiah.

Eu me encolhi no chão, minhas costas ainda contra a árvore, quando um dos pistoleiros passou pelo meu esconderijo. O outro estava a cerca de cem metros de distância, de costas para mim, iluminando um emaranhado de arbustos.

A cabeça e o rosto do homem estavam protegidos, mas havia uma pequena abertura sob o capacete. Na penumbra, eu peguei um flash de pele nua: a parte de trás de seu pescoço estava exposta.

Eu me levantei, dei um passo atrás dele e enfiei a lâmina de lado em sua garganta.

Ele fez um pequeno som, um gorgolejo choramingando quando desmoronou contra mim. Deus, ele era mais pesado do que eu esperava, eu mal conseguia segurá-lo. Eu só podia aliviá-lo lentamente para baixo e arrastar seu corpo para baixo de alguns arbustos tão rápido quanto eu ousava.

— Ei, você ouviu isso? — o outro cara gritou. Permaneci agachado, atrás da árvore novamente, o homem sangrando aos meus pés. — Oi, Antônio! Antônio?

Os passos se aproximaram rapidamente. Sua luz balançou perigosamente perto do meu sapato, e eu rastejei ao redor de um lado da árvore enquanto ele veio ao redor do outro.

— Oh merda... merda! — Sua luz caiu sobre o morto e ele começou a recuar rapidamente. — Ei, J-Ele recuou direto para mim.

Tentei esfaqueá-lo no mesmo local, mas minha mira estava um pouco errada. A faca ricocheteou na lateral de seu capacete e ele se debateu, usando a arma para tentar me atingir. Mas eu agarrei suas costas com força, os braços em volta do pescoço, e meu peso foi o suficiente para desequilibrá-lo. Caímos para trás, ele por cima, e seu corpo tirou o ar dos meus pulmões. Engoli em seco desesperadamente, ainda agarrada a ele, recusando-me a soltá-lo. Comecei a esfaquear freneticamente, descontroladamente, mas a faca não conseguiu penetrar em sua

jaqueta, e ele começou a gritar.

— Jeremiah! Ela está aqui, ela está fodendo – agh –

— Apenas *morra*, — eu assobieei enquanto afundava a faca profundamente em seu pescoço, finalmente encontrando o

ponto fraco. Seu sangue jorrou sobre minha mão, os respingos quentes salpicando meu rosto. Eu o empurrei e me mantive abaixado, tentando ver o que diabos Jeremiah estava fazendo agora.

Eu não podia vê-lo.

Olhei em volta nervosamente, examinando as árvores. O

Sentinela tinha chegado perto agora. Eu nunca vi a maldita coisa se mover, estava ali, bem atrás de mim, de pé sobre o corpo do moribundo. Seus olhos arregalados moveram-se lentamente entre mim e ele, como se avaliando a melhor presa.

Agachado no chão, estendi minha faca ensanguentada para ele. — Não tente nada, seu filho da puta, — eu sussurrei.

— Haverá muito medo para você se alimentar esta noite, mas não será meu.

Os olhos misteriosos da criatura travaram nos meus. Só de olhar para ele, a confusão estava subindo pelas bordas da minha visão. O pânico estava crescendo no meu peito como um balão. Mas continuei recuando. O Sentinela se abaixou, seus longos dedos vermelhos enrolados ao redor do crânio do moribundo enquanto ele olhava para ele com horror.

Lentamente, ele se inclinou para mais perto, e houve um som bizarro de estalo quando sua mandíbula começou a se abrir...

depois *mais*. ..

Levou sua *cabeça inteira* em sua boca.

Corri para a borda das árvores. Esperançosamente, isso manteria o monstro ocupado por um tempo. Comecei a engatinhar quando cheguei à beira do gramado, procurando no quintal por Jeremiah. Não foi difícil localizá-lo: ele estava

agachado sobre Zane, sua mão apertada ao redor da garganta do meu demônio.

Eu vi vermelho. Levantei-me, guardei a faca e puxei a espingarda. Estava totalmente carregada e eu tinha mais munição na minha bolsa. Se eu tivesse que colocar até a última bala direto no crânio de Jeremiah para matá-lo, então é o que eu faria.

Mas ele se levantou e me encarou, bem quando eu estava prestes a atirar. Ele sorriu e levantou a mão – pingando sangue na grama.

O sangue de Zane. Os olhos do meu demônio estavam arregalados, sua luz dourada embotada, seus lábios entreabertos enquanto ele ofegava. Havia um rugido em meus ouvidos como ondas do mar, um mar de pavor correndo para me afogar.

Jeremiah estava murmurando algo que eu não conseguia ouvir. Eu apontei direto para sua cabeça.

— Que porra você fez com ele? — Eu gritei. — *O que você fez?*

— Cuidado, Juniper. — Ele espalhou o sangue sobre o rosto, chupando casualmente a ponta do dedo. — Eu fiz seu demônio útil.

Olhei para baixo. Pela primeira vez, notei o estranho anel ao redor de Zane, a grama queimada. Mais marcas de queimaduras formaram linhas através do anel, criando uma forma bizarra ao redor de seu corpo.

A grama ainda fumegava. Na verdade, a fumaça estava começando a aumentar, mas não parecia ser de nenhuma

chama. A fumaça subia do próprio solo.

— Que porra... — Nuvens de fumaça preta subiram do chão, cinzentas e duras enquanto eu inalava. Jeremiah deu um passo para trás, ainda sorrindo descontroladamente enquanto a fumaça o obscurecia. Eu estava tossindo, minha garganta queimando. Eu estava prestes a começar a atirar cegamente na fumaça, mas Zane virou a cabeça para olhar para mim e tentou levantar a mão.

— Vá, Juniper. — Sua voz era áspera, tensa de dor. — É

um Reaper... ele está convocando um Reaper... vá...

A fumaça o obscureceu também. Então, na fumaça escura, algo se moveu.

Algo *maciço*.



50

A dor só piorou.

Meu corpo inteiro latejava de dor, cada músculo se contraindo, meus membros como pedras pesadas. Aquela agonia aguda e ardente onde o amuleto havia afundado em mim era como uma faca em brasa espetada nas minhas costas

- e não de uma maneira divertida. Não havia nada nem remotamente agradável nessa dor, apesar de minhas melhores tentativas de me fazer sentir um pouco melhor.

Eu não podia curar. Cada grama da minha força foi minada, e meu sangue estava se esvaindo com ela. Jeremiah tinha enviado seus homens atrás de Juniper – eles estavam indo direto para a morte se ela ainda estivesse lá atrás nas árvores. Ele se agachou sobre mim, e na minha visão turva, tudo que eu podia ver era seu rosto sorridente, os dentes manchados de podridão negra.

— Balas são caras, — disse ele, casual pra caralho enquanto olhava para o meu corpo quebrado. Ele estava resmungando, não falando tanto comigo quanto estava falando consigo mesmo. — E, porra, são necessárias muitas delas para fazer vocês, filhos da puta, vacilarem. O amuleto funcionou melhor do que eu esperava... mas há muito risco...

— Foda-se, — eu rosnei. — Foda-se você e sua porra de monólogo.

Talvez eu tenha tido sorte que ele me ignorou. — Mas você sabe o que é melhor do que balas e pequenos encantos? Um Ceifador.

Ele pode muito bem ter me chutado no estômago; Eu me senti tão

atordoados como se eles tivessem. Jeremiah nem deveria saber o que era um Ceifador. Eles eram os carrascos do Inferno

— monstruosidades enormes e inteligentes com quem os demônios formaram um pacto provisório. Se um demônio se tornasse tão indisciplinado que o Conselho decidisse destruí-lo, um Reaper seria chamado para fazer o trabalho.

Eu ri, mas o som estava engasgado com a dor. — Você é...

psicótico... se pensa... que vai envolver um Reaper.

— Você acha que eu não posso? — Seu pé pisou no meu peito. — Quem você pensa que eu *sou*, demônio?

— Você é apenas um patético— Dor ou não, eu não ia calar a boca. Mas o que se seguiu não foi dor. Não exatamente.

Foi como se algo tivesse aberto minha cabeça e se contorcido dentro das fendas, envolvendo meu cérebro e começando a *apertar*.

Visões espontâneas de um longo túnel escuro passaram pela minha cabeça. Visões de sangue — de vísceras — o som de mil vozes gritando em uníssono, em agonia. No fim do túnel, um rosto... uma figura... envolto em luz e cor, coberto por mil olhos piscando, constantemente se transformando, sempre mudando...

Eu o forcei de volta, mas ele deixou seu ponto claro: não

era *Jeremiah* que sabia nada sobre Reapers.

Era o Deus.

Seus dedos cutucaram e cutucaram minhas feridas, espalhando o sangue sobre meu peito. — O sangue demoníaco chama um Reaper para cumprir seu dever. Tenho certeza de que não se importará se o sangue não pertencer à vítima pretendida. Pode ter você também, como um deleite, uma vez que Leon seja tratado.

Eu era apenas a oferenda. Leon ficou entre Jeremiah e Raelynn, mas não por muito tempo. Leon não poderia vencer contra um Reaper.

Jeremias iria executá-lo. Ele ia matar Leon e estava me usando para isso. Minhas unhas cavaram inutilmente na grama, arranhando a terra. Eu preferia morrer. Prefiro me deixar destruir do que ser o catalisador da morte de Leon.

Mas não havia nada que eu pudesse fazer. *Nada*.

A névoa que nublava minha visão tornou-se escuridão. Eu estava muito fraco agora para conseguir me mandar de volta para o Inferno. Não tive forças para abrir um portão e escapar disso. A energia estava se reunindo ao meu redor, as palavras murmuradas de Jeremiah chamando no éter, além da Terra, nas profundezas do Inferno.

Ele não deveria saber as palavras para fazê-lo. Nenhum ser humano poderia.

De repente, mesmo no escuro e na dor, eu a ouvi. Eu podia senti-la perto. Eu podia sentir o cheiro dela.

Zimbro.

— Que porra você fez com ele? *O que você fez?*

Eu deveria saber melhor do que pensar que ela fugiria.

Meu pequeno lobo não correu. Mas foda-se, ela precisava. Ela não conseguia entender o que estava prestes a acontecer.

— Cuidado, Juniper. — Jeremias riu. — Eu fiz seu demônio útil.

Meu nariz se encheu de fumaça, dura e grossa. Parecia que uma mão tinha alcançado entre minhas costelas e estava apertando minhas entranhas, torcendo-as e amarrando-as em nós. Flashes de luz e grunhidos ferozes emanaram da escuridão que engrossava ao meu redor, e consegui virar a cabeça. Juniper estava ali, de olhos arregalados e manchada de sangue, sua espingarda apontada.

Porra, doeu até mesmo tentar falar. — Vá, Juniper. —

Minha voz saiu da minha garganta, minha língua inchada. — É

um Reaper... ele está convocando um Reaper... vá...

Então a escuridão a obscureceu, e algo enorme se moveu através da fumaça acima de mim.

Foi quase engraçado. Todos esses anos eu estive tão determinado a não fazer nada para irritar o Conselho, mas lá estava eu, sob as garras de um Ceifador de qualquer maneira.

Maldito inferno.

Houve um som de corvos grasnando na escuridão, e a temperatura caiu até minha respiração formar nuvens no ar enfumaçado. Vermes e besouros rastejaram do chão ao meu lado, correndo freneticamente enquanto a geada se formava sobre a grama. O contorno de uma enorme asa parecida com um morcego se moveu sobre mim.

Cinco olhos piscando, emitindo uma estranha luz

prateada por trás da mortalha escura que cobria seu rosto, olharam para mim. Sua voz era fria e profunda, vibrando em meus ossos enquanto ressoava: — Olá, pequeno demônio. Você se submete à morte?

Eu suspirei pesadamente. — Não, infelizmente, eu não. Na verdade, gostaria de fazer uma reclamação. Matar-me é... uh...

severamente desnecessário.

O Ceifador riu, o som desagradável o suficiente para me fazer estremecer. Centenas de dentes afiados pendiam de seu pescoço, como joias: troféus de suas vítimas. Eles chacoalharam juntos enquanto ele ria, sua armadura de pedra e metal preto gemendo enquanto se movia. — É assim mesmo?

E, no entanto, um Lorde Antigo me chamou com sua carne e sangue.

— Não é o sangue dele que eu chamei você para derramar,

— disse Jeremiah, sua voz muito alta para um mortal tão pequeno e insignificante. Os olhos do Ceifador se voltaram para ele e Jeremiah se encolheu, com razão. Pelo menos ele ainda tinha o bom senso de estar com medo, independentemente do que Deus o exortasse a fazer.

— Não é dele? — o Ceifador rosnou. — Então por que, Senhor Antigo, você chamou meu nome? Um Ceifador não aprecia seu tempo sendo usado frívolamente.

— Há outro demônio, — disse Jeremiah. — O nome dele é Leon. Ele está guardando alguém, uma mulher mortal. Eu preciso dele removido do lado dela. Eu preciso dele quebrado.

O Ceifador rugiu novamente – se estava rindo ou simplesmente respirando, eu não podia ter certeza. — Quebrá-

lo? E por que eu não o mataria, Lorde Antigo? Um Reaper chega para tirar uma vida. Não serei negado isso.

Jeremiah sorriu, a expressão se contorcendo em seu rosto.

— Claro que não. Você pode ter o demônio a seus pés, como uma oferenda. Uma vez que o outro foi quebrado, eu vou levá-lo para mim. Mas você pode ter este quando o trabalho estiver feito.

Excelente. Eu era a porra de uma moeda de barganha entre um Reaper e Deus – quando se tratava de — lugares que eu queria estar, — isso aterrissou solidamente por último.

Pelo menos Juniper se foi. Ela fugiu quando o Reaper chegou, e foi minha única sensação de alívio nessa bagunça.

Armas e facas não derrubariam um Reaper. Ela não teria a menor chance.

Uma vez que o Reaper me matasse, o vínculo entre Juniper e eu seria quebrado. Sua alma estaria livre novamente.

Talvez ela encontrasse outro ser para levá-la ao Inferno; Eu esperava que ela o fizesse. Uma mulher como ela era demais para este mundo, demais para uma mera vida mortal. Ela precisava de mais. Ela precisava de sua liberdade além desta Terra.

Porra, isso doeu mais do que eu pensava: a melancolia, a... a perda. Eu não tinha medo de morrer – eu odiava deixar Juniper para trás. Eu odiava saber que Leon iria morrer lutando contra este Reaper, ou ser quebrado e forçado a voltar para o controle do Hadleigh. Eu odiava ter falhado em proteger qualquer um dos seres que eu mais gostava.

Juniper sobreviveria; meu lobinho daria um jeito. Esse era meu único conforto.

— Nós Ceifadores não somos servos para receber tarefas,

— o Ceifador rosnou. — Mas por respeito a um Ancião, atenderei seu pedido. O demônio, Leon, será quebrado, e eu retornarei para este. — Ele se inclinou, seus olhos prateados olhando nos meus. — Você diz que não vai se submeter à morte, demônio. Mas seu corpo está envenenado. Que pena que você não será capaz de lutar comigo, mas será uma refeição fácil.

Um vento frio rodou ao meu redor, dissipando a fumaça persistente e o Reaper com ela. A noite estava estranhamente silenciosa: nenhum grilo cantava, nem mesmo o vento se movia. Jeremiah voltou ao meu

lado, casualmente mordendo os dentes. — Que pena que sua putinha está fugindo. — Ele olhou para mim com um sorriso cruel. — Você achou que ela iria te salvar? Correr é o que ela sempre fez de melhor. Ela vai correr, e correr... — Seus olhos endureceram. — Mas você nunca escapará de um Deus.

Ele começou a se afastar. Eu estava tão fraco que mal conseguia levantar a cabeça para vê-lo partir. Eu não podia correr. Eu só podia ficar ali e esperar que minha morte voltasse.

— Pessoalmente, — disse Jeremiah, enquanto continuava andando, — espero que ela volte. Espero que ela tente lutar contra o Reaper por você. Eu ficaria para assistir ao abate, mas... tenho um sacrifício para fazer. Ele se virou, olhando para mim. Seus olhos estavam embaçados, e quando ele falou, sua voz não era dele.

— Quando eu voltar, demônio, estarei livre. E será um mundo muito diferente. Será um mundo onde não importa para onde ela corra, Juniper Kynes nunca mais escapará de mim.



51

Juniper Kynes nunca mais me escapará.

Sim, vamos ver isso, bastardo.

Eu assisti tudo à distância, escondida atrás do galpão de pedra onde matamos Kent. Havia uma corrente na porta agora, então eu não podia entrar, mas eu precisava de *algo* entre mim e aquele monstro enorme que Jeremiah tinha convocado. O

Eld, o Watcher, os Gollums – todos eles eram ruins o suficiente. Mas

esta criatura não era um mero monstro, não era apenas uma fera.

Era inteligente e perigoso como o inferno se considerasse algo que um Deus lhe disse para fazer apenas como um *pedido*.

Eu odiava continuar me escondendo lá, mas mesmo depois que Jeremiah foi embora, eu esperei. Eu não confiava que o bastardo não estivesse assistindo de algum lugar próximo, ou que ele não tivesse outros pistoleiros postados em algum lugar. Zane ficou imóvel por vários minutos, antes de começar a lutar como se fosse se levantar. Ele continuou alcançando suas costas, arranhando-as como se algo o estivesse machucando.

Minhas mãos tremiam e minha garganta se apertou enquanto eu observava. Me deixou doente vê-lo assim.

Jeremiah esperava que eu voltasse para lutar contra o Reaper, e ele iria realizar seu maldito desejo. Se pudesse sangrar e respirar, então eu poderia matá-lo.

Eu encontraria um jeito.

Finalmente, depois de ter passado tempo suficiente para que eu tivesse quase certeza de que ninguém estava olhando, eu saí.

Os olhos de Zane estavam fechados, sua respiração fraca e muito lenta. Ele estava crivado de balas, as feridas ainda sangrando. Nenhuma de suas feridas tinha sequer começado a cicatrizar. Minhas mãos pairaram sobre ele com incerteza, lágrimas furiosas fazendo meus olhos arderem.

— O quê ele fez pra você? Foda-se... — Eu escovei meus dedos sobre seu rosto, sobre o sangue secando em sua pele – e seus olhos se abriram.

— Eu deveria saber. — Ele tentou sorrir, mas se transformou em um estremecimento de dor. Ele levantou a mão e eu a peguei, segurando seus dedos ensanguentados contra meu rosto. — Você não poderia simplesmente fazer a coisa segura e ficar longe, poderia?

— Porra, não, — eu assobieei. — Como se eu fosse deixar você, porra. Não seja ridículo.

Ele balançou sua cabeça. — Você não pode lutar contra um Ceifador sozinha, Juniper...

— Me veja! Não se atreva a me dizer para ir de novo: não vou. Apenas me diga como posso ajudá-lo.

As poucas palavras que ele disse o deixaram sem fôlego.

Ele ficou em silêncio por um minuto antes de conseguir dizer:

— O amuleto... o que Kent tinha. Você se lembra?

Eu balancei a cabeça, e uma pontada repentina de terror me perfurou.

— Sim. Eu o enterrei... eu o deixei para trás...

Porra. Não não não...

— Jeremiah usou isso, — disse ele. Lentamente, dolorosamente, ele cerrou os dentes e rolou para o lado. Lá em suas costas, ao lado de sua omoplata, havia algo inchado sob sua pele. Contusões horríveis estavam concentradas ao redor da área. — Me esfaqueou... eu não posso me curar. — Ele deitou a cabeça para baixo, os olhos fechados. — Corte... corte fundo.

Foi meu erro. *Meu* erro levou a isso. Eu tinha deixado o amuleto para trás. Eu tinha esquecido completamente. Eu puxei minha faca, balançando minha cabeça, culpa fria tomando conta de mim. — Zane, eu sinto muito. Esqueci...

esqueci completamente...

— Eu também. — Desta vez, ele conseguiu sorrir. — Não importa, Juni. Não... não se repreenda. Vá em frente, amor.

Pare com isso.

Eu cerro os dentes, coloco minha lâmina contra sua pele inchada – e corto.

Zane estremeceu, mas fora isso, ele não reagiu quando eu abri a ferida. O miserável amuleto era profundo; torceu meu estômago quando tive que continuar cortando mais fundo, cravando a lâmina até atingir o metal.

— Ah, *foda -se*, — Zane sibilou quando eu finalmente coloquei meus dedos no amuleto e o puxei para fora. No momento em que o metal saiu dele, arrepios percorreram sua

pele, os ferimentos de bala pulsando como pequenos batimentos cardíacos. Ele gemeu, pressionando a testa contra a grama. — Porra,

isso é... extremamente... desagradável...

Olhei para o pedaço de metal ensanguentado na minha mão. Estava quente, quase quente demais para tocar. — Isso funciona contra mais do que apenas demônios, Zane?

Ele se levantou do chão, a cabeça balançando vertiginosamente. — Sim. Teria um efeito sobre a maioria dos monstros... especialmente agora. — Ele estremeceu quando esticou os braços e alcançou suas costas. — Aquela coisa absorveu muito poder de mim. Ele usa o poder que absorve para se tornar mais forte. É perigoso pra caralho.

Eu balancei a cabeça, minha mente girando. — Bom.

Perfeito. Olha, eu sei que isso vai ser uma droga, mas... — Eu estendi para ele. — Eu preciso que você esmague isso.

Ele olhou para o amuleto como se eu tivesse acabado de lhe oferecer uma pilha literal de merda. — Por que?

Eu bati o cano da espingarda nas minhas costas. — Eu preciso que seja pequeno o suficiente para caber lá. Jeremiah era tão arrogante que nos deixou uma arma sem nem perceber.

Eu sorri. — Quando o Reaper voltar, estará com a cara cheia de metal.

Sua expressão era séria enquanto ele olhava para mim. —

Não será fácil, Juniper. Eu só ouvi falar de Archdemons matando Reapers, e isso foi durante as guerras.

— Não preciso que seja fácil. Só preciso que funcione.

— Foda-se... tudo bem. — Ele estendeu a mão, suas garras quebradas lentamente começando a crescer novamente.

— Vamos acabar com isso.

Eu deixei cair o amuleto em sua mão, e seus olhos imediatamente reviraram. Ele cerrou os dentes, respirou fundo e enrolou os dedos trêmulos ao redor do metal. Eu odiava pedir isso. Eu odiava fazê-lo se machucar ainda mais do que ele já estava.

Mas quando o Reaper voltasse, havia uma boa chance de morrermos. Se havia alguma coisa que eu pudesse fazer para reduzir essa chance, eu tinha que fazer. Eu não iria cair sem lutar.

Parte de mim já sentia que era tarde demais. Jeremiah tinha enviado aquele Ceifador atrás de Leon. Ele pretendia levar Raelynn esta noite, e o último sacrifício seria feito. Quem poderia detê-lo agora? A bruxa e seu arquidemônio? Será que mesmo *eles têm* uma chance?

Talvez tenha acabado. Talvez estivéssemos testemunhando os últimos suspiros de um mundo prestes a cair para um Deus antigo. Talvez os Libiri tivessem o que queriam afinal.

Mas eu não ia sentar lá e esperar pela morte. Prefiro sair correndo em sua direção, de braços abertos, do que ficar sentada no escuro e esperar ser morta.

— Aqui. — Zane jogou o amuleto em minha direção, apertando sua mão como se estivesse queimada. — Espero que isso funcione.

Peguei o pedaço de metal da grama, agora esmagado o suficiente para caber na minha espingarda. — Vai ter que funcionar. É a única coisa que consigo pensar agora.

— Se o Reaper esperasse alguns dias para voltar,

poderíamos dar uma luta real, — disse Zane. Ele estava olhando para suas próprias mãos trêmulas com completa exasperação. — Tão fraco. Agora seria um bom momento para...

Ele parou, seus olhos fixos em algo atrás de mim. Olhei para trás, com o coração acelerado, pronto para atirar.

Mas o que ele viu foi uma luz, brilhando na janela superior da casa Hadleigh. Uma sombra passou pela janela e eu fiz uma careta, mas Zane já estava de pé.

— Uma alma, — disse ele. — Agora seria um bom momento para reivindicar outra alma.



Juniper ficou ao meu lado enquanto eu mancava para dentro da casa, guardando minhas costas com sua arma pronta. Ela engasgou quando viu a arte horrível com a qual eu adornei a sala de estar: o sangue espalhado pelos móveis, o sangue nas paredes e no carpete.

— Droga, isso é... uau... — Ela fez uma pausa, tendo pisado em algo que parecia um fígado. Provavelmente *era* um fígado.

— Com inveja dos meus talentos artísticos? — Eu disse. —

Eu diria que sou o próximo James Pollock.

Ela balançou a cabeça. — Talvez se Pollock tivesse um bebê com Charles Manson.

Nós rastejamos em direção aos fundos da casa, onde eu tinha visto alguém pela janela. Eu podia ouvir seu coração batendo; Eu podia sentir o cheiro do medo deles - eles deviam estar escondidos lá atrás por horas. Com o amuleto arrancado de mim, meu corpo estava trabalhando muito duro para tentar se curar, e isso estava me deixando tonto. Meu corpo era um balão e minha cabeça um peso de ferro, dificultando cada passo. Mas não havia tempo para descansar, não havia tempo para dormir. O trovão ribombou e a chuva começou a bater nas

janelas do corredor.

Se eu não pudesse descansar para recuperar minhas forças, então eu precisava de outra coisa. Algo imediato.

Eu precisava de uma alma, e francamente não me importava como consegui. O Conselho teria de me perdoar por burlar as regras apenas desta vez.

Tentei não pensar em Leon. Tentei não pensar no que significaria ser — quebrado — por um Ceifador. Ele prefere morrer a se submeter a qualquer coisa ou a alguém, mas a teimosia só pode fazer muito.

A casa tremeu, mas não foi com trovões desta vez. Fiz uma pausa, e Juniper olhou para mim em confusão — logo antes de um grito horrível e não natural perfurar a noite.

— Está voltando, — eu disse. — O Ceifador está voltando.

— As lâmpadas do corredor começaram a piscar rapidamente, e uma camada de gelo se estendeu sobre as janelas. De repente, com um estalo e um estilhaçar de vidro fino, todas as lâmpadas do corredor estouraram.

— Derrubou Leon. — Essas palavras pareciam muito grossas na minha boca. Eles eram venenosas, tão amargas que eu queria cuspi-las. — Isso o derrubou. Porra.

— Nós vamos procurá-lo, Zane, — Juniper disse. — Nós vamos dar o fora daqui, e vamos encontrá-lo. Tanto ele quanto Raelynn. Não vamos deixar o Libiri ter isso.

— Admiro sua esperança, Juniper.

Rachaduras se formaram no gelo enquanto cobria as janelas. Eu queria quebrar o vidro, eu queria rasgar este lugar.

Leon estava lá fora em algum lugar, provavelmente à beira da

morte. Eu tinha que chegar até ele de alguma forma, mas naquele momento, eu estava quase indefeso. O pensamento de sua vida sendo extinta, quebrando o vínculo que tivemos por tanto tempo, me enfureceu ao ponto da loucura.

Peguei um vaso decorativo e o arremessei contra a parede com um grito tão alto que sacudiu o vidro.

Juniper agarrou meu braço, me puxando para trás o mais forte que podia para me fazer olhar para ela.

— Eu só tenho esperança porque você me deu, — ela disse

ferozmente. — Você me deu esperança quando eu não tinha *nenhuma*, Zane. Jeremiah disse ao Reaper para não matar Leon. Nós vamos chegar até ele. Ele é forte.

Eu escovei minhas garras sobre seu rosto, colocando para trás seu cabelo. Era selvagem e emaranhado, uma juba ao redor de seu rosto. Tão linda quanto eu já a tinha visto. — Mas eu não sou. Não sou forte o suficiente para te proteger, Juniper. Eu sinto Muito.

Ela agarrou minha mão e segurou-a firmemente contra seu rosto, seus olhos escuros duros. — Eu não preciso de sua força, Zane. Eu apenas preciso de você. Não me deixe, porra.

Sua tempestade não havia perdido sua força, nem mesmo agora, nem mesmo com a morte caindo sobre nós. Eu pressionei minha testa na dela, seus olhos presos nos meus no escuro. — Nunca.

Outro rugido dividiu a noite, e ela respirou fundo. —

Vamos continuar andando. Precisamos pegar essa alma para você.

Encontramos uma porta trancada nos fundos da casa –

um obstáculo fácil de ultrapassar. As luzes estavam todas apagadas no quarto além. Quem quer que estivesse escondido lá parecia ter percebido que não estava sozinho, e mergulhou o quarto na escuridão.

— Saia, Meredith. — Juniper fechou a porta atrás de nós.

Havia uma sombra do outro lado da cama, e ofegou quando Juniper falou. — Nós sabemos que você está aqui.

Lentamente, do outro lado da cama, uma mulher se levantou. Sua blusa branca e saia estavam desgrenhadas, seu cabelo loiro bagunçado, seu rosto contraído em uma expressão em algum lugar entre terror e fúria. Ela olhou entre nós dois, enxugando as mãos repetidamente na saia.

— Afastem-se, — ela sussurrou. — Vocês... seus *monstros*!

— Ela apontou o dedo acusadoramente – não para mim, mas para Juniper ao meu lado. — Você estragou tudo, sua *vadia*!

Victoria ofereceu a você! *Ela fez sua oferenda*! — Sua voz aumentou de volume e tom, quase histérica. — Minha filha...

minha linda filha... ela cumpriu seu dever. — De repente, ela gritou,

pegou uma caneca da mesa de cabeceira e atirou-a para nós. Explodiu contra a parede, estilhaçando a porcelana no chão.

— Sua filha está morta, — Juniper disse friamente. — Em breve, seu filho também estará. Vocês todos acharam que não haveria consequências? Você achou que ninguém jamais tentaria impedi-lo?

Meredith zombou, olhando para Juniper com desgosto. —

Imagine uma garota patética como você, evitando seu destino.

Sem futuro para falar. Uma garota lixo de uma família lixo. —

Ela balançou a cabeça. — E pensar que você ainda está aqui, enquanto minha filha... enquanto minha filha está...

Eu não ia ficar lá e ouvi-la falar com Juniper assim. Eu teria alegremente arrancado sua língua, mas ela ainda precisava.

Ela precisava disso para fazer um acordo.

Arrastei-me pela sala, agarrei-a pela garganta e prendi-a contra a parede. Ela gritou, xingando enquanto me agarrava inutilmente. A casa rugiu novamente, rangendo com a força do grito sobrenatural do Ceifador. Estávamos ficando sem tempo.

O Ceifador estaria aqui dentro de momentos. Eu tinha que fazer isso rápido.

— A morte está vindo para você também, Meredith, — eu rosnei, estalando meus dentes perto de seu rosto. — Qual besta assassina você preferiria enfrentar? O monstro que seu filho liberou ou o monstro que seu filho se tornou? Ou... você prefere me encarar?

Seus olhos se arregalaram, lançando-se entre mim e Juniper em confusão. Eu sorri, deixando-a dar uma boa olhada nas presas. — Tudo que eu preciso é que você concorde.

Ofereça-me sua alma, e eu não vou te matar.

— Para que serve a palavra de um demônio? — ela retrucou, mas eu podia ver o desespero em seus olhos.

— Eu juro, — eu disse, colocando minha mão sobre meu coração como se isso significasse qualquer coisa sobre minha honestidade. — Ofereça-me sua alma, aqui e agora. Garanta-se alguma paz na vida após a morte. E eu vou deixar você ir.

Minhas garras pairaram sobre sua pele, ansiosas para

cavar. Tudo que eu precisava era sua palavra. Apenas um pequeno acordo e...

— Tudo bem, — ela retrucou. — Tudo bem, pegue. Eu... —

ela gritou quando minhas garras se cravaram. Fazia muito tempo desde que eu tinha tirado uma alma de puro desespero, especialmente uma tão vil como a dela. Almas cruéis pareciam tão *pegajosas*, como se estivessem cobertas com um lodo que nunca poderia ser removido.

Mas estava contente que ela fez o que eu precisava fazer.

Poder inundou através de mim, minha visão piscando por um momento enquanto meu corpo se curava, balas saindo da minha carne e caindo no chão. Eu engasguei com a pressa, respirando rapidamente enquanto minha força voltava. Não era realmente prazer tanto quanto era simplesmente alívio.

Quando abri os olhos, me senti vivo novamente.

Meredith estava olhando para mim com horror absoluto.

— Olhos negros, — ela sussurrou. — Deus misericordioso...

Profundo, livra-me...

Dei um passo para o lado, apontando para a porta. —

Corra enquanto pode. Seu filho *divino* estará de volta em breve.

Isso parecia uma perspectiva horrível o suficiente para fazê-la se mexer. Mas ela só conseguiu dar alguns passos.

Juniper a agarrou por trás – e cortou sua garganta.

Eu prometi *que eu* não a mataria. Juniper não tinha feito parte dessa barganha.

— Vejo você no inferno, — Juniper disse, chutando-a de costas e ficando de pé sobre ela enquanto ela sangrava pelo tapete branco. Quando a luz se esvaiu dos olhos da mulher

Hadleigh, Juniper olhou de volta para mim, maravilha incerta em seu rosto. — Ela está certa, Zane. Seus olhos são negros.

Eles são pretos sólidos.

Eu não tive tempo para contemplar o que isso significava para mim. O rosto de Juniper caiu e ela levantou a mão, apontando para trás de mim. Seus olhos estavam arregalados quando ela gritou, — Zane! Está de volta!

A janela atrás de mim quebrou, vidro estourando ao meu redor. Uma mão enorme me envolveu, me esmagando em seu aperto, e me puxou para a noite.



53

Os dedos do Ceifador se apertaram ao meu redor, minhas costelas doendo sob a tensão. Ele me jogou na noite, e eu consegui me enrolar antes que minhas costas batessem em uma árvore. A madeira se estilhaçou e eu rolei para fora do caminho no momento em que bati na terra quando o pinheiro tombou e caiu no chão.

O vento uivava ao meu redor, a chuva caindo em uma torrente. Reivindicar a alma daquela mulher deixou um gosto amargo na minha boca, mas se o Conselho quisesse vir atrás de mim por uma violação das regras em uma circunstância como esta, então eu ficaria feliz em oferecer um *foda-se* para seus rostos presunçosos.

Não era apenas sobre mim. Se isso significava ser capaz de proteger Juniper, se isso significava ser capaz de lutar ao lado dela, eu não me importava com quais regras eu teria que quebrar. Eu usaria qualquer meio necessário. Eu torceria, destruiria e manipularia qualquer um e qualquer coisa em meu caminho por ela.

Quando o Reaper se moveu acima de mim, seus olhos

assustadoramente brilhantes piscando para mim, eu sorri.

— Parecendo um pouco pior para o desgaste, — eu gritei.

Um dos braços da fera pendia frouxamente, e seus ossos se projetavam de seu pulso, sua pele cinzenta rasgada. Fiquei orgulhoso de saber que Leon tinha feito isso, saber que o bastardo assassino não tinha caído sem fazer o Reaper lutar por isso.

Demônios simplesmente não se deitavam e morriam. Se este fosse o fim, então este Reaper voltaria para o Inferno com as marcas para provar que eu lutei.

— Você é forte, afinal, demônio, — a besta retumbou. —

Estou ansioso por um desafio para o qual não tenho que me abrandar.

Houve um estalo rápido, e o Ceifador se encolheu, virando a cabeça envolta em confusão de volta para a casa. Juniper estava lá na janela quebrada, ajoelhada enquanto mirava novamente. Mais tiros surgiram, acertando o Ceifador em seus numerosos olhos piscando, e eu imediatamente aproveitei a abertura.

Eu me lancei direto para aquele braço ferido. Eu enfiei meus dentes em seu ombro, rasgando músculos e tendões tensos, rasgando até o osso e quebrando-o em meus dentes. A besta rugiu, golpeando para mim com seu outro braço enquanto Juniper continuava a atirar nele. As balas provavelmente não pareciam nada mais do que um aborrecimento pungente, mas mesmo uma pequena vespa poderia fazer um homem adulto correr.

Desviei de seu golpe antes que pudesse me atingir e rolei sob suas pernas blindadas. Mas seu braço me seguiu, me atingindo com força e me jogando para trás, me derrubando no

chão. Em fúria, olhou para Juniper, mas ela havia descido da casa e estava correndo em direção às árvores.

— Tolo humano, — o monstro rosnou. — Você não tem ideia do que fez.

Eu pulei para ele novamente, mas estava pronto para mim desta vez. Suas garras cortaram meu rosto, abrindo minha bochecha. Isso me atordoou por um momento, e isso deu ao Ceifador a chance de me derrubar, prendendo-me sob sua mão.

Lutei, mordendo seus dedos e arrancando pedaços de carne. Mas a enorme criatura empurrou a mortalha que cobria seu rosto e abriu sua boca enorme. Linhas aparentemente intermináveis de dentes, longos e afiados como agulhas, desceram para mim. Poderia atravessar meu pescoço e consumir minha cabeça inteira em um gole...

Houve um estalo alto, e um dos olhos brilhantes do Ceifador explodiu, sangue salpicando meu rosto. O Ceifador rugiu, se debatendo, me libertando de suas garras. Eu não precisava ver para saber o que tinha acabado de perfurar o rosto do Ceifador não era uma bala comum: era o amuleto, agora alojado no fundo da cabeça da fera.

Pelo que parece, o Ceifador não estava exagerando quando chamou a coisa de — veneno.

O Ceifador continuou se debatendo, batendo nas árvores, na lateral da casa, quebrando galhos e enviando vidros voando enquanto gritava. Juniper correu para o meu lado, seus olhos arregalados, em algum lugar entre terror e euforia.

— Funcionou, — ela engasgou. — Puta merda, funcionou!

A criatura atacou, e antes que eu pudesse colocá-la atrás

de mim, o Ceifador arrancou Juniper do chão e a levantou no ar.

— Tola, pequena humana patética! — Sua voz reverberou pelo ar, sacudindo as árvores e estilhaçando mais vidros com seu volume. Juniper estava lutando, mas seu braço estava preso ao seu lado e ela não conseguia levantar a arma. As asas maciças do Ceifador bateram para baixo, esporas afiadas em suas bordas cortando em minha direção. Eu me esquivei deles e saltei para o lado do Ceifador, usando sua armadura e carne como apoio, subindo até que eu estava de costas e quase em seu pescoço. O único braço que poderia usar estava ocupado com Juniper, e isso me deu a oportunidade de rastejar até a garganta da fera e afundar tanto nas garras quanto nos dentes.

Juniper gritou quando a besta rugiu de volta, derrubando-a enquanto tentava me puxar. Mas eu cavei fundo, e embora a magia do feitiço não fosse tão eficaz contra este monstro como tinha sido contra mim, não havia como recuperar de uma ferida como esta.

Isso me derrubou, e eu me segurei antes de bater no chão, aterrissando agachado. Minha boca estava coberta de sangue, escorrendo pelo meu queixo, e observei com satisfação quando a fera cambaleou para trás e rugiu furiosamente.

— Eu não vou esquecer seu rosto, — o Ceifador gritou. —

Olhe por onde você anda no Inferno, demônio. Nenhum Ceifador que encontrar você não saberá seu nome.

A escuridão se intensificou ao redor dele, encobrindo sua forma enquanto se dissolvia. Ele desistiu de seu corpo físico, explodindo em cinzas esvoaçantes. Voltaria para o Inferno, e

talvez sobrevivesse de fato e contaria a todos os outros o que eu tinha feito. Não importava. Deixe-os caçar-me. Deixe-os me odiar.

A menos de quinze metros de distância, Juniper jazia inerte no chão. Enquanto eu corria para o lado dela, um fio de sangue vazou de um corte em sua cabeça. Agachei-me ao lado dela, cobrindo rapidamente a ferida com a mão.

— Zimbro? — Pressionei meus dedos cuidadosamente ao longo de sua coluna antes de ousar tocá-la, verificando se havia alguma quebra. Ela gemeu baixinho com o toque e eu a puxei para cima, segurando-a perto de mim.

Ela se mexeu, seus olhos lentamente se abriram enquanto ela gemia novamente. — Porra. — Ela apertou o peito, fechando os olhos novamente. — Deus... isso - essa porra doeu...

— Onde mais está machucada? — Qualquer dano causado a ela era um que eu faria com outra pessoa. Alguém iria pagar por isso - alguém pagaria caro.

Ela balançou a cabeça. — Eu acho que eu – estou bem –

tirei o ar de mim quando caí. Maldito inferno. — Ela se sentou um pouco mais, ainda respirando pesadamente enquanto olhava ao redor. Parecia que uma bomba havia explodido ao nosso redor: o gramado havia sido rasgado em pedaços maciços, as árvores haviam sido despedaçadas, o jardim tranquilo com todos os seus arbustos bem aparados foi achatado. A própria casa quase tinha sido dividida em duas, água espirrando de canos quebrados e um cheiro distinto de metano no ar.

— Ele se foi? — ela disse suavemente. — Funcionou?



— Você é brilhante, amor, — eu segurei seu rosto em minhas mãos, beijando-a. Porra, eu nunca me cansaria dessa boca. Toda vez que seus lábios tocavam os meus, era como se outra faixa apertasse meu coração, me prendendo a ela. —

Usando o amuleto assim... você o deixou de joelhos.

Ela sorriu. — Fico feliz em saber que você não é o único monstro que posso colocar de joelhos.

Eu a beijei novamente, demorando, saboreando o gosto dela. Foi só quando me afastei pela segunda vez que percebi que estava espalhando sangue em seu rosto, e ainda assim tudo o que ela podia fazer era sorrir para mim.

— Você tem uma coisinha na boca, — ela disse descaradamente. Eu não queria nada mais do que pegá-la e dar o fora daqui. Podíamos ir encontrar Leon, depois deixar este lugar para trás e nunca mais pisar em Abelaum - mas o som de pneus esmagando no caminho de cascalho chamou minha atenção.

— Ele está de volta, — eu rosnei. — Jeremiah está de volta.

54

Não adiantava tentar se esconder. Não havia necessidade de ser furtivo sobre isso, não agora. Atravessamos o gramado

em direção à frente da casa — machucados, machucados e cobertos de sangue. Um relâmpago brilhou nas nuvens, iluminando brevemente Jeremiah e seus seguidores vestidos de branco enquanto eles saíam de seus veículos.

Quando Jeremiah olhou para mim, senti o frio odioso do olhar do Deep One em seus olhos. Ele cerrou os dentes, os punhos cerrados ao lado do corpo enquanto aqueles reunidos atrás dele olhavam para nós com cautela. Eu me perguntei quantos deles se lembravam de mim, pois eu me lembrava deles. Havia novos também, é claro, mas tantos que estavam atrás dele agora estavam lá naquela noite.

Eles estavam na igreja e elogiaram o assassinato de uma jovem que implorou por sua ajuda. Eles assistiram em silêncio.

Eles me viram jogada no escuro.

Agora, vários deles estavam olhando para mim como se eu fosse um fantasma. Seus passados sórdidos voltaram para assombrá-los.

Jeremiah estava tremendo de fúria. Seu terno branco estava manchado, manchas de sangue em sua jaqueta. Líquido preto vazou de seu nariz e sobre seu lábio.

— Como *diabos* você ainda está viva? — ele rosnou. —

Onde está meu Ceifador?

Zane sorriu ao meu lado. Era estranho vê-lo assim, com a cor dourada em seus olhos completamente apagada. Ele estava com os olhos negros agora – como o Arquidemônio. O próprio ar estava quente ao redor dele.

— Onde está seu *novo mundo*, Jeremiah? — ele disse, inclinando a cabeça curiosamente. — Eu poderia jurar que

você disse que estaria *livre* quando voltasse. — O rosto de Jeremiah se contorceu com fúria.

— O sacrifício final está feito, — ele assobiou. — *Está feito!*

Raelynn Lawson foi para Deus, e é graças a mim! Tudo graças a mim! — Ele riu estridentemente, o som longe de ser alegre. —

Fiz o que meu pai não conseguiu, fiz o que minha irmã não conseguiu. Eu! Eu! Eu!

— Alguém parece que foi mimado quando criança, — eu murmurei. Jeremiah deu um passo cambaleante em minha direção, mas seus movimentos eram estranhos. Eles eram muito rígidos, como se algo estivesse lutando contra suas próprias tentativas de se mover.

— Você diz que o sacrifício está feito, — Zane falou lentamente. — No entanto, aqui está você, ainda preso no corpo quebrado de um homem mortal patético.

Jeremiah rosnou como um animal. Sua cabeça se contorceu violentamente, seus ombros tensos e curvados. Os seguidores atrás dele estavam recuando, seus olhos arregalados de medo, suas capas encharcadas pela chuva.

Dei um passo à frente, olhando para eles um por um.

Jovens e velhos, alguns familiares, alguns estranhos. Alguns foram meus professores, meus vizinhos, alguns foram ao funeral do meu irmão e confortaram minha mãe enquanto ela chorava. Alguns nem me conheciam.

Eles fizeram isso porque estavam com medo? Porque eles estavam esperançosos? Porque eles estavam desesperados ou cruéis?

Isso importava?

Eu levantei minha arma. — Esta é sua única chance.

Vocês tem três segundos. Comece a correr. Um...

Houve uma fração de segundo de indecisão. Os mantos brancos se entreolharam, murmurando.

— Dois.

Alguns começaram a fugir, correndo de volta para seus veículos. Outros permaneceram, olhando para Jeremiah como se ele fosse protegê-los. Eu sorri, meu dedo apertando o gatilho. — Três.

O estalo de tiros destruiu qualquer coragem que os mantos brancos tivessem deixado. Todos eles fugiram, quando o homem que eu atirei caiu no chão. Eles se empurraram na pressa de correr, mais do que dispostos a empurrar seus companheiros de adoração para a linha de fogo para se salvarem. Eu peguei outro, depois outro, antes de Zane pular no frenesi.

Mesmo com os gritos caóticos soando atrás dele, Jeremiah olhou apenas para mim, seus lábios curvados em desgosto. Ele balançou a cabeça, seus olhos injetados de sangue quando disse: — Dispensável. Todos eles. Desperdícios de carne covarde!

Sua voz se aprofundou em um rugido monstruoso. Houve um estrondo, e o chão atrás dele se abriu. Um enorme tentáculo cinza explodiu da terra, atacou e agarrou um dos mantos brancos enquanto ele fugia de Zane. Zane saltou para trás, e o homem gritou no aperto de Jeremiah quando o tentáculo se apertou ao redor dele. Ele apertou cada vez mais forte até que houve um estalo nauseante de ossos, e seu corpo

esmagado caiu frouxamente no chão.

— Não serei desafiado! — Jeremiah rugiu. Ele agarrou sua cabeça em suas mãos, seus olhos ficaram puramente brancos como se estivessem cheios de névoa. — Você não vai me desafiar, Juniper Kynes! Você é minha!

Seu corpo se curvou, então começou a se contorcer. Mirei e atirei, puxando o gatilho de novo e de novo. As lesmas atingiram seu corpo, abrindo buracos em sua carne e expondo feridas abertas cheias de sujeira preta. Ele gritou, seu corpo crescendo, seus membros se alongando e novos apêndices brotando de suas costelas. Espessos tentáculos brotaram de seu corpo, enquanto um líquido preto sangrava de seus olhos e boca.

Disparei novamente, e desta vez a bala atingiu seu rosto.

O lado de seu crânio se partiu, mas seus olhos rolaram em sua cabeça e focaram em mim novamente. Sua língua disparou para fora, avidamente lambendo seus lábios.

— Tente de novo, Juníper. — Ele riu. A lama preta inchou para preencher o espaço deixado pela minha bala, e fiquei tão chocada que só consegui olhar.

— Juniper, mexa-se!

Zane me empurrou para fora do caminho quando um enorme tentáculo disparou para frente. Em vez disso, agarrou Zane, enrolando-se rapidamente em torno dele e apertando enquanto o levantava no ar. Ele se esforçou, debatendo-se loucamente contra ela, e conseguiu libertar um braço de suas garras. Ele cravou suas garras na carne viscosa, quase cortando o tentáculo em dois. Ela o deixou cair, enrolando-se

para trás, mas mais estavam vindo.

Jeremiah havia perdido toda a humanidade que lhe restava. Seus

braços e pernas haviam desaparecido; seu corpo agora sustentado por uma massa de tentáculos grossos e enrolados. Seu rosto continuava se contorcendo, como se algo dentro de sua cabeça estivesse tentando desesperadamente sair. Ele se lançou para nós, os tentáculos disparando em todas as direções. Disparei rapidamente, acertando o primeiro, depois o segundo, mas o terceiro...

O terceiro estalou em torno do meu peito. Ele me arrastou para o chão, meus braços presos ao meu lado. Eu tensionei meus membros, lutando contra o aperto esmagador antes que pudesse quebrar minhas costelas. Mas eles eram tão fortes que meus braços começaram a tremer. O tentáculo se enrolou cada vez mais apertado, os sugadores maciços apertando contra meus braços e chegando perigosamente perto da minha garganta.

Jeremiah ficou em cima de mim, sorrindo amplamente. —

Chega de correr, Juniper. — Centenas de vozes estavam falando em uníssono de sua boca, algumas delas ásperas e cruéis, outras gritando em agonia. Parecia que meu cérebro estava sendo espremido, como se minha cabeça estivesse desmoronando. Continuei lutando, todo o meu esforço indo para evitar que aqueles membros horríveis e cinzentos esmagassem meu peito. Mas, ao mesmo tempo, imagens espontâneas estavam piscando em minha mente.

O poço da mina. O escuro. O tunel. Os Gollums esperando silenciosamente em sua caverna. Tentáculos se enrolando em

minha direção saindo das sombras —

— Você nunca realmente poderia escapar da escuridão. —

Jeremiah riu, seu rosto contorcido enchendo minha visão. —

Todos esses anos depois, mas você ainda é apenas a garotinha perdida no subsolo.

Uma força repentina explodiu contra ele, enviando-o derrapando pelo chão até que ele bateu na lateral da casa. Eu engasguei, ficando de pé quando Zane se colocou entre mim e Jeremiah. Em todos os lugares que os otários me tocaram, anéis

machucados

de

vasos

sanguíneos

quebrados

permaneceram, picando minha pele. Meus braços tremiam, meus músculos se contraíam, mas rosnei de dor e recarreguei a arma apressadamente. Eu mirei, explodindo pedaços dos tentáculos enquanto eles se enrolavam descontroladamente no chão, e Jeremiah se levantou de volta.

Os olhos negros de Zane o encararam. Ele ficou de pé levemente, e quando ele foi para outro ataque, ele foi rápido demais para meus olhos seguirem. Cortes se abriram na forma monstruosa e esparramada de Jeremiah, as garras e dentes de Zane deixando um rastro de sangue enquanto ele se esquivava dos tentáculos agitados.

Jeremiah rugiu, e Zane saltou para longe pouco antes de um tentáculo o atingir no peito. Os galhos maciços eram tão grossos quanto as próprias árvores e, quando atingiram a lateral da casa, quebraram o concreto e romperam os canos, espalhando água pelo chão. Corri pela lama, me preparei e atirei, acertando Jeremiah bem na cabeça.

Ele rugiu novamente, se contorcendo e se debatendo no

chão. Eu saí do caminho antes que um de seus membros pudesse me atingir.

— Não! — O rosto de Jeremiah estava se transformando rapidamente: humano em um momento, animal no próximo.

Alguns de seus membros estavam encolhendo, murchando e ficando moles como folhas mortas. — Isso não acabou! Não é...

ah... — Ele estremeceu, mais líquido preto escorrendo dele. —

Deus... por que... não... não vá embora...

— Seu Deus não ficará em um vaso moribundo. — Eu olhei para cima, e Jeremiah também. Zane saltou para o topo da casa e ficou bem na beira da parede em ruínas. O ar ao redor dele brilhava com energia e ondulava com calor. Zane deu a Jeremiah um sorriso sangrento. — Você está quebrado, Jeremiah, e o Deep One é cruel e impiedoso.

— Não! — Jeremiah estalou, tropeçando quando seus membros

voltaram ao normal. Todas as suas feridas eram visíveis agora, sangrando espesso lodo preto. Eu preparei minha mira novamente, avançando sobre ele.

— Você achou que o Deep One seria gentil com você? —

Eu disse enquanto ele se inclinava pesadamente contra a casa, ofegante, seus olhos correndo para a esquerda e para a direita para uma fuga. — Você e sua família pensaram que poderiam comprar seu caminho para o poder com o preço da vida dos outros. Sua própria irmã, Jeremiah! Você esperou a morte de seu próprio pai para tomar o lugar dele! *Você assassinou meu irmão!*

Ele sorriu para mim cruelmente, tropeçando para o interior da casa. — Seu irmão me implorou por misericórdia. —

Ele riu, mal conseguindo manter seus pés. — Eu nunca vou esquecer como foi ver a vida sair de seus olhos.

— Ele confiou em você! — Eu atirei, a bala atingindo-o na garganta. Jeremiah engasgou, gorgolejando enquanto se retirava para a casa em ruínas, como um inseto ferido fugindo em sua toca. — Você o fez pensar que você era seu amigo. Eu vi as fotos de vocês juntos! Ele foi gentil! Marcus nunca mereceu isso!

As lágrimas escorrendo pelo meu rosto estavam quentes de fúria. Jeremiah se encolheu nas sombras da casa, gemendo, deixando um rastro de sangue preto atrás dele. Zane pulou atrás de mim do telhado.

— Ele não tem mais poder do caralho, — eu disse. —

Vamos acabar com isso.



O interior da casa estava inundando com a chuva e canos estourados. Um breve relâmpago foi minha única iluminação quando entrei no salão em ruínas. Zane estava logo atrás de mim, e eu podia ouvir Jeremiah gorgolejando e tossindo por perto.

— Por que... — Ele estava murmurando, agachado em algum lugar na escuridão. — Eu fiz o que você pediu... eu *fiz*. ..

eu trouxe os sacrifícios para você... eu fiz tudo...

Houve um súbito grito agonizante e contorcido. Eu o localizei, curvado na escuridão, cercado pelos corpos dos seguidores que Zane havia matado antes. Ele olhou para mim, os

olhos

arregalados,

balançando

a

cabeça.

—

Juniper...Juniper, não...

— Você se atreve, porra, — eu soltei as palavras entre os dentes cerrados. — Você se atreve a *me* implorar? Você é um *covarde*, Jeremiah!

Ele riu novamente, e Zane murmurou atrás de mim, — Ele já está morto, Juni. Ele está desmoronando.

Zane estava certo – os membros de Jeremiah mal se moviam, e ele estava cercado por uma poça de podridão negra.

Ele se contorceu no chão, olhando para mim, seu rosto furioso

em um momento, aterrorizado no próximo. O trovão retumbou acima, e uma súbita explosão de relâmpago foi acompanhada por um estalo horrível...

E então um boom. Então outro.

Eu mantive a arma apontada para Jeremiah enquanto Zane saltava apressadamente do meu lado, então de volta novamente.

— Ele atingiu a casa, — disse ele. — As linhas de gás estão quebradas. Quando o fogo se espalhar, as coisas ficarão muito quentes, muito rápido.

Eu balancei a cabeça e olhei de volta para Jeremiah -

apenas para encontrá-lo rastejando para longe de mim, arrastando-se pelo chão. Eu andei atrás dele, balançando a cabeça enquanto ele se arrastava pelo corredor em ruínas.

— Não me faça atirar em você pelas costas, Jeremiah, —

eu disse. — Acabou. Encare-me.

Sua voz rosnou em um grito agudo. — Nãoooo! Não... não é... eu sou abençoado... Deus vai... Deus...

Eu pressionei minha bota contra suas costas, prendendo seu corpo fraco. — Tudo o que o Libiri fez falhou, — eu disse.

— Você não me matou. Seu Deus não poderia me levar. Sua irmã morreu por nada. Você pode ter matado meu irmão, mas ele está enterrado em algum lugar seguro.

Zane veio atrás de mim. Senti seu calor nas minhas costas. Eu respirei fundo e chutei Jeremiah para o lado dele.

Ele olhou para mim, mas não havia mais luz ou reconhecimento em seus olhos.

— Seu Deus nunca se levantará, Jeremiah. Não precisava

terminar assim. — Eu mirei. Meu dedo apertou. — Você pensou que tinha jogado um cordeiro no escuro. Você não fez.

Você derrubou um lobo e eu voltei mordendo.

Eu puxei o gatilho.

O fogo se espalhou, rápida e violentamente. Zane teve tempo suficiente para jogar os corpos mutilados dos mantos brancos para dentro antes que a casa fosse consumida.

Explosões sacudiram as paredes quando as chamas atingiram bolsões de gás vazado.

Zane e eu assistimos de longe, em silêncio na grama. A fumaça estava pesada no ar, mas a chuva forte impedia que o fogo se espalhasse demais.

— Acabou, — eu disse suavemente. — Acabou mesmo.

Fazia anos. Tantos anos com a ameaça deles pairando sobre minha cabeça, tantos anos com medo. Anos de ódio, de raiva e dor. Essas coisas simplesmente não foram embora, não, não depois de tanto tempo. Nem mesmo com eles mortos.

Mas eu podia respirar novamente. O peso insuportável que me arrastou para baixo por tanto tempo foi finalmente levantado.

Isso não parecia um final. Parecia um começo. O começo de uma história não assombrada pela dor, uma história que não foi distorcida pelo terror. Era uma história que eu nem sabia como começar; uma vida que eu não tinha ideia de como viver.

Zane se inclinou para mais perto de mim, colocando meu cabelo para trás. Nós dois estávamos machucados e

ensanguentados, cinzas borradas em nossos rostos. Toda a boca e garganta de Zane estavam encharcadas de sangue da luta. Mas a tensão havia sumido dele. Seus olhos estavam brilhantes e dourados novamente.

— Tão feroz como um lobo, — disse ele, e eu descansei minha cabeça contra ele. — Você pode descansar agora, amor.

Você pode descansar.

Porra, isso fez algo em mim. Eu chorei contra seu ombro, meu peito apertado, as lágrimas queimando. Foi esmagador.

Foi libertador. Ele deitou sua cabeça em cima da minha, e quando eu finalmente chorei o máximo que pude e enxuguei meu rosto, ele disse: — Você pode me levar aonde você quiser ir, e eu a seguirei. E, foda-se, se você não sabe qual direção tomar, então eu vou liderar por você.

Eu balancei minha cabeça, rindo baixinho através das últimas lágrimas que escapavam. — Estou uma bagunça, Zane.

— Chega de confusão para esta vida e a próxima. Cada pedaço brilhante e afiado de você... — Ele beijou minha mão ensanguentada, e depois a outra. — Sua caça acabou, mas a minha não. Nunca será. Não para você.

Inclinei-me para perto, como se as palavras ainda fossem muito ternas para serem altas, muito íntimas para serem ouvidas. — Eu te amo.

— E eu amo cada pedaço bagunçado de você, Juniper.

Não vou dizer para você não duvidar. Eu só vou provar isso para você todos os dias até que você não possa mais.

As chamas estavam começando a se apagar. Pouco restava da casa agora. — Nós devemos ir, — eu disse suavemente. —

Alguém vai chamar o corpo de bombeiros por causa de toda essa fumaça.

Zane assentiu, ficando de pé e me oferecendo uma mão.

Mas enquanto eu estava de pé, seus olhos dispararam para o lado, e um pânico instantâneo passou por mim. Levantei minha arma enquanto me virava, mirando...

Mas ali, do outro lado do gramado do lado de fora das árvores, estava Leon.

Apenas Leon, sozinho. Então Raelynn...Raleynn foi...

Zane colocou a mão no meu ombro. — Calma, Juni. —

Sua voz era gentil. — Você sabe que ele não vai te machucar.

Forcei-me a baixar a arma. Ele estava certo, eu *sabia* que ele estava certo. Eu não queria continuar com medo. Eu não queria continuar agarrada a memórias terríveis. Eu queria começar de novo, mesmo que ainda não soubesse como.

E eu podia ver o alívio no rosto de Zane. Ele e Leon deixaram suas próprias marcas um no outro, e eles tinham sua própria eternidade que prometeram. Se fosse por Zane, então eu poderia descobrir como dar um pequeno passo.

Eu poderia descobrir como perdoar.

Leon levantou as mãos enquanto caminhava em nossa direção. Sua

roupa estava rasgada e havia hematomas roxos furiosos ao longo de seu ombro, peito, rosto. — Você me venceu aqui, — disse ele. — Teve que ter toda a diversão antes que eu pudesse, hein?

Eu me aproximei dele, longe do lado de Zane. Ele me olhou com cautela, mas não tão friamente quanto eu pensei que ele faria. Ele olhou para mim com um ar frio de respeito –

e, em algum lugar dentro daqueles olhos brilhantes, até um pouco de tristeza.

Algum dia eu perguntaria a ele sobre aquela noite. Algum dia eu tentaria entender as coisas que Zane disse sobre ele.

Tentaria entender seu lado, sua dor, seus medos. Eu não fui a única vítima em tudo isso. Eu não era a única com pesadelos.

— Algum dia— não parecia muito... mas era um caminho a seguir. Foi outro pequeno passo para descobrir como viver.

— Onde está Raelynn? — Eu disse.

— Perto. Escondida. Ela está segura. — Seu tom tornou-se imediatamente cauteloso, mas eu dei um suspiro pesado de alívio. Ele a tinha. O Libiri realmente falhou. Seu último sacrifício estava vivo, e quem diabos ousaria tentar levá-la agora? Eu não conhecia Leon bem, mas não havia dúvida em minha mente – ele mataria qualquer um que tentasse tirar Raelynn dele.

— Nós não deixamos ninguém vivo, — eu disse. — A família Hadleigh se foi. Os Libiri se foram.

Ele olhou para a casa, em silêncio por um longo momento enquanto observava as chamas persistentes. — Jeremiah também?

— Ele morreu como um covarde. Você adoraria vê-lo.

— Eu adoraria fazer isso.

Eu ri, mas entendi. Ele provavelmente sentiu o mesmo que eu senti por tanto tempo, exceto que sua vingança foi reivindicada por outro. Eu me sentiria ainda mais perdida do que agora se estivesse no lugar dele.

— Eu vendi minha alma por vingança. Era meu para

tomar. — Eu balancei a cabeça lentamente. — Mas acabou.

Acabou.

Por um momento, eu apenas assisti as chamas morrerem com ele. Era o fim de anos de dor, queimando em cinzas. A queima das correntes que nos prendiam. Então, ao longe, ouvi o gemido de uma sirene.

— Nós devemos ir, — Zane disse, vindo ao meu lado e puxando levemente meu cabelo. — Este lugar estará repleto de pessoas em breve.

Eu balancei a cabeça e me virei – mas ainda não parecia certo. Respirei fundo, me virei e ofereci minha mão.

Leon olhou para minha mão aberta como se não soubesse o que fazer com ela, como se esperasse uma armadilha e estivesse tentando descobrir onde ela o atingiria. Porra, nós realmente não éramos tão diferentes depois de tudo. Mas lentamente, com os olhos semicerrados, ele agarrou minha mão.

— Eu te perdôo, — eu disse. — Eu realmente odeio dizer isso, mas eu faço.

Seus olhos se arregalaram por um momento, confusão se misturando com sua incerteza. Ele mal segurou minha mão, como se estivesse com medo de segurar muito apertado, como se precisasse estar pronto para se afastar em um instante. Ele não disse nada, mas eu não esperava que ele dissesse.

Eu o soltei, dei-lhe um aceno de cabeça, e Zane me colocou de volta sob seu braço. As sirenes estavam se aproximando quando chegamos à beira das árvores, e Zane parou para dar uma última olhada para trás.

— Você não disse nada para ele, — eu disse. — Por que?

— Eu não precisava. Leon... bem... — Ele riu. — Leon não é bom em processar as coisas delicadas. Elas o assustam demais. — Nós nos movemos sob as árvores, caminhando cada vez mais fundo na escuridão. — Engraçado, não é? Um ser tão perigoso tem mais medo do que sente. Com medo de deixar alguém entrar, com medo de ser vulnerável. Ele precisa de algum tempo para processar tudo isso.

Eu entendi isso. Processar o que aconteceu levaria dias, meses, provavelmente anos. Eu não sabia exatamente o que Leon tinha passado, mas ele provavelmente se sentia como eu.

Eu me senti crua, como se meu casulo tivesse se aberto e me deixado

exposta. Eu tinha asas, mas não fazia ideia de como voar.

— Mas eu... porra, vê-lo vivo, eu... — Os olhos de Zane brilharam, um sorriso mal tocando sua boca. — Estou tão feliz por ele ter feito isso. — Ele apertou meu ombro, inclinando-se para dar um beijo na minha cabeça. — Para onde vamos agora, lobinha?

Só havia uma coisa em que eu conseguia pensar. Um lugar que eu senti me chamando.

— O oceano, — eu disse. — Eu quero ir para o oceano.



56

Era madrugada quando chegamos à costa, mas a chuva não parava de cair. O oceano se estendia diante de mim, lambendo a costa na luz cinzenta da manhã. A água alcançou a distância, aparentemente interminável até encontrar o céu.

Uma grande extensão do desconhecido, vasta e agitada.

Eu tropecei na areia, até a beira da água. As ondas lambiam meus pés, espuma fria se reunindo em volta dos meus tornozelos.

Eu consegui. Enquanto eu estava ali nas ondas, as nuvens se abriram apenas o suficiente para deixar o sol da manhã brilhar nas minhas costas, mesmo enquanto a chuva continuava caindo ao meu redor. Um novo dia havia raiado e de alguma forma... de *alguma forma*, eu ainda estava viva.

Eu andei mais fundo nas ondas. Eu entrei até que eles estavam quase na minha cintura. Mergulhei minhas mãos na água e observei o

sangue desaparecer. Eu escutei o vento e o oceano quebrando. Ouvi os gritos das aves marinhas acima.

Não havia mais nada para chamar meu nome da floresta.

A escuridão que esperava nas bordas da minha consciência se foi. Tudo o que restava era uma dor – de incerteza, de confusão.

Eu podia ouvir os passos de Zane atrás de mim na areia.

Continuei lavando o sangue e a sujeira em meus braços. Eu mergulhei minha cabeça e esfreguei a água salgada no meu cabelo. Tudo foi lavado, toda a sujeira caindo na água.

As manchas sumiram. Então o que restou...

— Eu não achei que viveria, — eu disse suavemente, mas eu sabia que ele podia me ouvir. — Nunca pensei que sobreviveria a isso. Foi por isso que fiz o acordo. — Eu ri, balançando a cabeça. — A única razão pela qual continuei depois que Marcus morreu foi para me vingar. E agora... está feito. Eu me virei para ele, meus braços em volta de mim enquanto o frio me fazia estremecer. — Acabou, Zane.

Ele assentiu. A cor dourada voltou para suas íris, mas a escuridão permaneceu onde o branco de seus olhos havia estado. Ele mudou desde que eu o conheci; ele mudou irrevogavelmente.

Eu mudei também. Exceto que eu não sabia o que essas mudanças significavam.

Eu não sabia quem eu era agora. Quem eu deveria ser.

— E agora? — Eu sussurrei. Eu estava chorando, lágrimas escorrendo pelo meu rosto, e eu não tinha certeza do porquê.

Zane entrou na água. Ele passou os braços em volta de mim, me segurou perto de seu calor e afugentou o frio. — O

que você quiser, amor. Qualquer coisa no mundo. Esta vida é sua.

Ele segurou meu rosto em suas mãos e enxugou minhas lágrimas. Minhas paredes cuidadosamente construídas se foram. Eu abri a porta do meu abrigo e me encontrei com medo

de sair. A luz era muito brilhante, o mundo lá fora muito vasto, e eu estava simplesmente *mais segura* em meu abrigo.

Mas Zane ficou do lado de fora, com a mão estendida como se quisesse me levar para fora, como se para tornar a jornada um pouco menos aterrorizante.

— Eu não sei o que minha vida deveria ser, — eu disse, fechando meus olhos porque era demais. Na escuridão atrás dos meus olhos fechados, éramos apenas eu e ele. No escuro, eu poderia fingir que não sentia medo do futuro. Eu podia imaginar que ainda não me sentia acorrentada à dor, como se fosse uma âncora que eu estava tentando arrastar comigo, embora desejasse deixá-la para trás. — Este mundo não é para mim. Acho que nunca foi.

Ele sorriu, ainda me segurando. — Você não foi feita para este mundo, amor. Você é demais para isso. Assim como eu.

Mas isso não significa que você não pode torná-lo seu. Ele pressionou sua testa na minha. — Você merece viver. A eternidade será sua, mas até lá, estarei ao seu lado para qualquer vida que você queira viver.

Eu engoli em seco. — E se eu estiver muito quebrada? E

se... e se eu não puder... — E se eu não pudesse curar? E se eu não conseguisse me recompor o suficiente para *viver*? E se eu soubesse apenas como sobreviver, e se eu pudesse me arrastar desesperadamente todos os dias? O que então?

E se a vingança fosse tudo que eu tinha, e agora que acabou, eu não sabia como diabos seguir em frente?

— Você pode ser quebrada, — disse ele. — Você nunca estará muito quebrada para mim. Podemos ser monstros; você

e eu. Podemos ser coisas miseráveis, confusas e estranhas. Se você tem medo, então você pode ter medo. Quando você perder sua luz, eu ainda voltarei para você no escuro. Você não está sozinha. — Ele beijou minha testa. — Você nunca mais estará sozinha.

Ele olhou para mim como se eu fosse algo precioso, como se eu fosse algo bonito, algo raro. Coisas que eu nunca tinha pensado em mim, eu vi em seus olhos. — Você merece viver, Juniper Kynes. Você merece ser feliz. Você merece sair do escuro, quando estiver pronta. Tudo bem se você não sabe qual caminho seguir. Estarei ao seu lado. Eu te amo, Juniper Kynes, exatamente como você é.

Porra, eu odiava chorar. Mas isso quebrou a última defesa mísera que eu tinha. Deixei que ele me segurasse na água e chorei de alívio, de

esperança e sim, de medo.

Mas estava tudo bem ter medo. Estava tudo bem estar perdida.

Eu não estava mais sozinha. Eu não estava mais sem esperança. Não importa o quão vasto o mundo parecesse, eu poderia iluminar o caminho à frente. Eu poderia juntar meus pedaços quebrados e começar a juntá-los novamente.

Eu poderia encontrar meu caminho, com ele ao meu lado, para a eternidade.



EPÍLOGO

Meses depois

Eu gostava de Vermont na primavera. Os campos verdes, as flores amarelas, o canto dos pássaros – geralmente não era meu tipo de cena. Eu gostava de sujeira, caos e barulho, e poderíamos encontrar isso aqui também se fôssemos ao lugar certo. Mas Juniper precisava de silêncio, ela precisava de espaços abertos. Pelo menos por enquanto, eu estava tentando mantê-la longe de qualquer coisa muito triste.

Uma mudança de ambiente era bom para ela, pelo menos era o que o terapeuta havia dito. Eu não sabia muito sobre psiquiatria e tudo isso, e Juniper estava hesitante pra caralho sobre a coisa toda – compreensivelmente, dado seu histórico com médicos. Mas Hana insistiu que a mulher se encaixava bem. Eu tinha que admitir que ela era excepcionalmente qualificada para ajudar Juniper.

Hana havia reivindicado a alma da mulher anos atrás. Se algum terapeuta estava preparado para lidar com a história emaranhada de

Juniper, era ela.

O escritório ficava em uma rua tranquila, ladeada de árvores. Eu nunca fui muito longe durante as consultas de Juniper, então esperei no beco ao lado enquanto fumava.

Eu a senti vindo antes de vê-la. A presença de Juniper tinha um jeito de vibrar por todo o meu ser, a força dela quase incontrolável, especialmente quando ela estava emotiva. Ela desceu os degraus do escritório, procurando por mim. Ainda era estranho vê-la andando desarmada.

— Como foi hoje? — Ela se virou, sorrindo ao me ver. Ela se aproximou, e eu apaguei o baseado para poder colocar meus braços em volta dela. — Seus olhos estão vermelhos, amor.

— Sim, bem... — Ela tentou soar dura, mas ela ainda fungou. — Eu poderia ter passado a maior parte da consulta chorando. *De novo*, — ela gemeu. — Dra. Pierce diz que eu reprimi demais minhas emoções. Então eu acho que é...

catártico... ou algo assim.

Eu ri com o quão enojada ela soou. — Você? Engarrafando suas emoções? Chocante. — Ela olhou para mim, e eu cutuquei seu queixo de brincadeira enquanto a levava um pouco mais adiante no beco. — É bom para você. Dá-lhe uma saída para se expressar.

Ela torceu o nariz. — Eu não soquei nenhuma parede desta vez. Isso é provavelmente... bom.

— É um passo na direção certa. — Fiz uma pausa e a virei, pressionando-a contra a parede. Arrastei minhas garras ao longo de seu pescoço, sorrindo quando arrepios arrepiaram sua pele.

— Aqui? — ela disse suavemente. — Está em plena luz do dia!

Dei de ombros. — Eu ouvirei qualquer um vindo antes que eles nos vejam. Eu só quero te dar outra saída, amor. Para se

expressar.

— Para me *expressar*, né? É assim que você... ah... é assim que você chama... Sua própria respiração ofegante a interrompeu. Eu tinha minha mão deslizando para baixo de sua calça jeans, massageando seu clitóris. Adorei a forma como as pernas dela começaram a tremer. Eu

adorava afastar a tensão dela. Eu adorava senti-la molhada em meus dedos.

— Zane... — Ela colocou os braços em volta do meu pescoço, unhas arranhando minhas costas por baixo da minha camisa. Sua excitação estava escorregadia em meus dedos, e eu lentamente empurrei um dentro dela, rindo contra seu pescoço enquanto sua respiração engatou.

— O que é isso, amor? — Eu disse. — Vá em frente, use suas palavras.

Ela gemeu, suas unhas cavando em mim um pouco mais forte quando eu adicionei um segundo dedo. — É tão bom...

porra... — Suas pernas tentaram se apertar, e eu cutuquei meu joelho entre elas para mantê-las separadas.

— Mm, não engasgue agora, — eu disse, beliscando a pele macia de sua garganta, deixando minhas marcas lá para todos verem. Eu nunca me cansaria disso – marcá-la, em qualquer lugar e em todos os lugares que eu pudesse. Só de ver aquele flash do meu metal em sua língua quando seus lábios se separaram fez meu pau pulsar contra meu jeans. — Eu quero ouvir aqueles sons bonitos que você faz.

Eu não estava satisfeito apenas colocando meus dedos nela. Eu empurrei para baixo suas calças, apenas baixo o suficiente para me dar acesso, e me ajoelhei para que eu

pudesse colocar minha língua nela.

— Ah... porra! — Suas unhas arranharam minha cabeça, seus quadris se movendo ansiosamente contra minha boca. Eu a levantei facilmente, deixando suas pernas descansarem em meus ombros e segurando sua bunda enquanto suas costas descansavam contra a parede. Eu pressionei minha língua dentro dela, gemendo enquanto seus músculos pulsavam.

— Goze para mim, amor, — eu disse isso contra sua pele macia, saboreando cada gota de sua excitação quente na minha língua. Ela endureceu, não segurando mais seus gemidos desesperados. Eles aumentaram em volume e necessidade, e eu apertei sua bunda em minhas mãos.

Ela gritou quando suas coxas se apertaram ao redor da minha cabeça, seu corpo estremecendo de prazer. Eu olhei para ela por entre as pernas, sorrindo para seu rosto atordoado. — Apenas um pouco de

terapia depois da sua terapia. Para ajudá-la a relaxar.

— Porra... inferno... — ela engasgou quando eu me levantei e a coloquei de pé. Ela teve que se inclinar contra mim por um momento, mas ela levantou a cabeça novamente enquanto esfregava a mão no meu pau através do jeans.

— Minha vez agora, — disse ela, o olhar em seus olhos castanhos absolutamente diabólico. Eu a peguei, jogando-a sobre meu ombro enquanto ela gritava.

— Você pode usar sua língua no carro, amor, — eu disse.

— Estou um pouco ansioso para levá-la para casa e fazer muito mais do que apenas comer essa sua boceta doce.

Ela riu, e eu senti que era melhor do que qualquer coisa.

Sua alegria, sua segurança, sua liberdade de viver sem medo —

era isso que eu buscava agora. Essa era a caça pela qual eu estava obcecado. Sua alma sozinha nunca foi suficiente; nunca seria. Eu sempre iria querer mais dela.

Minha lobinha, com dentes afiados e olhos tempestuosos.

Todos os pedaços quebrados e bordas irregulares que brilhavam mais que o sol. Uma alma tão escura e estranha quanto a minha.

Ela era minha, e eu era dela, pelo resto da eternidade.

FIM

Um conto final permanece.

Uma mulher com sangue de bruxa nas veias, E um príncipe demônio para pegar sua mão antes que as trevas de Deus consumam a terra.

Document Outline

- [Créditos](#)
- [Aviso](#)
- [Aviso de Conteúdo](#)
- [Sinopse](#)
- [Dedicatória](#)
- [1](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)
- [7](#)
- [8](#)
- [9](#)
- [10](#)
- [11](#)
- [12](#)
- [13](#)
- [14](#)
- [15](#)
- [16](#)
- [17](#)
- [18](#)
- [19](#)
- [20](#)
- [21](#)
- [22](#)
- [23](#)
- [24](#)
- [25](#)
- [26](#)
- [27](#)
- [28](#)
- [29](#)
- [30](#)
- [31](#)
- [32](#)
- [33](#)
- [34](#)
- [35](#)
- [36](#)
- [38](#)

- 39
- 40
- 41
- 42
- 43
- 44
- 45
- 46
- 47
- 48
- 49
- 50
- 51
- 52
- 53
- 55
- 56
- EPÍLOGO
- Um conto final permanece.